
Indexação de xilogravuras à luz da semântica discursiva e das potencialidades da folksonomia

Raimunda Fernanda dos Santos
Maria Elizabeth Baltar Carneiro de Albuquerque

INDEXAÇÃO DE XILOGRAVURAS
À LUZ DA SEMÂNTICA DISCURSIVA E DAS
POTENCIALIDADES DA FOLKSONOMIA



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

Reitor

VALDINEY VELOSO GOUVEIA

Vice-Reitora

LIANA FILGUEIRA ALBUQUERQUE

Pró-Reitor PRPG

GUILHERME ATAÍDE DIAS



EDITORA UFPB

Diretor

REINALDO FARIAS PAIVA DE LUCENA

Chefe de produção

JOSÉ AUGUSTO DOS SANTOS FILHO

Conselho editorial

Adailson Pereira de Souza (Ciências Agrárias)
Eliana Vasconcelos da Silva Esvael (Linguística, Letras e Artes)
Fabiana Sena da Silva (Interdisciplinar)
Gisele Rocha Côrtes (Ciências Sociais Aplicadas)
Ilda Antonieta Salata Toscano (Ciências Exatas e da Terra)
Luana Rodrigues de Almeida (Ciências da Saúde)
Maria de Lourdes Barreto Gomes (Engenharias)
Maria Patrícia Lopes Goldfarb (Ciências Humanas)
Maria Regina Vasconcelos Barbosa (Ciências Biológicas)

Conselho científico

Maria Aurora Cuevas-Cerveró (Universidad Complutense Madrid/ES)
José Miguel de Abreu (UC/PT)
Joan Manuel Rodriguez Diaz (Universidade Técnica de Manabí/EC)
José Manuel Peixoto Caldas (USP/SP)
Letícia Palazzi Perez (Unesp/Marília/SP)
Anete Roese (PUC Minas/MG)
Rosângela Rodrigues Borges (UNIFAL/MG)
Silvana Aparecida Borsetti Gregorio Vidotti (Unesp/Marília/SP)
Leilah Santiago Bufrem (UFPR/PR)
Marta Maria Leone Lima (UNEB/BA)
Lia Machado Fiuza Fialho (UECE/CE)
Valdonilson Barbosa dos Santos (UFCG/PB)

Editora filiada à:



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Raimunda Fernanda dos Santos
Maria Elizabeth Baltar Carneiro de Albuquerque

INDEXAÇÃO DE XILOGRAVURAS
À LUZ DA SEMÂNTICA DISCURSIVA
E DAS POTENCIALIDADES
DA FOLKSONOMIA

João Pessoa
Editora UFPB
2020

Direitos autorais 2020 – Editora UFPB
Efetuado o Depósito Legal na Biblioteca Nacional, conforme a
Lei nº 10.994, de 14 de dezembro de 2004.

Todos os direitos reservados à Editora UFPB

É proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio. A violação dos direitos autorais (Lei nº 9.610/1998) é crime estabelecido no artigo 184 do Código Penal.
O conteúdo desta publicação é de inteira responsabilidade do autor.

Projeto Gráfico
Editora UFPB

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S237i Santos, Raimunda Fernanda dos.
Indexação de xilogravuras à luz da semântica discursiva e das potencialidades da folksonomia / Raimunda Fernanda dos Santos, Maria Elizabeth Baltar Carneiro de Albuquerque. - João Pessoa: Editora UFPB, 2020.

423 p. il.

Recurso digital (7,75 MB)
Formato: PDF
Requisitos do Sistema: Adobe Acrobat Reader

ISBN 978-65-5942-060-5

1. Ciência da informação. 2. Indexação. 3. Folksonomia. 4. Xilogravuras. 5. Semântica discursiva. I. Albuquerque, Maria Elizabeth Baltar Carneiro de. II. Título.

UFPB/BC

CDU 025.4

Livro aprovado para publicação através do Edital Nº 01/2020/Editora Universitária/UFPB - Programa de Publicação de E-books.

EDITORA UFPB

Cidade Universitária, Campus I, Prédio da editora Universitária,
s/n João Pessoa – PB .• CEP 58.051-970

<http://www.editora.ufpb.br>
E-mail: editora@ufpb.br
Fone: (83) 3216-7147

SUMÁRIO

	PREFÁCIO	7
1	ELUDICAÇÕES INTRODUTÓRIAS	11
2	A REPRESENTAÇÃO NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	24
2.1	REPRESENTAÇÃO TEMÁTICA DA INFORMAÇÃO	31
2.1.1	Indexação: conceitos, processos e instrumentos	34
2.2	AS DIMENSÕES CULTURAL E ÉTICA DA REPRESENTAÇÃO TEMÁTICA DA INFORMAÇÃO	52
3	IMAGENS: ABORDAGENS E PERCURSOS NA REPRESENTAÇÃO DA INFORMAÇÃO	67
3.1	INFORMAÇÃO IMAGÉTICA: PERCEPÇÕES E SENSações PLURAIS	69
3.2	ANÁLISE DE IMAGENS.....	76
3.2.1	Métodos e técnicas para a indexação de recursos imagéticos	88
3.2.2	Folksonomia e Representação colaborativa de imagens	109
4	XILOGRAVURAS: IMAGENS QUE REPRESENTAM O REAL E O IMAGINÁRIO COLETIVO	138
4.1	XILOGRAVURAS EM VERSOS.....	157
5	SEMÂNTICA DISCURSIVA	168
6	INDEXAÇÃO DE XILOGRAVURAS COM BASE NA SEMÂNTICA DISCURSIVA	177
7	DIRETRIZES PARA A INDEXAÇÃO DE XILOGRAVURAS SOB O VIÉS DA SEMÂNTICA DISCURSIVA E DAS POTENCIALIDADES DA FOLKSONOMIA	349
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS	386
	REFERÊNCIAS	396

PREFÁCIO

Esta obra vem preencher uma lacuna na literatura tecnocientífica no âmbito da Organização e Representação do Conhecimento em seus aspectos interdisciplinares estabelecendo um rico diálogo entre a Indexação Social, a Informação Imagética, a Semântica Discursiva e a Cultura Popular caracterizando as devidas configurações epistemológicas nos domínios da Ciência da Informação.

A Indexação de xilogravuras à luz da semântica discursiva e das potencialidades da Folksonomia é fruto de uma pesquisa doutoral cuidadosa da potiguar Raimunda Fernanda dos Santos, uma brilhante discípula na vida acadêmica, professora adjunta da Universidade Federal do Rio de Janeiro e de uma experiente pesquisadora pernambucana Maria Elizabeth Baltar Carneiro de Albuquerque, professora titular da Universidade Federal da Paraíba, sua orientadora, ambas comprometidas com os saberes e fazeres dos domínios da Cultura Popular e da Organização do Conhecimento.

No capítulo 1 as elucidações introdutórias abordam a temática com bastante propriedade sinalizando para a importância de cada um dos capítulos subsequentes que vão urdindo as tessituras do conhecimento produzido pela pesquisa realizada.

A Representação na Ciência da Informação é tratada no capítulo 2 no qual as autoras discutem a Representação Temática da Informação abordando o conceito, os processos e os instrumentos de indexação e evidenciam a dimensão sociocultural da Organização e Representação do Conhecimento por meio dos aspectos culturais e da ética da representação temática da informação.

No capítulo 3 as imagens são apresentadas por meio das suas abordagens e percursos na representação da informação com destaque para as percepções e sensações plurais da informação imagética. Neste capítulo as autoras trazem à tona a análise de imagens pelo viés dos métodos e técnicas para a indexação de recursos imagéticos e da Folksonomia como sistema de organização do conhecimento capaz de dar conta da representação colaborativa de imagens.

O Capítulo 4 nos brinda com um diálogo entre arte, cultura, linguagem, comunicação e literatura de cordel apresentando as xilogravuras enquanto imagens que representam o real e o imaginário coletivo da cultura popular nordestina construindo dispositivos que transformam a xilo-gravura em versos que exprimem os sentimentos, as vivências e as experiências do cotidiano de um povo.

A Semântica Discursiva de Greimas é discutida no Capítulo 5 e junto com a Folksonomia são apresentadas como ferramentas que contribuem para a análise e indexação de xilogravuras, privilegiando os procedimentos de tematização e figurativização.

Não me furto a revelar aos leitores, sem dar *spoiler*, que o ponto alto desta obra é a significativa contribuição que traz para a Organização do Conhecimento com o capítulo 6 no qual a indexação de xilogravuras é discutida com base na semântica discursiva.

As autoras além de apresentarem um arcabouço teórico metodológico consistente e toda a discussão daí advinda, no capítulo 7, estabelecem diretrizes sob o viés da semântica discursiva e das potencialidades da Folksonomia de maneira a propiciar aos estudantes, profissionais e professores um conjunto de orientações e possíveis caminhos para a prática da indexação de xilogravuras.

Esta obra que você tem em mãos nos revela a importância dos estudos culturais na Biblioteconomia e Ciência da Informação, mormente dos estudos culturais em organização do conhecimento.

Que os leitores se deleitem e descubram a importância de estudos dessa natureza para a Ciência da Informação e apro-

veitem bastante a “Indexação de xilogravuras à luz da semântica discursiva e das potencialidades da Folksonomia”.

Rio de Janeiro, 30 de junho de 2020.

Marcos Luiz Cavalcanti de Miranda

Professor Associado da UNIRIO

Presidente do Conselho Federal de Biblioteconomia

1 ELUCIDAÇÕES INTRODUTÓRIAS

Nesta obra é trabalhada uma dimensão metodológica cujo diferencial está ancorado na preocupação da identificação de procedimentos eficazes para indexação de imagens, em especial xilogravuras, considerando o arcabouço teórico-metodológico da Semântica Discursiva e as potencialidades da Folksonomia. Para tanto, apresenta interlocuções teórico-metodológicas fruto da tese doutoral defendida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba.

No decurso da história, a representação está presente nas práticas sociais, na cultura popular e nos diversos contextos de construção e transfiguração da sociedade. Neste limiar, o conhecimento pode abranger o que o sujeito pode discernir logicamente e o que é possível ser observado em uma determinada realidade por meio da linguagem. Assim, as relações entre a humanidade e o conhecimento evidencia a necessidade do homem em representar e organizar o conhecimento com vistas à perpetuação, preservação, recuperação da memória social.

Partindo desse pressuposto, a representação é vista como uma ação criativa, e socialmente construída, que faz uso da linguagem e se configura como objeto de análise crítica e científica de uma realidade. A linguagem, por sua vez, é

compreendida como o meio pelo qual o significado é produzido e intercambiado e se constitui como elemento fundamental para os sentidos e para a cultura (HALL, 2016).

Esse aspecto multifacetado da representação e da linguagem desafia aqueles que se propõem a estudá-las no contexto da Ciência da Informação através de pesquisas teóricas e práticas sob o viés da Organização e Representação da Informação e do Conhecimento.

Nesse cenário, os objetos informacionais devem passar por um conjunto de tarefas de armazenamento, organização e representação para que seja possível a sua recuperação, acesso e uso em sistemas de recuperação da informação. Esses itens devem ser representados levando em consideração as operações que contemplam a sua descrição física (tratamento descritivo ou representação descritiva) e a descrição do seu conteúdo informacional (tratamento temático ou representação temática) para fins de acesso e uso.

A indexação consiste em uma atividade integrante da representação temática da informação, que visa descrever os conteúdos dos itens informacionais por meio de termos, também denominados de descritores, que se configuram como, ou se propõem a ser, pontos de acesso para fins de disponibilização das

informações pertinentes às necessidades dos usuários. Com base nessa perspectiva, todas as fases do processo de indexação, como análise conceitual e representação, fazem parte das técnicas realizadas pelos profissionais da informação e devem estar associadas a uma política de indexação, sendo influenciadas por fatores linguísticos, cognitivos, lógicos, ideológicos, contextuais e culturais, simultaneamente.

Os fatores supracitados podem adquirir um grau de complexidade ainda maior quando aplicados ao tratamento temático de imagens. O conteúdo das imagens não é textual, esses recursos podem emitir conceitos concretos e abstratos e os seus significados podem ser influenciados pelo contexto, uso pretendido e usuário.

Por esse motivo, as imagens podem ser visualizadas, representadas e recuperadas de maneiras diferentes por diversos usuários, podendo haver divergências entre as percepções dos usuários e as descrições realizadas pelo profissional da informação em bancos de imagens ou sistemas de recuperação da informação.

Diante disso, um dos desafios da indexação de imagens é estabelecer, de maneira confiável e consistente, termos consi-

derados representativos para descrever o conteúdo desses recursos complexos e altamente subjetivos.

As imagens, em especial as xilogravuras, objetos desta pesquisa, apresentam informações que precisam ser analisadas e tratadas para fins de sua recuperação, acesso e uso. Isso se deve ao fato de que o artista encontra no recurso imagético uma maneira de transmitir suas manifestações artísticas, tornando-o uma fonte inesgotável da cultura popular, procurando representar bichos, demônios e todas as demais figuras reais ou irreais que a sua criativa imaginação vislumbra (CARVALHO, 2014).

Merece ainda uma atenção especial a indexação das xilogravuras cujas ilustrações expressivas trazem consigo a originalidade dos xilógrafos, são inspiradas na poesia e apresentadas em capas de folhetos de cordel, evocando em seus leitores as diversas acepções e memórias.

Essas imagens representam a narrativa de cordel e são imprescindíveis na construção histórica da cultura popular e do modo de pensar de um povo. Nessa arte, o conteúdo da escrita é representado através da imagem, ou seja, o pensamento criador do artista (xilógrafo) é inspirado na poesia para a representação do homem popular sob a perspectiva de sua história, seus dilemas, leitura de mundo, etc.

O artista que ilustra os seus próprios folhetos e narrativas no cordel é considerado poeta e xilógrafo. Assim, o pensamento criador desse artista para a construção da arte na xilogravura é inspirado em seu próprio texto ou poesia.

Entendendo isso, observa-se que a imagem corresponde a um registro do fragmento de um mundo visível. O referente, objeto focado na xilogravura, é constituído pelo olhar ou enquadramento do xilógrafo e evidencia um foco, cujas análises efetuadas por diferentes pessoas podem ser alvo de interpretações plurais.

A representação simbólica relacionada à imagem e que não se encontra visível na mesma, também suscita diversas interpretações inerentes à capacidade imaginativa dos sujeitos. Esses elementos se tornam mais complexos no que diz respeito às práticas de identificação do conteúdo nesses recursos.

Em face do exposto, os seguintes questionamentos impulsionaram a pesquisa: Como identificar e selecionar termos representativos para indexar recursos imagéticos complexos e subjetivos como as xilogravuras? Como orientar os indexadores e/ou usuários no que concerne às práticas de representação desses recursos imagéticos em ambientes colaborativos? Quais as regras podem ser contempladas para que essas práticas

contribuam para a produção significativa de metadados semânticos?

Dessa forma, esta obra objetiva, essencialmente, apresentar uma proposta de metodologia para a indexação de imagens, em especial de xilogravuras de cordel, considerando o arcabouço teórico-metodológico da Semântica Discursiva e as potencialidades da Folksonomia.

Para tanto, são investigados aspectos relativos à análise e representação da informação imagética, Semântica Discursiva e Folksonomia. Também são apresentadas diretrizes que nortearão a atividade de identificação e seleção dos termos para representar o conteúdo de xilogravuras.

Sobre esse prisma, a pesquisa partiu da hipótese de que a Semântica Discursiva e a Folksonomia são ferramentas contribuintes para a análise e indexação de xilogravuras, mediante os procedimentos de tematização e figurativização.

Portanto, acredita-se que a metodologia apresentada nesta obra pode contribuir para a produção significativa de metadados semânticos para indexar recursos imagéticos, em especial xilogravuras.

A metodologia em questão não visa engessar a criatividade do profissional da informação e/ou limitar a participação do(s)

usuário(s). O seu intuito é orientar no que concerne às práticas de extração do conteúdo de xilogravuras, trazendo como diferencial a redução do nível de subjetividade, tornando a indexação mais próxima possível de atender os parâmetros conceituais desses recursos imagéticos.

Além disso, as diretrizes propostas nesta obra podem servir de referência para o desenvolvimento de atividades de indexação de xilogravuras, podendo ser adaptadas ou aperfeiçoadas em diversos contextos e tipologias de recursos imagéticos (obras artístico-pictóricas, fotografias, etc.).

Nesse limiar, a importância da pesquisa decorre, em âmbito geral, da ausência de procedimentos metodológicos para a indexação de xilogravuras com vistas à identificação de assuntos e, conseqüentemente, da sua recuperação. São encontrados na literatura científica métodos e técnicas associados à análise de documentos fotográficos, não contemplando as especificidades das xilogravuras, as quais retratam o real e o imaginário coletivo.

Ademais, a relevância desta investigação decorre da necessidade de estudar os aspectos cognitivos e metodológicos associados à análise dessa tipologia de recurso imagético sob a ótica da Organização e Representação da Informação e do Conhecimento.

Adicionalmente, ainda não foram identificadas investigações científicas que propõem metodologias e diretrizes que utilizam as potencialidades da Semântica Discursiva e da Folksonomia para a indexação de imagens e que trazem, ao mesmo tempo, a valorização da memória coletiva e da cultura popular por meio de estudos sobre xilogravuras de cordel na Ciência da Informação.

Sob esse prisma, considera-se que essa obra é de relevância para a Ciência da Informação e traz significativas contribuições para essa área do conhecimento, dada a carência de estudos que contemplem, de maneira interdisciplinar, interlocuções teórico-metodológicas sobre indexação de imagens como xilogravuras, estabelecendo interfaces entre Semântica Discursiva e representação colaborativa da informação.

A Ciência da Informação não pode se isentar dos estudos sobre as tendências contemporâneas de representação da informação que visam contribuir para: a construção e visibilidade da memória coletiva; o avanço do conhecimento na área; o desenvolvimento da competência dos profissionais da informação, pesquisadores e usuários que lidam com as práticas de representação temática de recursos imagéticos.

Em face do exposto, a trilha metodológica é empreendida a partir da pesquisa bibliográfica para a fundamentação teórica dos assuntos contemplados nesta obra, seguida de um delineamento de caráter exploratório e descritivo.

Além disso, este estudo possui abordagem qualitativa, uma vez que é considerada a relação entre o mundo real (objetivo) e o sujeito (subjetividade), os quais não podem ser interpretados numericamente por meio de técnicas estatísticas. As imagens são polissêmicas e viabilizam significados e interpretações que se diversificam a partir da memória, visão, contexto, cultura, expectativas e desejos dos seus leitores.

No que concerne à sua finalidade, este estudo caracteriza-se como uma pesquisa metodológica, uma vez são apresentadas contribuições metodológicas e diretrizes que contemplam as potencialidades da Folksonomia e da Semântica Discursiva, sob o viés da semiótica de linha greimasiana.

Considerando que o pensamento criador do artista no campo da xilogravura de folhetos de cordel é inspirado na poesia, nesta obra são analisadas e indexadas xilogravuras que retratam temáticas diversificadas em capas de folhetos de cordel. Para tanto, foram selecionados os folhetos de cordel cujas xilogravuras e poesias foram produzidas pelo poeta e xilógrafo Marcelo Soares.

A escolha desse poeta e xilógrafo está atrelada ao fato de que o mesmo é considerado um dos mais significativos poetas cordelistas da atualidade, assumindo a presidência de honra da Academia de Cordel do Vale do Paraíba. Marcelo Soares elabora xilogravuras para folhetos de cordel há mais de 40 anos, tendo expandido as suas atividades ilustrando capas, livros, discos, cartazes de filmes, shows, teatro e outros.

No ano de 2019 foi realizada uma busca da produção literária desse poeta e artista em unidades de informação que possuem acervos de cordéis na Paraíba. Na oportunidade, foram recuperados 109 (cento e nove) títulos de sua autoria, os quais se configuram como universo desta pesquisa.

Para a análise dos resultados deste estudo foi preliminarmente selecionada uma xilogravura desse artista para cada classe temática proposta por Albuquerque (2011).

Essa pesquisadora propõe 27 classes temáticas para a indexação de folhetos de cordel à luz da Semântica Discursiva, são elas: agricultura; biografia e personalidades, bravura e valentia; cidade e vida urbana; Ciência; contos; crime; cultura; educação; esporte; erotismo; feitiçaria; fenômeno sobrenatural, história; homossexualismo; humor; intempéries; justiça; meio ambiente;

moralidade; morte; peleja; poder; político e social; religião; romance; saúde/doença.

Os temas e as classes temáticas propostos pela autora supracitada são considerados nesta pesquisa, tendo em vista a articulação sintagmática entre a xilogravura e os versos do folheto.

O enquadramento das xilogravuras nessas classes temáticas foi realizado mediante análise preliminar das 109 (cento e nove) imagens no intuito de confrontar os conteúdos e elementos retratados na narrativa visual com os temas propostos por Albuquerque (2011). Nessa primeira etapa não foi realizada a análise dos títulos e dos versos dos folhetos cujas xilogravuras se encontram ilustradas, uma vez que o foco, nesse primeiro momento, consistia na seleção das xilogravuras- as quais posteriormente foram analisadas à luz da Semântica Discursiva.

Seguindo essa linha de raciocínio, o *corpus* desta investigação compreende 17 (dezessete) xilogravuras, o que corresponde a 63% do total de classes temáticas citadas anteriormente. Desse modo, não foram encontradas xilogravuras de Marcelo Soares que retratam elementos relacionados à agricultura, ciência, crime, feitiçaria, história, homossexualidade,

intempéries, justiça, peleja e romance. Por isso, não foi possível contemplar as classes temáticas em sua totalidade.

Essa atividade de seleção do material foi efetuada para a posterior análise das xilogravuras e dos poemas sob o viés da Semântica Discursiva, no intuito de identificar figuras nas imagens e nos textos que subsidiem a identificação dos temas para a indexação desses recursos imagéticos.

As diretrizes que contemplam especificamente as potencialidades da Folksonomia para a indexação de recursos imagéticos como xilogravuras são apresentadas neste estudo com base nos diálogos teóricos desta pesquisa sobre as implicações positivas e negativas dessa ferramenta para a indexação colaborativa de imagens, além das constatações identificadas por meio da análise da produção científica nacional e internacional sobre representação colaborativa de imagens.

Portanto, nesta investigação não foram realizadas pesquisas empíricas com usuários ou indexadores para a avaliação ou validação da indexação colaborativa em um dado sistema, uma vez que a proposta metodológica está pautada em elementos genéricos que podem ser aplicados ou aperfeiçoados em diferentes contextos.

Nesta obra também são utilizadas as ferramentas reconhecidas como “Mapas conceituais”, objetivando ampliar o nível de entendimento dos aspectos discutidos neste estudo, possibilitando ao leitor uma leitura e compreensão gráfica mais detalhada.

Diante do exposto, considera-se que a ampla divulgação dos resultados desta pesquisa por meio da presente publicação poderá ser útil para pesquisadores das áreas Ciência da Informação, Ciências da Computação, Linguística, Literatura Popular, bem como para aqueles investigadores que têm interesse em ampliar os seus conhecimentos no campo das tendências de representação de imagens em ambientes digitais.

2 A REPRESENTAÇÃO NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

A Ciência da Informação surge em uma perspectiva de diminuição dos problemas e incertezas de busca da informação em um contexto pós-guerra mundial (SARACEVIC, 1996). Nesse momento, a sociedade vivenciou um grande acúmulo e crescimento de informações em todos os setores. Em conjunto a esse período, as tecnologias digitais provocaram mudanças com o advento de sistemas, técnicas e suportes informacionais, demandando celeridade e eficiência no que diz respeito às tarefas de representação e organização da informação para fins de sua recuperação, acesso e uso.

Sob esse viés, para Saracevic (1996, p. 47), a Ciência da Informação consiste em

[...] um campo dedicado às questões científicas e à prática profissional voltadas para os problemas da efetiva comunicação do conhecimento e de seus registros entre os seres humanos, no contexto social, institucional ou individual do uso e das necessidades de informação.

Essa área do conhecimento também pode ser conceituada como “uma disciplina que investiga as propriedades e o comportamento da informação, as forças que governam seu

fluxo, e os meios de processá-la para otimizar sua acessibilidade e uso” (BORKO, 1968, p. 3, tradução nossa).

Os conceitos supracitados contemplam um viés epistemológico e cognitivo objetivando interligar a informação com os fluxos, com a acessibilidade e com o seu uso – o que evidencia a importância de investigar aspectos concernentes ao tratamento informação, atividade que condiciona os processos informacionais como a organização, recuperação, o acesso e o uso da informação.

Souza (2011, p. 149) destaca que no processo de delimitação da informação como objeto de estudo da Ciência da Informação, “as propriedades e a sua estrutura têm grande importância, na medida em que a definição destas se apresenta como critério de especificação do domínio epistemológico a que o campo se destina”. Esse autor ainda afirma que, ao definir as propriedades da informação relativas à sua natureza semântica, um conjunto de atividades associadas ao tratamento, organização, disponibilização, disseminação, recuperação, acesso e uso da informação são delimitadas.

Tais propriedades, por sua vez, viabilizam conexões interdisciplinares por meio do uso de conceitos e do delineamento de teorias, técnicas e metodologias consideradas em outros campos do saber. Essa interdisciplinaridade resulta na

complexidade do pensamento científico suscitada por Morin (2015), na relação entre áreas de especialidade e na contribuição de uma Ciência frente a outras.

É possível identificar, portanto, a complexidade do domínio da Ciência da Informação, uma vez que ela tem como base o pluralismo epistemológico e o estabelecimento de um campo interdisciplinar aliado às disciplinas como Ciência Cognitiva, Semântica, Organização da Informação, Recuperação da Informação, Linguística, Literatura Popular, entre outras.

Essa complexidade está atrelada ao fato de que o objeto de estudo da Ciência da Informação, a informação, é proveniente da multiplicidade de perspectivas situadas na compreensão do fenômeno informacional em todos os campos do conhecimento humano e nos contextos culturais, sociais, políticos e tecnológicos, refletindo no pluralismo epistemológico e na natureza interdisciplinar dessa área do conhecimento.

Essas disciplinas apresentam significativas contribuições em pesquisas desenvolvidas na área de Ciência da Informação por meio de conceitos, abordagens, perspectivas, teorias, técnicas e metodologias. Isso se dá pelo fato de que esse campo se encontra atualmente comprometido com a “compreensão dos problemas vivenciados no presente” (ARAÚJO, 2018, p. 28), buscando

vislumbrar as relações entre os registros do conhecimento, as mediações e os saberes (cultura, memórias, conhecimentos coletivos).

Nesse entendimento, a Ciência da Informação contempla estudos que promovem interseções entre os sistemas de informação e os usuários na busca da informação (NEVES; MOURA, 2002), dialogando com áreas do conhecimento associadas à comunicação humana de modo geral. Por esse motivo, os processos de representação e organização da informação são essenciais para pensar a sua recuperação, o seu acesso e o seu uso por aqueles que dela necessitam.

A história dos registros do conhecimento e dos processos de tratamento, organização e recuperação da informação ampliou-se e diversificou-se. Entretanto, tais fatos não se apresentam de forma sistemática, linear e facilmente compreensível, como parece em uma primeira aproximação, levando em consideração o advento de novos suportes, processos, tecnologias, campos de conhecimento e profissionais em suas diversas combinações.

Nesse contexto, com o advento das tecnologias digitais e as novas possibilidades de organização e tratamento da informação, a representação na Ciência da Informação conquista espaço não

apenas como uma atividade pragmática, mas se amplia como campo que contempla estudos teóricos e aplicados que objetivam tornar mais disponível o uso e a apropriação do conhecimento produzido, incluindo questões socioculturais a fim de tornar os registros informacionais acessíveis à sociedade.

Neste limiar, enquanto atividade, a representação da informação carrega consigo uma carga de complexidade. Pois a ação de representar está atrelada ao conceito de substituição que, por sua vez, remete à ideia de “estar no lugar de outra coisa” - prática de interpretação, e ao mesmo tempo, de exclusão - se levar em conta o fato de estar “no lugar de” e de privilegiar certos elementos para ocultar outros.

Quando se representa algo é criada uma relação entre o que se apresenta e o signo ou símbolo (seja sonoro, imagético, escrito, etc.) em um ato de substituição utilizando elementos simbólicos, tais como: palavras, números, esquemas, figuras, etc. (ALVARENGA, 2003). Com isso, um item informacional é representado por meio da linguagem para ser organizado em um determinado contexto e, posteriormente, ser acessado e utilizado.

Dias e Naves (2007, p. 17, grifo nosso) discorrem acerca do conceito de representação da informação na Ciência da Informação:

INDEXAÇÃO DE XILOGRAVURAS À LUZ DA SEMÂNTICA DISCURSIVA E DAS POTENCIALIDADES DA FOLKSONOMIA

Engloba todas as disciplinas, técnicas, métodos e processos relativos a: **a) descrição física e temática dos documentos** numa biblioteca ou sistema de recuperação de informação; **b) desenvolvimento de instrumentos** (códigos, linguagens, normas, padrões) a serem utilizados nessas descrições; e **c) concepção/implantação de estruturas físicas ou bases de dados** destinadas ao armazenamento dos documentos e de seus simulacros (fichas, registros eletrônicos etc.).

O pensamento desses autores conduz à reflexão de que a representação da informação pode ser dividida em dois grandes tipos, que são designados de acordo com a natureza de sua atividade, são eles: o tratamento descritivo (também conhecido na literatura da área como representação descritiva) e o tratamento temático (também conhecido como representação temática da informação).

O tratamento descritivo diz respeito aos dados físicos extraídos dos itens informacionais (como autor, título, editora, ano de publicação e dados similares) afim de que contemplem os aspectos mais objetivos representando a estrutura do mesmo. De outro modo disposto, o tratamento temático visa descrever o conteúdo (assunto) desses itens informacionais, tendo "uma força de carga subjetiva, pois como o nome indica, visa caracterizar o documento do ponto de vista do seu conteúdo" (DIAS; NAVES, 2007, p. 9).

Observa-se, portanto, que as operações de representação descritiva estão pautadas na descrição física dos recursos para fins de sua recuperação, acesso e uso. De maneira complementar, as operações de representação temática objetivam descrever um recurso em relação ao seu conteúdo por meio de termos, também denominados descritores, atribuídos pelo indexador - sujeito cognoscente que realiza um processo interpretativo e descritivo. Esses descritores exercem a função de (ou se propõem a ser) pontos de acesso mediante os quais o objeto informacional é identificado e recuperado.

Sob esse entendimento, Guimarães (2009, p. 1, grifo nosso) enfatiza que o item informacional pode ser representado em seu todo, haja vista que a diferenciação entre a forma e o conteúdo "[...] reside na busca do *o que* (materialização) e do *sobre o que* (teor) que convivem no âmbito do documento".

Partindo desse pressuposto, verifica-se que a Representação da Informação no contexto da Ciência da Informação direciona os seus processos, produtos e instrumentos na "informação-como-coisa" (BUCKLAND, 1991), ou seja, na informação registrada (no objeto informacional, item informacional, registro do conhecimento, documento) independentemente de o suporte ser analógico ou digital. Em posição complementar, nessa área do

conhecimento, o conceito de organização, no sentido de arranjo lógico de objetos e informações, apresenta conexões com o conceito de representação, o qual tem motivado vários estudos no domínio da Ciência da Informação, apresentando interfaces com outros campos do saber.

Com isso, a representação temática, procedimento nuclear desta pesquisa, é entendida como operação integrante do tratamento da informação e que corrobora para a organização de registros informacionais, configurando-se como atividade importante para a recuperação desses itens nos tradicionais e contemporâneos cenários informacionais. Visando dar segmento a essas considerações, a seguir são discutidas questões acerca dessa tipologia de representação da informação.

2.1 REPRESENTAÇÃO TEMÁTICA DA INFORMAÇÃO

Enquanto campo de investigações, Guimarães (2009) enfatiza que o universo da representação temática se apresenta na literatura especializada sob três vertentes teóricas, são elas: a catalogação de assunto (*subject cataloguing - catalogação de assunto*) de matriz norte-americana; a indexação (*indexing - indexação*) de matriz inglesa e a análise documental (*analyse documentaire - análise documentária*), de matriz francesa. Essas

vertentes teóricas corroboram para a construção das bases epistemológicas da área visando a consolidação de teorias e metodologias no campo da representação temática da informação.

Partindo desse pressuposto, a abordagem utilizada nesta obra baseia-se na matriz inglesa, a qual teve especial influência em importantes pesquisas direcionadas por grupos da área construindo assim a ótica da indexação.

Percebe-se, portanto, que o tratamento temático da informação, enquanto atividade integrante da representação da informação centra-se nos aspectos relativos à análise e representação do conteúdo dos documentos.

Neste limiar, Guimarães (2008, p. 78) reflete que essa atividade assume "[...] a mediação entre a produção e o uso da informação, entre elas tecendo a mais sólida ponte: a que dá acesso ao conteúdo informacional". Fica claro, portanto que essa atividade apresenta um caráter estratégico, se levar em consideração que o objeto informacional (imagem, texto, áudio, vídeo, etc.) se transforma em representante ou substituto de ideias de um autor.

De acordo com Dias e Naves (2007), nessa atividade repete-se o processo de exame, também chamado de leitura técnica, realizado para efetuar a descrição física do item

informativa (identificação de autor, título, ano de publicação da obra, etc.), porém com objetivo diferente: identificar o assunto do documento. Esse exame constitui a fase introdutória da chamada análise de assunto, etapa da indexação.

Francelin e Pinho (2011) acrescentam que o tratamento temático da informação vai muito além de um “fazer técnico”, as preocupações voltam-se essencialmente para a dimensão social dos itens informativos, dos seus impactos para os usuários e do papel desempenhado pelo indexador.

Em posição complementar, Guimarães (2008) ressalta que as práticas de representação temática da informação são realizadas pelo profissional da informação e são pautadas em três abordagens: processos (análise de assunto, tradução), produtos (como índices, resumos, etc.) e instrumentos (listas de cabeçalhos de assunto, tesouros, ontologias, taxonomias, etc.).

Na continuidade, serão discutidos aspectos relativos à indexação, a qual consiste em uma operação intelectual que possui etapas de caráter integrativo, como a análise de assunto e a tradução.

2.1.1 Indexação: conceitos, processos e instrumentos

A indexação consiste em uma atividade integrante do tratamento temático da informação e se configura como uma operação complexa, pois tem como foco a descrição do conteúdo intelectual dos itens informacionais (imagens, áudios, textos, vídeos, etc.) para fins de sua recuperação.

Para Fujita (2003, p. 61), essa atividade consiste em

[...] uma combinação metodológica altamente estratégica entre o tratamento do conteúdo de documentos e sua recuperação por um usuário. Além de estratégica, demonstra uma relação estreita entre o processo e a finalidade da indexação.

Em posição complementar, Dias e Naves (2007) ressaltam que a indexação consiste em uma ação de descrever um objeto informacional em relação ao seu conteúdo por meio de termos, também denominados como descritores.

Com isso, em um sistema de recuperação de informação, os termos ou descritores atribuídos no ato da indexação assumem a funcionalidade de pontos de acesso para os objetos informacionais, sendo possível recuperar esses itens sob qualquer um dos termos empregados no sistema no ato da sua representação, ou por meio da combinação deles.

A indexação está metodologicamente associada a duas etapas intelectualmente distintas: a *análise de assunto* e a *tradução*.

Levando em conta que essas etapas são consideradas intelectualmente distintas, a seguir são pontuados aspectos concernentes a cada uma delas:

- *Análise de assunto*

Segundo Dias e Naves (2007), a etapa de análise de assunto é constituída em três momentos, são eles: **leitura técnica**, **extração dos conceitos** e **determinação da atinência**.

Seguindo essa linha de raciocínio, a análise de assunto se inicia por meio da **leitura técnica** através da análise das principais partes ou dos elementos representativos do material informacional em questão. Nesta etapa, faz-se necessário que o indexador conheça o tipo e estrutura desse item informacional (imagem, texto, áudio, vídeo, etc.) para que a leitura seja iniciada para fins específicos. Desse modo, existem diferentes metodologias que podem ser aplicadas para a realização de análise de conteúdo, elas variam de acordo com tipologia do item informacional a ser analisado.

Em seguida, é efetuada a **extração dos conceitos** constituindo-se o segundo momento da análise de assunto. Conceitos são, portanto, definidos como “unidades do conhecimento identificadas através de enunciados verdadeiros sobre um item de referência e representados por uma forma verbal (termo ou palavra)” (MEDEIROS, 1986, p. 136, grifo do autor).

Essa atividade é necessária para a representação do conteúdo do material informacional em termos adequados. Desse modo, o assunto do objeto informacional é determinado com base nesses conceitos e no contexto em que o mesmo se encontra inserido. Por isso, é importante verificar a complexidade do assunto do material informacional analisado para que seja possível elencar termos que representem efetivamente o seu conteúdo.

Logo após a realização da extração de conceitos, o indexador determinará a **atinência** do material informacional. Traduzido do inglês aboutness, o termo atinência, apesar de carregar consigo a problemática da falta de consenso entre os especialistas da área no que concerne ao termo mais adequado para traduzi-lo, é designado por Dias (2004, p. 149) como "aquilo que trata o conteúdo substantivo de uma obra (não sendo importante a princípio, aspectos como a forma ou o suporte em

que essa obra está registrada)". Além disso, para Lancaster (2004, p. 13) esse termo é relacionado à expressão "de que trata", "tem por assunto" para designar o mesmo que "os assuntos de um documento". Esse autor ainda destaca que outros pesquisadores da área traduzem aboutness por "tematicidade", "temática", "acerca de" etc.

Correspondentemente, Beghtol (1986) destaca a relação direta entre a atinência do material informacional e os seus significados identificados pelos seus leitores, considerando que o mesmo material poder ter diversas acepções para a mesma pessoa em diferentes épocas; entretanto esse objeto informacional, por ser de característica invariável e imutável, contém uma atinência essencial.

Partindo desse pressuposto, em linhas gerais, a atinência está associada aos termos que realmente representam o assunto do documento. Ela envolve ainda o estudo do significado, uma vez que um texto pode possuir uma atinência relativamente permanente, mas possuir vários significados.

Nessa concepção, tais termos, ainda provenientes da linguagem natural- linguagem usualmente empregada na escrita e na fala (LANCASTER, 2004)- devem representar o assunto do documento em análise, para que posteriormente, (na segunda

etapa da representação temática da informação, a tradução), possam ser traduzidos para descritores originários de uma linguagem de indexação.

Lancaster (2004) enfatiza a importância não somente do indexador em definir o assunto que é tratado no documento, mas identificar também qual a sua importância para a comunidade em que está sendo disponibilizado. Nesse sentido, “não há um conjunto ‘correto’ de termos para documento algum”, haja vista que o material informacional deve ser indexado com base nas necessidades informacionais dos usuários- as quais, por sua vez, diferenciam de acordo com a unidade ou sistema de informação.

Após o momento da determinação da atinência em que os termos que representam o assunto do documento ainda pertencem à linguagem natural, realiza-se a **tradução**, segunda etapa da indexação.

- *Tradução*

Após a etapa de análise do assunto é realizada a tradução dos conceitos em termos provenientes de uma linguagem de indexação, ou seja, em termos autorizados para representar o conteúdo do objeto informacional analisado.

As linguagens documentárias são instrumentos de controle terminológico que podem ser empregados na etapa de tradução dos conceitos, visando facilitar a comunicação entre a linguagem dos usuários e a linguagem do sistema, mediante a padronização de termos para a descrição dos conteúdos dos itens informacionais. Esses instrumentos são frutos de trabalhos colaborativos entre a Terminologia, Teoria da Classificação, Linguística Documentária, Ciência da Computação, Análise Documentária, Ciências Cognitivas, por exemplo.

Lancaster (2004) ressalta que esses instrumentos consistem em listas de termos ou descritores controlados, construídas para fins de tratamento e recuperação da informação objetivando controlar sinônimos¹, diferenciar homógrafos² e agregar termos cujos significados apresentem alguma relação mais estreita entre si em um determinado domínio do conhecimento. Diante disso, observa-se que esses instrumentos objetivam controlar as dispersões lexicais existentes nas linguagens naturais; orientar o indexador no que concerne à escolha dos termos para representar o assunto dos materiais informacionais e indicar os melhores termos para a indexação.

¹ Palavras que possuem significados semelhantes.

² Termos que possuem a mesma grafia, mas apresentam pronúncia e significados diferentes.

Com a ampliação da quantidade de sistemas de recuperação da informação e o incremento de tecnologias aplicadas às atividades de representação, organização, recuperação, acesso e uso da informação, surgiram outros instrumentos complementares aos sistemas de classificação como as listas de cabeçalhos de assunto, taxonomias, tesouros, ontologias, mapas conceituais, por exemplo. Esses instrumentos têm sido denominados genericamente por *Knowledge Organization Systems* (KOS), Sistemas de Organização do Conhecimento (SOC), em português.

Zeng (2008) apresenta uma lista de Sistemas de Organização do Conhecimento por meio das suas tipologias, a saber:

✓ *Listas de Termos*

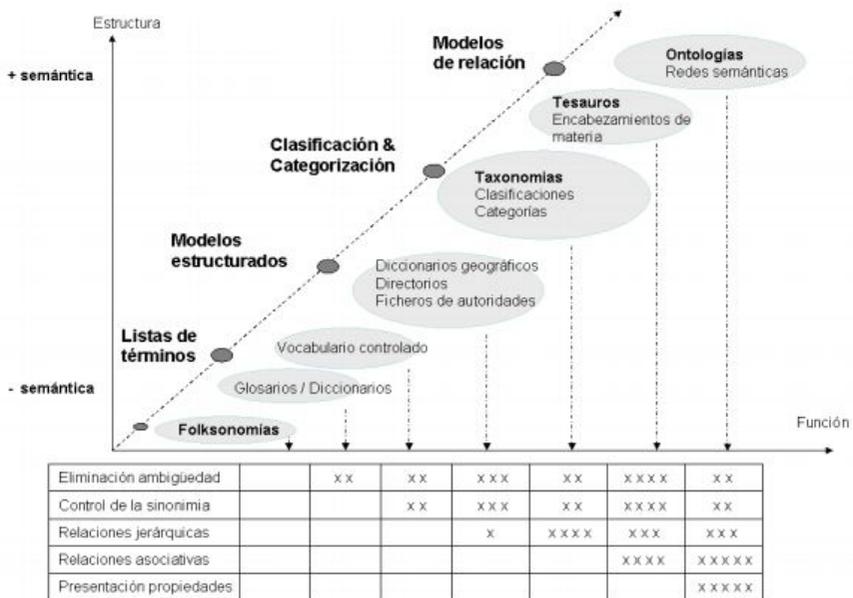
- Listas propriamente ditas (*pick lists*): conjunto de termos em ordem sequencial;
- Dicionários: listas de termos organizados alfabeticamente com as suas respectivas definições, apresentando significados variados de acordo com a aplicação desses termos;

- Glossários: listas de termos organizados alfabeticamente com as suas respectivas definições;
 - Anéis de sinônimos: conjunto de descritores considerados como equivalentes para fins de representação e recuperação da informação.
- ✓ *Modelos semelhantes a metadados*:
- Arquivos de autoridade: listas de termos empregados para fins de controle das variações de nomes para uma autoridade;
 - Diretórios: listas de nomes e informações de contato associadas;
 - Gazetteers: dicionários geoespaciais de tipos e nomes de lugares.
- ✓ *Classificação e categorização*:
- Cabeçalhos de assunto: esquemas que apresentam um conjunto de descritores controlados para representar o assunto dos itens em uma coleção e dispõem um conjunto de diretrizes para combinar descritores em cabeçalhos compostos;

- Esquemas de categorização: esquemas de agrupamento “vagamente formados” (ZENG, 2008, p. 161);
 - Taxonomias: separação de itens em grupos ordenados ou categorias, considerando características particulares;
 - Esquemas de classificação: arranjos hierárquicos e facetados que apresentam notações alfabéticas ou numéricas visando representar assuntos genéricos.
- ✓ *Modelos de relações*:
- Tesouro: listas de termos autorizados de um domínio específico do conhecimento, constituída de base léxica composta por termos que apresentam relações hierárquicas, de equivalência e associativas entre eles.
 - Redes semânticas: conjunto de descritores modelados como nós em uma rede de variados tipos de relações objetivando representar conceitos;
 - Ontologias: modelos de conceitos específicos que representam relações complexas entre objetos, incluindo regras e axiomas ausentes em redes semânticas.

Em posição complementar, Soler Monreal e Gil Leiva (2010) ilustram algumas dessas tipologias, que parte das mais simples até as mais complexas, através da linha progressiva ascendente apresentada na Figura 1.

Figura 1 - Estruturas e estratégias para Organização do Conhecimento



Fonte: Soler Monreal e Gil Leiva (2010, p. 364).

A Figura 1 elenca os graus de formalização semântica dos descritores apresentados nos Sistemas de Organização do Conhecimento, elencando as suas respectivas características funcionais e estruturais. Portanto, na etapa de tradução podem

ser utilizados os descritores em linguagem natural (como por exemplo a Folksonomia) ou os termos provenientes de instrumentos de controle terminológico.

Considerando que as funções dos SOC diversificam conforme o grau de complexidade e o objetivo de sua aplicação, Moreira (2018) também representa em sua pesquisa a complexidade desses sistemas:

Figura 2- Complexidade dos SOC



Fonte: Moreira (2018, p. 102).

Nas Figuras 1 e 2, é possível verificar a inclusão da Folksonomia, elemento a ser discutido posteriormente nesta pesquisa, dentre as estruturas e estratégias supracitadas - uma vez que a lista de tipologias de SOC não é fechada e pode incluir

outras estratégias que viabilizam novas possibilidades de representação da informação.

Não obstante, as vantagens das linguagens documentárias sobressaíam em relação à linguagem natural, em algumas situações a aplicação dessa última espécie de linguagem se faz apropriada mediante a aplicação dos métodos colaborativos de indexação.

Lancaster (2004) afirma essa conveniência em ambientes que tratam materiais informacionais com conteúdos completos e altamente subjetivos que viabilizam variadas interpretações, como é o caso das imagens, tendo em vista a sua capacidade de fomentar a exaustividade e especificidade da indexação e, conseqüentemente, recuperação da informação. Todavia, considera-se a importância de um tratamento linguístico mínimo dos descritores apresentados pelos usuários na atividade de representação do item informacional.

Com base nessa perspectiva, são apresentadas a seguir as caracterizações das linguagens documentárias, também denominadas de linguagens de especialidade, e da linguagem natural:

Quadro 1 – Caracterizações da linguagem de especialidade e da linguagem natural

INDEXAÇÃO DE XILOGRAVURAS À LUZ DA SEMÂNTICA DISCURSIVA
E DAS POTENCIALIDADES DA FOLKSONOMIA

LINGUAGEM DE ESPECIALIDADE	LINGUAGEM NATURAL
Provenientes de conceito da linguagem natural	Sustenta a linguagem de especialidade
Apresenta articulações bem definidas entre os termos por meio de um sistema nocional	Enseja a manifestação sociocultural através da língua
Ocorre por uma racionalização de escolhas para a eficácia de um sistema de recuperação da informação	É produzida e atualizada na dinâmica de interação social
É disposta por regras sintáticas para a depuração dos termos indexadores	Fomenta a exaustividade e a especificidade em pontos de acesso

Fonte: Santos (2017, p. 86) adaptado de Cintra et al. (2002) e Lara (2011).

Desse modo, Santos (2017) afirma que a convergência entre ambas as tipologias de linguagem se torna oportuna em atividades de indexação, uma vez que a linguagem natural sustenta a linguagem documentária e essa última se vale daquela.

O uso de instrumentos de controle terminológico consiste em uma tarefa relevante para a recuperação da informação. Entretanto, se faz necessário atentar-se para os desafios que surgem em relação às novas possibilidades de representação da informação em ambientes digitais, necessitando-se assim que novos processos, metodologias e instrumentos venham a ser desenvolvidos para fins de realização dessa atividade.

Lancaster (2004) enfatiza que o tipo de linguagem não é o aspecto mais importante a influenciar na etapa de tradução da

indexação. Muito mais importante é a sua abrangência (alcance) e a sua especificidade.

Porém, de acordo com Sales e Café (2009), no que concerne à indexação por meio de um controle terminológico, os tesouros e as ontologias são considerados como os principais instrumentos utilizados e estudados no âmbito da Ciência da Informação. Esses instrumentos viabilizam a ampliação dos métodos de busca, bem como o controle dos termos que apresentam polissemia e sinonímia; a proximidade entre a linguagem natural (do usuário) e a linguagem adotada pelo sistema de recuperação da informação.

Em síntese, verifica-se que as etapas de *análise de assunto* e *tradução* são intelectualmente distintas, apesar de não serem diferenciadas de maneira clara nas produções científicas sobre a temática. Campos (1987) afirma que embora sejam operações distintas, elas se sucedem haja vista o caráter integrativo das mesmas, objetivando atender às necessidades de uma determinada comunidade de usuários.

Todavia, não se pode definir o assunto de um recurso informacional sem que seja levado em consideração diversos aspectos, além do contexto no qual esse item informacional está inserido. Assim, corroboramos com Lucas (2000) quando a

mesma revela que a leitura do indexador não é resumida aos procedimentos e técnicas de tratamento dos itens informacionais, cujas etapas foram citadas anteriormente.

Nas práticas de indexação devem ser contempladas as características do material informacional e os gestos de leitura desse sujeito enquanto leitor e usuário da informação, os quais são inerentes à sua formação discursiva configurada em processos de significação.

Entendendo isso, observa-se que a complexidade da indexação está associada ao fato de que a descrição do conteúdo intelectual, operação altamente subjetiva, pode ser realizada de maneira incorreta, haja vista a interferência de fatores linguísticos, cognitivos, lógicos, ideológicos, contextuais, culturais, etc. Mesmo estando correta, essa atividade pode ser considerada insuficiente para demarcar congruentemente os descritores, pactuando com as necessidades dos usuários (BLAIR, 2003).

Fica claro, portanto, que a indexação é uma atividade de representação a qual, por sua vez, está atrelada ao conceito de substituição, de “estar no lugar de outra coisa” – como mencionado anteriormente. Para fins de realização dessa atividade, o indexador se coloca entre o objeto informacional a ser representado e o usuário final. Por esse motivo, essa represen-

tação não consiste na apresentação do registro do conhecimento propriamente dito.

Sobre esse prisma, a indexação consiste em uma prática de interpretação e, ao mesmo tempo de representação, a qual, por meio de ações seletivas, privilegia certos elementos acerca de objetos informacionais e oculta outros.

Nesse cenário, o indexador exerce o seu papel crucial de mediação entre o item informacional e o usuário final, buscando apurar termos representativos mediante a pluralidade de sentidos existentes no registro do conhecimento. Isso ocorre pelo fato de que, ao interpretar o conteúdo intelectual deste, são acionadas variadas leituras e esse profissional é quem apresenta o que há de informação nesse registro, captando alguns aspectos e ignorando outros.

Concorda-se com o pensamento de Pato (2015, p. 73) quando o mesmo enfatiza a importância do indexador, considerando o fato de que esse profissional é coparticipante do processo de atribuição de significados dos itens informacionais, os quais se relacionam com o contexto social, cultural e econômico do qual emerge, pois, “a leitura de um texto [ou registro do conhecimento] depende da interação entre leitor, texto, autor e mundo socialmente estruturado”.

Essa assertiva também se aproxima das ideias de Lucas (2000, p. 49) quando essa autora reflete que a indexação “[...] encaminha o leitor por vários percursos, enriquece ou confunde os possíveis olhares que serão lançados à obra”, uma vez que o olhar leitor do profissional silencia ou expõe diferentes leituras.

Sobre esse prisma, os traços semânticos existentes no material informacional e que são selecionados pelo indexador revelam a visão de mundo desse profissional, por isso essa atividade é considerada difícil de ser ensinada, haja vista que não há um manual a ser seguido que inclua os aspectos subjetivos para o desenvolvimento da operação.

Todavia, de acordo com Lancaster (2004), um dos principais fatores que influenciam no desempenho de um sistema de recuperação da informação e que estão diretamente relacionados à representação temática da informação é a política de indexação.

Santos (2016) conceitua política de indexação como diretriz que norteia as ações de profissionais envolvidos na atividade de representação temática dos objetos informacionais existentes em um determinado contexto (biblioteca, arquivo, banco de dados, sistema de recuperação da informação, etc.) com base nos seus objetivos, características, perfil da comunidade de

usuários e recursos humanos, materiais e financeiros, objetivando melhorar o processo de representação e, conseqüentemente, busca e recuperação de itens informacionais no contexto de sua aplicação.

Entendendo isso, observa-se a importância da política de indexação para assegurar a uniformidade dessa atividade através da implantação de alguns critérios como diretrizes norteadoras para a orientação da atividade do indexador.

Em síntese, a indexação assume uma posição crucial e condicionante na recuperação da informação, ela “é um fator de auxílio na comunicação entre o sistema de recuperação da informação e o usuário que deseja satisfazer sua necessidade informacional” e deve ser encarada como a materialização de uma dinâmica de natureza ética, refletindo universos culturalmente distintos (FRANCELIN; PINHO, 2011, p. 61).

Ainda de acordo com esses autores, as competências específicas para os profissionais da informação, em especial aqueles que lidam com o tratamento temático da informação, não se esgotam no “como fazer”, mas encontram terreno fértil de indagação do “por que” fazer e no “para que” fazer. Principalmente porque é necessário considerar que tanto o produto quanto o processo de indexação devem estar imbuídos

da preocupação com a sua utilidade e com a sua adequação para determinada comunidade ou grupo-alvo.

Por essa razão, García Gutiérrez (1989, p. 147) aponta que “[...] a indexação é um exercício hermenêutico inseparável da capacidade humana da cognição e inserido na dialética que dá vida ao binômio, documentalmente interativo, homem-cultura”. Seguindo essa linha de raciocínio, a seguir são apresentadas questões acerca das dimensões culturais e éticas na representação da informação mediante as garantias que contemplam tais perspectivas.

2.2 AS DIMENSÕES CULTURAL E ÉTICA DA REPRESENTAÇÃO TEMÁTICA DA INFORMAÇÃO

Os aspectos culturais e éticos também assumem relevância nas discussões acerca das práticas de indexação e dos Sistemas de Organização do Conhecimento, esses últimos expressam valores que podem ser investigados à luz das garantias sobre as quais são desenvolvidos.

De acordo com Zamboni (2018) o termo “*warrant*” (que em inglês está associado à justificativa ou autoridade para uma ação ou crença) é utilizado para designar a justificativa que

respalda decisões na elaboração de um sistema de organização do conhecimento. Em português o termo empregado na área é “garantia”, termo especializado cuja correspondência relacionada ao sentido de “justificativa” não se encontra no dicionário.

Sobre esse prisma, Beghtol (1986) apresenta o conceito de garantia:

[...] a garantia de um sistema de classificação pode ser pensada como a autoridade que um classificador invoca, primeiramente, para justificar e, pos-teriormente, para validar decisões sobre quais clas-ses/conceitos incluir no sistema, em qual ordem as classes/conceitos devem aparecer nas tabelas, em quais unidades as classes/conceitos estão divididas, até que ponto a subdivisão deve continuar, quanto síntese está disponível e onde, se as ordens de citação são estáticas ou variáveis e questões similares (BEGHTOL, 1986, p. 110, tradução nossa).

Percebe-se, portanto, que o conceito de garantia está associado às noções de autoridade, justificação e validação. Essa tríade, por sua vez, deve ser contemplada nas diretrizes que apontam quais conceitos devem ser inseridos no SOC, bem como as características de sua categorização e ordenação.

As pesquisas sobre garantia despontaram a partir dos estudos sobre garantia literária. De acordo com Zamboni (2018) o termo “garantia” foi inicialmente utilizado por E. Hulme com

vistas a descrever a “garantia literária” por meio da noção de que os descritores constituintes de um sistema de classificação devem ser eleitos a partir da literatura a ser classificada. Adicionalmente, na visão de Foskett (1973, p. 19) a garantia literária é considerada para indicar “[...] que o sistema deve basear-se no material que nele introduzimos, e não em considerações puramente teóricas”.

Para Barité (2007) o princípio da garantia literária pode ser aplicado em diferentes perspectivas como ferramenta de validação e de identificação de conceitos centrais e periféricos de um domínio; de qualificação para a recuperação do conteúdo de informações especializadas e de avaliação de linguagens documentárias e estruturas de conceitos.

Tendo em vista as limitações da garantia literária e a importância de integrar outros aspectos metodológicos relacionados às perspectivas diferentes daquela apresentada por Hulme, outros modelos de garantias foram elaborados, como por exemplo: garantia cultural, garantia organizacional, garantia ética, garantia científica, etc.

Essas formas de garantia geralmente são usadas em combinação e foram elaboradas com vistas a melhorar a qualidade das linguagens documentárias. Para tanto, não podem

ser interpretadas como subordinações ou tipologias dependentes da garantia literária, elas podem ser consideradas como derivações da mesma (BARITÉ, 2011).

A norma Z39.19-2005 da NISO (*National Information Standards Organization*, Organização Nacional de Padrões da Informação) apresenta diretrizes para a construção, formato e gerenciamento de vocabulários controlados monolíngües e inclui dois outros tipos de garantia, além da garantia literária, são elas: a garantia organizacional e a garantia de usuário.

A inclusão da garantia organizacional é justificada pela importância da análise e seleção dos termos considerando o contexto da organização. De outro modo disposto, a garantia de usuário está pautada na importância da seleção dos termos por sua repetição nas buscas realizadas pelos usuários. Essa norma também inclui a garantia cultural, todavia essa tipologia de garantia é considerada somente em vocabulários multilíngües.

Com isso, verifica-se a preocupação em ampliar, por meio de perspectivas interdisciplinares, a noção de garantia para diversos elementos teórico-metodológicos que contribuem para a organização e representação do conhecimento. Afinal, a noção de garantia pode ser associada a uma “[...] lente através da qual podemos avaliar na medida em que uma classificação tem sentido

e utilidade para os propósitos para os quais foi criada” (KWASNIK, 2010, p. 107, tradução nossa).

Os aspectos relacionados à cultura também assumem relevância no contexto das garantias, principalmente quando se trata de discussões sobre valores compartilhados, história e memória coletiva e outras. Segundo Beghtol (1986) o termo “garantia cultural” foi cunhado por J. M. Lee ao discutir a visão de que “a base semântica ou categorial de uma dada classificação é o produto da cultura que a produziu”. Nessa perspectiva, a garantia cultural está ligada a ideia de que um sistema de classificação deve estar alicerçado nas premissas da cultura que o origina.

Para Beghtol (2002, p. 45, tradução nossa) a garantia cultural “[...] pressupõe que todo sistema de classificação é baseado nas premissas e preocupações de uma determinada cultura, seja a cultura de um país, ou uma unidade social maior ou menor (exemplo: grupo étnico, disciplina acadêmica, domínio, partido político, religião e/ou língua)”, considerando que indivíduos que fazem parte de diferentes culturas necessitam de diferentes tipos de acesso à informação.

Esse aspecto de complexidade e, ao mesmo tempo, de diversidade está associado às variadas significações, interpretações, representações existentes na própria cultura, pois para

Hall (2016, p. 20) “em toda cultura há sempre uma grande variedade de significados a respeito de qualquer tema e mais de uma maneira de representá-lo ou interpretá-lo”, tendo em vista que a cultura se relaciona a conceitos, ideias, sentimentos, emoções e senso de pertencimento.

Nesse limiar, não existem conteúdos culturais universalmente aplicáveis (BEGHTOL, 1986). O sistema de organização do conhecimento baseado em uma cultura pode viabilizar o acesso a itens informacionais para indivíduos que fazem parte dessa mesma cultura, ao passo em que pode se configurar como uma barreira para o acesso à informação por parte de membros de outras culturas, gerando um problema ético.

Zamboni (2018) discute a ideia de que a garantia cultural e garantia ética podem corroborar para a inclusão da noção de diversidade cultural aos SOC. De certa forma, “a garantia cultural introduz o fator ético na Organização do Conhecimento” (BARITÉ, 2011, p. 6, tradução nossa).

Esse fator se torna elemento importante na atualidade, dada a intensificação do contato entre as culturas, o qual é facilitado pelas Tecnologias de Informação e Comunicação. Com isso, para fins de construção e atualização de Sistemas de Organização do Conhecimento, se faz necessário refletir acerca dos desafios

éticos que se tornam, gradativamente, socialmente mais complexos.

Seguindo essa linha de raciocínio, visando resolver questões relacionadas a esses desafios éticos, Beghtol (2002) propõe o emprego do conceito de hospitalidade cultural, estabelecendo conexões entre a garantia cultural e a garantia ética. O conceito de “hospitalidade” no âmbito da representação temática da informação e dos sistemas de classificação bibliográfica está associado à “habilidade de uma notação classificatória de incorporar novos conceitos e de estabelecer relações semânticas entre conceitos antigos e novos” (BEGHTOL, 2002, p. 518, tradução nossa).

Somando a isso, surge o conceito de “hospitalidade cultural”, o qual diz respeito à capacidade de um sistema de organização do conhecimento incluir conceitos desconsiderados, de maneira intencional ou não, acomodando várias garantias e culturas, no intuito de refletir, de maneira apropriada, as crenças de quaisquer indivíduos, grupos ou comunidades (BEGHTOL, 2005, p. 905).

Esse aspecto de atualização e inclusão de conceitos em Sistemas de Organização do Conhecimento com base na garantia

cultural conecta-se à seguinte concepção apresentada por Stuart Hall:

As coisas ‘em si’ raramente – talvez nunca- têm um significado único, fixo e inalterável. Mesmo algo tão óbvio como uma pedra pode ser somente uma rocha, um delimitador de fronteira ou uma escultura, dependendo *do que* ela significa – isto é, dentro de certo contexto de uso e do que os filósofos chamam de diferentes “jogos de linguagem” (a saber, a linguagem das fronteiras, a linguagem das esculturas, e assim por diante) (HALL, 2016, p. 20-21).

O teórico Stuart Hall enfatiza que os indivíduos apresentam significados a objetos, pessoas e eventos por meio de paradigmas de interpretação direcionados a eles. Sendo assim, em parte, esses sujeitos atribuem sentido às coisas pela maneira como eles as utilizam ou as integram e associam em suas práticas cotidianas; bem como pela forma que as representam por meio das palavras empregadas para fazer alusão a elas, pelas maneiras como são classificadas e conceituadas, pelas histórias narradas a seu respeito, pelas imagens criadas e emoções relacionadas (HALL, 2016).

Nas concepções de Francelin e Pinho (2011) essas práticas são materializadas por meio da terminologia proveniente dessa comunidade discursiva ou área do saber. Por isso, faz-se necessário realizar estudos terminológicos por meio

da análise de domínio ou de comunidades discursivas propostas por Hjørland, Albrechtsen (1995) e Hjørland (2002).

Entendendo isso, observa-se que as práticas de indexação e classificação devem contemplar as questões culturais, sobretudo pelo discurso, em que uma comunidade ou grupo busca solidificar a sua identidade. Para Bakhtin (1998, p. 225) o “Discurso não reflete uma situação, ele é uma situação. Ele é uma enunciação que torna possível considerar a performance da voz que o anuncia e o contexto social em que é enunciado”.

Nessa linha de discussão, Olson (2001, p. 659) propõe “[...] a adoção de uma postura ativa criando-se espaços em nossos limites para as vozes dos que foram excluídos”. Assim, metodologias, técnicas e instrumentos que façam com que os sistemas de informação sejam mais acessíveis podem corroborar para o desenvolvimento de relações éticas nesse contexto.

Essa proposição pode ser justificada pelo fato de que, atualmente os usuários ainda se “deparam com dispositivos coercitivos na prática bibliotecária [ou de profissionais da informação] que limitam o acesso e uso da informação”, os quais suprimem a verdadeira relação do usuário com o conhecimento (AQUINO; SANTANA, 2013).

Esses dispositivos, por sua vez, estão vinculados às práticas de organização e tratamento da informação e, em determinados casos, podem implicar negativamente na comunicação entre a linguagem dos usuários e a linguagem dos sistemas de recuperação da informação.

Concorda-se com Francelin e Pinho (2011) quando esses autores refletem que a atividade de representação e organização de conceitos não se configura como uma tarefa de fácil execução. A complexidade inerente à essa atividade não está associada apenas ao fato da necessidade de compreensão de um conceito. Faz-se necessário também investigar a maneira como ele está sendo apropriado pelos usuários (comunidade discursiva), por exemplo.

Se um termo é organizado, representado e aplicado de maneira equivocada, ocorre o que é denominado de *bias*, termo associado a desvio, tendência, visão preponderante, conforme Francelin e Pinho (2011, p.57) explicam:

O entendimento de *bias* enquanto desvio versa sobre o sentido de que, no âmbito da organização e representação do conhecimento, quando atividades ou produtos são constituídos tendo uma tendência ou visão preponderante, isto é, um sentimento que venha a se sobrepor (e a prejudicar) outros, subentende-se que está ocorrendo uma mudança, um

afastamento ao tratamento igualitário que essa atividade ou produto pode representar.

Em posição complementar, Milani (2015) evidencia o risco dos instrumentos de representação da informação, como classificações bibliográficas, tesouros, etc., serem elaborados com *biases* sob duas perspectivas: em um viés negativo, deixando contemplar características que desprivilegiam grupos e temas ou contêm inclinações, desvios ou preconceitos e; em uma perspectiva positiva, tendo em vista que os direcionamentos e vieses da representação da informação têm o intuito de garantir especificidade contribuindo para a recuperação da informação por determinados grupos de usuários.

Existem *biases* relacionadas à “[...] gênero, sexualidade, raça, idade, habilidade, etnicidade, linguagem e religião, [as quais] têm sido descritas como limites para a representação da diversidade e para os efetivos serviços biblioteconômicos a populações diversas” (OLSON, 2002, p. 7).

Os diferentes sentidos denotativos atribuídos a uma dada palavra podem auxiliar na propagação de preconceitos, tendenciosidades ou visões preponderantes. Para tanto, de acordo com Francelin e Pinho (2011, p. 77) faz-se necessário “investigar como se constroem e atuam as denominadas figuras de linguagem que, via de regra, servem de veículo para as referidas conotações”.

Sob esse prisma Santos et al. (2017) enfatizam que essas reflexões se mostram imprescindíveis às perspectivas da formação e do trabalho do indexador, considerando a necessidade de buscar uma linguagem que não seja excludente e questione modelos de classificação cuja inflexibilidade impede que se represente a diversidade de maneiras menos díspares.

Diante do exposto, é possível refletir que a garantia cultural e a garantia ética, em conjunto com a hospitalidade cultural, podem fornecer a base para a análise, seleção e atualização de termos; bem como para o estabelecimento de relações entre eles de forma apropriada para um determinado sistema, considerando o conjunto de crenças, valores, atividades e históricas compartilhadas por um grupo de pessoas.

Em analogia a essas reflexões, é importante ressaltar a necessidade da inclusão de abordagens ou metodologias colaborativas e integradoras que considerem os termos que representem efetivamente a literatura e a cultura popular, pois a linguagem é um dos meios pelos quais as ideias são representadas para e por uma cultura.

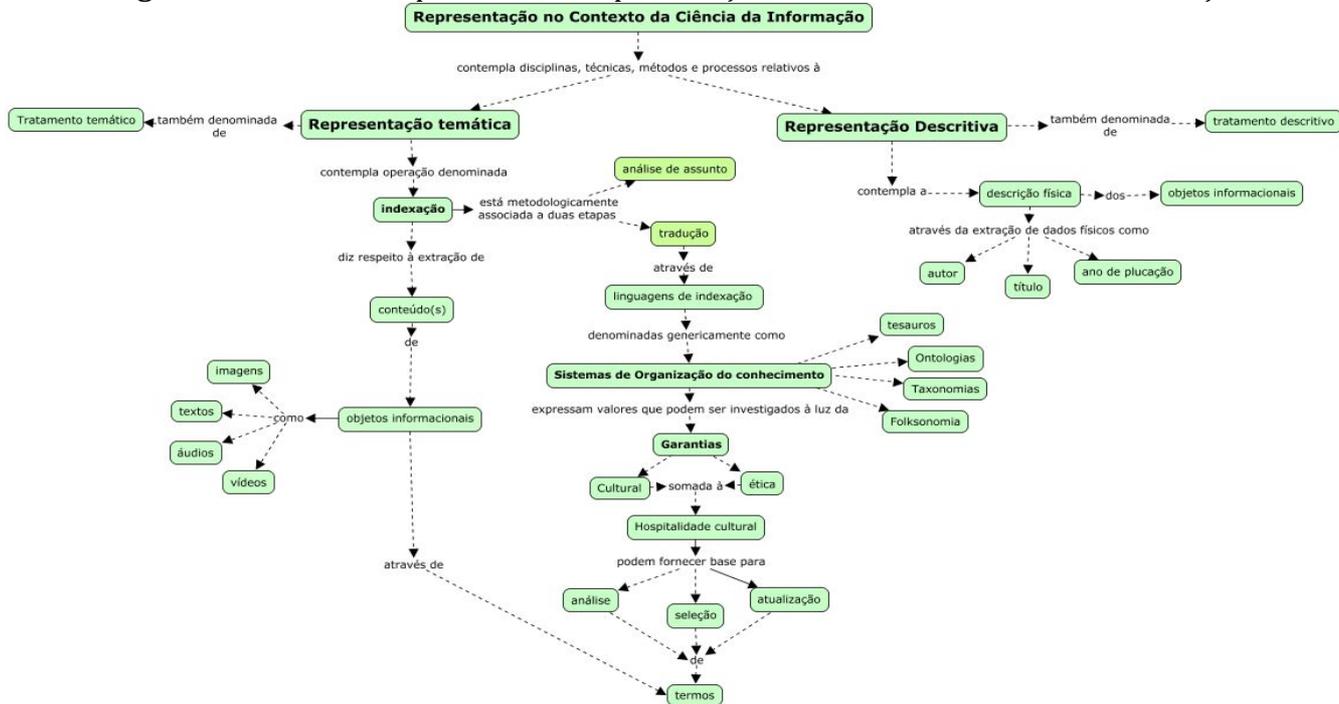
As xilogravuras de folhetos de cordel, foco desta obra, por exemplo, não são apenas representações imagéticas de narrativas passadas e tradicionais. Elas também são representações

dinâmicas e contemporâneas da cultura popular, portanto, para a realização da sua indexação devem ser considerados tais aspectos.

Diante do exposto, o mapa conceitual a seguir apresenta a síntese dos principais aspectos teórico-conceituais enfatizados nesta seção sobre Representação no Contexto da Ciência da Informação.

INDEXAÇÃO DE XILOGRAVURAS À LUZ DA SEMÂNTICA DISCURSIVA E DAS POTENCIALIDADES DA FOLKSONOMIA

Figura 3- Síntese dos aspectos sobre Representação no contexto da Ciência da Informação



Fonte: Elaboração própria.

As xilogravuras, enquanto recursos imagéticos, possuem particularidades. Por conseguinte, a atividade de indexação desses recursos deve prever as suas nuances com vistas à realização da transposição do código imagético para o código escrito (considerando que os descritores representam os seus textos visuais) por meio de representações alicerçadas nas premissas da cultura e da ética.

Smit (1996) afirma que os procedimentos metodológicos aplicados ao tratamento de documentos imagéticos são ancorados, predominantemente, na produção científica indicada para a análise de materiais textuais (como livros, Teses, Dissertações, por exemplo). Todavia, tais procedimentos não podem ser transpostos e aplicados automaticamente na indexação de imagens. Seguindo essa linha de raciocínio, no próximo capítulo são apresentadas reflexões concernentes à representação dos recursos imagéticos.

3 IMAGENS: ABORDAGENS E PERCURSOS NA REPRESENTAÇÃO DA INFORMAÇÃO

A imagem consiste em um dos principais meios de comunicação entre os homens desde a pré-história até os dias atuais, carregando consigo uma linguagem específica e, ao mesmo tempo, heterogênea. Ela foi e ainda se faz presente na história da humanidade por meio de diversos suportes e técnicas, como “madeira, pedras, argila, osso, couro, materiais orgânicos em geral, metais, papéis, acetatos, suportes digitais, [...] desenhos, pinturas, esculturas, fotografias, cinema, televisão, *web* [...] (RAMOS, 2007, p. 1).

A produção de imagens é crescente na sociedade e com ela surgem variadas demandas para o armazenamento, organização, recuperação, acesso e uso. Esses recursos estão ligados ao fenômeno da linguagem, dessa forma não é possível estudá-las sem considerar a representação.

Joly (2012, p. 38) destaca que imagens são “algo que se assemelha a outra coisa”, o que faz que com se encaixem nas categorias das representações. Se ela aparece é porque não é a coisa propriamente dita, portanto, a sua função é evocar através do processo de semelhança. Nesse entendimento, a significação de uma mensagem visual é construída pela interação de diferentes

tipos de signos (plásticos, icônicos, linguísticos) cuja interpretação está atrelada à cognição, ao saber cultural e sociocultural do leitor ou usuário.

Com base nessa perspectiva, observa-se que a definição de imagem sofre variações a depender da sua inclusão em uma determinada ciência ou disciplina e da abordagem em que é estudada, podendo ser visuais, mentais, virtuais, etc. Etimologicamente, a palavra “imagem” vem do latim “*imago*” e significa

[...] representação visual, construída pelo homem, dos mais diversos tipos de objetos, seres e conceitos. Pode estar no campo do concreto, quando se manifesta por meio de suportes físicos palpáveis e visíveis, ou no campo do abstrato, através das imagens mentais dos indivíduos (RODRIGUES, 2007, p. 68).

As pesquisas e abordagens sobre análise de imagens na área de Ciência da Informação predominam no contexto dos documentos fotográficos. Como modalidade particular de imagens, neste capítulo são abordados aspectos concernentes às imagens visuais estáticas ou fixas cujos suportes são analógicos ou digitais, por exemplo.

Nesse sentido, são discutidas questões sobre as características basilares das imagens e o processo de análise desses recursos na perspectiva da representação. As imagens suscitam

percepções e sensações diferenciadas, portanto precisam ser analisadas, ressignificadas, representadas e organizadas em função das suas especificidades e das necessidades informacionais dos usuários.

Posteriormente, são apresentados métodos e técnicas de indexação de recursos imagéticos apresentados por pesquisadores brasileiros que se basearam de forma direta nas proposições de teóricos estrangeiros.

Em seguida, também são discutidas questões sobre a representação colaborativa de imagens, mediante a apresentação de conceitos, características, implicações positivas e negativas dessa atividade no processo de organização e recuperação da informação. Ademais, discorre-se acerca das xilogravuras, foco desta obra.

3.1 INFORMAÇÃO IMAGÉTICA: PERCEPÇÕES E SENSações PLURAIS

Como afirma Barthes (1990, p. 32): “toda imagem é polissêmica e pressupõe subjacentes os seus significantes, uma cadeia flutuante de significados”. Seguindo essa linha de raciocínio, é possível inferir que as imagens possuem o caráter polissêmico e heterogêneo, pois veiculam um grande número de

informações e são compartilhadas socialmente, suscitando percepções e sensações plurais.

Oliveira (2014, p. 16) explica sobre significado da informação no contexto das imagens:

Informação como um objeto de significação, de produção de sentidos, de representação. Informação é signo. Ela existe e é ressignificada. Dessa forma, nas imagens, a informação é algo que gera um significado, representa (chega a confundir-se com o próprio objeto representado), dá vazão à construção de novas ideias, leituras e interpretações. A informação enquanto objeto, um elemento, um evento de sensações e percepções. [...] Informação em imagens é polissêmica e polifônica.

Baseando-se na ideia desse autor, a informação vinculada às imagens é denominada de informação imagética. De acordo com Rodrigues (2007, p. 2007) tais informações só podem ser identificadas ou analisadas se as imagens forem apreendidas “dentro do contexto sociocultural do indivíduo e de acordo com as imagens mentais que este incorpora”. Por esse motivo, elas são polissêmicas viabilizando significados e interpretações que se diversificam a partir da memória, visão, contexto, expectativas e desejos do espectador.

Ainda de acordo com esse autor a justificativa para a criação de imagens está associada a uma causa ou finalidade específica, seja ela de caráter

[...] religioso, político, ideológico, publicitário, educacional, informacional, ilustrativo, artístico, etc., sempre com uma ligação às características sociais, culturais, religiosas, econômicas etc., de cada sociedade ou grupo [...] (RODRIGUES, 2007, p. 68).

Essa assertiva coaduna com o que foi discutido anteriormente na subseção sobre as dimensões cultural e ética da representação da informação. Muitas imagens não são reconhecidas, assimiladas, interpretadas por indivíduos que fazem parte de determinadas culturas pelo fato deles não possuírem conhecimentos adequados para entendê-las, uma vez que os sujeitos atribuem sentido às coisas pela maneira como as utilizam ou as integram e associam em suas práticas cotidianas.

Assim, as imagens são interpretadas e analisadas de acordo com a leitura de mundo, a memória e a cognição dos seus leitores, assim como aponta Joly:

Memorizadas ou esquecidas, as imagens fazem, contudo, parte de nossa experiência do mundo, que nós integramos, evidentemente, cada um à sua maneira em função de nossa história e do seu condicionamento. A forma como articulamos a

história pessoal e a história coletiva pertence-nos sem dúvida, mas participa também ativamente na própria vitalidade das imagens (JOLY, 2002, p. 263).

Para esse autor a compreensão de uma imagem está associada à memorização, uma vez que só se reconhece efetivamente aquilo que já se conhece e que não foi apagado da memória. Embora cada leitor seja único e interprete de maneira unívoca uma imagem - considerando os seus conhecimentos prévios e capacidade interpretativa - tal interpretação pode sofrer variações de acordo com as circunstâncias. Com base nas ideias de Umberto Eco, Joly (2002) ressalta que as imagens carregam consigo um conjunto de informações que podem ser identificadas, analisadas, interpretadas, (res)significadas na perspectiva de três elementos: o **autor** ou **criador** (o que ele quis dizer), a **obra** (o que a obra diz) e o **leitor** ou **receptor** (o que ele privilegiou na mensagem).

Pato e Manini (2013) ressaltam que a leitura de imagens não ocorre pela prevalência icônica do referente explícito (objeto enfocado) nesses recursos, pois essa atividade considera os referentes figurados na mensagem visual em confrontação com os referentes que o leitor internaliza e acumula em sua memória e cognição.

Considerando que as imagens suscitam percepções e sensações plurais, Hall (1997, p. 27) infere que não há uma resposta única ou verdadeira acerca de “o que uma imagem quer dizer” ou ainda “o que determinado anúncio significa”. A ideia apresentada por esse autor se aproxima das discussões de Joly (2002, p. 121) sobre imagens, quando destaca que a expectativa de “verdade” em relação a uma imagem consiste em uma das características mais ambíguas, porque o sentimento de verdade pode estar “com efeito estreitamente associado tanto ao visível (<<ver para crer>>), como ao invisível (<<o essencial é invisível para os olhos>>)”.

Em Tomás de Aquino, a verdade é vista como sustentação entre a inteligência e a coisa "*adequatio intellectus et rei*". A partir dessa afirmação, Segura (1992) ressalta que a verdade possui relação com vários modos e fins, a depender de como a projetamos. Partindo desse pressuposto, observa-se que a cognição do leitor pode julgar algo sobre uma imagem e criar possibilidades interpretativas. A verdade assim fica entendida como algo real que está posto diante desse sujeito, cuja sua essência intencionalmente é apreendida pelo mesmo.

Seguindo essa linha de raciocínio, Hessen (2003, p. 96) reflete que “um juízo é verdadeiro quando construído segundo as leis e

normas do pensamento”. Desse modo, a verdade coincide com a correção lógica, assim o pensamento do sujeito cria as suas próprias leis. O autor ainda afirma que para haver verdade é preciso estabelecer critérios para a sua busca. Aqui, traz à tona a ideia que a busca pelo conhecimento verdadeiro está numa ligação entre o sujeito e o objeto.

Nessa linha de raciocínio, percebe-se que as práticas de análise e interpretação de imagens não devem estar pautadas no debate entre o certo e o errado, mas sim entre as possibilidades plausíveis de representação a partir de observações contextuais.

Para compreender esses recursos, no que concerne às suas particularidades e às informações que veiculam, faz-se necessária à realização de uma análise detalhada, o que implica “confrontar o mundo que construímos em nós com os mundos possíveis que as imagens nos apresentam” (PATO; MANINI, 2013, p. 20).

Matusiak (2006) apresenta em sua pesquisa alguns desafios apontados por pesquisadores e que são inerentes à complexidade e riqueza das imagens: a) as imagens contêm informações úteis para pesquisadores e usuários de diversas áreas e disciplinas, o que viabiliza a multiplicidade de perspectivas, interpretações e percepções acerca das mesmas; b) são frequentemente usadas para um propósito não previsto pelo

autor; c) podem apresentar várias camadas de significado, de específicas a mais abstratas; d) ao contrário do documento textual, a imagem não apresenta informações sobre a sua autoria.

Sob esse viés, Joly (2012, p. 45) reflete acerca da complexidade da interpretação das mensagens visuais:

Que a imagem seja uma produção consciente e inconsciente de um sujeito é um fato; que ela constitua uma obra concreta e perceptível também; que a leitura dessa obra faça viver e perpetuar-se, mobilizar tanto a consciência quanto o inconsciente de um leitor ou de um espectador é inevitável. De fato, existem poucas chances de esses três momentos da vida de qualquer obra coincidirem.

No âmbito da Ciência da Informação, a atividade de análise de imagens está pautada em uma operação denominada análise documentária, ou análise da informação, a qual contribui para a representação e organização da informação imagética com vistas ao acesso e uso desses recursos pelos usuários. Nesse sentido, a seguir são apontadas questões concernentes a essa operação.

3.2 ANÁLISE DE IMAGENS

Para Rodrigues (2007, p. 124) a expressão “análise” é decorrente da atividade de analisar e significa observar, de maneira minuciosa e crítica, cada parte de um todo no intuito de conhecer a sua forma, bem como compreender a sua natureza e as suas finalidades.

No contexto da análise de materiais informacionais, os aspectos apresentados anteriormente também são considerados, mediante a execução da atividade denominada análise documentária realizada por profissionais da informação. Para Manini (2002, p. 37) essa operação consiste em

[...] um conjunto de procedimentos efetuados ao longo de um processo que se inicia com a leitura dos documentos, leitura esta realizada com fins documentários. Esta análise inicial do documento deve ser minuciosa e completa a ponto de o profissional da informação ser capaz de elaborar um resumo do mesmo [...].

Entendendo isso, infere-se que a análise documentária diz respeito a uma operação que agrega um conjunto de práticas que viabilizam a compreensão, descrição, representação e organização dos conteúdos de itens informacionais através do uso de técnicas e procedimentos provenientes dos estudos e investigações da área

de Ciência da Informação, objetivando a recuperação, o acesso e o uso da informação, independentemente do seu suporte.

Assim como os textos, os recursos imagéticos, a exemplo das xilogravuras, fotografias e obras artístico-pictóricas, por exemplo, também são “lidos” e analisados. Entretanto, essa atividade adquire um grau de complexidade maior quando aplicada ao contexto das imagens, pois elas possuem característica heterogênea e polissêmica diante da sua capacidade de suscitar várias percepções – tanto na perspectiva dos profissionais indexadores quanto na perspectiva dos seus usuários. Cada sujeito pode construir a sua unidade de sentido e cada sentido é proveniente da sua cognição, memória e percepção de mundo.

Nessa atividade evidencia-se um ou mais referentes apreendidos e, conseqüentemente, interpretados em consonância com o referente interno (imagem mental) de cada leitor que visualiza a imagem (RODRIGUES, 2007, p. 124).

Como visto, as imagens emitem informações as quais, por sua vez, geram significados, interpretações, ideias, leituras e representações. Considerando que a análise documentária de imagens se concentra nas informações extraídas desses recursos e dos referentes internos (cognição) dos sujeitos que a analisam,

esse procedimento é aqui também denominado de “análise da informação imagética” ou “análise de imagens”.

De acordo com Manini (2002) a análise documentária de imagens, assim como a de textos, inicia-se com a leitura do documento. Essa atividade requer do profissional da informação conhecimento prévio sobre o conteúdo do recurso imagético ou do conjunto maior de que faz parte. Porém, isso não deve se configurar como fator condicionante para a execução dessa atividade, uma vez que o indexador pode extrair informações adicionais acerca do recurso em outras fontes de informação, dando importância também aos interesses do usuário do banco de imagens e às linguagens documentárias existentes.

Ainda de acordo com essa autora “a polissemia da imagem aponta em várias direções e o profissional da informação deve fazer uma escolha”. Ao fazer a seleção dos termos representativos do conteúdo da imagem, esse profissional define os assuntos considerados ou não para fins de sua indexação (MANINI, 2002, p. 12-13).

Para Smit (1989, p. 105) “analisar uma imagem significa, quer queiramos ou não, ‘traduzir’ certos elementos desta imagem de um código icônico para um código verbal”. Em posição complementar, Maimone e Gracioso (2007, p. 3) ressaltam que a

análise de imagens objetiva “traduzir para uma linguagem verbal o aspecto visual de uma obra, como fotografias, filmes, pinturas. Nesse sentido, a imagem em seu conteúdo pretende transmitir significados, sejam eles explícitos ou não”.

Esses significados são gerados a partir de operações intelectuais, como a *identificação* e a *interpretação* das mensagens contidas na imagem. Sobre esse prisma, a seguir é apresentado o conceito de identificação e interpretação elaborado por Lima (1988, p. 22, grifo nosso):

[...] **identificação** é uma ação às vezes ótica, às vezes mental, como a leitura de um texto. O leitor identifica os componentes da imagem e registra mentalmente o seu conteúdo.

[...] **interpretação** é uma ação puramente mental. É nesse estado que se manifesta o caráter polissêmico da fotografia. Quando os leitores fazem parte do mesmo meio sócio-cultural, tendem a fazer a mesma leitura de identificação, mas cada um interpreta da sua forma, em função de sua idade, de seu sexo, de sua profissão e de sua ideologia. Evidentemente é esse caráter muito individual de interpretação que torna difícil o uso da fotografia como meio de informação.

Diante disso, observa-se que a identificação e interpretação são operações relacionadas à cognição dos sujeitos e que

contribuem para o processo de indexação de imagens. Sobre a cognição Mussen et al. (1988, p. 210) enfatizam que:

[...] se refere às atividades mentais envolvidas na aquisição, processamento, organização e uso do conhecimento. Os processos principais envolvidos no termo cognição incluem detectar, interpretar, classificar e recordar informação; avaliar ideias; inferir princípios e deduzir regras; imaginar possibilidades; gerar estratégias, fantasiar e sonhar.

Portanto, a cognição está relacionada à mente humana e aos seus processos. Esses processos se manifestam como “um conjunto de fenômenos psicológicos que surgem na mente devido à influência de fatores internos e externos ao indivíduo” (GONÇALVES, OLIVEIRA; NEVES, 2016, p. 113). Os fenômenos psicológicos, por sua vez, atuam como mecanismos de aprendizagem e podem ser denominados de processos cognitivos. Ainda de acordo com esses autores, a indexação é uma atividade que se configura como fruto de uma capacidade cognitiva resultante da reflexão do uso da linguagem verbal ou não verbal e de sinais não linguísticos, como por exemplo, as imagens.

Suplementarmente, Neves (2006) ressalta que a cognição está diretamente associada às atividades de processamento técnico e recuperação da informação dos itens informacionais efetuadas pelos profissionais da informação. Isso se deve ao fato

de que tais operações envolvem percepção, memória, inferência e dedução.

Já a metacognição é “conhecimento sobre o próprio conhecimento, avaliação, regulação e organização dos processos cognitivos” (NEVES, 2011, p. 29). Assim sendo, essa última está relacionada à avaliação realizada pelo sujeito em relação ao seu conhecimento, ou seja, ao que se sabe.

Os aspectos associados à mente humana são complexos e interferem, por exemplo, na maneira como um sujeito realiza a análise de uma imagem, o que exige a necessidade de métodos específicos para a indexação desse recurso, tendo em vista a sua capacidade de gerar diversas significações. Isso se deve ao fato de que o indexador, por meio do processamento de dados sensoriais, pode destacar os significados da imagem que mais lhe interessam, no momento da indexação, podendo não necessariamente satisfazer as necessidades dos usuários.

Sob esse viés, Joly (2012) preconiza que a atividade de análise de imagens deve ser baseada em metodologias adequadas e itens informacionais pré-estabelecidos, bem como no estabelecimento de pontos de referência para a sua análise pautados no usuário e nas suas necessidades de informação.

Partindo desse pressuposto, Joly (2002, p. 43) evidencia que o trabalho do analista em imagens deve ser o de decifrar as significações que a “naturalidade” aparente das mensagens visuais implica. Entendendo isso, Pato e Manini (2013, p. 4) ressaltam que “diferentemente do texto escrito, não há na imagem palavras explícitas. O indexador deve buscá-la no ‘silêncio’ da imagem, baseado apenas em sua vivência e conhecimento”.

Para Manini (2001, p. 73), o conteúdo intelectual que uma imagem pode vir a representar diz respeito a “[...] tudo aquilo que não é a imagem em si, embora ele ‘esteja’ na imagem”. Partindo desse pressuposto, Enser (2008, p. 534) elucida a dificuldade de traduzir conteúdo visual de uma imagem em descrições verbais, especialmente pelo fato de que “algumas mensagens contidas em imagens ‘não podem ser nomeadas’”.

É uma tarefa difícil afirmar os elementos presentes ou ausentes em uma imagem baseando-se no que ela venha a transmitir para o espectador ou usuário, o que pode resultar em uma variedade de interpretações, análises e descritores relativos (GONÇALVES; OLIVEIRA; NEVES, 2016). Em consonância com esse pensamento, Abril (2013) enfatiza a importância do coletivo no que concerne à informação imagética, uma vez que as imagens estão sempre associadas a um imaginário social, não podendo ser

compreendidas ou interpretadas de forma isolada, pois são, ao mesmo tempo, parte e resultado desse imaginário – além de estarem relacionadas a um contexto sociocultural.

Outrossim, para Enser et al. (2007) algumas informações sobre aspectos específicos na imagem, como nomes de pessoas ou localização geográfica, não podem ser identificadas a partir do conteúdo da imagem em si, o que requer a aquisição de informações extrínsecas a esse recurso gerando uma dificuldade para a atividade de indexação. Sobre esse aspecto, Manini atenta:

[...] se concordarmos que o levantamento de descritores ou de palavras-chave deve ser feito com base em dados concretos da imagem e de seu referente, esta contextualização **deve servir mais como ratificação e/ou retificação do que se vê na imagem** e menos como base para a análise documentária (MANINI, 2002, p. 19, grifo nosso).

Portanto, analisar uma imagem não consiste tentar encontrar ao máximo um significado preexistente, mas entender o que a mesma provoca em termos de significações no contexto em que está sendo interpretada, sob o viés pessoal e coletivo.

Tradicionalmente, a indexação e a recuperação de imagens têm se baseado principalmente em indexadores humanos e no uso de sistemas de indexação e recuperação de imagens, os quais podem fazer uso de algum instrumento de controle terminológico

como ferramenta para assegurar a consistência da indexação, recuperação, acesso e uso da informação imagética (MATUSIAK, 2006).

Todavia, concorda-se com Heidorn (1999) quando ressalta que os principais desafios associados à indexação tradicional, consistem na dificuldade em mapear o modelo mental de um usuário, sobre a imagem com o modelo mental do profissional indexador, além da dificuldade de combinar os descritores que os usuários digitam para representar as suas necessidades de informação com os termos cadastrados no sistema, sejam eles provenientes de um vocabulário controlado ou não.

Por isso, a capacidade de lidar com percepções e sensações variadas é algo que deve constar na lista de aptidões almejadas para profissionais dispostos a trabalhar com a indexação de imagens em bancos de imagens ou unidades de informação, considerando o fato de que essa atividade requer saberes, fazeres, atitudes e posturas plurais (OLIVEIRA, 2014, p. 50).

Em síntese, para Gonçalves, Oliveira e Neves (2016), a análise da informação imagética resulta na triangulação entre o **referente**, a **capacidade imaginativa do indivíduo** e a sua **interpretação**. O referente é o objeto focado na imagem, ele é constituído pelo olhar do autor da imagem e evidencia um foco

cujas análises efetuadas por diferentes pessoas serão alvo de diferentes interpretações. Entretanto, destaca-se que a representação simbólica relacionada à imagem e que não se encontra visível, de forma objetiva na mesma, também suscita diversas interpretações inerentes à capacidade imaginativa dos sujeitos enquanto representação mental.

As indicações para a indexação de imagens no âmbito da Ciência da Informação são direcionadas para documentos fotográficos. Essas sugestões salientam que a indexação deve ser realizada com base no que as imagens apresentam, ou seja, os referentes (coisas e objetos do mundo visível). Para tanto, os indexadores necessitam reconhecê-los nas imagens e nomeá-los para fins de representação. Barthes (1984, p. 114-115) explica que

[...] referente fotográfico', não [é] a coisa facultativamente real a que remete uma imagem a um signo, mas a coisa necessariamente real que foi colocada diante da objetiva, sem a qual não haveria fotografia. A pintura pode simular a realidade sem tê-la visto.

Diante disso, Gonçalves, Oliveira e Neves (2016) afirmam que a análise da informação imagética contempla a dimensão expressiva da imagem (cor, forma, textura, etc.), informações denotativas (objetos, eventos, lugares, etc.) e conotativas

(abstração, sentimentos, etc.). Por esse motivo, no processo de análise e interpretação da imagem, cada indivíduo pode construir a sua unidade de sentido e cada sentido é proveniente do contexto cultural, social de percepção.

Portanto, a análise de imagem consiste em uma operação que demanda tempo e que não deve ser efetuada espontaneamente e de maneira aleatória pelo profissional da informação. As metodologias criadas e aplicadas para a realização dessa operação aliadas aos diversos tipos de associações mentais, possibilitam que esse profissional descubra e realize a distinção dos elementos constituintes da imagem e o seu respectivo conteúdo para fins de representação e recuperação.

Rorissa (2010) destaca que, embora as imagens sejam fontes de informação visual com pouco ou nenhum texto associado, os usuários fazem uso principalmente de texto para realizar as buscas em sistemas de indexação e recuperação de imagens.

Diante disso, as palavras-chave/etiquetas se configuram como elementos estratégicos para a descrição do conteúdo desses recursos em sistemas baseados em conceitos (manuais) e baseados em conteúdo (automáticos). Nesse segmento, as imagens consistem em fontes de informação e a atividade de

indexação desses recursos exige a criação de ferramentas, políticas, metodologias e sistemas que incorporem a linguagem dos usuários.

De acordo com Pato e Manini (2013), as novas tecnologias estão transformando as relações sociais e o fazer comunicacional adicionando elementos que expandem linguagens, sentidos e representações. Com a proliferação de imagens e as novas formas de produção, circulação, compartilhamento, armazenamento e recuperação em ambientes digitais, as atividades tradicionais e centralizadas parecem ser insuficientes.

Em linhas gerais, trabalhar com a análise documentária de imagens é, portanto, trabalhar também com a semântica (MANINI, 2002). Dessa forma, aliar as potencialidades da representação colaborativa da informação e da Semântica Discursiva nesse processo torna-se relevante nesta obra, uma vez que a análise da informação imagética consiste em um processo sociocognitivo complexo que envolve processamento de *inputs* sensoriais (sensações, percepções, interpretações) em conceitos por meio de rótulos e identificadores linguísticos socialmente definidos e culturalmente justificados (RASMUSSEN, 1997; HEIDORN, 1999).

Como discutido anteriormente, metodologias empregadas na indexação de recursos textuais não devem ser mecanicamente

aplicadas no universo da indexação de imagens. No intuito de discutir essas questões e apresentar contribuições voltadas especificamente para a análise da informação imagética, as produções científicas da área se referem ao trabalho de Erwin Panofsky (1977), crítico e historiador de arte que criou a teoria da análise iconológica, cujo método busca compreender uma obra através de três níveis de análise, são eles: pré-iconográfico, iconográfico e iconológico.

A primeira etapa desse método é a leitura iconográfica, que diz respeito à análise descritiva, e a segunda etapa é a leitura iconológica diretamente associada à interpretação da obra (PANOFSKY, 2007).

Essa teoria serviu como base para a construção de diferentes metodologias de representação de imagens apresentadas por diversos autores, dentre eles: Shatford (1986), Smit (1996), Manini (2002), Rodrigues (2007), Pato (2015). Essas metodologias são descritas na subseção a seguir.

3.2.1 Métodos e técnicas para a indexação de recursos imagéticos

Objetivando contribuir para as atividades de representação da informação imagética, foram desenvolvidos estudos que propõem formas de identificação de pontos de acesso para a

representação de imagens estáticas. As principais diretrizes e metodologias associadas à representação de imagens são apresentadas em tópicos no decorrer desta subseção.

○ *NÍVEIS DE ANÁLISE DA IMAGEM*

Para fins de descrição da informação iconográfica, surgiram metodologias como a do historiador Erwin Panofsky (1979), o qual estabeleceu três níveis de análise da imagem inicialmente utilizados para análise de pinturas renascentistas, são eles: *Nível pré-iconográfico*, *iconográfico* e *iconológico*.

- *Nível pré-iconográfico*: nível de descrição genérica dos objetos e ações representadas pela imagem;
- *Nível iconográfico*: determinação dos assuntos secundários ou convencionais da imagem mediante a identificação dos significados simbólicos, mítico ou abstrato da imagem, provenientes dos elementos detectados pela análise pré-iconográfica.
- *Nível iconológico*: interpretação do significado intrínseco do conteúdo da imagem por meio das análises realizadas nos níveis anteriores e da inserção de conhecimentos específicos sobre o ambiente cultural, artístico e social no qual a imagem foi criada.

Tendo em vista a amplitude de tais procedimentos, os três níveis propostos por Panofsky (1979) foram e continuam sendo incorporados ao tratamento da informação imagética em geral, objetivando a recuperação desses documentos (SHATFORD, 1986).

Para a indexação de imagens, acredita-se que os níveis mais pertinentes são os pré-iconográfico e o iconográfico, uma vez que eles estão mais próximos do conteúdo representativo desses recursos. Smit (1996, p. 31, grifo da autora) considera que a análise iconológica “pode ser assimilada à elaboração de um modelo ou teoria a ser validada, baseada na análise de imagem, mas cujo objetivo a ultrapassa, uma vez que se encontra **fora** da imagem”.

Portanto, esse último nível de análise visa à elaboração de teorias e acarreta forte carga de subjetividade, pois considera a inclusão de valores ideológicos. Caso seja aplicado, deve respeitar as necessidades e especificidades da comunidade de usuários da unidade de informação que organiza esses recursos.

Em síntese, de acordo com o historiador de arte Gombrich (apud SMIT, 1996), adotar o critério de análise de imagens proposto por Panofsky (1979) significa preocupar-se com a função representativa da imagem em detrimento da função

simbólica das mesmas. Ou seja, esse critério tem como foco a identificação dos elementos e assuntos retratados na imagem.

○ *ASPECTOS GENÉRICOS E ESPECÍFICOS EM IMAGENS*

Considerando os níveis pré-iconográfico e iconográfico apresentados por Panofsky (1979), Shatford (1986, p. 47) infere que “a imagem é, simultaneamente, específica e genérica”. Com base nessa perspectiva, essa autora acrescenta às categorias de Panofsky, dois novos aspectos contribuintes para a análise de imagens, são eles: o **genérico** e o **específico**.

Esses aspectos dizem respeito ao grau de identificação dos elementos presentes na imagem (gerais ou específicos) e possuem relação com qualquer recurso imagético. O ponto de vista específico, a depender do nível de interpretação e de conhecimento prévio do indexador acerca da imagem a ser representada, poderá ou não ser identificado. Nesse último caso, se faz necessário que o indexador realize uma pesquisa sobre a imagem a ser representada tematicamente no intuito de captar informações que auxiliem essa descrição.

Por exemplo, a imagem de uma Universidade pode representar a categoria genérica de Universidade e a categoria

específica, de uma Universidade em particular, por exemplo: Universidade Federal da Paraíba (UFPB), localizada na cidade de João Pessoa.

Seguindo essa linha de raciocínio, deduz-se que as imagens devem ser representadas considerando os níveis pré-iconográfico (**genérico**) e iconográfico (**específico**), tendo em vista que os usuários poderão recuperá-las por meio de qualquer ponto de acesso citado anteriormente. Desse modo, o usuário só pode realizar buscas baseadas naquilo que ele já conhece. Se ele não conhece a UFPB, ele não poderá realizar buscas sob o viés iconográfico (por exemplo: Universidade Federal da Paraíba), mesmo que essa tipologia de busca venha satisfazer as suas necessidades.

Somando a esses dois níveis, Shatford (1986) idealizou dois parâmetros para a identificação do conteúdo de imagens no intuito de complementar tais níveis de análise por meio das expressões “**DE**” e “**SOBRE**” apresentadas nos seguintes questionamentos:

- A imagem é **DE** quê?
- A imagem é **SOBRE** o quê?

As expressões supracitadas ilustram as funções *representativas* “**DE**” e *simbólica* “**SOBRE**” das imagens. Observa-se que

a primeira expressão centra na descrição do objeto focado (o que trata a imagem) e se encontra mais próxima à verdadeira representação desse documento. A segunda expressão, por sua vez, contempla aspectos relativos à interpretação do conteúdo da imagem, viabilizando o encontro de variadas posições subjetivas de leitura.

Desse modo, acredita-se que ao contemplar os dois aspectos supracitados busca-se satisfazer as mais variadas necessidades de acesso e uso de imagens.

○ *ANÁLISE DO CONTEÚDO INFORMACIONAL DE IMAGENS*

No intuito de complementar os níveis pré-iconográfico e iconográfico propostos por Panofsky (1979) e as categorias “DE” Genérico e Específico e “SOBRE” idealizadas por Shatford (1986), Ginete Bléry propôs algumas categorias adicionais para realização da análise de conteúdo de imagens. Essas categorias foram retomadas posteriormente em outros estudos. As classes “**QUEM**”, “**ONDE**”, “**COMO**” e “**O QUE**” foram inicialmente utilizadas como parâmetros para a análise de textos, mas adaptados por Bléry (1979) ao contexto das imagens. Com essa adaptação, as categorias ficaram representadas da seguinte forma:

Quadro 2- Metodologia proposta por Bléry

QUEM	Identificação do “objeto focado”: seres vivos, artefatos, construções, acidentes naturais, etc.
ONDE	Localização da imagem no espaço: espaço geográfico ou espaço da imagem (p. ex.: São Paulo ou interior de danceteria).
QUANDO	Localização da imagem no tempo: tempo cronológico ou momento da imagem (p. ex.: junho de 1997 ou dia de verão).
COMO/OQUE	Descrição de atitudes ou detalhes relacionados ao “objeto focado” quando este é um ser vivo (p. ex.: cavalo correndo, criança trajando roupa do século XVIII)

Fonte: Smit (1996, p. 32).

Conforme é possível visualizar no Quadro 2, a categoria “**COMO**” assume dois significados: 1) reconhecimento do assunto do “objeto focado”; 2) Técnica empregada para a geração da imagem (enquadramento, luminosidade, etc.).

Portanto, percebe-se que essas categorias são basilares para a análise documentária de documentos fotográficos e fornecem informações acerca dos aspectos objetivos e subjetivos relacionados a esses recursos, podendo auxiliar o indexador no processo de representação temática.

Verifica-se que a grade de análise documentária apresentada no Quadro 2 não pode ser vista como uma ferramenta completa, oclusa e inflexível. Alguma categoria pode ser preenchida ou incorporada ou não ao processo de análise,

dependendo da natureza da imagem ou da política de indexação adotada.

Além disso, caso as informações relacionadas à imagem não façam parte do conhecimento prévio do indexador e não estejam apresentadas claramente na fotografia, observa-se a necessidade desse profissional buscar informações adicionais relacionadas ao recurso imagético, objetivando suprir as lacunas informacionais até então não preenchidas por meio das categorias apresentadas anteriormente.

Com base nessa metodologia, novas pesquisas sobre análise documentária de imagens são apresentadas na literatura e nelas são elencadas proposições para a indexação de documentos fotográficos, identificando elementos ainda não enfocados em metodologias anteriores, levando em conta os seus limites de aplicação, como por exemplo, a metodologia que contempla a dimensão expressiva da imagem fotográfica.

○ *A DIMENSÃO EXPRESSIVA DA IMAGEM FOTOGRÁFICA*

No final da década de 1990, Smit (1996, p. 2, grifo nosso) questionou: “porque a bibliografia da área de informação preconiza o tratamento da fotografia exclusivamente pelo que esta **mostra?**”. Objetivando contribuir com um passo em direção à ampliação dos métodos de análise de imagens, a autora cria a ideia da *Dimensão Expressiva da Fotografia*. Nessa proposição, a preocupação consiste em investigar como a fotografia mostra e o que mostra.

Manini (2002) prossegue com as formulações propostas por Smit (1996) e define Dimensão Expressiva como a parte da imagem fotográfica dada pela técnica. Assim, essa autora apresenta o conceito de Dimensão Expressiva, o qual considera como “algo ligado à forma da imagem, que se encontra em justaposição ao seu conteúdo intelectual”, ou seja, a maneira (aparência física) pela qual o conteúdo da fotografia foi apresentado (MANINI, 2002, p. 87).

Para essa autora, as informações referentes à Dimensão Expressiva da Imagem podem ser coletadas por meio da observação do posicionamento da câmera, dos elementos que compõem a fotografia e do enquadramento dessa imagem.

Desse modo, acredita-se que a representação da imagem fotográfica não pode ser pautada unicamente em seu conteúdo informacional, ou seja, na identificação do que foi fotografado. A forma que esse “objeto” foi retratado na fotografia também pode influenciar na real compreensão do seu significado e, conseqüentemente, na sua busca e recuperação para fins de satisfação da necessidade de um usuário.

Em síntese, além de considerar a Dimensão Expressiva da Fotografia, Manini (2002) recomenda que, ao indexar esses recursos, os profissionais considerem os elementos propostos por Bléry e Shatford, conforme pode ser visualizado no Quadro 3.

Quadro 3 – Grade de Análise Documentária de Imagens Fotográficas

	CONTEÚDO INFORMACIONAL		DIMENSÃO EXPRESSIVA
	DE	SOBRE	
CATEGORIAS	Genérico	Específico	
Quem/ O que			
Onde			
Quando			
Como			

Fonte: Manini (2002, p. 105).

Com base na proposição apresentada, observa-se que todos os elementos associados à fotografia, ou que constituem

esse recurso, servem como auxílio para a realização da sua indexação.

Manini (2002, p. 117) explica a sua proposta de incrementar os questionamentos a serem feitos para a análise documentária de fotografias:

Se, para respondermos quem, o que, quando, onde e como com relação àquilo DE que uma fotografia trata genericamente realizamos uma descrição da imagem; e se, para responder quem, o que, quando, onde e como com relação àquilo DE que uma fotografia trata especificamente fazemos uma análise de imagem; então, para responder SOBRE o que é uma fotografia fazemos uma análise de seu significado; e para responder como a imagem é expressa sua informação fazemos perguntas mais relacionadas à técnica de produção da fotografia.

Verifica-se, portanto, que a metodologia apresentada por Manini (2002) considera as categorias e os aspectos já propostos por autores, entretanto contribui com um olhar complementar com base na Dimensão Expressiva da imagem fotográfica. Ademais, essa metodologia visa auxiliar no fornecimento de informações descritivas complementares (relacionadas à fotografia) para fins de análise documentária desses recursos.

○ ANÁLISE E TEMATIZAÇÃO DA IMAGEM FOTOGRÁFICA

Rodrigues (2007), por sua vez, propõe uma metodologia que inclui a análise descritiva, a análise interpretativa, delimitação e direcionamentos discursivos temáticos de imagens fotográficas por meio de um procedimento denominado de **Tematização**.

Na concepção desse autor, a Tematização diz respeito “[...] a capacidade de criar discursos usando formatos predefinidos, que seriam delineados através do conteúdo proposital ou recuperado pelo sistema” (RODRIGUES, 2007, p. 67).

Seguindo essa linha de raciocínio, a Tematização da imagem fotográfica consiste em uma técnica que precede a atividade de indexação e objetiva a determinação de assuntos associados às fotografias em função das características do banco de imagem ou do contexto onde esses recursos estão armazenados; e em razão do conjunto de fotografias que apresentam algum tipo de abordagem em comum.

Para entender como funciona a técnica de tematização, o autor explica sobre os campos *conotativos* e *denotativos* das fotografias, uma vez que as imagens apresentam diversos temas e significados que podem estar associados a esses campos.

Segundo esse autor, os campos *denotativos* (descritivos) dizem respeito àquilo que a fotografia representa em seu sentido real, ou seja, com “certa precisão”. Já os campos *conotativos* (interpretativos) referem-se ao que é possível interpretar na fotografia por meio de um sentido figurado e simbólico. Esses últimos campos (*os conotativos*), por sua vez, dividem-se em:

- 1) *Conotativos concretos*: diz respeito ao que está visível na fotografia;
- 2) *Conotativos abstratos*: associados às sensações, sentimentos evocados ao analisar a fotografia.

Dando importância a esses vieses de análise da imagem fotográfica, o autor infere que a tematização se encontra relacionada mais diretamente aos campos conotativos, mesmo que em alguns casos essa técnica possa ser empregada também no âmbito denotativo (descritivo).

Portanto, de acordo com Rodrigues (2007) tematizar uma fotografia significa contextualizar a *priori* seus sentidos conotativos permitindo o seu uso em diversas temáticas e matérias, para diferentes interpretações e finalidades, direcionando e delineando a abrangência de seu discurso temático.

Nesse limiar, são apresentados diferentes níveis de análise com base em um conjunto de perguntas, denominado de “pontos

de informação”, no intuito de corroborar para o aprofundamento da análise de fotografias. Partindo dessa proposição, uma imagem fotográfica pode ser representada por meio de diferentes termos, considerando o contexto em que está inserida. Os “pontos de informação” idealizados pelo autor são apresentados com as suas respectivas descrições no Quadro 4.

Quadro 4 – Pontos de Informação para análise de Fotografias

“PONTOS DE INFORMAÇÃO”	DESCRIÇÃO
<i>Visão geral da foto</i>	Informações (escritas ou não) contidas na foto que possam auxiliar nos demais pontos de informação.
<i>Quem?</i>	Seres vivos vistos na foto (pessoas, animais e plantas em geral)
<i>O que existe? (objetos inanimados)</i>	Objetos inanimados (principais e secundários) existentes na foto
<i>O que existe? (construções/edificações e acidentes naturais)</i>	Indica os acidentes naturais (rios, lagos, mares, florestas, montanhas, planícies, vulcões, etc.) e as construções/edificações (edifícios, estradas, monumentos, pontes, viadutos, estações, aeroportos, etc.).
<i>Onde? (local)</i>	Indica o local onde a foto foi feita (cidade, região, país, continente, etc.).
<i>Onde? (ambiente)</i>	Ambiente onde a foto foi feita (interior de uma casa, bar, restaurante, etc.).
<i>Quando? (tempo)</i>	Indica a data (cronologia), período (estação do ano, trimestre, semestre), horário (manhã, tarde, noite, madrugada).
<i>O quê (ação e/ou estado estático)</i>	Indica ações que estão sendo feitas na foto (por exemplo: pessoas trabalhando, animais pastando) e/ou estado estático de pessoas, animais e objetos (por exemplo: animal dormindo, carro estacionado).
<i>O quê (significado)</i>	Indica se a ação da foto tem algum significado ou simbologia e se representa algum fato histórico/documental. Por exemplo: A foto de um presidente assinando o termo de posse.
<i>Como? (técnica para se fazer uma ação)</i>	Indica “como” determinada ação está sendo realizada.

Fonte: Elaboração própria com base em Rodrigues (2007).

Adicionalmente, o autor dessa proposição apresenta o resumo do fluxo das atividades relacionadas à tematização e à determinação dos discursos em fotografias. Esse fluxo é ilustrado no Quadro 5.

Quadro 5– Atividades relacionadas à Tematização e à determinação de discursos

1 - FLUXO DAS ATIVIDADES RELACIONADAS À TEMATIZAÇÃO E À DETERMINAÇÃO DE DISCURSOS	
Conhecimentos antecipados necessários	- características do banco de imagens; - funções que a foto deve desempenhar no banco de imagens.
1 ANÁLISE DESCRITIVA*	*neste momento ocorre a primeira verificação das qualidades técnicas e visuais que permitirão o processo de seleção/aquisição da fotografia.
1.1 Segrega a foto	Segrega (divide) a foto por unidades ou referentes, verificando os sentidos denotativos. A foto passa a ser DE uma ou mais coisas.
1.2 Escolhe os referentes	De acordo com as características do banco de imagens e conforme as funções que a foto deve desempenhar dentro do banco.
2 ANÁLISE INTERPRETATIVA	Verifica SOBRE o que é a foto, seus sentidos conotativos concretos e abstratos. É feita sobre a foto como um todo e sobre cada referente escolhido.
3 TEMATIZAÇÃO E DETERMINAÇÃO DOS DISCURSOS	Delimita e direciona os discursos tematizados (os SOBRES determinados na análise interpretativa) conforme as características do banco de imagens e as funções da fotografia. Verifica se as qualidades técnicas e visuais, e as expressões relacionadas ao Quem?, dos “pontos de informação”, estão de acordo com os discursos pretendidos para a foto.
4 ENCAMINHA DISCURSOS E TEMATIZAÇÃO PARA A INDEXAÇÃO	A indexação irá registrar em linguagem artificial os termos para recuperação dos discursos tematizados.

Fonte: Rodrigues (2007, p. 251).

Com isso, verifica-se que a metodologia proposta por esse autor, além de incluir os “pontos de informação” e os sentidos conotativos e denotativos das fotografias, contempla as características do banco de imagens e as funções que a fotografia deve desempenhar nesse contexto. Portanto, o autor considera que esses fatores são imprescindíveis para a identificação do assunto.

○ *INDEXAÇÃO DE IMAGENS POR MEIO DE SIGNOS SEMIÓTICOS*

Pato (2015), por sua vez, busca compreender o funcionamento dos signos semióticos e como esses signos podem ser utilizados para indexar e organizar a informação presente nas imagens estáticas. A partir disso, esse autor propõe o uso de três principais signos semióticos: o ícone, o índice e o símbolo, na atividade de análise e indexação de imagens e estabelece procedimentos de leitura que servem como base para a criação de sistemas de indexação e organização de imagens.

A proposta de Pato (2015) foi criada no intuito de superar a mera descrição nas atividades de indexação e evidenciar as possibilidades informativas e comunicativas dos recursos imagéticos. Para exemplificar a aplicação dos três signos

semióticos, esse autor apresenta um quadro com a fotografia do ex-presidente venezuelano Hugo Chávez e com a categorização das descrições apresentadas pelos sujeitos de sua pesquisa:

Quadro 6 - Esquema simplificado de relações entre os signos

	<p>ÍCONE Representa o objeto por similaridade.</p> <p>A – Hugo Chávez B – Terno, camisa e gravata C – Microfone D – Orelhas do Mickey E – Vermelho F – <i>Botton, pin</i> ...</p>	<p>ÍNDICE Liga-se ao objeto por decorrência.</p> <p>G – Coçar cabeça (logo...) indecisão, confusão... H – Olhar pensativo (logo...) preocupação, indecisão... I – Círculos negros (logo...) orelhas do Mickey (logo...) Mickey. J – Gesto típico do Pateta (logo...) indecisão, confusão...</p>	<p>SÍMBOLO Representa o objeto por convenção.</p> <p>K – Chávez = antiamericanismo L – Mickey Mouse = EUA, imperialismo, Disney... M – Pateta (figura “ausente”) = indeciso, confuso, atrapalhado... N – Vermelho = Socialismo bolivariano, Chavismo...</p>
<p>Figuras sugeridas</p>			
<p>SEMIOSE = A+B+C+D+E+F+G+H+I+J+K+L+M+N...</p>			

Fonte: Pato (2015, p. 225).

O autor ressalta que podem ocorrer outras relações e interpretações além daquelas evidenciadas no Quadro 6, uma vez que os signos apresentam característica de inflexibilidade e podem apresentar diversas posições conforme o contexto. Com isso, a noção de referente fotográfico é desconstruída, pois acredita-se que a “realidade” fotográfica é produto de uma

construção social. Portanto, a fotografia não reflete necessária e fielmente o mundo visível.

Com base na metodologia proposta e considerando as análises dos sujeitos de sua pesquisa, Pato (2015) apresenta as imagens que fizeram parte do seu estudo e os resultados das interpretações desses informantes. Um exemplo é ilustrado no Quadro 7 a seguir.

Quadro 7 – Respostas individuais por imagem

		IMAGEM 2		
Pesquisado	Ícone	Índice	Símbolo	Assunto
1	Meninas; Branca; Cigarro; Mãos na cintura.	Fumando; Solitária; Triste.	Descuido; Infância perdida; Abandono.	Problemas infantis
2	Crianças	Dificuldades	Cigarro	Criança fumando cigarro
3	Três crianças	Uma menina fumando	Perda da infância	-
4	Crianças, Cigarro, Brincadeira, Perna de pau, Campo.	Criança brincando de imitar adultos	Criança com cigarro apagado	Criança aparentando fumar, Brincando de fumar, Criança imitando adultos.
5	Menina loura com cigarro; Menina pequena com vestido; Criança com cavalo-de-pau; Vestido branco;	Crianças pobres; Crianças brincando;	Meninas; Menino; Irmãs; Amizade infantil;	Crianças marginalizadas
6	Duas crianças, Rua.	Duas crianças, Rua.	Crianças, Abandonadas, Perdidas, Rua	Crianças abandonadas na rua
7	Duas meninas, Branca, Loira, Fumante, cigarro.	Meninas em situação de risco	Crianças	Criança fumando

Fonte: Pato (2015, p. 296).

Analisando tais resultados, o autor reflete que a indexação colaborativa se configura como um instrumento emergente que pode contribuir para a tarefa de análise e organização da crescente quantidade de imagens em circulação, uma vez que os desvios de interpretações são minimizados quando essa prática é considerada – possibilitando a correção de distorções e falhas na aplicação de etiquetas.

Em linhas gerais, verifica-se que os tradicionais métodos e técnicas de análise de imagens apresentadas pautam-se, principalmente, na análise descritiva de fotografias em diferentes níveis de detalhamento, não contemplando elementos intrínsecos de imagens específicas como as xilogravuras, por exemplo.

Essas proposições buscam estabelecer diretrizes ou técnicas de identificação do objeto mediante as características referenciais e dos elementos visíveis em fotografias. Assim, a aplicação dos níveis aprofundamento de tais descrições deve levar em consideração a política adotada para a realização da indexação de fotografias.

As metodologias e instrumentos criados para a indexação de imagens aliados aos diversos tipos de associações mentais, possibilitam que o indexador tente descobrir e realizar a distinção dos elementos constituintes desses recursos e os seus respectivos

conteúdos para fins de representação e recuperação. Embora, seja possível inferir que existem também desafios inerentes à ambiguidade da linguagem e às limitações da indexação, além do fato de que a atividade de análise de imagens depende da capacidade imaginativa, da cognição, memória, interpretação e percepção do mundo de cada sujeito.

Observa-se ainda que a maioria das metodologias e técnicas até então propostas, embora reconheçam que os recursos imagéticos viabilizam percepções e interpretações plurais, não consideram o potencial das novas possibilidades de representação colaborativa da informação. Elas são provenientes das transformações tecnológicas e corroboram para a execução dessa atividade, levando em consideração aspectos éticos e culturais.

Com o advento de sistemas que facilitam a participação ativa dos usuários nas atividades de organização, representação e compartilhamento de imagens digitais, os estudiosos começaram a investigar a natureza da Folksonomia e as suas implicações positivas e negativas para a representação colaborativa e acesso de materiais visuais em sistemas, tendo em vista o limite dos computadores no que concerne ao reconhecimento de recursos imagéticos para fins de atribuição de metadados significativos.

A importância do acesso ao conteúdo das imagens em coleções digitais está associada a propósitos pessoais, institucionais, comerciais, acadêmicos e sociais - o que sinaliza a necessidade de diálogos plurais entre sujeitos, informação e ambientes. Para tanto, faz-se necessária a construção de metodologias que proporcionem maior envolvimento dos usuários no processo de indexação mediante proposições que levem em conta a Folksonomia e a representação colaborativa de imagens, elementos a serem discutidos a seguir.

3.2.2 Folksonomia e Representação colaborativa de imagens

No contexto da *Web*, a Folksonomia se apresenta na nova interface entre usuários e informação em rede através de ações colaborativas na organização e representação de itens informacionais. De acordo com Amstel (2007) a Folksonomia faz parte de uma terminologia cunhada por Thomas Vander Wal em 2004 com a junção das palavras “*Folk*” (do germânico: “povo”, “grupo de pessoas”) e “*taxonomy*” (do grego: “ciência ou técnica de classificação”). Nessa linha de discussão, Wal (2005), criador dessa terminologia, enfatiza que a Folksonomia consiste no resultado da ação de etiquetagem livre (representação, atribuição

de termos) realizada pelos usuários em objetos digitais disponíveis na *Web*.

O interesse pelas pesquisas que contemplam a Folksonomia despontou em escolas de informação por meio do ensino e pesquisa com ênfase tecnológica, principalmente em institutos e faculdades de Ciência da Informação alemães e norte-americanos.

Devido à incipiência do tema, Corrêa e Santos (2018) identificaram que não há um consenso conceitual e terminológico acerca da Folksonomia nas produções científicas. Em alguns momentos ela é considerada como um fenômeno; um sistema; uma classificação; um vocabulário; um método ou até mesmo um resultado de um processo. Além disso, é notável o emprego do termo tanto no singular ("Folksonomia") como no plural ("Folksonomias"), bem como a utilização dos sinônimos "classificação social", "classificação popular", "etiquetagem colaborativa", "indexação social", "representação colaborativa da informação" para fazer referência a esse termo.

Adicionalmente, na pesquisa desses autores sobre a análise e a síntese das definições de Folksonomia, a mesma é conceituada como:

O resultado do processo de etiquetagem livre (atribuição de etiquetas, palavras-chave) realizada pelos usuários mediante o emprego de tags provenientes de linguagem natural - dispensando o uso de vocabulários controlados- em ambientes digitais colaborativos visando descrever recursos informacionais compartilhados de qualquer formato (textos, imagens, áudio, vídeo etc.) para fins de sua representação e recuperação (CORRÊA; SANTOS, 2018, p. 29).

Tendo em vista a variação terminológica apontada, nesta pesquisa utiliza-se o termo Folksonomia, o qual está associado a uma nova abordagem para a representação e organização de conteúdos em diversos formatos na *web*, onde os usuários criam as suas próprias *tags*³ por meio do uso da linguagem natural em ambientes colaborativos.

É importante ressaltar que, como visualizado anteriormente, a operação de indexação envolve as etapas de análise conceitual e tradução. Essas etapas devem ser associadas a uma política de indexação de materiais informacionais, sejam eles imagéticos ou não. Seguindo essa linha de raciocínio, o processo de etiquetagem propriamente dito não se constitui como uma indexação no sentido pleno do conceito apontado tradicionalmente na Biblioteconomia e na Ciência da Informação.

³ Em português significa “etiqueta”, “identificação”. “Taggear” é identificar, etiquetar algo (SANTOS, 2016).

Esse processo supera os paradigmas de indexação e diz respeito a uma atividade de atribuição de etiquetas livres resultantes de nomeações e consultas que se situam no espaço das palavras-chave, podendo descrever os documentos, representar o recurso em si ou aspectos subjetivos relacionados a ele.

De acordo com Enser (2008) e Rorissa (2010), a Folksonomia trouxe uma nova dimensão para a representação do conteúdo de imagens em ambientes digitais, pois possibilita que os usuários finais criem, organizem, representem e pesquisem esses recursos mediante atividades colaborativas. Assim, em ambientes digitais colaborativos, a Folksonomia integra três elementos: o **item informacional**, os(as) **usuários(as)** e as **etiquetas** (PETERS, 2009; MOURA, 2009).

Peters (2009) destaca três tipos de Folksonomia que se diferenciam pelo tipo de permissão adotada no processo de atribuição de etiquetas: **geral** (*broad*), **estendida específica** (*extended narrow*) e **específica** (*narrow*).

A primeira viabiliza a atribuição de múltiplas *tags* para representar um item informacional, seja pelo autor do recurso ou por outros usuários que fazem parte do sistema colaborativo. A segunda, por sua vez, permite que o proprietário do objeto informacional (autor), especifique outros usuários (por exemplo,

amigos) e conceda a permissão dos mesmos adicionarem uma *tag*, assim cada usuário só pode atribuir uma etiqueta para representar cada conteúdo. Já na Folksonomia específica ou reduzida apenas o autor do recurso informacional pode atribuir etiquetas no intuito de representá-lo.

Percebe-se, portanto, que as regras de permissão para a atribuição de etiquetas, as características das *tags* e os perfis de atores envolvidos no processo são alterados de acordo com o modelo colaborativo de indexação criado e implementado no sistema.

Modelos colaborativos de indexação são modelos que delineiam atividades colaborativas de indexação a serem executadas pelos usuários - como estratégias de descrição dos conteúdos dos recursos em um sistema - e servem de referência para o desenvolvimento de sistemas colaborativos de indexação, podendo ser adaptados ou aperfeiçoados em diversos contextos (SANTOS; CORRÊA, 2019).

Esses modelos, por sua vez, devem ser elaborados de acordo com: os objetivos pretendidos; o domínio de aplicação; as ferramentas oferecidas pelo sistema; a tipologia dos itens informacionais a serem tratados; o perfil dos usuários; as necessidades dos usuários; a caracterização das *tags*; regras de

etiquetagem; suporte para a etiquetagem; conectividade dos recursos informacionais, por exemplo.

No que concerne aos documentos imagéticos, Kipp (2006) identifica três grupos de atores ou usuários capazes de representar imagens em cenários colaborativos: autores ou proprietários dos recursos, indexadores profissionais e usuários. Provavelmente, todos esses sujeitos podem empregar formas diferentes de indexação de imagens e, simultaneamente, apresentar as diferentes características e perspectivas que podem contribuir nessa operação.

Nesse limiar, concorda-se com Guedes, Moura e Dias (2011, p. 53, grifo dos autores) quando enfatizam que “as *tags* de uma Folksonomia revelam marcas da subjetividade. Apesar da etiquetagem acontecer em um ambiente coletivo, a atribuição de significado a uma *tag* é historicamente individual e única”.

Para identificar a eficácia da Folksonomia na representação colaborativa de imagens, se faz necessário definir o que a indexação de imagens propriamente dita deve realizar.

É nesse limiar que Shatford Layne (1994) identifica dois objetivos gerais da indexação de imagens: 1) fornecer acesso a recursos imagéticos com base nos atributos dos mesmos; 2) fornecer acesso aos agrupamentos (coleções) de imagens.

Todavia, percebe-se que tais objetivos tornam-se mais críticos em ambientes digitais, onde os usuários representam, organizam e acessam imagens sem assistência de profissionais da informação na execução de tais atividades.

Santos (2016) afirma que o alto grau de liberdade para a categorização dos recursos informacionais em sistemas colaborativos acentua a descentralização no processo de representação da informação, tendo em vista que quem classifica o conteúdo são as próprias pessoas interessadas nele, com diversos graus de subjetividade e envolvimento tanto de conhecimento, quanto por experiência ou sentimento. Portanto, essa prática pode implicar em resultados positivos e negativos no que concerne à representação e recuperação de imagens em ambientes digitais.

Entendendo isso, a seguir são apontadas algumas vantagens da Folksonomia identificadas na literatura nacional e internacional:

- Possibilita a inserção de múltiplas percepções dos usuários acerca da imagem (PETERS; STOCK, 2007);

- Representa uma maneira de envolver os usuários, criar comunidades e coleções de imagens no intuito de gerar um custo relativamente baixo (WILLEY, 2011);
- Fornece aos *designers* dos sistemas de indexação de imagens a oportunidade para a construção e atualização de linguagens documentárias com base na linguagem dos usuários (RORISSA, 2010);
- Possibilita a recuperação de conteúdos semelhantes por meio de conexões criadas pelas *tags* (MATHES, 2004);
- Consiste em um método barato de indexação; única maneira de indexar imagens em massa na *web* (PETERS; STOCK, 2007);
- *Taggers* (usuários que etiquetam) representam uma variedade de comunidades com diferentes níveis de especialização necessária para fornecer uma descrição da imagem (JÖRGENSEN; STVILIA; WU, 2014);
- Auxilia no fornecimento de detalhes nas descrições de imagens sobre nomes de lugares, fenômenos, etc. por meio de informações que não são facilmente encontradas em outros lugares (WINGET, 2011);

- Pode ser usada como ferramenta complementar para a indexação tradicional e a catalogação de imagens (WILLEY, 2011);
- Pode permitir que usuários atribuam metadados, visualizem quais foram as imagens que os outros usuários atribuíram os mesmos descritores e modifique ou adicione imediatamente outras *tags* para esclarecer o conteúdo ou categoria de sua imagem (WILLEY, 2011);
- Viabiliza espalhar os resultados da etiquetagem para vários usuários, para que todos possam se beneficiar de *tags* geradas por outras pessoas, em vez de para gerar suas próprias *tags* exclusivas (GUY; TONKIN, 2006);
- As *tags* são mais fáceis de serem inseridas em relação à seleção de categorias de uma ontologia para a indexação (RATTENBURY; GOODD; NAAMAN, 2007);
- Permite maior flexibilidade e variação nas representações e pode ser atualizada para refletir as propriedades emergentes dos dados (RATTENBURY, GOODD; NAAMAN, 2007);
- Comparado aos termos atribuídos com a ajuda de vocabulários controlados, as *tags* são diversas, específicas, atuais e populares (WETTERSTROM, 2008);

- Os metadados atribuídos pelos usuários podem compensar algumas dificuldades associadas às linguagens documentárias para descrever as coleções de imagens, dentre as quais: a necessidade de manutenção e revisão constante do vocabulário; mudanças no conhecimento de domínio, cultura, atividade, sistemas, tecnologia, terminologia e expectativas do usuário (PIKER, 2008).

Em analogia às reflexões expostas até então, observa-se o recente interesse em metadados criados socialmente como recursos potencialmente complementares para a indexação de imagens em relação às ferramentas tradicionais de representação da informação. As questões permanecem sobre a qualidade e o valor de reutilização desses metadados (JÖRGENSEN; STVILIA; WU, 2014). Em posição complementar, Vignoli, Almeida e Catarino (2014, p. 132, grifo das autoras) apontam que

[...] as *tags* resultantes da folksonomia podem ser utilizadas para que os profissionais da informação tenham mais proximidade com os termos e palavras que uma determinada comunidade adota em sua organização virtual de conteúdos. Ademais, pressupõe-se que a folksonomia pode ser utilizada como ferramenta auxiliar na elaboração de novos termos tratados pelo profissional da informação e que poderão compor um vocabulário controlado.

Por outro lado, tendo em vista a existência da participação colaborativa dos usuários na descrição dos recursos imagéticos sem o auxílio de instrumentos de controle terminológico e do apoio de profissionais da informação, é possível identificar algumas implicações negativas da Folksonomia no processo de representação e recuperação de recursos imagéticos, são elas:

- Inexistência de relações paradigmáticas entre as etiquetas (relações de conceitos em vocabulários, por ex. hiponímia⁴ e hiperonímia⁵) para fins de recuperação do conteúdo imagético. Lista não estruturada de termos (PETERS; STOCK, 2007);
- Presença de erros ortográficos e de digitação, etiquetas em diferentes idiomas, **conflação de *ofness*** (representação dos elementos concretos, pessoas, objetos, etc., que compõem uma imagem) e ***aboutness*** (representação de elementos que denotam a semântica abstrata da imagem). Esses elementos tornam a recuperação inconsistente (PETERS; STOCK, 2007);

⁴ Relação existente entre uma palavra de sentido mais específico e outra de sentido mais genérico, que têm com a primeira traços semânticos comuns (p.ex., *mamífero* está numa relação de hiponímia com *animal*).

⁵ Relação estabelecida entre um vocábulo de sentido mais genérico e outro de sentido mais específico (p.ex., *animal* está numa relação de hiperonímia com *leão*, *gato* etc).

- Presença de *tags* ambíguas, excessivamente personalizadas e inexatas (GUY; TONKIN, 2006);
- Ausência de padronização em relação aos substantivos com flexões de número (singular e plural), existência de polissemia (palavras com mais de um significado), emprego de sinonímia (palavras distintas que possuem o mesmo significado), profundidade/especificidade da descrição (NORUZI, 2007);
- Presença de *tags* que precisam de "processamento linguístico, sintático e semântico" (CHEN; LIU; QIN, 2008, p. 117).

Dialogando com o que foi apresentado, observa-se que a representação colaborativa de imagens não deve ser vista como alternativa ou método de substituição da indexação tradicional realizada em bancos de dados imagéticos. Embora ambas as atividades suscitem implicações positivas e negativas, acredita-se que elas são eficazes quando são utilizadas em conjunto.

Suplementarmente, Weller (2007) acrescenta que a Folksonomia é composta de metadados criados pelos usuários em linguagem natural e não objetiva substituir os vocabulários controlados. Todavia, ela pode ser vista como um complemento

para aqueles sistemas que desejam melhorar o seu processo de organização e representação da informação imagética aproveitando a participação dos usuários, promovendo uma indexação orientada para os mesmos em coleções digitais.

Quando os usuários atribuem *tags* para materiais visuais em serviços populares de compartilhamento de fotos e vídeos, como o *Flickr*⁶ e *YouTube*⁷, “desafia a supremacia do assunto autoral criado pelo profissional indexador, ao mesmo tempo em que introduz oportunidades para a melhoria da exaustividade e da especificidade da indexação de assuntos” (ENSER, 2008, p. 534)

Na concepção de Willey (2011) o policiamento mais eficiente em sistemas que possibilitam a indexação colaborativa de recursos imagéticos seria por meio da exigência para os usuários criarem o seu *login* e conta na biblioteca ou do banco de imagens; e mediante o fornecimento de um método para notificar a equipe de profissionais o que esses usuários consideram como termos inadequados e que devem ser removidos.

⁶ Plataforma disponível na *Web* que possibilita cadastro e compartilhamento de imagens (como fotografias, desenhos e ilustrações), além de viabilizar novas possibilidades de organizar tais recursos por meio da Folksonomia.

⁷ Plataforma disponível na *Web* que possibilita o compartilhamento e a organização de vídeos mediante ações colaborativas.

Além disso, considerando que o significado de um recurso imagético pode ser influenciado pelo uso e usuário pretendido, faz-se necessário considerar a área de estudo, nível educacional ou consciência cultural, social e histórica dos sujeitos (EVANS; SHABAJEE, 2002).

Em posição complementar, Guy e Tonkin (2006) sugerem a criação de regras e padrões para a atribuição de *tags*, criando sistemas de pesquisa que auxiliem os usuários no processo de atribuição ou seleção de etiquetas apropriadas por meio das seguintes funcionalidades: verificação de ortografia ou sugestões de *tags*; permissão para a visualização de metadados cadastrados; possibilidade de os usuários explicarem as razões para empregar as *tags* cadastradas ou selecionadas por eles.

Com vistas a minimizar as implicações negativas inerentes à subjetividade dos sujeitos no processo de representação de objetos informacionais em ambientes digitais colaborativos, autores como Santarém Segundo (2010), Silva (2013) e Yoo *et al.* (2013) apresentam estratégias para auxiliar os usuários na seleção, atribuição e tratamento de *tags* nesses ambientes.

Santarém Segundo (2010) propõe a Folksonomia Assistida cujo objetivo é auxiliar o usuário no momento de definir as etiquetas mais adequadas para representar o conteúdo do objeto

informacional a ser depositado em um repositório digital – a partir de *tags* atribuídas pelo próprio usuário ou mediante a seleção dos descritores já disponibilizados no sistema.

A Folksonomia assistida consiste em uma proposta ancorada na assistência aos usuários e máquinas para a produção significativa de metadados semânticos em ambientes digitais. Na oportunidade, são apresentadas diretrizes para auxiliá-los no processo de identificação, atribuição e seleção de descritores para a representação e recuperação de materiais informacionais, visando evitar problemas de ambiguidade terminológica, flexões de números, bem como o uso de etiquetas que dificultam a recuperação da informação. De modo complementar, a Folksonomia Assistida também se mostra como uma alternativa viável para auxiliar o profissional da informação no processo de indexação em ambientes digitais, bem como na construção e atualização de instrumentos de controle terminológico.

Complementarmente, Silva (2013) sugere uma estratégia complementar no processo de atribuição de *tags*, em que os usuários podem selecionar termos provenientes de uma taxonomia facetada. De acordo com Santos (2016), a taxonomia facetada consiste em um conjunto de facetas com conceitos distribuídos de forma hierárquica. Funciona como um mecanismo

de navegação que permite auxiliar o usuário a explorar e recuperar todo o conteúdo informacional disponibilizado em um ambiente mediante a organização dos conceitos apresentados.

Adicionalmente, Yoo *et al.* (2013) sugerem um modelo colaborativo de indexação em que as *tags* atribuídas ou buscadas pelos usuários para representar ou recuperar os recursos no sistema devem denotar as respectivas categorias em que elas pertencem, sendo denominadas de “*tags categorizadas*”; podendo ser vinculadas ao *WordNet* (banco de dados lexical que pode ser visto como uma combinação entre um dicionário e um tesouro) para que o usuário consiga identificar o seu significado.

Os modelos colaborativos e as ideias apresentadas pelos autores supracitados são pautados em documentos textuais e não objetivam engessar a criatividade dos usuários no processo de atribuição de *tags* para a representação dos itens informacionais. Eles visam apresentar alternativas para orientar ou moderar o nível de liberdade dos usuários no domínio em que os sistemas estão inseridos, contribuindo para o processo de representação e recuperação da informação. A análise e discussão dessas propostas podem ser vistas detalhadamente na pesquisa de Santos (2016).

Existem maneiras de melhorar a consistência de uma Folksonomia, embora o equilíbrio entre as regras que os usuários seguirão e o incentivo a criar conteúdo exclusivo é tênue (WILLEY, 2011). Para tanto, a adoção de monitoramento de *tags* inapropriadas pode ser um meio valioso para fins de estabelecimento de uma parceria mutuamente benéfica entre profissionais da informação e usuários de acervos com documentos imagéticos.

Essa prática de monitoramento de *tags* inapropriadas torna-se imprescincível em ambientes digitais, sobretudo no hodierno contexto informacional, em que há alta incidência de chatbots- ferramentas de inteligência artificial criadas com objetivo de simular um perfil de usuário, humano, nas interações realizadas via mídias sociais e sistemas de informação. Na era da pós-verdade esses chatbots podem ser programados para atribuírem *tags* que propagam a rápida popularização de *fake news*⁸ na rede.

Nesse limiar, Trant (2006) destaca que a proliferação de serviços e sistemas colaborativos de indexação de imagens apresenta uma oportunidade ideal para pesquisadores e

⁸ Em português, “notícias falsas”. Distribuição deliberada de desinformação via canais de comunicação (jornais, rádio, etc.) e mídias sociais (*Facebook, Twitter, Instagram*).

profissionais da informação tentarem resolver o problema de representação desses recursos, integrando os usuários no processo de representação do conteúdo de imagens (de maneira moderada) e nos projetos de construção de ferramentas de indexação.

Seguindo essa linha de raciocínio, Matusiak (2006, p.286) reflete que as "técnicas tradicionais de indexação são dispendiosas e trabalhosas e até mesmo os profissionais não têm certeza se eles fornecem a única ou melhor maneira para atender às necessidades dos usuários".

A Biblioteca do Congresso Americano (*Library of Congress*) criou uma coleção de fotografias históricas da vida americana e disponibilizou no *Flickr* por meio de um projeto denominado "*The Commons*". Com isso, as fotografias podem ser etiquetadas e comentadas por usuários da plataforma.

O Museu de Arte de Filadélfia (*Philadelphia Museum of Art*) também incluiu em seu *site*⁹ uma aba em que as imagens digitais podem ser representadas por qualquer usuário da *Web*. Projetos como esses podem representar um novo passo para a utilização da Folksonomia na representação colaborativa de imagens e para o compartilhamento de imagens em ambientes digitais, um

Disponível em: <https://www.philamuseum.org/>. Acesso em: 15 jun. 2020.

contexto de exploração para os pesquisadores e profissionais da informação.

Concordar-se com Oliveira (2014) quando destaca que no campo da informação, ainda existem grandes dificuldades para lidar com a informação em imagens, pois o seu gerenciamento requer mudanças de práticas, construção de competências e habilidades específicas para fins de compreensão e aplicação adequada de metodologias para a gestão dos sentidos atribuídos a esses recursos, exigindo um exercício constante de percepções plurais.

Critérios de análise da informação imagética, políticas de indexação e metodologias para a execução dessa atividade são fatores importantes para construir um trabalho colaborativo eficiente em bancos de imagens e sistemas de recuperação da informação, considerando a especificidade das imagens a serem trabalhadas nesse contexto.

Com o passar dos anos, informações importantes que residem em indivíduos e culturas estão sendo irremissivelmente perdidas, elas podem ser capturadas se os sistemas forem abertos e possibilitem as contribuições e colaborações dos usuários (JÖRGENSEN, 2004). Isso se dá pelo fato de que, nas palavras de Campbell (2006), a representação colaborativa de imagens

possibilita o compartilhamento de “intersubjetividades” entre sujeitos de um dado domínio. Ela também suscita múltiplas interpretações, opiniões e visões multiculturais do mesmo recurso (PETERSON, 2006).

Para a presente pesquisa são analisados e categorizados os enfoques de estudos da Ciência da Informação sobre indexação colaborativa de imagens, no intuito de identificar o que vem sendo estudado pelos pesquisadores em âmbito nacional e internacional e demonstrar o *status* da pesquisa sobre essa temática. Na oportunidade, também são evidenciados os enfoques dessas pesquisas, levando em conta os seus objetivos e as suas contribuições.

Para a realização da análise foi delimitado o domínio da Ciência da Informação, bem como foram selecionados os seguintes tipos de produções científicas: artigos de periódicos, trabalhos publicados em anais de eventos técnico-científicos, Teses e Dissertações, refletindo a literatura nacional e internacional sobre o tema nessa área do conhecimento.

A coleta das produções científicas foi realizada em 28 de maio de 2018 no Portal de Periódicos CAPES, na Base de Dados Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI) e na Base de dados PERI- ECI – essas duas últimas bases

de dados indexam artigos de periódicos e trabalhos nacionais publicados em anais de eventos técnico-científicos na área de Ciência da Informação.

Adicionalmente, esse processo de busca das produções científicas também foi realizado na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), no intuito de recuperar Teses e Dissertações sobre a temática em pesquisas defendidas nos Programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação do Brasil.

Nesse entendimento, o *corpus* final para a realização da análise da produção científica nacional e internacional sobre Folksonomia e indexação colaborativa de imagens, desconsiderando os trabalhos duplicados, foi constituído de 33 (trinta e três) produções científicas, sendo elas: três Dissertações, 29 (vinte e nove) artigos de periódicos e um trabalho publicado em anais de eventos técnico-científicos da área de Ciência da Informação.

Nessa perspectiva, constata-se que, do total de produções científicas analisadas, 72% são internacionais e 28% são produções científicas nacionais sobre Folksonomia e representação colaborativa de imagens. Com base nesses resultados, verificou-se que a maioria das produções científicas sobre a te-

mática são provenientes de estudos publicados internacionalmente.

No momento da busca nas bases de dados supracitadas, não foi delimitado o período de publicação dos trabalhos recuperados, possibilitando que as produções científicas pudessem ser identificadas e recuperadas em sua totalidade. Desse modo, verificou-se que os trabalhos recuperados estão distribuídos em um intervalo de 2003 a 2018.

A síntese dos resultados da análise da produção científica nacional e internacional sobre o tema é apresentada no Quadro a seguir.

INDEXAÇÃO DE XILOGRAVURAS À LUZ DA SEMÂNTICA DISCURSIVA
E DAS POTENCIALIDADES DA FOLKSONOMIA

Quadro 8– Síntese dos principais enfoques dos estudos sobre indexação colaborativa de imagens

ENFOQUES	FONTES	QUANT. DE FONTES
Análise e/ou descrição das estratégias de indexação e dos fatores motivadores para os usuários realizarem a etiquetagem de imagens em sistemas colaborativos	(ANGUS; THELWALL; STUART, 2008) (RORISSA; IYER, 2008) (BRANDT, 2009) (RODRIGUES, 2010) (CALDAS; MOREIRA, 2012) (JORGENSEN; STVILIA; WU, 2014) (ERCEGOVAC, 2012) (KLAVANS; LAPLANTE; GOLBECK, 2014) (OLIVEIRA; VITAL, 2015) (GONÇALVES; ASSIS, 2016) (NÓBREGA; MANINI, 2016) (KIPP; BEAK; CHOI, 2017) (MASSONI; FLORES, 2017)	13
Importância da Folksonomia como ferramenta contribuinte para criação, reformulação, atualização dos métodos e instrumentos tradicionais de indexação e catalogação de imagens digitais (cabecinhos de assuntos, tesouros, ontologias, taxonomias)	(MATUSIAK, 2006) (RAFFERTY; HIDDENLEY, 2007) (DALY; BALLANTYNE, 2009) (WILLEY, 2011) (STVILIA; JORGENSEN; WU, 2012) (SANTOS, 2018)	06

INDEXAÇÃO DE XILOGRAVURAS À LUZ DA SEMÂNTICA DISCURSIVA
E DAS POTENCIALIDADES DA FOLKSONOMIA

Análise da busca e recuperação de imagens pelos usuários em sistemas colaborativos	(CHOY; RASMUSSEN, 2003) (HOLLINK et al., 2004) (NEAL, 2008) (CHEN et al., 2010) (RANSOM; RAFFERTY, 2011) (CHUNG; YOON, 2011) (BAR-ILAN et al., 2012)	07
Análise de sistemas colaborativos como ferramentas para indexação e recuperação de imagens na Web	(PIKER, 2008) (SROKA, 2011)	02
Investigações comparativas entre <i>tags</i> atribuídas pelos usuários em sistemas colaborativos de imagem e termos de indexação atribuídos por profissionais indexadores em coleções de imagens	(RORISSA, 2010) (PETEK, 2012) (CORDEIRO, 2018)	03
Proposições de metodologias e modelos que visam a hibridização ou coexistência dos instrumentos de controle terminológico e a Folksonomia para a indexação e recuperação de imagens	(PETERS; STOCK, 2007) (ZHITOMIRSKY-GEFFET et al., 2010)	02

Fonte: Elaboração própria.

Após a análise do conteúdo integral das produções científicas nacionais e internacionais da área de Ciência da Informação, verificou-se que os estudos sobre Folksonomia e indexação colaborativa de imagens estão centrados em seis enfoques principais.

Tais aspectos ativos elucidam a importância de investigar a natureza das *tags* atribuídas pelos usuários em imagens compartilhadas em sistemas colaborativos e as estratégias empregadas pelos mesmos na indexação desses recursos para fins de criação de metodologias, modelos de indexação e sistemas que possam minimizar as implicações negativas da Folksonomia e agregar o valor dos metadados semânticos atribuídos pelos usuários.

Além disso, as produções científicas analisadas destacam a importância da Folksonomia como ferramenta contribuinte para a reformulação ou atualização dos métodos e instrumentos tradicionais de representação da informação imagética. Ressaltam ainda a necessidade de criação de propostas que visem a hibridização ou coexistência de tais instrumentos e a Folksonomia objetivando a qualidade da indexação e da recuperação de imagens em ambientes digitais.

Com isso, observa-se a riqueza de possibilidades oferecidas pela Folksonomia para o desenvolvimento de pesquisas científicas, metodologias, processos e produtos na Ciência da Informação que contribuam para a indexação colaborativa de imagens.

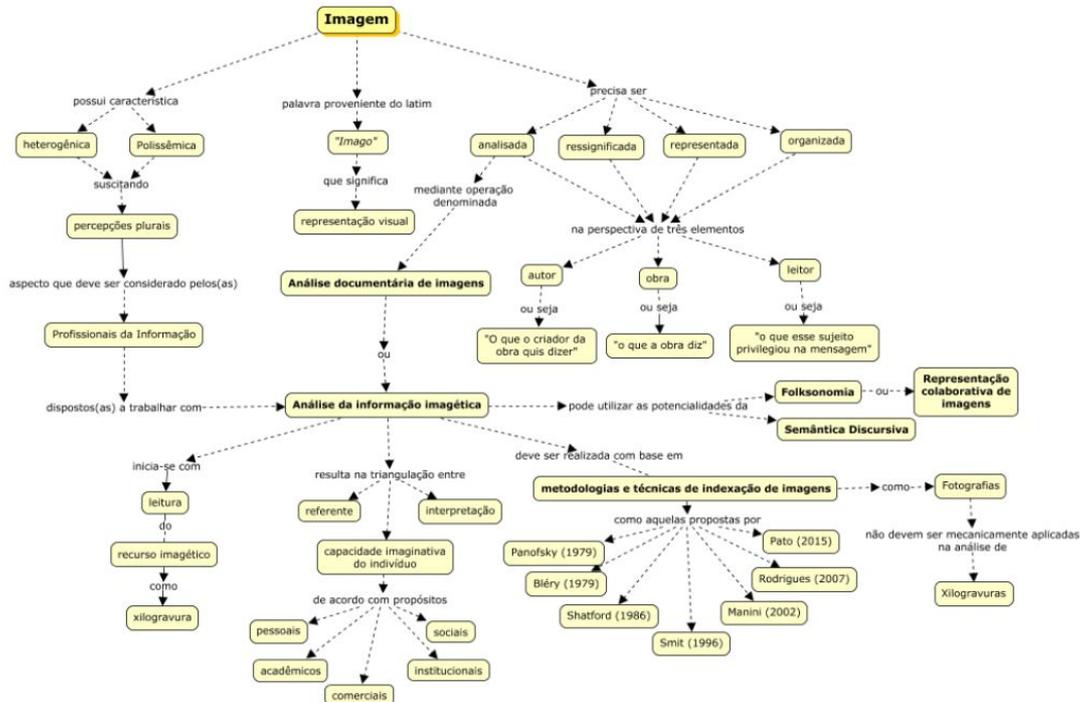
Uma nova perspectiva ou desdobramento da última abordagem enunciada na pesquisa realizada está associada aos estudos que propõem a inclusão da indexação colaborativa no âmbito dos sistemas de organização e recuperação de imagens digitais, levando em conta a participação ativa dos usuários nas atividades de indexação de imagens para a criação ou atualização de instrumentos de representação da informação, recomendações ou políticas de etiquetagem.

Com isso, verifica-se que no âmbito da Ciência da Informação não foram identificadas até então metodologias de indexação de xilogravuras. Com base nessa perspectiva, nesta obra é trabalhada a dimensão metodológica cujo diferencial está ancorado na preocupação da identificação de procedimentos eficazes para a representação dessa tipologia de recursos imagéticos, utilizando a Semântica Discursiva como um arcabouço teórico-metodológico e as potencialidades da Folksonomia.

Objetivando sintetizar os principais aspectos enfatizados neste capítulo, o mapa conceitual a seguir discorre sobre a imagem e as suas características em torno da análise e representação.

INDEXAÇÃO DE XILOGRAVURAS À LUZ DA SEMÂNTICA DISCURSIVA E DAS POTENCIALIDADES DA FOLKSONOMIA

Figura 4- Síntese sobre a imagem e as suas características em torno da análise e representação



Fonte: Elaboração própria.

Com base nessa perspectiva, verifica-se que metodologias e ferramentas colaborativas também precisam ser criadas e implementadas, objetivando contribuir para a indexação e recuperação de recursos como xilogravuras, uma vez que elas são imagens que retratam o imaginário popular e possuem elementos singulares que diferem daqueles apresentados nas propostas de indexação de imagens criadas até este momento.

Assim, acredita-se que as metodologias tradicionais de indexação de textos ou de fotografias não podem ser mecanicamente incorporadas na indexação de xilogravuras. O tratamento temático dessa tipologia de recurso imagético deve considerar as suas especificidades e singularidades, conforme é possível observar nas reflexões apresentadas no capítulo a seguir.

4 XILOGRAVURAS: IMAGENS QUE REPRESENTAM O REAL E O IMAGINÁRIO COLETIVO

Considerando que as imagens consistem em um dos principais meios de comunicação entre os homens, as gravuras são registros do conhecimento que nascem da necessidade desses sujeitos se expressarem. Dessa forma, elas existem desde a pré-história até os dias atuais e integram-se ao processo de reprodução e representação que revela a arte popular e o domínio do homem na matéria (JORGE; GABRIEL, 1986, p. 13).

O processo de elaboração de gravuras deve ser realizado em uma dada matéria cujo recurso determina o nome da arte. “Por exemplo, se a gravura for feita de papelão, será chamada de papelogravura, se for feita na madeira, xilogravura, e assim ocorre com as demais técnicas” (CARVALHO, 2015, p. 50).

Sob essa perspectiva, a xilogravura é uma arte antiga talhada em suporte de madeira, denominado como matriz, e foi utilizada inicialmente para copiar e reproduzir outras obras de arte (desenhos, pinturas, etc.) no intuito de torná-las conhecidas (LICARIÃO, [199-?]).

De acordo com Souza (1980 apud MACHADO; ALBUQUERQUE, 2016, p. 857), para a constituição dessa arte o xilógrafo recorta as partes da madeira até formar a estampa que

pretende através de desenhos e/ou textos nas partes deixadas em relevo na matriz. Sendo assim, para a realização da sua impressão aplica-se a tinta no suporte em madeira utilizando a prensa para a transferência da imagem e/ou do texto para outro suporte.

A palavra “xilografia” é formada de dois vocábulo gregos (*Xulon* e *Graphein*) e significa literalmente “escrita em madeira” ou “gravação em madeira”. Nesse sentido, Costella (1987) ressalta que a ação de gravação em uma matriz de madeira é denominada “Xilografia” e a impressão obtida através desse ato é nomeada “Xilogravura”. Sobre esse prisma, a xilogravura apresenta signos em madeira, os quais são projetados em qualquer fonte de informação.

Para Carvalho (2014), xilogravura é, portanto, o resultado do corte em madeira de tipos diferentes, dentre as quais: casca de cajá, mogno, pinho, pau-amarelo, imburana. Por isso, a seleção do tipo de madeira depende da preferência de cada xilógrafo. Quanto aos instrumentos de incisão, a goiva, o formão, o estilete, a faquinha e o buril são os principais instrumentos de trabalho desses artistas.

Sobre as origens da xilografia, Herskovits (1986) destaca que, apesar de os chineses terem sido os primeiros povos a utilizarem a impressão tabular, no ano de 770 no Japão foi

realizada a primeira impressão em massa de um milhão de exemplares de talismãs como representação da sabedoria búdica.

Assim, embora não haja consenso em relação ao período que a xilogravura foi inicialmente criada, Costella (2003) explica que o registro do livro datado mais antigo é denominado “*Sutra Diamante*”, ele foi impresso por Wang Chieh no ano de 868 e descoberto apenas no ano de 1900, em uma caverna próxima da cidade chinesa de *Tun-huang*. A Figura 5 ilustra a xilogravura presente nesse livro.

Figura 5 – Xilogravura que representa Buda no Jardim de Jetavana
-Wang Chieh (868), China



Fonte: Costella (2003, p. 11).

O “Sutra Diamante” é uma oração budista e a imagem em questão representa Buda pregando no Jardim da Jevatana. Ao observar a riqueza de detalhes dessa xilogravura, percebe-se a habilidade e o domínio dos chineses no que concerne à técnica e a arte de ilustrar.

Para Grangeiro (2002), as xilogravuras começaram a surgir com maior frequência na Europa após a expansão do papel na Idade Média para reproduzir imagens sacras por meio de iluminuras. Desse modo, a religião contribuiu para a propagação das xilogravuras como meio para a divulgação de sua filosofia.

Em posição complementar Botey (1997, p. 47, tradução nossa) destaca:

[...] a gravura em madeira tem seus antecedentes nas cartas de jogo, já conhecidas pelos italianos nos últimos anos do século XIII e pelos franceses e alemães no início do XIV, as quais, sem dúvida, poderiam sugerir o procedimento xilográfico.

Assim, percebe-se que essa arte posteriormente começou a ser valorizada enquanto manifestação artística em diversos tipos de materiais como cartas de baralho, por exemplo. Com isso, outras mudanças ocorreram e viabilizaram a valorização e o reconhecimento da xilogravura enquanto arte popular, possibilitando que a classe burguesa tivesse outras visões de

mundo, além de aspectos relativos à religiosidade (SOUZA, 2007). Assim, a xilogravura ganhou novos contextos de aplicações e representações, não se limitando apenas às imagens religiosas e cartas de baralho.

Na Figura 6 é apresentada a imagem da xilogravura de uma impressão da parte central de um tríptico de autoria anônima, produzida na França, datada de aproximadamente 1370 e intitulada “*O Centurião e dois soldados*”.

Um tríptico é uma tábua em que escreviam os antigos e que se dobrava em três. Também é um quadro pintado constituído por três folhas ligadas por dobradiças para se poder fechar ou ter de pé. Enquanto impresso dobrado em três partes, as páginas laterais podem dobrar-se sobre a do meio. É habitual que os trípticos, seja em placas de madeira, metal, marfim ou outro material, estejam decorados com relevos.¹⁰

¹⁰ Informação disponível em: <https://conceito.de/triptico>. Acesso em: 15 jun. 2020.

Figura 6- Xilogravura que representa “O centurião e dois soldados”.



Fonte: Herskovits (1986, p. 97).

O Centurião era um oficial do exército da Roma antiga. A ele foi atribuído esse nome porque comandava 100 (cem) homens, cujo número em latim é denominado de “*centuria*”. Esse representante tinha responsabilidades importantes, dentre as quais: treinamento, atribuições de tarefas e manutenção da disciplina no exército. Assim, a imagem apresenta a figura desse oficial na linha de frente liderando dois homens.

Suplementarmente, na Figura 7 são apresentados alguns exemplos de xilogravuras de cartas de baralho produzidas por Jean Dale na França, aproximadamente na década de 1470.

Figura 7- Xilogravuras de Baralho – França



Fonte: Herskovits (1986, p. 95).

Jorge e Gabriel (1986, p. 14) afirmam que “essas imagens anônimas, como anônima foi toda a Idade Média, ornamentavam as paredes das casas humildes, forravam armários, cofres de viagem e ainda eram cosidas nas capas dos frades mendicantes (pessoas que vivem em conventos)”.

Para Souza (2007), a possibilidade de realizar várias reimpressões das xilogravuras com o uso da mesma matriz proporcionou a multiplicação dos exemplares dos livros tradicionais impressos, beneficiando as classes menos ricas, devido ao seu baixo custo. Assim, essas imagens começaram a se

unir aos textos os ilustrando, facilitando a interpretação e o acesso à informação, principalmente por parte dos povos iletrados.

Assim, a partir da técnica de xilografia foram elaborados livros que apresentavam xilogravuras e textos. Na Figura 8 é possível ver uma amostra do trabalho.

Figura 8- Página de livro com imagens e textos bíblicos



Fonte: Costella (2003, p. 19).

Franklin (2007) ressalta que a técnica de xilografia chegou no Brasil no período colonial e foi inicialmente empregada na estampagem de flores em tecidos e papéis de parede, na produção de cartas de baralho e na edição de imagens e textos sacros. Posteriormente, essa técnica foi utilizada para representar mensagens mediante a impressão de xilogravuras em papel na imprensa nordestina.

Ainda de acordo com esse autor, não se sabe ao certo em que jornal brasileiro a xilogravura foi inicialmente aplicada, mas na cidade de Recife, em julho de 1922, o periódico “Maribondo” trouxe a xilogravura de um português destacada em seu cabeçalho. São outros exemplos de xilogravura na imprensa nordestina: “*O Canrcundão*” (1831) e “*O Carapuceiro*” (1832-1847) de Recife; “*O Grão Tutu*” (1878) de Alagoas e o “*Cancão*” (1891) no Ceará.

O jornal “*O Mossoroense*”, jornal editado quinzenalmente em Mossoró (interior do Estado do Rio Grande do Norte, RN) e considerado como um dos três mais antigos em circulação no Brasil, ilustrou notícias e publicidade com gravuras talhadas pelos seu diretor e proprietário, João da Escócia, no período de 1902 até 1919, ano que o mesmo faleceu (FRANKLIN, 2007).

Nas palavras de Câmara Cascudo, citadas por Franklin (2007), em Currais Novos, cidade do interior do RN, o jornal “*O Progresso*” empregava os tacos de madeira. Já em Juazeiro do Norte (Ceará) o Padre Cícero reforçava a atuação política com o jornal “*O Rebate*”, editado pela gráfica ideal. A mesma prática foi verificada nos jornais do interior, principalmente em Alagoas, Paraíba, Sergipe e Bahia.

No que concerne ao fazer xilográfico, Carvalho (2015) destaca que para a reprodução das imagens, o artista deve criar as suas gravuras em madeira apropriada e a sua aquisição deve ser realizada de maneira ecologicamente correta, incluindo o reflorestamento com plantio da espécie utilizada nesse processo.

Essa autora descreve ainda os procedimentos para a elaboração da xilogravura:

Depois da madeira entalhada, esta recebe, com a ajuda de um rolo de borracha, uma fina camada de tinta. Nesse momento, percebemos que os cortes ficam sem tinta, ao passo que as partes não trabalhadas ficam entintadas. Para fazer a impressão, basta posicionar o material (papel, tecido e outros) que será estampado sobre a matriz entintada e fazer pressão, utilizando a própria mão – com o auxílio de uma colher ou espátula de madeira, por fricção nas costas do material, resultando numa xilogravura de cunho artesanal – ou ainda, fazendo uso de uma prensa específica para xilogravura (prensa de rosca, prensa de cilindros), onde a pressão exercida sobre a matriz,

ao contrário da anterior, ocorre de maneira uniforme (CARVALHO, 2015, p. 59).

A imagem a seguir ilustra o resultado desse processo:

Figura 9- Matriz e papel com Xilogravura que representa uma mulher grávida



Fonte: Carvalho (2015, p. 59).

É importante ressaltar ainda que o sistema de corte da madeira pode ser ao fio, ou seja, em tábuas, conforme a matriz exposta na Figura 7. O corte pode ser ainda de topo (em discos). Em relação o comprimento da matriz, ele varia conforme o objetivo do trabalho do xilógrafo e as características da fonte de informação que a xilogravura será aplicada.

De acordo com Chaves (2004, p. 45), a madeira utilizada preferencialmente pelos xilógrafos do Nordeste é a umburana, por

ser macia e permitir liberdades e de fácil manuseio no fazer xilográfico. Entretanto, as principais madeiras encontradas no Brasil e consideradas como mais apropriadas para o entalhe e a impressão, são: cedro, cerejeira, imbuia, louro, mogno, peroba e pinho.

A xilogravura nordestina passou a ser reconhecida internacionalmente, principalmente, depois que Robert Morel editou e publicou em Paris uma coleção de quatorze xilogravuras que representavam a “via Sacra”, as quais foram gravadas em série no ano de 1965, pelo artista Inocêncio da Costa Nick, popularmente conhecido como Mestre Noza (1894-1984). A seguir, são apresentadas algumas imagens que compõem essa série.

Figura 10 – Xilogravuras da série “Via Sacra”- Mestre Noza, 1965, Brasil.



Fonte: < <https://produto.mercadolivre.com.br>>.

Com o avanço tecnológico foram surgindo algumas soluções alternativas ao emprego da madeira, sem que isso afetasse a expressão criadora da imagem. “As variações de material e de técnica fazem crer que a xilogravura se atualiza, sem, contudo, romper com os procedimentos mais arraigados dessa manifestação da cultura popular” (CARVALHO, 2014, p. 190).

Em linhas gerais, verifica-se a relação intrínseca das xilogravuras com a cultura de cada povo. Essas imagens antecederam as fotografias e no decorrer da história da humanidade têm se configurado fontes de informação para

letrados e iletrados, expressando pontos de vistas críticos que suscitam reflexões e leituras mentalizadas em contextos e temáticas plurais.

Franklin (2007, p. 11) destaca que no Brasil o artista usa a xilogravura para retratar o seu mágico universo, “onde anjos se misturam com demônios, beatos com cangaceiros, princesas com boiadeiros, todos envolvidos nas crenças, esperanças, lutas e desenganos”.

De acordo com Hata (1999) e Ribeiro (2006), os assuntos preferidos nessas xilogravuras são: Lampião e Maria Bonita, a fauna e a flora nordestinas, festejos populares, elementos míticos, cangaço e religiosidade.

Adicionalmente, de acordo com Arantes e Okabayashi (2004), o xilógrafo pernambucano José Francisco Borges - mais conhecido como J. Borges e considerado um dos artistas nacionais mais reconhecidos no campo das xilogravuras - apresenta a seguinte classificação de acordo com as finalidades, características e as temáticas retratadas em suas obras:

- **Criações por encomendas para assuntos especializados:** trabalhos xilográficos para capas de discos, livros, impressos em tecido, cartazes, rótulos, folhetos promocionais, etc.

- **Criações dirigidas para o mercado da arte em geral** (intelectuais, artistas, colecionadores de arte, etc.), de acordo com os seguintes assuntos:
 - ✓ **Personagens fantásticos do imaginário regional** como a mulher-cobra, os dragões e mulas sem cabeça, entre outros;
 - ✓ **Enredos e personagens de folhetos de cordel:** pavão misterioso e a chegada da prostituta no céu, etc.;
 - ✓ **Personagens emblemáticos da cultura nordestina:** Padre Cícero, Lampião, Maria Bonita, a seca no sertão, retirantes, corte de cana, forró, festas de São João, vaquejada, bumba-meu-boi, cavalo marinho, etc.;
 - ✓ **Situações do cotidiano:** bares e cabarés, brigas de galo, jogos de bicho, etc.

Além disso, os temas mais requisitados para a elaboração das xilogravuras são: o cotidiano do pobre, o cangaço, o amor, os castigos do céu, os mistérios, os milagres, crimes e corrupção, os folguedos populares, a religiosidade, enfim todo o universo cultural do povo nordestino (MACHADO, 2003).

Em posição complementar a essas categorias, Souza (2007) propõe uma classificação baseada nos assuntos pesquisados em Melo (1982, p. 64-65) e na classificação utilizada

por J. Borges, apresentada anteriormente. Assim, a proposta em questão classifica os temas da seguinte forma:

- **Personagens fantásticos ou elementos míticos do imaginário popular:** mulher-cobra, dragões, mulas sem cabeça, sereias, etc.;
- **Temas e personagens emblemáticos da cultura nordestina:** lampião, maria bonita, Padre Cícero, seca no sertão, retirantes, vaqueiros, cangaço, feira de Caruaru, etc.;
- **Situações do Cotidiano:** bares, cabarés, brigas de galo, jogos do bicho;
- **Festas e folguedos populares:** bumba-meu-boi, cavalo marinho, festas de São João, forró, etc.;
- **Religiosidade:** castigos do céu, mistérios, milagres, santos, etc.;
- **Romance:** amor, fidelidade, traição;
- **Fauna e flora nordestina:** corte de cana, frutas típicas, o boi, o cavalo do vaqueiro, os pássaros.

INDEXAÇÃO DE XILOGRAVURAS À LUZ DA SEMÂNTICA DISCURSIVA
E DAS POTENCIALIDADES DA FOLKSONOMIA

As Figuras 11 e 12 apresentam algumas xilogravuras que ilustram esses temas.

Figura 11 – Exemplos de xilogravuras e classes temáticas I



Fonte: Souza (2007, p. 65).

INDEXAÇÃO DE XILOGRAVURAS À LUZ DA SEMÂNTICA DISCURSIVA
E DAS POTENCIALIDADES DA FOLKSONOMIA

Figura 12 - Exemplos de xilogravuras e classes temáticas II



Fonte: Souza (2007, p. 65-66).

Além das temáticas apontadas nas imagens apresentadas, é possível visualizar o traço simples da arte xilográfica, elemento característico desse recurso informacional. Observa-se ainda que algumas xilogravuras são apresentadas em preto e branco e outras são coloridas. Entretanto, é importante ressaltar que o uso de cores ou não independe da temática a ser retratada nessa arte.

Outro aspecto importante a ser considerado nas xilogravuras é o fato de que elas expressam elementos reais e imaginários. Para Laplantine e Trindade (1997, p. 12) “o real é a interpretação que os homens atribuem a realidade. O real existe a partir de ideias, dos signos e dos símbolos atribuídos à realidade percebida”. Por outro lado, o imaginário “[...] utiliza o simbólico para exprimir-se e existir, e por sua vez, pressupõe a capacidade imaginária” (LAPLANTINE; TRINDADE, 1997, p. 23).

Os elementos reais representados nas xilogravuras estão associados aos aspectos provenientes de uma determinada realidade, contexto ou acontecimento, interpretados pelos xilógrafos. De outro modo disposto, os elementos imaginários representados espontaneamente nessas imagens são provenientes das invenções fantasiadas na cognição desses artistas ou baseados em estórias e lendas contadas em uma determinada região. Nesse último caso, a realidade é um produto do imaginário.

Portanto, a representação de uma arte em outra arte, neste caso a xilogravura na literatura de cordel, se constitui como uma maneira de analisar as relações das diferentes artes entre si e o aspecto representativo e interpretativo que elas incitam. Desse modo, o foco deste estudo é a indexação de xilogravuras, ou

gravuras em madeira, cujas ilustrações expressivas são apresentadas em capas de folhetos de cordel- aspecto a ser discutido na subseção a seguir.

4.1 XILOGRAVURAS EM VERSOS

Embora não possam ser consideradas irmãs gêmeas dos folhetos poéticos, as xilogravuras, principalmente aquelas produzidas na região nordeste do Brasil, se identifica de tal modo que passou a competir com as formas tradicionais de ilustração de suas capas (CARVALHO, 2014).

Santos (2004) destaca que o cordel é um tipo de literatura popular que apresenta acontecimentos diversos em livros de 10 por 15 centímetros ou 11 por 16 centímetros. Ele é considerado como uma poesia narrativa popular cuja denominação remete a cordão, espécie de barbante, material em que os folhetos eram estendidos em fileiras.

De acordo com Aguiar et al. (2008, p. 2), a “literatura de cordel é uma poesia narrativa e popular escrita em versos, rimada e metrificada”. Trata-se de um material informacional que reflete a cultura e o modo de pensar de um povo, ou seja, possui um caráter social.

O cordel é reconhecido por Maia, Azevedo Netto e Oliveira (2012) como “uma forma de representação do homem popular, sob a perspectiva dos seus dilemas, da sua leitura de mundo, da resistência em manter viva a tradição e a sua voz, o que lhe resguarda um componente civilizatório”.

O cordel tem sido reconhecido como “artefato informacional e memorialístico” e como “um gênero literário de peso na memória da tradição” (ALBUQUERQUE et al., 2016, p. 14), atravessando o período da ditadura militar no Brasil e se inserindo no contexto escolar e acadêmico como instrumento de pesquisas científicas, retratando o rico imaginário popular.

No dia 20 de agosto de 2018 a literatura de cordel, de âmbito nacional, foi registrada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) como patrimônio cultural do Brasil, considerando a solicitação apresentada no Processo Administrativo n.º 01450.008598/2010-20 pela Academia Brasileira de Literatura de Cordel, sediada na cidade do Rio de Janeiro (BRASIL, 2018).

Assim, é dado o reconhecimento da contribuição dessas ricas fontes de informação que representam as manifestações culturais plurais e são construídas pelo povo e para o povo, com

vistas a traduzir a sua linguagem, os seus valores e as suas ideologias.

As narrativas expressas nesses folhetos sempre estiveram atentas aos contextos da época, contemplando novas temáticas, públicos e linguagens. “Isso fez com que a literatura de cordel tenha se mantido ao mesmo tempo vinculada a um repertório que se firmou nas primeiras décadas do século XX e atualizada constantemente, dada a capacidade de os versos rimados traduzirem interpretações do cotidiano e da vida social” (BRASIL, 2018).

As xilogravuras, por sua vez, possuem relação direta com a literatura de cordel, principalmente na região do nordeste do Brasil, local onde obteve e obtém maior relevância para a cultura popular. Essas imagens se fizeram presentes nas capas dos folhetos, e não muito frequente, em páginas no interior desses folhetos, no intuito de anteciper e representar o seu conteúdo.

Na publicação do Diário Oficial da União de 20 de agosto de 2018, junto à notícia de que o cordel foi registrado pelo IPHAN como patrimônio cultural do Brasil, foi apresentada também a relação das xilogravuras com esses folhetos.

INDEXAÇÃO DE XILOGRAVURAS À LUZ DA SEMÂNTICA DISCURSIVA E DAS POTENCIALIDADES DA FOLKSONOMIA

As capas [dos folhetos de cordel] merecem um destaque à parte em função da imagem que ilustra o folheto. Não se trata de uma mera ilustração do texto, mas tem função mnemônica, condensando a trama da narrativa, e função metafórica, multiplicando sentidos e significados que abarcam a observação do cotidiano e da vida social. Dentre todas as técnicas imagéticas já empregadas, a arte da xilogravura acabou conferindo uma identidade visual ao folheto de cordel (BRASIL, 2018, p.12).

Relacionados a essa arte existem dois tipos de xilógrafos:

1) o artista que apenas ilustra os folhetos escritos por outros, ou seja, são apenas xilógrafos; 2) o artista que ilustra seus próprios folhetos, isto é, são xilógrafos e poetas (LICARIÃO, [199-?]). Assim sendo, “a imaginação pessoal de cada poeta na literatura de cordel se une à tradição para a criação das narrativas que são retratadas pelas xilogravuras” (MENEZES, 2010, p. 184).

No que concerne à autoria das xilogravuras de cordel, Carvalho (2014) ressalta que algumas gravuras não trazem consigo o registro dos seus respectivos autores, pois antigamente eram vistas como artes vinculadas ao folheto e, portanto, não autônomas. Esses artistas não assinavam, pelo fato de acreditar que a autoria não era o mais importante, mas sim a necessidade de expressão. Além disso, na maioria das vezes, a xilogravura era vista como o resultado de um trabalho utilitário, artesanal e, portanto, não autoral.

Quanto ao processo de criação de uma xilogravura para folheto de cordel, Carvalho (2014, p. 189) explica que

O artista se inspira ou é solicitado por alguém. Passa para o papel o desenho ou desenha diretamente na madeira e o desenho é cortado de acordo com aquelas linhas. [...] No que tange ao cordel, aquela matriz, depois de preparada, é entregue para o gráfico e o gráfico acopla à composição.

Nos tempos passados, as pessoas que não sabiam ler os cordéis conseguiam compreender o sentido sequencial e o conteúdo apresentado nesses folhetos por meio das imagens (FEBVRE; MARTIN, 1992). Observa-se, nesse sentido, a importância das xilogravuras para a disseminação da cultura popular e representação da escrita por meio das imagens, como forma de facilitar a compreensão das pessoas que não sabiam ou ainda não sabem ler. Elas se tornaram acessíveis às classes populares e são imprescindíveis tanto no processo de representação da narrativa de cordel como na construção histórica da cultura popular brasileira.

Em função disso, Mello (2016) discorre acerca da articulação sintagmática da gravura com o texto escrito e justifica

¹¹ Vocabulário que represente e considere o conteúdo da imagem.

a importância de um léxico pictórico¹¹, de uma sintaxe figurativa¹² ou da imagem performática acerca do tema tratado nesses recursos, tendo em vista que:

A imagem não é apenas ilustração, ela é, nesses folhetos de exempla do cordel, o **instrumento com o qual o paradigma solidifica-se, por ser um repertório extraverbal e paralinguístico**. A imagem vai permitir a visualização do que se tenta modelar, transcodificando, transpondo intersermioticamente o texto linguístico à imagem pictórica e a imagem pictórica ao texto linguístico (MELLO, 2016, p. 256, grifo nosso).

Nesse prisma, o pensamento criador do artista no campo da xilogravura de folhetos de cordel é inspirado na poesia e há uma notável fidelidade ao conteúdo essencial do folheto. “Isso significa dizer que o gravador não cria, num sentido de autonomia, de independência. Sua arte se faz sentir em função da obra, do texto. Ajuda, induz à percepção do fenômeno” (CARVALHO, 2014, p. 129). Esse autor ainda constata o compromisso dos xilógrafos com a representação do conteúdo de folhetos de cordel nas xilogravuras apresentadas nas capas:

¹² Sintaxe que contribui para a análise do assunto da xilogravura em literatura de cordel.

[...] a grande preocupação de todos eles [os xilógrafos] de encontrar o centro da estória, o fato principal, a motivação capaz de despertar o interesse do leitor. Quando a sensibilidade falha, o gravador sente. Faz nova tentativa. Trabalha com redobrado entusiasmo, até alcançar um rendimento considerado satisfatório. E o mais interessante é que dificilmente recorre ao autor do texto, pedindo esclarecimentos. Tal comportamento resultaria numa demonstração de incompetência profissional (CARVALHO, 2014, p. 123).

O fazer xilográfico, nessa perspectiva, pode ser relacionado com a atividade de representação temática da informação, haja vista o compromisso e a preocupação desse artista em condensar na imagem os assuntos principais contidos no folheto.

Em relação aos aspectos representados nas xilogravuras de folhetos de cordel, Carvalho (2015, p. 67) relata que são “contos, histórias de trancoso, romances, charadas, relaxos, adivinhações, enigmas e narrativas diversas que abarcam tudo isso”, inclusive “estórias” elaboradas com os personagens irreais difundidos no imaginário popular, sobretudo nas regiões Norte e Nordeste do Brasil.

A esse respeito, Carvalho (2014) evidencia que as gravuras são obras, quase sempre, de artesãos anônimos e ilustram livros populares sobre os mais variados temas: notícias de acontecimentos extraordinários ou sobrenaturais, milagres, crimes hediondos, visões, brigas de cangaceiros, aventuras, etc.,

geralmente em versos, de autores do passado ou da atualidade, anônimos ou conhecidos.

Sobre esse prisma, Zumthor (1993, p. 160) afirma que esses recursos também têm o objetivo de inscrever e provar a *performance* impregnada na voz do poeta como fonte de representação do discurso oral. Observa-se, portanto, que em folhetos de cordel, as xilogravuras alimentam as palavras e articulam o seu uso e a sua interpretação por meio da complementaridade entre o texto e a imagem. Sobre isso, Joly (2012, p. 121) atenta que “[...] as imagens engendram as palavras que engendram as imagens em um movimento sem fim”.

As xilogravuras unem os elementos da técnica com o refinamento de uma adequação de meios e mensagens iconográficas, no intuito de atingir níveis expressivos de descrições e manifestações com base em percepções visuais que se pluralizam de acordo com os aspectos históricos, éticos, morais, políticos, socioeconômicos e culturais dos seus leitores.

Portanto, diferentemente das análises de fotografias, a leitura pelo referente - pela coisa que representa algum objeto da realidade, ou seja, o “necessariamente real” de Barthes (1984) - não coaduna com os elementos contemplados nas xilogravuras. Elas não são elaboradas em função de algo necessariamente real,

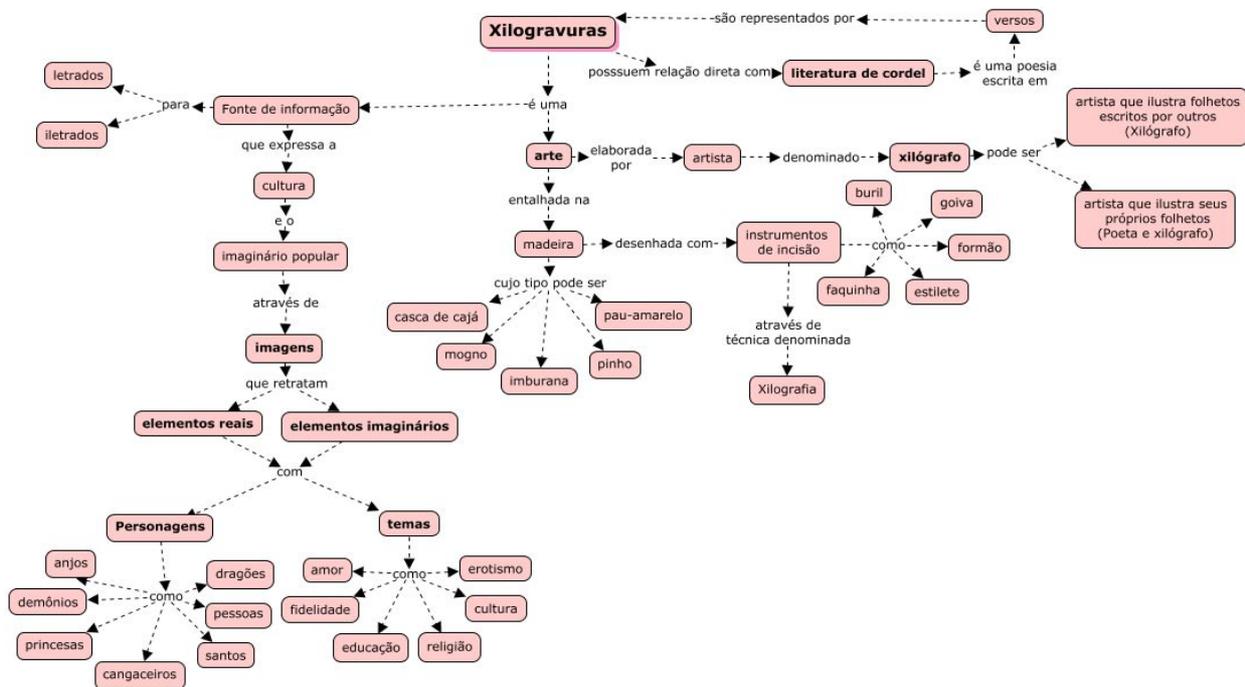
pois são consideradas também as construções mentais ou invenções (elementos imaginários) do poeta.

Além disso, as xilogravuras não são necessariamente espelhos do real, nem muito menos da própria realidade, elas apresentam elementos que podem ser relacionados a objetos e fatos inerentes a essa. Esse aspecto é o que representa o seu caráter de singularidade enquanto recurso imagético que retrata o rico imaginário da cultura popular e que necessita de métodos e técnicas específicas para a sua indexação.

Seguindo essa linha de raciocínio, o mapa conceitual a seguir apresenta a síntese dos principais aspectos relativos às xilogravuras enquanto imagens que retratam a realidade e o imaginário popular.

INDEXAÇÃO DE XILOGRAVURAS À LUZ DA SEMÂNTICA DISCURSIVA E DAS POTENCIALIDADES DA FOLKSONOMIA

Figura 13- Síntese dos principais aspectos sobre as xilogravuras



Fonte: Elaboração própria.

INDEXAÇÃO DE XILOGRAVURAS À LUZ DA SEMÂNTICA DISCURSIVA
E DAS POTENCIALIDADES DA FOLKSONOMIA

Com base nessa perspectiva, esta obra apresenta contribuições metodológicas que contemplam o arcabouço teórico-metodológico da Semântica Discursiva, abordagem a ser discutida a seguir.

5 SEMÂNTICA DISCURSIVA

A semântica, enquanto área do conhecimento, emergiu no final do século XX no intuito de responder as demandas da sociedade científica por meio do estudo do significado ou teoria da significação (FIORIN, 1999). Desse modo, o seu foco não está ligado apenas às palavras, mas também às orações, gestos, símbolos, imagens e entre outros elementos de significação.

De acordo com Greimas (1966, p. 11) a significação consiste em elemento central das preocupações da semântica, uma vez que essa estuda os problemas relacionados ao significado de todas as coisas que são pensadas, produzidas e transmitidas.

Desse modo, a atividade de representação advém do processo de significação e esse, por sua vez, contribui para a atividade de organização - o que justifica a relevância e necessidade das investigações de natureza semântica nos processos de organização e tratamento da informação na Ciência da Informação.

A semântica atribui sentido aos signos, esclarecendo o que é apreendido no mundo das coisas, e se configura como um componente semiótico-discursivo (ALBUQUERQUE, 2011).

A semiótica, por sua vez, consiste no estudo da significação, a qual é compreendida como a relação dependente

entre o conteúdo e a expressão de signos verbais e não-verbais (BATISTA, 2001). Greimas e Courtés (2008, p. 447) afirmam que a semiótica realiza uma operação que, ao instaurar uma “relação de pressuposição recíproca entre a forma e a expressão e a do conteúdo e entre o significante e o significado, [...] produz signos, resultando em uma semiose”.

De acordo com Batista (2001, p.146), a semiose é o “[...] o processo de produção, acumulação e transformação da função semiótica”. Assim, a semiose se constrói e se manifesta ao longo do discurso e só atinge a sua completude no percurso sintagmático do discurso por inteiro.

Santaella (1993) infere que a semiótica estuda todos os tipos possíveis de ações sígnicas, ou seja, o centro da sua teorização são as representações de todas as linguagens, uma vez que estuda os meios pelos quais o homem se comunica, sendo eles verbais ou não (gestos, ideias, símbolos, imagens, etc.).

Para Albuquerque (2011), a semiótica de origem francesa, também conhecida como semiótica greimasiana, contemplada nesta obra, parte da concepção de signo criada por Hjelmslev (1975), a qual enriquece o conceito de signo delineado por Saussure (2004, p. 80) como “uma entidade psíquica” que se

associa a dois elementos: o significante (conceito) e o significado (imagem acústica).

Enquanto abordagem metodológica, a Semântica Discursiva foi idealizada por Algirdas Julien Greimas e busca atribuir sentido ao discurso com base no modelo teórico-metodológico denominado Percorso Gerativo da Significação (PGS) ou Percorso Gerativo do Discurso (PGD), cujo foco é o estudo da produção e interpretação de sentidos. Embora a noção de signo seja considerada, Greimas não parte do signo para estruturar e propor a sua metodologia, uma vez que são levadas em consideração as denominadas “figuras”.

Para Fiorin (1999) “a noção de percurso gerativo de sentido constitui um simulacro metodológico para explicar o processo de entendimento, em que o leitor precisa fazer abstrações, a partir da superfície do texto, para poder entendê-lo”. Portanto, esse modelo teórico-metodológico representa um processo que parte do nível simples ao mais complexo, são eles: *profundo (ou fundamental), narrativo e discursivo*.

Cada nível supracitado contém um elemento sintático e um elemento semântico, considerando que a sintaxe busca estudar questões relativas à estrutura do vocabulário e a semântica busca focar “nas regras que presidem às relações entre os vocábulos, as

construções das orações e as relações interacionais” (ANTÔNIO, 2008, p.12).

Seguindo essa linha de raciocínio, nesta pesquisa são estudadas as contribuições da semântica de nível discursivo, no intuito de considerar os procedimentos de **tematização** e **figurativização** como subsídios para a construção da metodologia de indexação de imagens, em especial de xilogravuras.

A Semântica Discursiva integra duas formas básicas de discursos: os **discursos concretos** e os **discursos abstratos**. Eles não são antagônicos entre si, pois coexistem e estão interligados apresentando um caráter lógico que percorre do concreto (**figuras**) para o abstrato (**temas**). Desse modo, o discurso concreto construído com figuras é denominado figurativo. E o discurso abstrato edificado por temas é definido como temático.

Para Fiorin e Savioli (2003, p. 89) os textos figurativos “produzem um efeito de realidade, e por isso representam o mundo, criam uma imagem do mundo, com seus seres, seus acontecimentos”. Os textos temáticos, por sua vez, “explicam as coisas do mundo, ordenam-nas, classificam-nas, interpretam-nas, estabelecem relações e dependências entre elas, fazem comentários sobre suas propriedades”.

Nesse prisma, os textos figurativos dirigem-se a algum aspecto da realidade, criando imagens da mesma, bem como dos seres, das coisas, das ações, acontecimentos e qualidades associados a ela. Para Antônio (2008, p. 66) “quando fala-se mundo real devemos pensar também no mundo construído”.

Tal como as figuras, os temas “também se encadeiam em percursos, isto é, em conjuntos organizados. São os percursos temáticos. Para apreender o tema geral, é preciso perceber esse encadeamento dos temas e depreender a unidade subjacente à diversidade” (FIORIN; SAVIOLI, 2003, p. 101).

Assim, os temas expressam elementos abstratos por meio de uma natureza conceitual representada por classes e categorizações, conforme explica Barbalho (2006, p. 88):

A tematização expressa elementos abstratos buscando explicar a realidade e representar o mundo através de um investimento conceptual. Os temas organizam, categorizam e ordenam a realidade significante de modo a permitir sua interpretação. Figuras e temas são para manter a coerência interna do texto, necessitam seguir um percurso ou encadeamento lógico de modo a gerar sentido. As figuras devem ser vistas através do conjunto por elas composto e não isoladamente.

Albuquerque (2011, p. 173, grifo da autora), por sua vez, apresenta as relações entre os níveis temático e figurativo da Semântica Discursiva:

A semântica discursiva tem como componente a *tematização* – elementos abstratos presentes no texto – e a *figurativização* – elementos concretos presentes no texto – que dão concretude ao tema. As figuras do texto formam uma rede, uma trama que, para entendê-las, é necessário conhecer o primeiro nível temático assim como o nível figurativo em que palavras e expressões apresentam traços comuns de significação, que podem ser agrupados.

Com isso, verifica-se que a tematização e a figurativização são componentes da Semântica Discursiva e consistem em procedimentos semânticos da discursivização. No Quadro 9 são apresentadas as principais características dos textos figurativos e temáticos:

Quadro 9 – Principais características dos textos figurativos e temáticos

TEXTOS FIGURATIVOS	TEXTOS TEMÁTICOS
<ul style="list-style-type: none"> *Apresentam função descritiva ou representativa; *Representam o mundo; *Criam imagem do mundo; *Criam imagem dos seres; *Criam os acontecimentos do mundo; *Referem-se ao concreto presente no texto; *São palavras ou expressões correspondentes ao mundo natural; *Constroem simulacro da realidade. 	<ul style="list-style-type: none"> *Elementos abstratos no texto cuja função é explicar a realidade; *Classificam e ordenam a realidade; *Estabelecem relações e dependências; *Apresentam função predicativa ou interpretativa; *Apresentam comentários sobre as propriedades do mundo; *Apresentam temas genéricos (classes) que contempla assuntos principais; *Apresentam coerência ao texto principal.

Fonte: Adaptado de Antônio (2008).

A relação entre as figuras apresentadas para a construção do sentido e, conseqüentemente, a identificação do tema atinente a elas é denominada por Albuquerque (2011) de “encadeamento de figuras”. Portanto, a sequência dessas figuras resultante do seu agrupamento produz uma rede relacional, denominada no sistema semiótico como *percurso figurativo* e expressa os temas subentendidos no texto - tornando viáveis as possibilidades significativas em um dado contexto.

Depreende-se, portanto, que os estudos que possuem maior conexão com a Semântica Discursiva e que contribuem significativamente para a Ciência da Informação são aqueles relacionados à Organização e Representação da Informação e do Conhecimento.

Esses estudos, em conjunto, podem colaborar para o processo de análise e síntese do sentido das informações contidas em textos verbais e não verbais, considerando que os sujeitos possuem mentes interpretadoras que executam processos semióticos, interpretam e ressignificam diferentes visões de mundo apresentadas por estruturas conceituais.

Diante do exposto, a metodologia contempla a discursivização semântica, privilegiando os processos de figurativização e tematização, bem como as potencialidades da Folksonomia. Para tanto, aborda a análise de xilogravuras em níveis descritivos (figuras) e interpretativos (temas). As figuras consideram os aspectos denotativos, ou seja, aquilo que a xilogravura mostra de forma explícita (elementos concretos); e os temas levam em conta os aspectos conotativos (elementos abstratos), ou seja, aquilo que pode ser simulado pela xilogravura – associando-se ao processo de tematização.

Os temas não necessariamente precisam refletir o contexto ou significado “real” da xilogravura, mas o que essa pode (res)significar na concepção de quem a analisa, haja vista que a mesma inclui elementos reais e imaginários que fazem parte da cultura popular. Esses e outros elementos serão pontuados nos próximos capítulos desta obra.

6 INDEXAÇÃO DE XILOGRAVURAS COM BASE NA SEMÂNTICA DISCURSIVA

Como visto, a análise de imagem diz respeito a uma operação associada à semântica que se concentra nas informações extraídas de um recurso imagético e dos referentes internos (cognição) do(s) sujeito(s) que a analisa. Nesse entendimento, assim como os textos verbais (ou narrativas textuais), imagens como xilogravuras também são lidas e analisadas.

Para a realização dessa operação é importante que o sujeito tenha conhecimento prévio acerca do conteúdo presente nesse recurso imagético. Todavia, o conhecimento prévio da pessoa não deve ser fator condicionante para a execução dessa operação, uma vez que, para auxiliar na compreensão da imagem analisada podem ser extraídas informações extrínsecas em outras fontes de informação.

Nessa perspectiva, como subsídio informacional e fonte adicional para a compreensão dos conteúdos e elementos presentes nas xilogravuras selecionadas nesta pesquisa, realizou-se a leitura integral nos títulos e nos versos dos folhetos - considerando o fato de que, em linhas gerais, as xilogravuras em cordéis objetivam, ou se propõem a, representar o conteúdo dos cordéis.

A Semântica Discursiva integra os discursos concretos (figurativos) e os discursos abstratos (temáticos). Os discursos concretos, aqui tratados como figuras, estão associados aos elementos visíveis na imagem (personagens, ações, objetos, lugares, etc.). Em relação à análise de xilogravuras de cordéis, considera-se que as figuras presentes nesses recursos também podem ser reconhecidas e extraídas dos versos dos folhetos. Tal alternativa objetiva auxiliar no processo de análise e interpretação dos elementos associados à imagem.

Os discursos abstratos na xilogravura, aqui tratados como temas, são identificados por meio da imbricação das figuras identificadas na narrativa visual e textual, tanto na imagem quanto no folheto de cordel, objetivando representar o seu conteúdo. Desse modo, os temas são identificados mediante o processo de tematização e devem ser representados por meio de conceitos provenientes de classes e categorizações.

Para fins de indexação das xilogravuras analisadas foram considerados os temas identificados por Albuquerque (2011) e as classes temáticas propostas pela pesquisadora, os quais estão descritos no Quadro a seguir. Não obstante, é importante ressaltar que ao longo das análises desta pesquisa também são acrescentados

INDEXAÇÃO DE XILOGRAVURAS À LUZ DA SEMÂNTICA DISCURSIVA
E DAS POTENCIALIDADES DA FOLKSONOMIA

outros temas às classes temáticas, com base nos conteúdos identificados nas imagens selecionadas.

INDEXAÇÃO DE XILOGRAVURAS À LUZ DA SEMÂNTICA DISCURSIVA
E DAS POTENCIALIDADES DA FOLKSONOMIA

Quadro 10 – Classes temáticas

CLASSES TEMÁTICAS	DESCRIÇÕES	TEMAS	
1. Agricultura	<ul style="list-style-type: none"> • Trata de técnicas utilizadas para cultivar plantas, bem como de política agrícola, práticas de higiene, segurança e qualidade alimentar, de métodos usados na agricultura, de culturas agrícolas e problemas ambientais. 	<ul style="list-style-type: none"> • Adubação • Exploração 	<ul style="list-style-type: none"> • Produção • Plantação
2. Biografias e Personalidades	<ul style="list-style-type: none"> • Trata de figuras atuais ou atualizadas, tipos étnicos e tipos regionais, etc.; pessoas que se destacaram, no bem ou no mal, e que se popularizaram na memória coletiva; tipos humanos, tipos étnicos ou tipos regionais, que aparecem na paisagem social. 	<ul style="list-style-type: none"> • Inconfidência • Coragem • Homenagem 	<ul style="list-style-type: none"> • Habilidade • Reconhecimento
3. Bravura e Valentia	<ul style="list-style-type: none"> • Contam as bravuras dos cangaceiros e dos “amarelinhos que ninguém dá nada por eles”, mas que são capazes de lutar e vencer homens fortes. Valentia, coronelismo, banditismo e jagunçagem, Lampião, Antônio Silvino, Corisco. 	<ul style="list-style-type: none"> • Violência • Vitória • Cangaço • Banditismo • Hesitação • Luta 	<ul style="list-style-type: none"> • Crueldade • Prisão • Valentia • Salvação • Bravura • Liderança
4. Cidade e Vida Urbana	<ul style="list-style-type: none"> • Trata da fixação de aspectos da vida urbana, descrição das cidades e dos Estados. 	<ul style="list-style-type: none"> • Memória • Urbanismo • Culinária 	<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolvimento • Beleza
5. Ciência	<ul style="list-style-type: none"> • Trata do saber, do conhecimento de certas coisas que servem à condução da vida ou à dos negócios; dos conhecimentos adquiridos pelo estudo ou pela prática; da hierarquização, organização e síntese dos conhecimentos através de princípios gerais (teorias, leis, etc.). 	<ul style="list-style-type: none"> • Ciência • Tecnologia • Astronomia • Descobertas 	<ul style="list-style-type: none"> • Matemática • Cosmologia • Heliocentrismo • Inseminação

INDEXAÇÃO DE XILOGRAVURAS À LUZ DA SEMÂNTICA DISCURSIVA
E DAS POTENCIALIDADES DA FOLKSONOMIA

<p>6. Contos</p>	<ul style="list-style-type: none"> Folhetos que falam de onde vêm os contos populares, como os contos de “fadas”, “História de Trancoso”, “lendas”, “mitos” e “fábulas”. 	<ul style="list-style-type: none"> Ganância Fantasia Proteção Ilusão Honestidade Infração Esperteza Aparência Crueldade Invenção Riqueza Encantamento Brincadeiras Sofrimento Mitologia Poder 	<ul style="list-style-type: none"> Paralisação Magia Mistério Transformação Imaginação Iluminação Canto Comunicação Personificação Armadilha Sonoridade Punição Eternidade Luta Ofensa Esforço
<p>7. Crime</p>	<ul style="list-style-type: none"> Folhetos que tratam da violação a uma norma moral, da lei penal incriminadora. Ação ou omissão que se proíbe e se procura evitar, ameaçando-a com pena, porque constitui ofensa (dano ou perigo) a um bem jurídico individual ou coletivo. 	<ul style="list-style-type: none"> Assassinato Maldade Infração Chacina Cilada Massacre 	<ul style="list-style-type: none"> Terrorismo Criminalidade Agressão Perversão Castração
<p>8. Cultura</p>	<ul style="list-style-type: none"> Trata de atividades e modos de agir, costumes, tradições e instruções de um povo. 	<ul style="list-style-type: none"> Cultura Manifestação artística União Valores Imaginação 	<ul style="list-style-type: none"> Entretenimento Composição Língua Imortalidade Criatividade Divulgação

INDEXAÇÃO DE XILOGRAVURAS À LUZ DA SEMÂNTICA DISCURSIVA
E DAS POTENCIALIDADES DA FOLKSONOMIA

		<ul style="list-style-type: none"> • Improviso • Sentido • Expressão 	<ul style="list-style-type: none"> • Ufanismo • Tradição • Sonoridade
9. Educação	<ul style="list-style-type: none"> • Fala da educação como processo contínuo que orienta e conduz o indivíduo a novas descobertas, a fim de tornar suas próprias decisões, dentro de suas capacidades. 	<ul style="list-style-type: none"> • Adivinhação • Cidadania • Conhecimento • Duelo • Aprendizagem 	<ul style="list-style-type: none"> • Arte • Imaginação • Significação • Educação
10. Erotismo	<ul style="list-style-type: none"> • Nesses folhetos, não há intenção de ofender a moralidade pública. O poeta situa-se na objetividade ingênua própria da literatura de cordel. São folhetos que têm o órgão sexual masculino como principal temática, representado, simbolicamente, por muitos de seus apelativos usados no Nordeste, como banana, macaxeira, fumo, quiabo, linguíça, dentre outros. 	<ul style="list-style-type: none"> • Libertinagem • Prostituição • Safadeza • Exibição 	<ul style="list-style-type: none"> • Sexualismo • Promiscuidade • Desejo
11. Esporte	<ul style="list-style-type: none"> • Trata das formas de atividades físicas, formais ou informais, que visam à melhoria das capacidades físicas e mentais, fomentam as relações sociais ou visam obter resultados na competição a todos os níveis. 	<ul style="list-style-type: none"> • Competição • Vitória • Conquista 	<ul style="list-style-type: none"> • Desportos • Defesa • Torcida
12. Feitiçaria	<ul style="list-style-type: none"> • Trata das atividades de feitiçeiros, de ações de bruxaria, sortilégio, malefício. 	<ul style="list-style-type: none"> • Bruxaria • Magia • Transformação 	
13. Fenômeno sobrenatural	<ul style="list-style-type: none"> • Trata de fenômenos que não tenham uma causa natural, coisas malignas, mundo espiritual, fenômenos paranormais, espiritualidade. 	<ul style="list-style-type: none"> • Divindade • Maldição • Sobrenatural • Morte • Mediunidade 	<ul style="list-style-type: none"> • Divino • Assombração • Punição • Espiritual • Sofrimento

INDEXAÇÃO DE XILOGRAVURAS À LUZ DA SEMÂNTICA DISCURSIVA
E DAS POTENCIALIDADES DA FOLKSONOMIA

14. História	<ul style="list-style-type: none"> Folhetos que tratam de fatos históricos 	<ul style="list-style-type: none"> Invasão Revolução Colonização Liberdade Desenvolvimento Escravidão Guerra 	<ul style="list-style-type: none"> Doutrinação Criação Confronto Descobrimto Massacre Independência
15. Homossexualismo	<ul style="list-style-type: none"> Trata de experiências sexuais, afetivas e românticas, principalmente, entre pessoas do mesmo sexo. 	<ul style="list-style-type: none"> Transformismo Homossexualismo 	
16. Humor	<ul style="list-style-type: none"> São cordéis com conteúdos cômicos, piadas. 	<ul style="list-style-type: none"> Odor Gozação Temperamento 	<ul style="list-style-type: none"> Diversão Humor Sofrimento
17. Intempéries	<ul style="list-style-type: none"> Folhetos que falam de fenômenos de natureza relacionados a secas, inundações, terremotos e outros, os quais podem ser vistos como castigo divino aos aspectos dos homens. Do êxodo rural. Deslocamento de pessoas da zona rural (campo) para a zona urbana (cidades). O fenômeno ocorre quando os habitantes do campo visam obter condições de vida melhor. 	<ul style="list-style-type: none"> Seca Destruição Inundação Sofrimento 	<ul style="list-style-type: none"> Migração Sismologia Temperatura
18. Justiça	<ul style="list-style-type: none"> Trata a justiça como princípio moral, prática de atos e/ou decisões que corrijam uma situação ou punam uma falta, de forma a beneficiar aqueles que fizeram por merecer ser beneficiados ou a punir aqueles que ofenderam física e/ou moralmente outra(s) pessoas(s). 	<ul style="list-style-type: none"> Punição Mal Legislação 	<ul style="list-style-type: none"> Adoção Liberdade Justiça
19. Meio Ambiente	<ul style="list-style-type: none"> Conjunto de unidades ecológicas que funcionam como um sistema natural sem a intervenção do homem, incluindo vegetação, animais, microorganismos, solo, rochas, atmosfera e fenômenos naturais. Poluição. Ecologia. 	<ul style="list-style-type: none"> Natureza Poluição Temperatura Destruição 	<ul style="list-style-type: none"> Vida Plantação Liberdade Extinção

INDEXAÇÃO DE XILOGRAVURAS À LUZ DA SEMÂNTICA DISCURSIVA
E DAS POTENCIALIDADES DA FOLKSONOMIA

		<ul style="list-style-type: none"> • Infração 	
20. Moralidade	<ul style="list-style-type: none"> • Trata de normas, princípios e valores, segundo o qual são regulamentadas as relações mútuas entre os indivíduos ou entre estes e a comunidade, de tal maneira que estas normas, dotadas de um caráter histórico e social, sejam acatadas livre e conscientemente por uma convicção íntima e não de uma maneira mecânica, externa ou impessoal. 	<ul style="list-style-type: none"> • Traição • Abandono • Sedução • Irrracionalidade • Hábito • Degustação • Geração • Fidelidade • Estilo 	<ul style="list-style-type: none"> • Maldição • Comportamento • Ostentação • Escândalo • Bigamia • Destino • Julgamento • Safadeza • Violência
21. Morte	<ul style="list-style-type: none"> • Trata do término da vida de um organismo, como também do estado desse organismo depois do evento. As alegorias comuns da morte são o “Anjo da morte”, “a cor negra” ou o famoso “túnel com luminosidade ao fundo”. 	<ul style="list-style-type: none"> • Morte • Assassinato 	<ul style="list-style-type: none"> • Luto • Sofrimento
22. Peleja	<ul style="list-style-type: none"> • São folhetos de “criação”, escritos, às vezes, em homenagem a uma amigo poeta. Contam-nos os seus autores que imaginam, de início, um encontro em cada de um fazendeiro (o desafio entre dois “bambas”), encomendando de pronto o clássico “clichê” de madeira, representando as figuras de dois cantadores sentados, dedilhando a viola em desafio, gravura comumente encontradas nas capas das publicações do gênero. 	<ul style="list-style-type: none"> • Peleja • Desafio • Expressão 	<ul style="list-style-type: none"> • Discussão • Comunicação
23. Poder	<ul style="list-style-type: none"> • Desvio e abuso de poder político, do poder executivo, do estado e governo. 	<ul style="list-style-type: none"> • Liberdade • Economia • Opressão • Revolução • Política • Poder 	<ul style="list-style-type: none"> • Disputa • Promessa • Corrupção • Ambição • Destruição • Eleição

INDEXAÇÃO DE XILOGRAVURAS À LUZ DA SEMÂNTICA DISCURSIVA
E DAS POTENCIALIDADES DA FOLKSONOMIA

		<ul style="list-style-type: none"> • Despotismo • Governo • Utopia 	<ul style="list-style-type: none"> • Privatização • Política salarial
<p>24. Político e social</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Trata “do que se vê em políticas” e refletem o desencanto do povo com falsas promessas de alguns dos seus representantes. Participação social enquanto possibilidade para o exercício da cidadania. 	<ul style="list-style-type: none"> • Subserviência • Sofrimento • Corrupção • Sobrevivência • Ambição • Discriminação • Fiscalização • Desarmamento • Transformação • Descobrimto • Classe social • Vida • Reciclagem • Falsidade • Infração • Vontade • Estímulo • Lembrança • Fofoca • Remuneração • Desigualdade • Ostentação • Civilização • Contribuição • Organização 	<ul style="list-style-type: none"> • Sorte • Azar • Inclusão social • Conscientização • Desigualdade social • Recordação • Transporte • Beleza • Expulsão • Soberania • Comunicação • Posse • Segurança • Esperança • Abandono • Emancipação • Separação • Concorrência • Vaidade • Mesquinhez • Estilo • Dominação • Escravidão

INDEXAÇÃO DE XILOGRAVURAS À LUZ DA SEMÂNTICA DISCURSIVA
E DAS POTENCIALIDADES DA FOLKSONOMIA

<p>25. Religião</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Trata da difusão de ideias religiosas baseadas na tradição cristã, com histórias de Jesus ou da vida dos Santos da Igreja Católica. 	<ul style="list-style-type: none"> • Fé • Evangelização • Santidade • Maternidade • Santificação • Perdão • Bondade • Transgressão • Divindade • Salvação • Regeneração • Libertação • Humildade 	<ul style="list-style-type: none"> • Aconselhamento • Profecia • Imaginação • Criação • Crucificação • Pregação • Cristianismo • Transformação • Sermão • Devoção • Ensinamentos • Natividade
<p>26. Romance</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Fala de amor, de sofrimento, de príncipes, fadas e reinos encantados. 	<ul style="list-style-type: none"> • Sentimento • União • Sofrimento • Rejeição • Honra • Sobrenatural 	<ul style="list-style-type: none"> • Escravidão • Destino • Perdão • Morte • Amor
<p>27. Saúde. Doença</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Trata do estado de completo bem-estar físico, mental e social. Distúrbios das funções de um órgão, da psique ou do organismo humano. 	<ul style="list-style-type: none"> • Amamentação • Saúde • Higiene • Transformação • Enfermidade • Prevenção 	<ul style="list-style-type: none"> • Doença • Cura • Tratamento • Nutrição • Deformação

Fonte: Elaborado própria com base em Albuquerque (2011).

Nesse limiar, na leitura dos folhetos de cordel buscou-se correlacionar o seu conteúdo com os sentidos atribuídos às xilogravuras, o que subsidiou a indexação desses recursos imagéticos sob a perspectiva da Semântica Discursiva, privilegiando os processos de figurativização e tematização. Tal atividade justifica-se pelo fato de que no caso das xilogravuras de cordéis, a narrativa visual antecipa a narrativa textual dos folhetos. Ou seja, a xilogravura se configura como registro visual do que é descrito, posteriormente, nos versos.

Diante disso, a articulação das imagens e das palavras também reside no fato de que elas se alimentam umas das outras e cada xilogravura se vincula às fronteiras da narração entre o real e o imaginário. Nessa perspectiva, o encadeamento ou a imbricação entre as figuras da xilogravura (narrativa visual) e dos versos do folheto (narrativa textual) é denominada nesta pesquisa de articulação semântica.

Seguindo essa linha de raciocínio, o *corpus* desta pesquisa compreende 17 (dezessete) xilogravuras, o que corresponde a 63% do total de classes temáticas propostas por Albuquerque (2011). Isso se dá pelo fato de que não foram encontradas xilogravuras de Marcelo Soares que retratam elementos relacionados à agricultura, ciência, crime, feitiçaria, história,

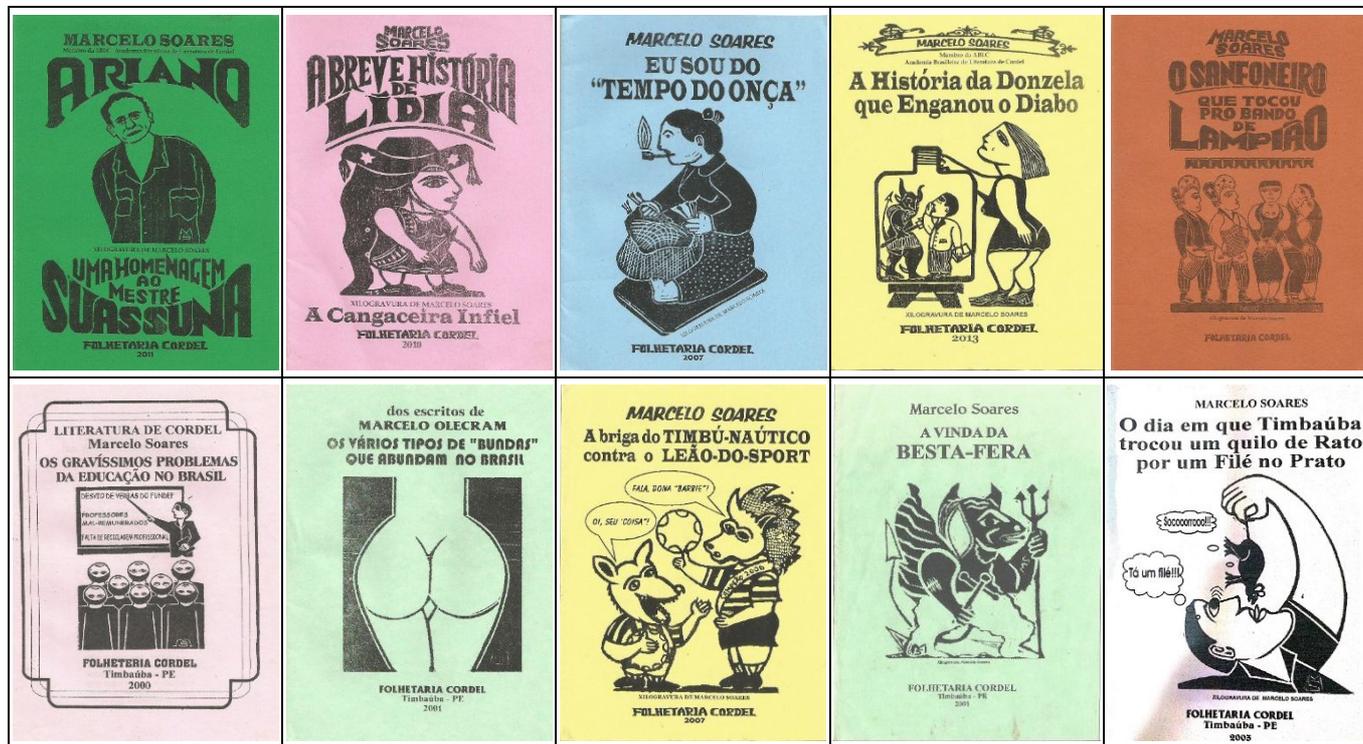
homossexualidade, intempéries, justiça, peleja e romance. Por isso, não foi possível contemplar as classes temáticas em sua totalidade.

A seguir são apresentadas as análises das xilogravuras selecionadas nesta obra. Para fins de melhor estruturação dos resultados, as xilogravuras analisadas estão dispostas neste trabalho de acordo com a sequência das classes propostas por Albuquerque (2011), especificadas no quadro apresentado anteriormente.

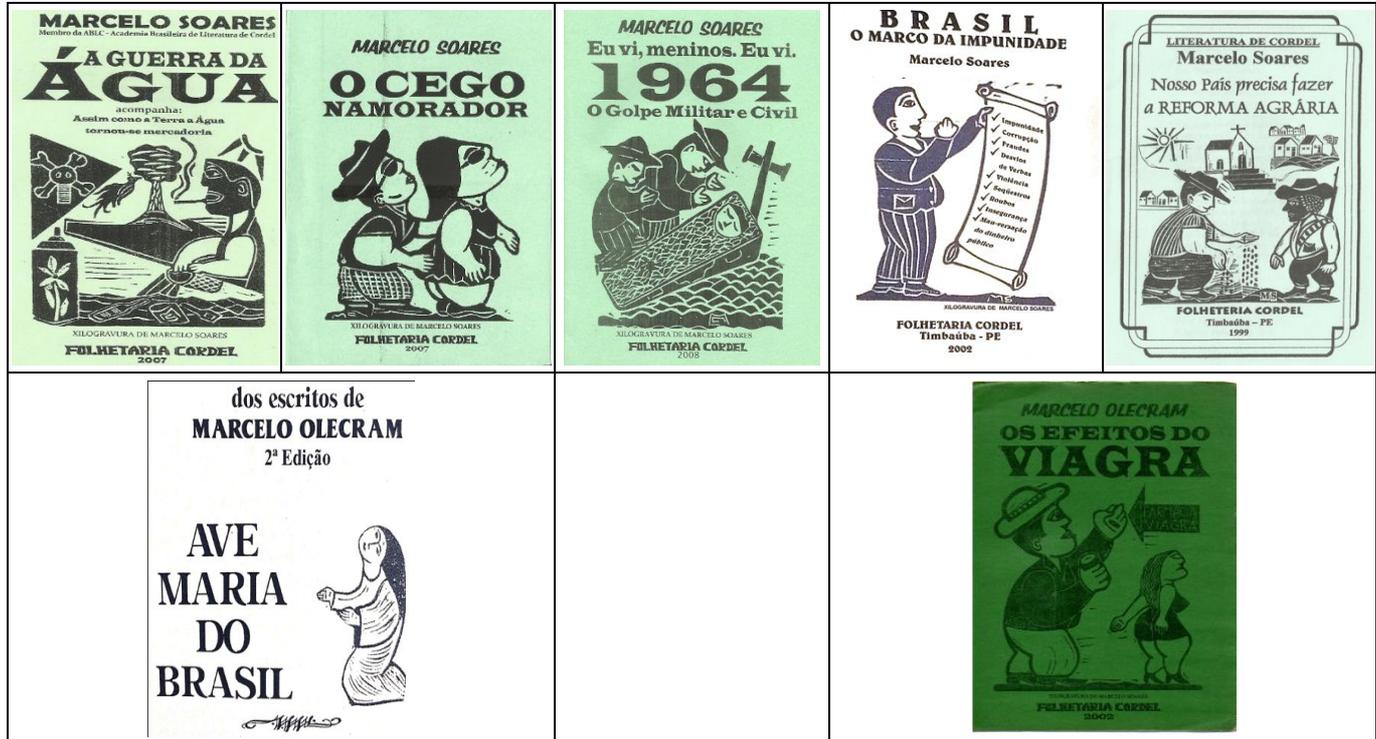
O Quadro 11 a seguir apresenta as xilogravuras analisadas neste capítulo.

INDEXAÇÃO DE XILOGRAVURAS À LUZ DA SEMÂNTICA DISCURSIVA
E DAS POTENCIALIDADES DA FOLKSONOMIA

Quadro 11- Xilogravuras analisadas na pesquisa



INDEXAÇÃO DE XILOGRAVURAS À LUZ DA SEMÂNTICA DISCURSIVA
E DAS POTENCIALIDADES DA FOLKSONOMIA



Fonte: Capas dos folhetos de cordel produzidos e publicados por Marcelo Soares.

Ao analisar as capas de folhetos de cordel apresentadas, percebeu-se que o xilógrafo e poeta Marcelo Soares usa pseudônimo como “Marcelo Olecram” na assinatura de xilogravuras e de folhetos de cordel. Esse sobrenome diz respeito ao primeiro nome (“Marcelo”) escrito de trás para frente.

Essa atividade de seleção do material foi efetuada para a posterior análise das xilogravuras e dos poemas sob o viés da Semântica Discursiva, no intuito de identificar figuras nas imagens e nos textos que subsidiem a identificação dos temas para a indexação desses recursos imagéticos.

- **Classe “Biografias e personalidades”**

Como visto, no campo de indexação de imagens é possível que o profissional se depare com a complexidade de traduzir o conteúdo visual desses recursos em descrições verbais. Assim como as demais tipologias de imagens, informações como nomes e características de pessoas, por exemplo, nem sempre podem ser identificados a partir da narrativa visual presente nas xilogravuras - o que requer a aquisição de informações extrínsecas a esse recurso para subsidiar a prática da indexação, como observa-se na Figura 14.

Figura14- Capa do folheto: “Ariano Suassuna na voz de poetas populares”



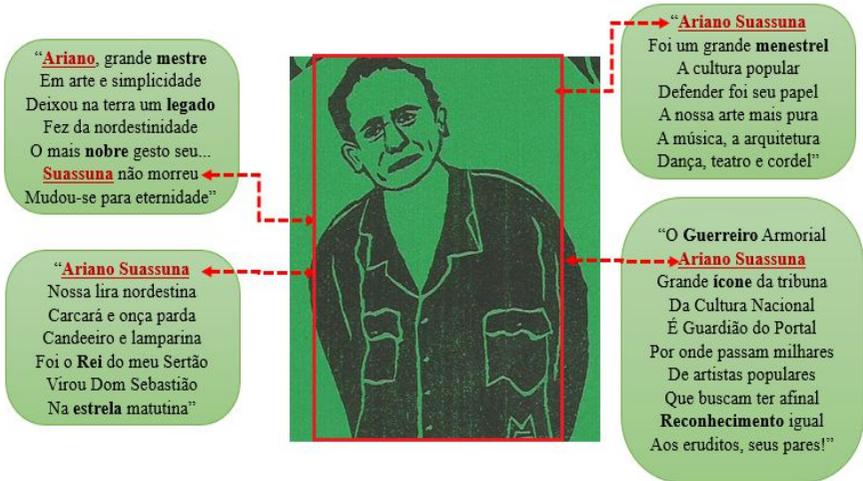
Fonte: Soares (2014).

Ao analisar a imagem apresentada, verificou-se que a xilogravura representa traços de um homem com o rosto inclinado e traje **despojado**, carregando em sua aparência características da **simplicidade**. Notou-se que a mesma se trata da representação de uma pessoa **homenageada**, podendo ser uma **figura pública**, **escritor**, **político**, **artista**, **poeta**, por exemplo. Ou seja, inicialmente podem surgir dúvidas, por parte de

setembro de 2014, tem como título “Ariano Suassuna na voz de poetas populares” e trata sobre a biografia e os traços de personalidade de Ariano Suassuna – escritor, artista, dramaturgo e poeta brasileiro cujas obras agregam elementos de diversos movimentos. Ariano nasceu em 1927 e faleceu em 23 de julho de 2014, foi um dos grandes defensores da cultura popular e um verdadeiro mestre em arte e simplicidade.

Objetivando auxiliar no processo de indexação da xilogravura analisada, a ilustração a seguir evidencia a articulação semântica entre os elementos vislumbrados na xilogravura e nos versos (septilha e décima) do folheto.

Figura 16 - Articulação semântica entre xilogravura e versos do folheto
“Ariano Suassuna na voz de poetas populares”



Fonte: Elaboração própria.

Percebeu-se, portanto, que o vocábulo “Ariano Suassuna” diz respeito ao nome da pessoa mencionada no folheto e que, por sua vez, também se encontra representada na xilogravura. Já os vocábulos com destaque em negrito dizem correspondem às figuras apresentadas nos versos dos folhetos, as quais podem estar associadas ao(s) tema(s) da imagem.

O Quadro a seguir apresenta a síntese dos elementos apontados anteriormente, elencando as figuras extraídas da narrativa visual e dos versos do folheto. Na oportunidade, são apresentados os temas identificados de acordo com o

encadeamento dessas figuras para indexar a imagem em questão, bem como a classe temática que a mesma está associada.

Quadro 12- Figurativização e Tematização da Xilogravura do folheto “Ariano Suassuna na voz de poetas populares”

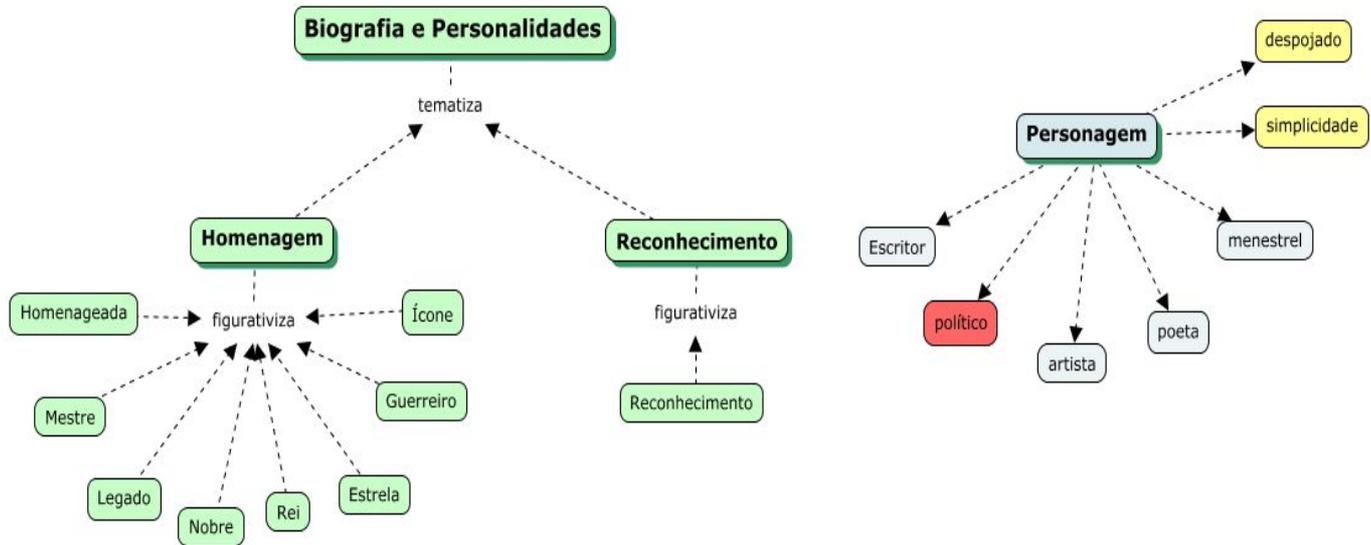
FIGURAS EXTRAÍDAS DA IMAGEM	VERSOS QUE APRESENTAM FIGURAS RELACIONADAS À IMAGEM	FIGURAS EXTRAÍDAS DOS VERSOS	TEMAS IDENTIFICADOS COM BASE NAS FIGURAS	CLASSE TEMÁTICA
*Despojado *Simplicidade *Homenageada *Figura pública *Escritor *Político *Artista *Poeta	“Ariano, grande mestre Em arte e simplicidade Deixou na terra um legado Fez da nordestinidade O mais nobre gesto seu... Suassuna não morreu, Mudou-se para eternidade”	*Mestre *legado *nobre *Rei *Estrela *Menestrel *Guerreiro *Ícone *Reconhecimento	*Homenagem *Reconhecimento	*Biografias e personalidades
	Ariano Suassuna Nossa lira nordestina Carcará e onça parda Candeieiro e lamparina Foi o Rei do meu Sertão Virou Dom Sebastião Na estrela matutina			
	“Ariano Suassuna Foi um grande menestrel A cultura popular Defender foi seu papel A nossa arte mais pura A música, a arquitetura Dança, teatro e cordel”			
	“O Guerreiro Armorial Ariano Suassuna Grande ícone da tribuna Da Cultura Nacional É guardião do Portal Por onde passam milhares De artistas populares Que buscam ter afinal Reconhecimento igual Aos eruditos, seus pares!”			

Fonte: Elaboração própria.

Com base nas informações apresentadas anteriormente, percebeu-se que a xilogravura analisada pode ser indexada com os temas “**Homenagem**” e “**Reconhecimento**”. Esses temas foram identificados, através da articulação semântica constatada na análise da narrativa visual e da narrativa textual e pertencem à classe “Biografias e Personalidades”, uma vez que Ariano Suassuna, representado na xilogravura, é uma pessoa que se destacou e se popularizou na memória coletiva.

A Figura 17 apresenta graficamente a classe temática supracitada, identificada por meio dos vocábulos que figurativizam os temas “Homenagem” e “Reconhecimento”. Esses vocábulos foram extraídos da análise da narrativa visual e textual, ou seja, da xilogravura e dos versos do folheto.

Figura 17- Figuras, temas e classe da Xilogravura do folheto “Ariano Suassuna na voz de poetas populares”



Fonte: Elaboração própria.

Dessa forma, os vocábulos “*homenageada*”, “*mestre*”, “*legado*”, “*nobre*”, “*rei*”, “*estrela*”, “*guerreiro*” e “*ícone*” figurativizam o tema “**Homenagem**”, o que se relaciona com exaltação e respeito pela pessoa representada na imagem. O vocábulo “*reconhecimento*”, por sua vez, figurativiza o tema “**Reconhecimento**”, associado ao ato de reconhecer o mérito de alguém. As figuras identificadas na análise da narrativa visual - “*escritor*”, “*artista*”, “*poeta*”, “*menestrel*”, “*despojado*” e “*simplicidade*” - estão associadas à personalidade do sujeito homenageado, o Ariano Suassuna.

Entretanto, identificou-se que a figura “*político*”, apontada anteriormente na análise da xilogravura, não possui relação direta com os temas apresentados - o que recai sobre a reflexão de que as pessoas e as suas respectivas características nem sempre são identificadas, em primeiro momento, na análise de imagens como as xilogravuras. Por isso a importância da aquisição de informações extrínsecas que apresentem mais referências para o reconhecimento dos conteúdos desses recursos.

Suplementarmente, do lado direito da Figura 17 são apresentados os vocábulos extraídos da análise da xilogravura, associados às características do personagem representado na

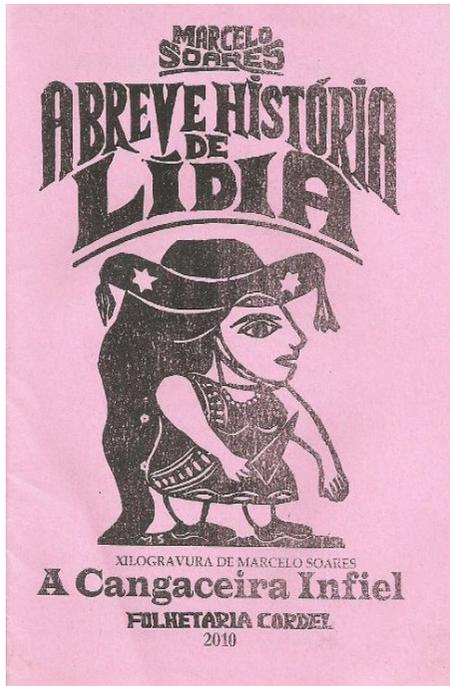
imagem, os quais também subsidiaram a identificação dos temas e da classe temática supracitada.

- **Classe “Bravura e Valentia”**

As xilogravuras criadas pelo artista também apresentam elementos associados à bravura e valentia, contemplando acontecimentos reais ou imaginários.

Na Figura18 observa-se:

Figura 18- Capa do folheto: “A breve história de Lídia: a cangaceira infiel”

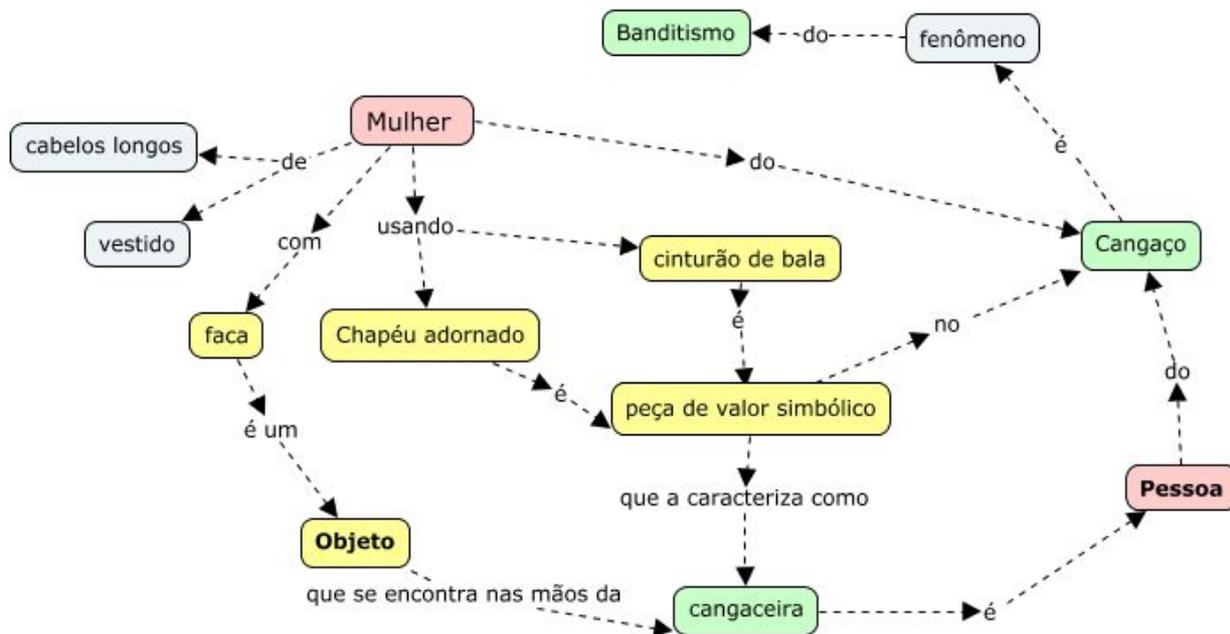


Fonte: Soares (2010).

Ao analisar essa xilogravura, notou-se que a imagem representa uma mulher de cabelos longos e de vestido, usando **chapéu adornado** e, aparentemente, **cinturão de bala** suspenso em seu ombro direito – peças de valor simbólico no **cangaço**, fenômeno do **banditismo** predominante na região do Nordeste do Brasil como forma de manifestação social. Nesse sentido, observou-se que a xilogravura em questão representa a imagem de uma **cangaceira** com uma **faca** na mão.

A seguir são apresentados os elementos concretos (figuras) supracitados – relacionados ao personagem, objetos e características – reconhecidos na xilogravura e destacados a partir da análise da narrativa visual.

Figura 19- Figurativização da Xilogravura do folheto “A breve história de Lília: a cangaceira infiel”

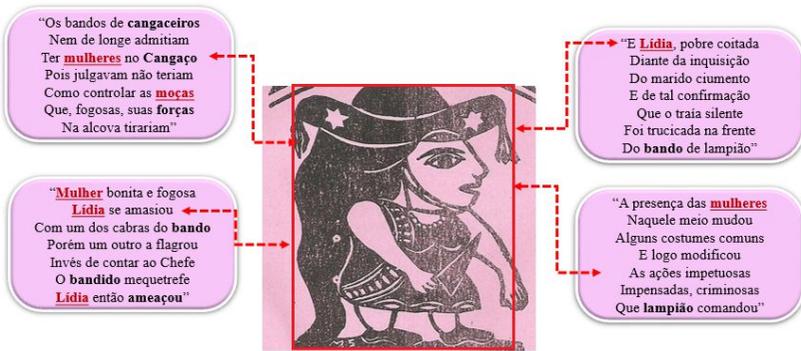


Fonte: Elaboração própria.

Visando identificar as correlações dessas figuras, ao ler integralmente o folheto em que a imagem se encontra ilustrada, verificou-se que o folheto intitulado “A breve história de Lídia” descreve, de maneira sucinta, a história da morte dessa mulher - cangaceira baiana admirada pelos cangaceiros e considerada a mais bela das mulheres do grupo. Os versos descrevem um fato ocorrido na região nordeste do Brasil, em que essa mulher foi morta a pauladas pelo seu esposo Zé Baiano, por ter traído o mesmo com um dos cangaceiros do grupo, descumprido um dos códigos de ética (a fidelidade) impostos por Lampião. O adultério foi revelado pelo cangaceiro chamado Coqueiro, o qual também foi morto por Lampião após fazer a delação.

A ilustração a seguir apresenta a articulação semântica entre as figuras identificadas na análise da xilogravura e nos versos do folheto (septilha), no intuito de subsidiar o procedimento de tematização e indexação dessa imagem.

Figura 20- Articulação semântica entre xilogravura e versos do folheto “A breve história de Lídia”



Fonte: Elaboração própria.

Nessa perspectiva, constatou-se que os vocábulos identificados e destacados nos versos na cor vermelha (“Mulheres”, “mulher” e “Lídia”) estão associados à personagem representada na xilogravura. Já os vocábulos com destaque em negrito dizem respeito às figuras que podem estar associadas aos temas da imagem. A síntese do processo de figurativização e tematização da xilogravura analisada encontra-se descrita no Quadro 13.

INDEXAÇÃO DE XILOGRAVURAS À LUZ DA SEMÂNTICA DISCURSIVA
E DAS POTENCIALIDADES DA FOLKSONOMIA

Quadro 13- Figurativização e Tematização da Xilogravura do folheto “A breve história de Lídia”

FIGURAS EXTRAÍDAS DA IMAGEM	VERSOS QUE APRESENTAM FIGURAS RELACIONADAS À IMAGEM	FIGURAS EXTRAÍDAS DOS VERSOS	TEMA IDENTIFICADO COM BASE NAS FIGURAS	CLASSE TEMÁTICA
<p>*Chapéu adornado *Cinturão de bala *Cangaço *Banditismo *Cangaceira Faca</p>	<p>“Os bandos de cangaceiros Nem de longe admitiam Ter mulheres no Cangaço Pois julgavam não teriam Como controlar as moças Que, fogosas, suas forças Na alcova tirariam”</p>	<p>*Cangaceiro *Cangaço *Forças *Bando *Bandido *Ameaçou *Lampião</p>	<p>*Cangaço</p>	<p>*Bravura e Valentia</p>
	<p>“Mulher bonita e fogosa Lídia se amasiou Com um dos cabras do bando Porém um outro a flagrou Invés de contar ao Chefe O bandido mequetrefe Lídia então ameaçou”</p>			
	<p>“E Lídia pobre coitada Diante da inquisição Do marido ciumento E de tal confirmação Que o traía silente Foi trucidada na frente Do bando de Lampião”</p>			
	<p>“A presença das mulheres Naquele meio mudou Alguns costumes comuns E logo modificou As ações impetuosas Impensadas, criminosas Que lampião comandou”</p>			

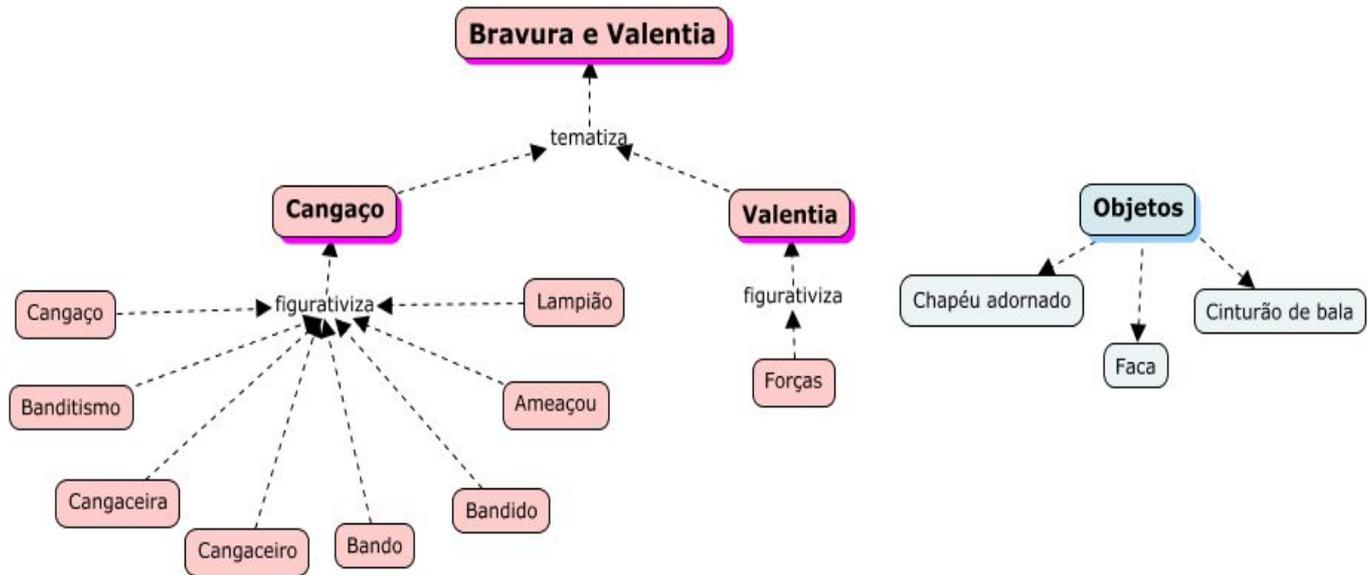
Fonte: Elaboração própria.

Diante do exposto, mediante a articulação semântica constatada na análise da narrativa visual (imagem) e da narrativa textual (versos do folheto), percebeu-se que a xilogravura pode ser indexada com os temas “**Cangaço**” e “**Valentia**”. Seguindo essa

linha de raciocínio, certificou-se que essa imagem faz parte da classe temática “Bravura e Valentia”, retratando as bravuras dos(as) cangaceiros(as), bem como aspectos relacionados à valentia, coronelismo, banditismo e jangunçagem, etc.

A Figura 21 apresenta a síntese dos elementos elencados no Quadro a seguir, elucidando as figuras extraídas da análise da narrativa textual e da narrativa visual, bem como os temas “Cangaço” e “Valentia” e a classe temática “Bravura e valentia”.

Figura 21- Figuras, temas e classe da Xilogravura do folheto “A breve história de Lídia”



Fonte: Elaboração própria.

Diante do exposto, foi possível constatar que as figuras “cangaço”, “banditismo”, “cangaceira”, “cangaceiro”, “bando”, “bandido”, “ameaçou” e “lampião” figurativizam o tema “**Cangaço**”, fenômeno do banditismo brasileiro predominante na região nordeste do país sob a liderança de Lampião. O vocábulo “forças”, por sua vez, figurativiza o tema “**Valentia**”, qualidade de pessoa valente, corajosa diante de adversidades ou necessidades da vida.

Ademais, as figuras “faca”, “chapéu adornado” e “cinturão de bala”, identificadas na análise da narrativa visual, também se encontram relacionadas às figuras mencionadas anteriormente e contribuem para a identificação dos temas, uma vez que diz respeito às peças (objetos) que simbolizam o cangaço cujo líder era Lampião.

- **Classe “Cidade e Vida Urbana”**

As xilogravuras também representam elementos associados a situações do cotidiano e personagens que fazem parte do imaginário popular brasileiro, como observa-se na Figura 22.

Figura 22 – Capa do folheto: “Eu sou do tempo do onça”

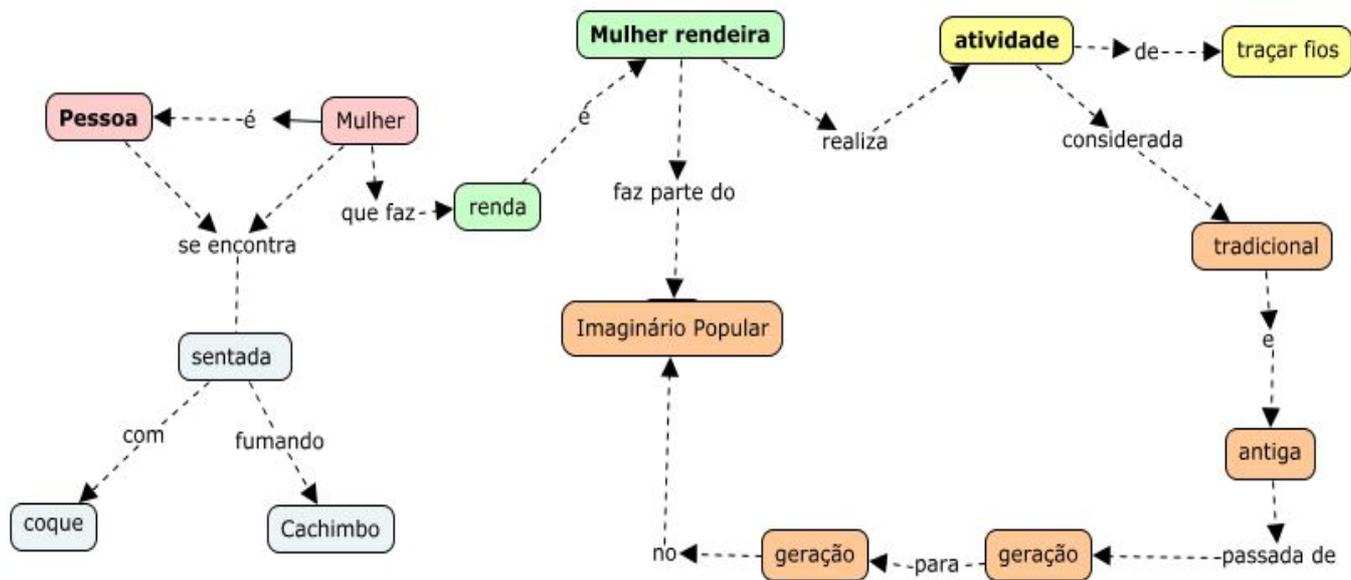


Fonte: Elaboração própria.

Notou-se que essa imagem representa uma mulher sentada com coque no centro da cabeça, cachimbo na boca, **traçando** finos **fios**. Aparentemente, a xilogravura ilustra uma **mulher rendeira**, pessoa que trabalha na **renda** - atividade **tradicional** e muito **antiga**, passada de **geração** para **geração**, e que faz parte do **imaginário** popular brasileiro.

A seguir são apresentadas as figuras destacadas anteriormente na análise da narrativa visual cujos vocábulos se relacionam às características e à atividade desempenhada pela personagem representada na xilogravura.

Figura 23- Figurativização da Xilogravura do folheto “Eu sou do tempo do onça”



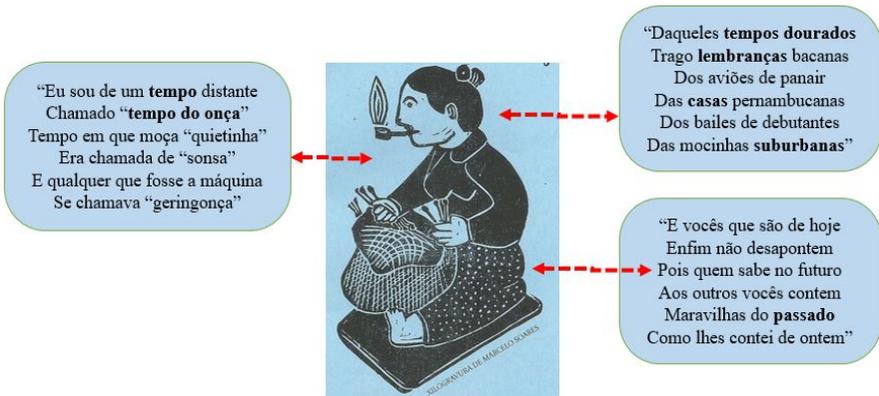
Fonte: Elaboração própria.

Para aquisição de informações adicionais sobre a xilogravura a ser indexada, fez-se necessária à leitura do título e dos versos do folheto em que a imagem se encontra ilustrada. O folheto intitulado “Eu sou do tempo do onça” descreve nas 32 (trinta e duas) sextilhas, de maneira engraçada, os elementos e expressões antigas que faziam parte do cotidiano das pessoas consideradas do “tempo do onça”, expressão que remete à coisa antiga, retrógrada.

As rendeiras são consideradas como figuras antigas que fazem parte do imaginário popular. Portanto, acreditou-se que, de modo correspondente, o folheto de cordel é representado pela imagem de uma mulher rendeira, pessoa que durante o seu trabalho costumava se reunir com as colegas de profissão para conversar e contar os causos, ou seja, as histórias representadas por fatos verídicos ou não, além de ter a intenção de passar de geração para geração os conhecimentos sobre a sua atividade. Portanto, percebeu-se que no cordel “Eu sou do tempo do onça” a mulher rendeira é a pessoa que apresenta os relatos antigos da vida cotidiana.

Nesse limiar, a ilustração a seguir apresenta a articulação semântica entre as figuras identificadas.

Figura 24 - Articulação semântica entre xilogravura e versos do folheto “Eu sou do tempo do onça”



Fonte: Elaboração própria.

Nessa ilustração, os vocábulos e expressões destacados em negrito dizem respeito às figuras apresentadas nos versos do folheto. Essas, por sua vez, podem estar associadas aos temas que representam o conteúdo da xilogravura analisada. É importante ressaltar que não foram identificados nos versos do folheto vocábulos e expressões associadas ao nome da personagem representada na imagem. Entretanto, verificou-se que a articulação semântica entre a xilogravura e os versos do folheto representado reside no fato de que ambos apresentam em suas narrativas elementos associados às recordações e aspectos do cotidiano, os quais fazem parte da memória e da cultura popular.

Nesse caso, foi possível perceber que a xilogravura não se trata de uma mera ilustração da narrativa visual, ela também possui funções metafóricas que viabilizam a reprodução de sentidos e significados que fazem parte das observações do cotidiano e da vida social.

Diante disso, constatou-se que a atividade de analisar a representação de uma arte em outra arte, neste caso da xilogravura na literatura de cordel, deve considerar as relações das diferentes artes entre si e o aspecto representativo e interpretativo que elas incitam.

O Quadro a seguir elenca as figuras extraídas da análise da xilogravura e dos versos do folheto cuja imagem se encontra ilustrada. Ademais, são apresentados os temas identificados de acordo com a imbricação dessas figuras, bem como a classe temática que a imagem analisada está associada.

INDEXAÇÃO DE XILOGRAVURAS À LUZ DA SEMÂNTICA DISCURSIVA
E DAS POTENCIALIDADES DA FOLKSONOMIA

Quadro 14- Figurativização e Tematização da Xilogravura do folheto “Eu sou do tempo do onça”

FIGURAS EXTRAÍDAS DA IMAGEM	VERSOS QUE APRESENTAM FIGURAS RELACIONADAS À IMAGEM	FIGURAS EXTRAÍDAS DOS VERSOS	TEMAS IDENTIFICADOS COM BASE NAS FIGURAS	CLASSE TEMÁTICA
*Traçando *fios *Rendeira *Renda *Tradicional *Antiga *Geração *Imaginário	“Eu sou de um tempo distante Chamado ' tempo do onça ' Tempo em que moça 'quietinha' Era chamada de 'sonsa' E qualquer que fosse a máquina Se chamava de geringonça”	*Tempo *Tempo do onça *Lembranças *Casas *Suburbanas *Passado	*Memória *Urbanismo	*Cidade e vida urbana
	“Daqueles tempos dourados Trago lembranças bacanas Dos aviões da Panair Das Casas Pernambucanas Dos bailes de debutantes Das mocinhas suburbanas ”			
	“E vocês que são de hoje Enfim não se desapontem Pois quem sabe no futuro Aos outros vocês contem Maravilhas do passado Como lhes contei de ontem”			

Fonte: Elaboração própria.

Com base nessa perspectiva, foi possível observar que a xilogravura analisada pode ser indexada através dos temas “**Memória**” e “**Urbanismo**”. Esses, por sua vez, fazem parte da classe “Cidade e vida urbana”, designando às recordações e representação do cotidiano das pessoas em cidades e Estados, os quais fazem parte da memória e da cultura popular. A Figura 25 apresenta as expressões e vocábulos, extraídos da análise da narrativa visual e textual, que subsidiaram a identificação desses temas e dessa classe temática.

INDEXAÇÃO DE XILOGRAVURAS À LUZ DA SEMÂNTICA DISCURSIVA
E DAS POTENCIALIDADES DA FOLKSONOMIA

Figura 25- Figuras, temas e classe da xilogravura do folheto “Eu sou do tempo do onça”



Fonte: Elaboração própria.

Dessa forma, os vocábulos “*tradicional*”, “*antiga*”, “*imaginário*”, “*geração*”, “*tempo*”, “*lembranças*”, “*passado*” e a expressão “*tempo do onça*” figurativizam o tema “**Memória**”, o qual indica recordações de algo guardado na cognição de um (ou mais) sujeito. Já os vocábulos “*casas*” e “*suburbanas*”, por sua vez, figurativizam o tema “**Urbanismo**”, destacando a realidade de determinados espaços urbanos.

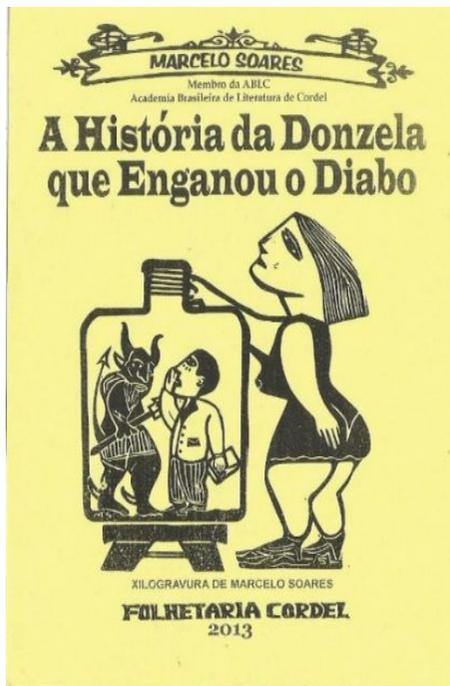
As figuras “*rendeira*”, “*renda*”, “*traçando*”, “*fios*” foram extraídas da análise da xilogravura e dizem respeito às características e elementos associados à personagem representada na imagem, a *rendeira*, figura tradicional que faz parte da memória coletiva.

A partir disso, observou-se a existência da relação das xilogravuras com a representação dos elementos que fazem parte do cotidiano de cada povo, promovendo o encontro do tradicional e do imaginário popular.

- **Classe “Contos”**

Como visto, o artista pode usar a xilogravura para retratar elementos imaginários provenientes de invenções fantasiadas em sua cognição, estórias ou lendas contadas em uma determinada região. Nesse caso, a realidade atribuída à xilogravura se configura como um produto do imaginário, conforme é possível visualizar na ilustração a seguir.

Figura 26- Capa do folheto: “A história da donzela que enganou o diabo”



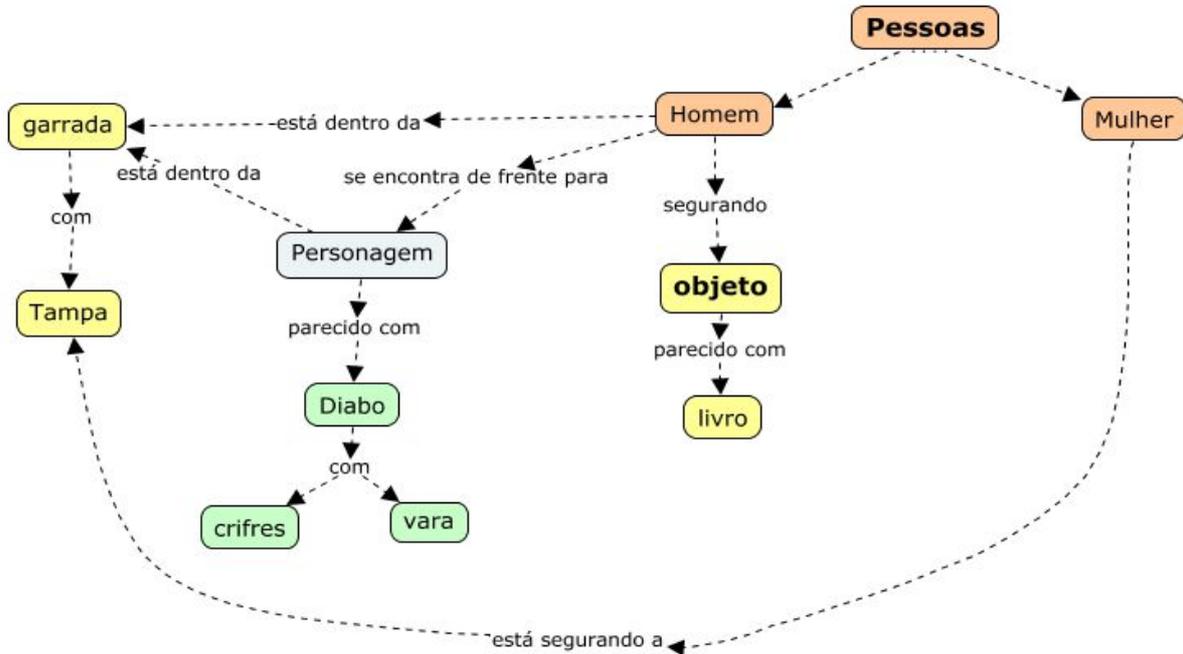
Fonte: Soares (2013).

Ao analisar a imagem apresentada, foi possível verificar que a xilogravura representa um **homem**, uma **mulher** e um personagem sobrenatural (aparentemente o **diabo**) com **chifres** e uma **vara** na mão direita. Em frente a esse personagem se encontra um homem com a mão direita estendida para o alto e um objeto em sua mão esquerda, aparentemente um **livro**. Observou-se ainda que, tanto o homem como o personagem sobrenatural se encontram dentro de um recipiente que parece uma **garrafa** com **tampa** de enroscar. Do lado direito da xilogravura, se encontra a mulher com a sua mão esquerda segurando a **tampa** do recipiente.

Com base nessa análise da narrativa visual, a seguir são apresentadas as figuras relacionadas aos personagens, características e objetos reconhecidos na xilogravura.

INDEXAÇÃO DE XILOGRAVURAS À LUZ DA SEMÂNTICA DISCURSIVA
E DAS POTENCIALIDADES DA FOLKSONOMIA

Figura 27 - Figuratização da xilogravura do folheto “A história da donzela que enganou o diabo”



Fonte: Elaboração própria.

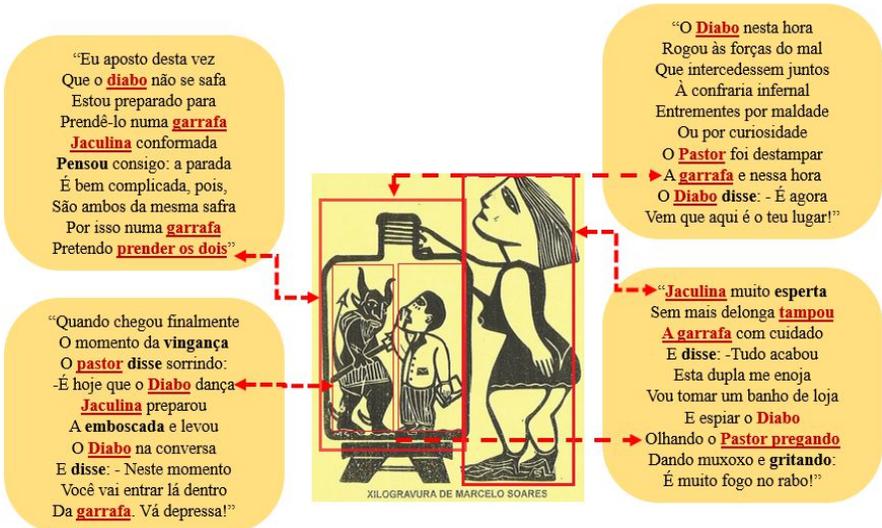
No intuito de identificar se no título e nos versos do folheto existem elementos similares às figuras apresentadas e destacadas anteriormente, ao ler integralmente, verificou-se que o folheto intitulado “A história da donzela que enganou o Diabo¹³” descreve, de maneira engraçada, a estória de Jaculina - uma moça donzela e exigente, que apresentava aos seus pretendentes muitos pré-requisitos para conquistá-la. No Nordeste, a moça donzela se trata de uma jovem solteira.

A narrativa descreve que o Diabo, transformado de homem, ao saber que Jaculina tinha fama de orgulhosa, teve a missão de tentar conquistá-la. A moça, ao gostar das propostas apresentadas, queria casar com ele. Entretanto, com o passar do tempo, a mesma reconheceu que o homem na verdade era o demônio. Assustada, resolveu pedir ajuda ao pastor da igreja com o plano de prender ele e o Diabo em uma garrafa.

Nesse limiar, a Figura 28 apresenta a relação existente entre as figuras identificadas na xilogravura, no intuito de subsidiar o procedimento de tematização dessa imagem.

¹³ Anjo preferido de Deus que o traiu e foi expulso do paraíso, e passou a ser o senhor do inferno. Também popularmente denominado de capeta, demônio, tihoso e chifrudo, etc.

Figura 28- Articulação semântica entre xilogravura e versos do folheto
“A história da Donzela que enganou o Diabo”



Fonte: Elaboração própria.

Os vocábulos “Diabo”, “Jaculina”, “Pastor”, “Garrafa” e as expressões “prender os dois”, “pastor pregando” dizem respeito aos personagens, ações e objeto descritos nos versos e representados na xilogravura. Os vocábulos destacados em negrito também subsidiam a identificação dos temas e da classe temática que essa imagem está associada.

Com base nas análises apresentadas anteriormente, a seguir são elencadas as figuras extraídas da análise da narrativa visual e textual, bem como são expostos os temas e classe temática que essa imagem integra.

INDEXAÇÃO DE XILOGRAVURAS À LUZ DA SEMÂNTICA DISCURSIVA
E DAS POTENCIALIDADES DA FOLKSONOMIA

Quadro 15- Figurativização e Tematização da xilogravura do folheto “A história da Donzela que enganou o Diabo”

FIGURAS EXTRAÍDAS DA IMAGEM	VERSOS QUE APRESENTAM FIGURAS RELACIONADAS À IMAGEM	FIGURAS EXTRAÍDAS DOS VERSOS	TEMAS IDENTIFICADOS COM BASE NAS FIGURAS	CLASSE TEMÁTICA
<p>*Homem *Mulher *Diabo *Chifres *Vara *Livro *Garrafa *Tampa</p>	<p>“Eu aposto desta vez Que o diabo não se safa Estou preparado para Prendê-lo numa garrafa Jaculina conformada Pensou consigo: a parada É bem complicada, pois, São ambos da mesma safra Por isso numa garrafa Pretendo prender os dois”</p>	<p>*Pensou *Vingança *Disse *Emboscada *Conversa *esperta *gritando</p>	<p>*Imaginação *Comunicação *Armadilha *Esperteza *Punição</p>	<p>*Contos</p>
	<p>“Quando chegou finalmente O momento da vingança O pastor disse sorrindo: -É hoje que o Diabo dança Jaculina preparou A emboscada e levou O Diabo na conversa E disse: - Neste momento Você vai entrar lá dentro Da garrafa. Vá depressa!”</p>			
	<p>“O Diabo nesta hora Rogou às forças do mal Que intercedessem juntos À confraria infernal Entrementes por maldade Ou por curiosidade O Pastor foi destampar A garrafa e nessa hora O Diabo disse: - É agora Vem que aqui é o teu lugar!”</p>			
	<p>“Jaculina muito esperta Sem mais delonga tampou A garrafa com cuidado E disse: -Tudo acabou Esta dupla me enoja Vou tomar um banho de loja E espiar o Diabo Olhando o Pastor pregando Dando muxoxo e gritando: É muito fogo no rabo!”</p>			

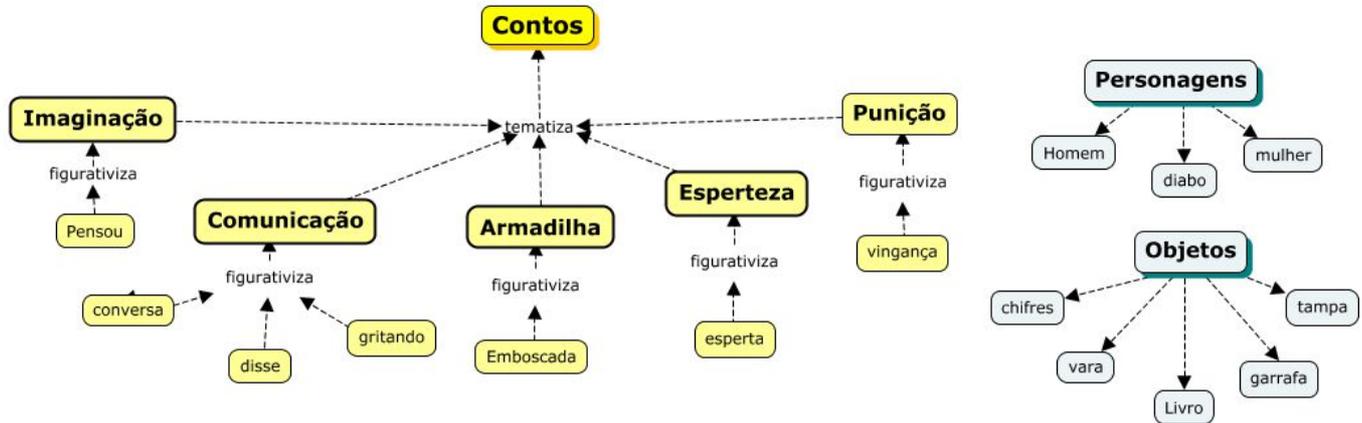
Fonte: Elaboração própria.

A partir das figuras analisadas, foi possível constatar que a xilogravura pode ser indexada com os temas “**Imaginação**”, “**Comunicação**”, “**Armadilha**”, “**Esperteza**” e “**Punição**”. Ademais, verificou-se que esses temas pertencem à classe temática “**Contos**”, pois contêm elementos e situações imaginárias.

A Figura 29 apresenta os vocábulos que figurativizam esses temas e essa classe temática.

INDEXAÇÃO DE XILOGRAVURAS À LUZ DA SEMÂNTICA DISCURSIVA
E DAS POTENCIALIDADES DA FOLKSONOMIA

Figura 29- Figuras, temas e classe da xilogravura do folheto “A história da Donzela que enganou o Diabo”



Fonte: Elaboração própria.

Diante do exposto, o vocábulo “*pensou*” figurativiza o tema “**imaginação**”, que diz respeito à capacidade mental de representar objetos reais ou ideais – aspecto associado ao que é representado nos versos e na xilogravura. Os vocábulos “*conversa*”, “*disse*” e “*gritando*” figurativizam o tema “**Comunicação**”, processo que envolve a troca de informações entre dois ou mais interlocutores, no caso analisado, os personagens da estória (homem, mulher e diabo). O vocábulo “*emboscada*” figurativiza o tema “**Armadilha**”, tática utilizada para prender ou capturar algo para sobrevivência, nesse caso diz respeito à estratégia utilizada pela moça para prender o demônio e o pastor na garrafa.

O vocábulo “*esperta*”, por sua vez, figurativiza o tema “**Esperteza**” - qualidade ou ação de quem é esperto e consegue sobressair-se pela astúcia ou malandragem, nesse caso diz respeito à qualidade atrelada à moça da estória. Já o vocábulo “*vingança*” figurativiza o tema “**punição**”, qualquer forma de castigo imposta para quem cometeu um erro ou crime. Esses temas, por sua vez, estão associados à classe temática “Contos”.

Na figurativização da narrativa visual presente na xilogravura são identificados os personagens do conto, representados pelos vocábulos “*homem*”, “*diabo*” e “*mulher*”; bem como os objetos presentes na imagem - representados pelos

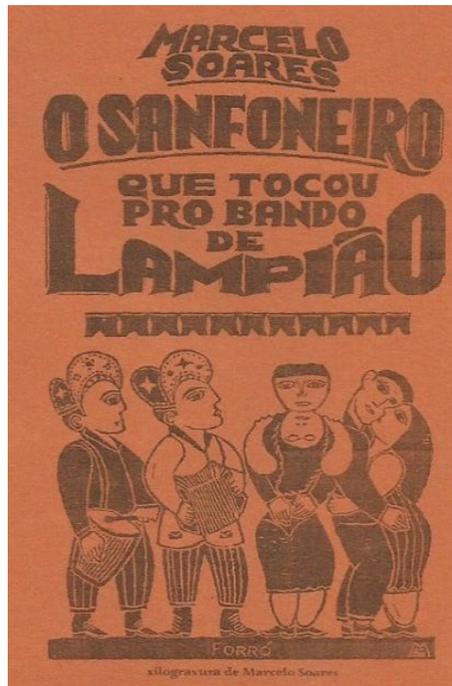
vocábulos “*chifres*”, “*vara*”, “*livro*”, “*garrafa*” e “*tampa*”. Tais vocábulos também contribuem para a identificação dos temas e da classe em que a xilogravura faz parte, uma vez que, em conjunto, esses vocábulos estão associados a elementos reais e imaginários.

A partir disso, observou-se que as xilogravuras também são utilizadas para representar personagens e situações irreais provenientes do imaginário popular. No caso das xilogravuras de cordel, essas imagens objetivam provar a performance infiltrada no imaginário e na voz do poeta como representação do seu discurso.

- **Classe “Cultura”**

Como visto, a xilogravura é uma arte milenar que expressa a cultura popular por meio de representações de manifestações artísticas, valores e tradições, marcando a identidade do Nordeste e do Brasil. Na ilustração a seguir observa-se:

Figura 30- Capa do folheto: “O sanfoneiro que tocou pro bando de Lampião”



Fonte: Soares (2007d).

Notou-se que essa imagem representa, no lado esquerdo, dois homens com chapéu adornado, ambos estão segurando

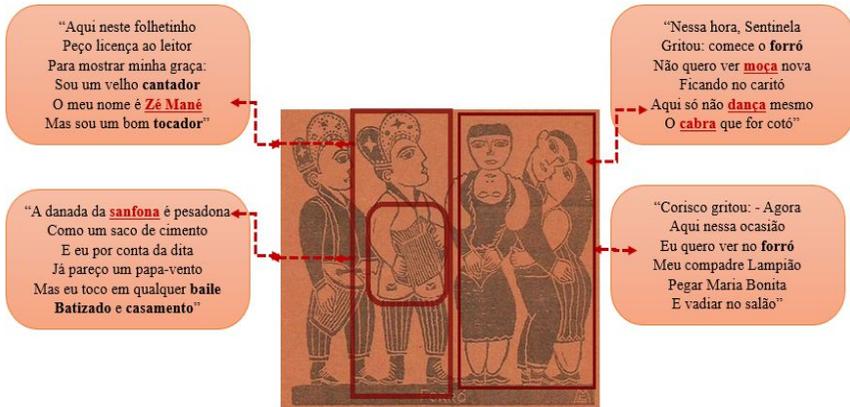
objetos parecidos com instrumentos musicais. Um deles está tocando **zabumba** -conhecido popularmente como **bombo** - e outro se encontra posicionado segurando um instrumento semelhante a um **acordeão**, popularmente denominado no Brasil de **sanfona**. Com base nessa perspectiva, percebeu-se que a xilogravura representa dois personagens: um **sanfoneiro** e um **zabumbeiro**. De outro modo disposto, do lado direito da xilogravura notou-se a representação de dois casais aparentemente dançando **forró**, **dança** popular e gênero musical originário da região Nordeste do Brasil em que se **dança** em pares.

Considerando os elementos destacados e reconhecidos na narrativa visual, a seguir são apresentadas as figuras relativas aos personagens, objetos e elementos representados na xilogravura.

Ao ler integralmente o folheto intitulado “O sanfoneiro que tocou pro bando de Lampião”, verificou-se que o mesmo relata a história de um cantor e sanfoneiro chamado Zé Mané que foi intimado por um cangaceiro para cantar e tocar forró para o bando de Lampião. A sanfona, instrumento enfatizado na história em questão, se encontra diretamente relacionada à cultura popular e aparece em ritmos como forró e músicas regionais, sendo um instrumento comum no Nordeste do Brasil - região em que o cangaço também predominou enquanto fenômeno do banditismo.

Para dar segmento a essas considerações, a Figura 32 apresenta a articulação semântica entre as figuras identificadas na narrativa visual e nos versos do folheto, objetivando buscar subsídios para a indexação dessa imagem.

Figura 32- Articulação semântica entre xilogravura e versos do folheto “O sanfoneiro que tocou pro bando de Lampião”



Fonte: Elaboração própria.

Certificou-se, portanto, que os vocábulos “Zé Mané”, “Sanfona”, “Moça”, “dança” e “Cabra”¹⁴ dizem respeito aos personagens, ação e objeto descritos nos versos e representados na xilogravura. Já os vocábulos destacados em negrito são figuras que subsidiaram a identificação dos temas e da classe temática que essa imagem está associada.

Seguindo essa linha de raciocínio, o Quadro 16 elenca as figuras, os temas e a classe associada à xilogravura em questão.

¹⁴ Expressão popular usada no Nordeste do Brasil que significa “Homem”.

Quadro 16- Figurativização e Tematização da xilogravura do folheto “O sanfoneiro que tocou pro bando de Lampião”

FIGURAS EXTRAÍDAS DA IMAGEM	VERSOS QUE APRESENTAM FIGURAS RELACIONADAS À IMAGEM	FIGURAS EXTRAÍDAS DOS VERSOS	TEMAS IDENTIFICADOS COM BASE NAS FIGURAS	CLASSE TEMÁTICA
*Zabumba *Bombo *Acordeão *Sanfona *Sanfoneiro *Zabumbeiro *Forró *Dança	“Aqui neste folheto Peço licença ao leitor Para mostrar minha graça: Sou um velho cantador O meu nome é Zé Mané Mas sou um bom tocador ”	*Cantador *tocador *sanfona *baile *batizado *casamento *forró *dança	*Cultura *Manifestação artística	*Cultura
	“A danada da sanfona é pesadona Como um saco de cimento E eu por conta da dita Já pareço um papa-vento Mas eu toco em qualquer baile Batizado e casamento ”			
	“Nessa hora, Sentinela Gritou: comece o forró Não quero ver moça nova Ficando no caritô Aqui só não dança mesmo O cabra que for cotô”			
	“Corisco gritou: - Agora Aqui nessa ocasião Eu quero ver no forró Meu compadre Lampião Pegar Maria Bonita E vadiar no salão”			

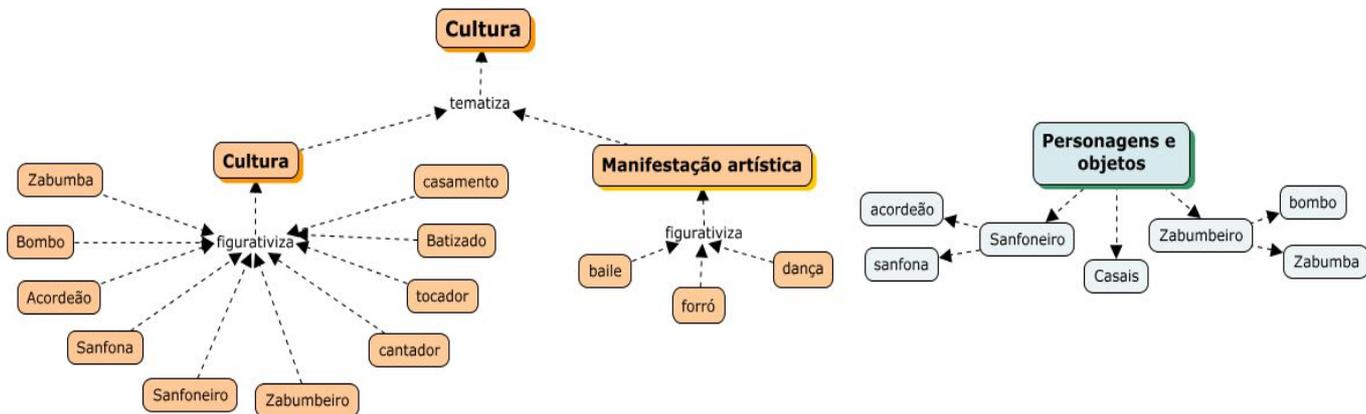
Fonte: Elaboração própria.

Com base nas figuras analisadas, percebeu-se que a xilogravura pode ser indexada por meio dos temas “**Cultura**” e “**Manifestação artística**”. Notou-se ainda que ambos os temas pertencem à classe temática “Cultura”, uma vez que ilustra a tradição de um povo por meio da representação de elementos associados ao forró – retrato da cultura do Nordeste do Brasil.

A Figura 33 apresenta graficamente a classe temática identificada por meio dos vocábulos que figurativizam os temas “Cultura” e “Manifestação artística”. Esses vocábulos são provenientes da análise da narrativa visual e textual. Do lado direito dessa ilustração, são apresentados os personagens e objetos identificados na análise da xilogravura e que também subsidiaram o processo de tematização dessa imagem.

INDEXAÇÃO DE XILOGRAVURAS À LUZ DA SEMÂNTICA DISCURSIVA
E DAS POTENCIALIDADES DA FOLKSONOMIA

Figura 33- Figuras, temas e classe da xilogravura do folheto “O sanfoneiro que tocou pro bando de Lampião”



Fonte: Elaboração própria.

Seguindo essa linha de raciocínio, os vocábulo**s** “*zabumba*”, “*bombo*”, “*acordeão*”, “*sanfona*”, “*sanfoneiro*”, “*zabumbeiro*”, “*cantador*”, “*tocador*”, “*batizado*” e “*casamento*” figurativizam o tema “*Cultura*”, o qual está associado ao conjunto de tradições, crenças e hábitos de determinados grupos sociais. Por outro lado, os vocábulo**s** “*baile*”, “*forró*” e “*dança*” figurativizam o tema “*Manifestação artística*” – que diz respeito a qualquer forma de expressão (como danças, literatura, música, etc.) manifestada pelo homem e influenciadas pelo estilo ou época.

Do lado direito da ilustração, são apresentados os vocábulo**s** associados aos personagens (“*sanfoneiro*”, “*casais*” e “*zabumbeiro*”) e objetos (“*acordeão*”, “*sanfona*”, “*bombo*” e “*zabumba*”) retratados na xilogravura. Essas figuras são mencionadas na análise da narrativa visual e, em conjunto, também subsidiaram a identificação dos temas e da classe temática que a imagem pertence.

Diante do exposto, percebeu-se a importância de aquisição de informações extrínsecas ao recurso imagético como subsídio para a atividade de indexação, pois na análise da xilogravura sem a consulta de informações adicionais acerca da mesma, o profissional indexador- ao reconhecer dois personagens com chapéu adornado em sua cabeça – pode associar esses adereços às

peças de valor simbólico do cangaço, uma vez que esse tipo de chapéu se encontra constantemente retratado nas imagens das capas dos folhetos sobre essa temática.

Outro aspecto que pode influenciar na análise e indexação dessa imagem é o fato de que, na maioria das vezes, os tocadores de forró são retratados nas xilogravuras usando chapéu de couro e roupa de cangaceiro, os quais também foram inicialmente utilizados pelos principais representantes do forró como Luiz Gonzaga. Nessa lógica, tal fato pode deturpar a atividade de representação do conteúdo da imagem, considerando o fato de que o profissional indexador pode ficar indeciso diante de possibilidades temáticas divergentes, como bravura e valentia ou manifestação artística.

Diante disso é importante considerar a confluência das figuras, bem como o conjunto de ações e elementos apresentados na mesma com vistas à redução da subjetividade, inerente à prática da indexação, bem como à dispersão interpretativa do indexador. Ao considerar esses parâmetros, percebeu-se que as ações e elementos representados na xilogravura analisada retratam uma manifestação artística da cultura popular, o forró. Assim, notou-se que as xilogravuras podem representar manifestações culturais plurais.

- **Classe “Educação”**

As xilogravuras de cordel são ricas fontes de informação cujas narrativas visuais expressas contemplam temáticas diversificadas, sejam elas tradicionais ou contemporâneas, expressando os valores, as ideologias e os direitos de um povo, como observa-se na Figura 34.

Figura 34- Capa do folheto: “Os gravíssimos problemas da educação no Brasil”



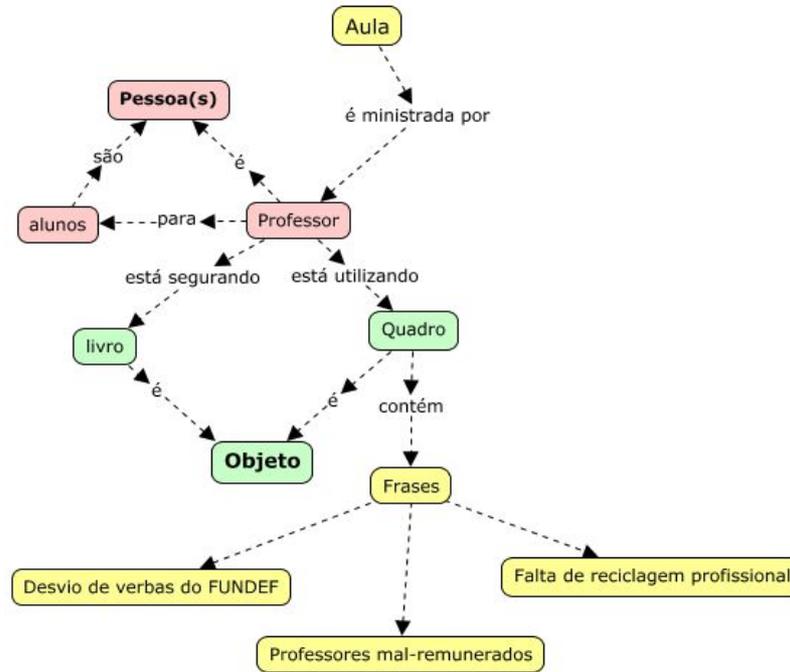
Fonte: Soares (2000).

Ao analisar essa imagem, observou-se que a mesma representa um homem com a sua mão esquerda segurando um **livro** e a sua mão direita apontando para o **quadro** que apresenta as seguintes frases “**Desvio de verbas do FUNDEF**”, “**professores mal remunerados**” e “**falta de reciclagem profissional**”. Sob esse prisma, ao analisar a narrativa visual, percebeu-se que a ilustração do homem e do quadro pode estar associada ao **professor** ensinando em sala de **aula**. Em sua frente estão oito personagens em pé e com rostos inclinados, os quais podem ser os seus **alunos**.

Os vocábulos e expressões destacados anteriormente estão associados a objetos, elementos, ação e personagens reconhecidos na xilogravura a partir da análise da narrativa visual e são apresentados no mapa conceitual a seguir.

INDEXAÇÃO DE XILOGRAVURAS À LUZ DA SEMÂNTICA DISCURSIVA
E DAS POTENCIALIDADES DA FOLKSONOMIA

Figura 35 – Figuratização da xilogravura do folheto “Os gravíssimos problemas da educação no Brasil”



Fonte: Elaboração própria.

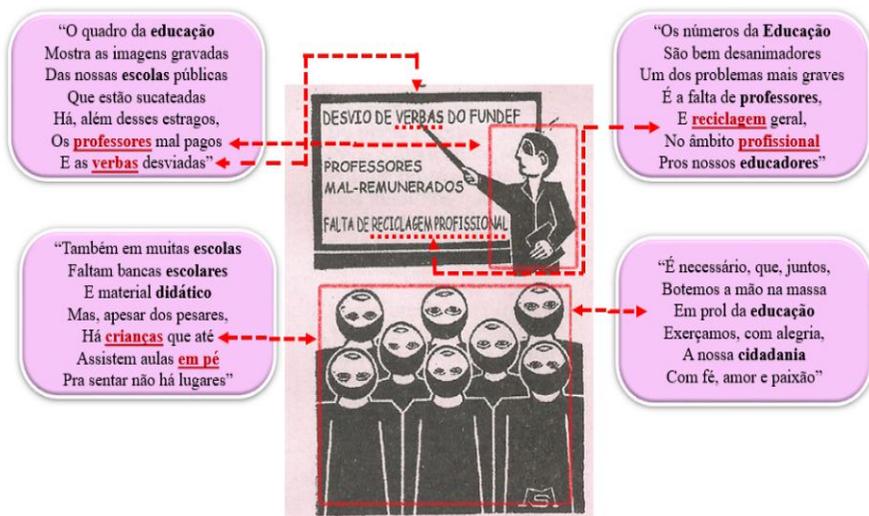
Ao realizar a leitura integral do folheto intitulado “Os gravíssimos problemas da Educação no Brasil”, verificou-se que o poeta discorre sobre os problemas atrelados aos desvios das verbas públicas da educação provenientes do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério (FUNDEF).

Ressalta que tais desvios comprometem a qualidade do ensino e implicam no sucateamento das escolas públicas, ausência de remuneração justa e adequada para os docentes e merenda de qualidade para os alunos. Além disso, é apresentada a importância de os cidadãos buscarem seus direitos junto aos governantes, tomando medidas em prol da educação.

Nesse sentido, a sigla FUNDEF apresentada na xilogravura diz respeito ao conjunto de fundos contábeis formado por recursos que propiciam o financiamento da educação básica. Desse modo, constatou-se que ao analisar a xilogravura apresentada anteriormente sem ter acesso às informações adicionais acerca da mesma, como títulos e versos do folheto, o indexador pode ter dúvidas no que concerne aos significados das informações apresentadas na narrativa visual, comprometendo assim a qualidade da indexação e, conseqüentemente, recuperação da imagem.

A seguir é ilustrada a articulação semântica entre os versos do folheto e as figuras identificadas na análise da xilogravura, os quais representam personagens, expressões e ações retratadas na imagem.

Figura 36 – Articulação semântica entre xilogravura e versos do folheto “Os gravíssimos problemas da educação no Brasil”



Fonte: Elaboração própria.

Observou-se, portanto, que os vocábulos “professores”, “crianças” e a expressão “em pé” estão associados aos personagens e ações reconhecidas na xilogravura. Já os vocábulos “verbas”, “reciclagem” e “profissional” estão diretamente associados às expressões “Desvios de verbas do FUNDEF” e “Falta de reciclagem profissional” apresentadas na imagem. Os vocábulos em negrito, por sua vez, também se relacionam com o

conteúdo da xilogravura e serviram para subsidiar o processo de tematização da mesma.

Sinteticamente, o Quadro 17 apresenta as figuras extraídas da análise da imagem e dos versos do folheto, bem como elenca os temas e a classe temática identificada com base na imbricação dessas figuras.

Quadro 17- Figurativização e Tematização da xilogravura do folheto “Os gravíssimos problemas da educação no Brasil”

FIGURAS EXTRAÍDAS DA IMAGEM	VERSOS QUE APRESENTAM FIGURAS RELACIONADAS À IMAGEM	FIGURAS EXTRAÍDAS DOS VERSOS	TEMAS IDENTIFICADOS COM BASE NAS FIGURAS	CLASSE TEMÁTICA
*livro *quadro *professor *aula *alunos * “Desvios de verbas do FUNDEF” * “Professores mal remunerados” * “Falta de reciclagem profissional”	“O quadro da educação Mostra as imagens gravadas Das nossas escolas públicas Que estão sucateadas Há, além desses estragos, Os professores mal pagos E as verbas desviadas”	*Educação *escolas *professores *escolares *didático *educadores *cidadania	*Educação *Ensino *Cidadania	*Educação
	“Também em muitas escolas Faltam bancas escolares E material didático Mas, apesar dos pesares, Há crianças que até Assistem aulas em pé Pra sentar não há lugares”			
	“Os números da Educação São bem desanimadores Um dos problemas mais graves É a falta de professores , E reciclagem geral, No âmbito profissional Pros nossos educadores ”			
	“É necessário, que, juntos, Botemos a mão na massa Em prol da educação Exercemos, com alegria, A nossa cidadania Com fé, amor e paixão”			

Fonte: Elaboração própria.

Após a análise das figuras elencadas anteriormente, verificou-se que a xilogravura pode ser indexada através dos temas “**Educação**”, “**Ensino**”, “**Cidadania**”. Suplementarmente, notou-se que esses temas pertencem à classe temática “Educação”, por apresentar elementos associados ao ensino e à educação - processo contínuo que orienta e conduz o indivíduo para a aquisição de novos conhecimentos.

A Figura 37 expõe os vocábulos e expressões que figurativizam esses temas:

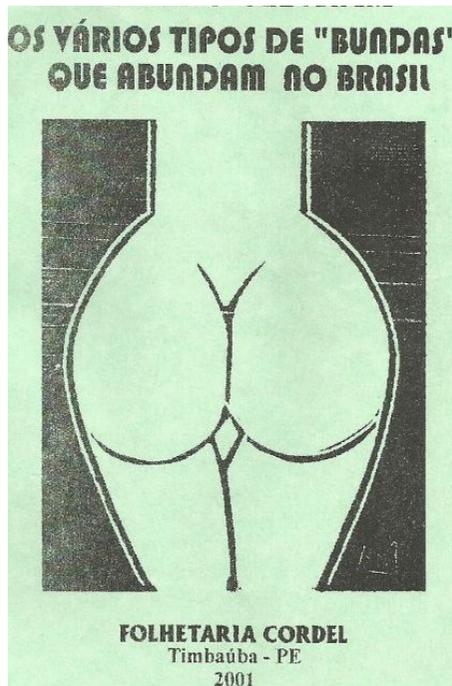
Diante do exposto, observou-se que os vocábulos “*educação*”, “*escola*” e “*escolares*” figurativizam o tema “**Educação**”, designando o ato ou processo ensino e aprendizagem cujas instituições de ensino são as escolas e as universidades; os vocábulos “*aula*”, “*professores*”, “*educadores*” e “*didático*” figurativizam o tema “**Ensino**”, designando a transferência de informação mediante forma sistemática, realizada por pessoas para instruir e educar os seus semelhantes. O vocábulo “*cidadania*”, por sua vez, figurativiza o tema “**cidadania**”, caracterizando o conjunto de direitos e deveres exercidos por um indivíduo na sociedade.

No processo de figurativização da xilogravura, foram identificadas expressões, personagens e objetos que fazem parte da narrativa visual, os quais são representados pelas expressões “Desvio de verbas do FUNDEF”, “professores mal remunerados”, “falta de reciclagem profissional”, bem como pelos vocábulos “*professor*”, “*alunos*”, “*livro*” e “*quadro*”. Essas figuras também contribuem para a indexação da imagem analisada, uma vez que são elementos associados ao ensino e à educação.

- **Classe “Erotismo”**

Dada a diversidade temática dos elementos representados nas xilogravuras de cordéis, verificou-se que essas imagens também apresentam narrativas visuais associadas à libertinagem, prostituição, sexualismo, por exemplo - sem intenção de ofender a moralidade pública, como observado na Figura 38.

Figura 38- Capa do folheto: “Os vários tipos de ‘bundas’ que abundam no Brasil”



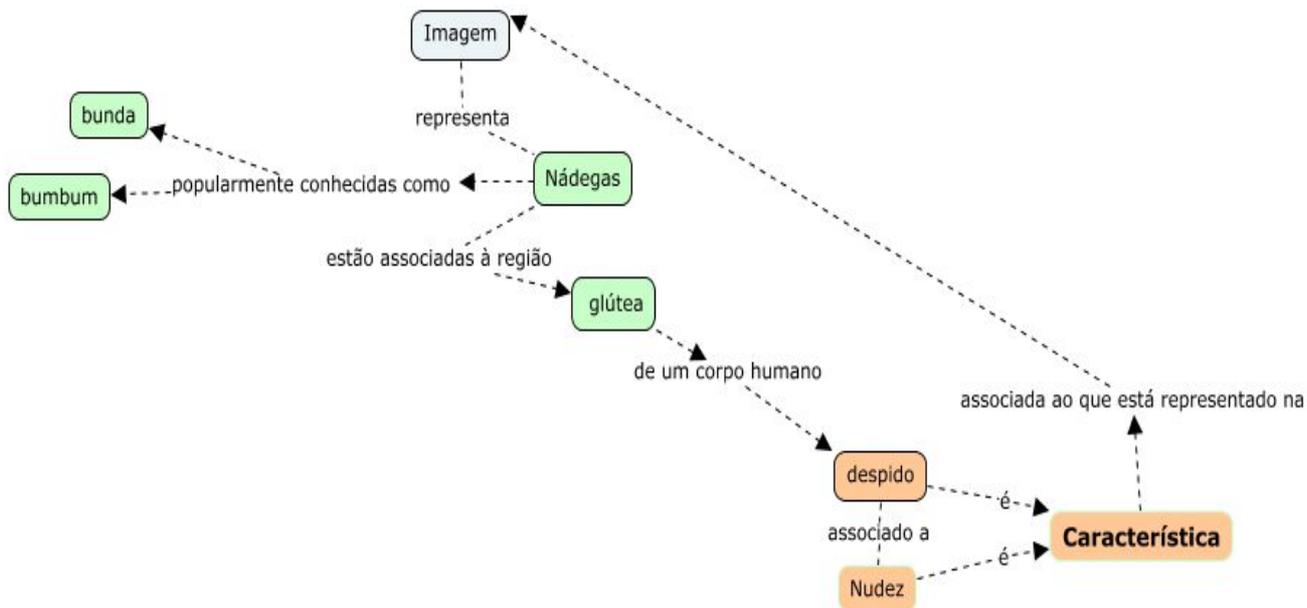
Fonte: Soares (2001a).

Ao analisar a xilogravura, observou-se que essa imagem representa as **nádegas**, região **glútea**, de um corpo humano **despido** - aspecto associado à **nudez**. Essa região também é popularmente conhecida como **bunda** ou **bumbum**.

Considerando o procedimento de figurativização, a seguir são apresentadas essas figuras destacadas anteriormente, as quais são reconhecidas na análise da narrativa visual.

INDEXAÇÃO DE XILOGRAVURAS À LUZ DA SEMÂNTICA DISCURSIVA
E DAS POTENCIALIDADES DA FOLKSONOMIA

Figura 39- Figurativização da xilogravura do folheto “Os vários tipos de ‘bundas’ que abundam no Brasil”

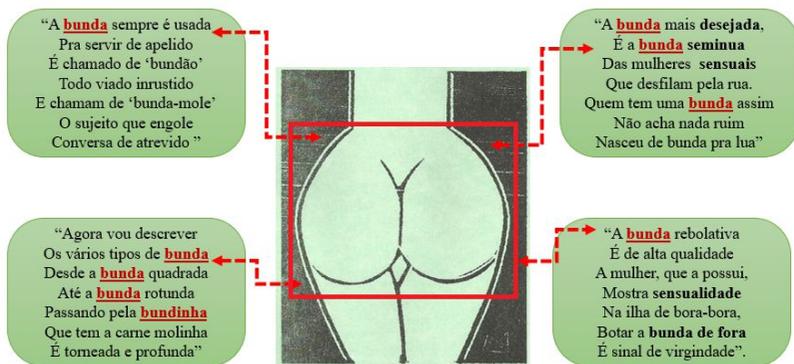


Fonte: Elaboração própria.

Ao ler integralmente, verificou-se que o folheto intitulado “Os vários tipos de ‘bundas’ que abundam no Brasil” trata acerca da diversidade de formatos de bundas (sobretudo de mulheres), bem como de apelidos e expressões que os brasileiros criaram e que estão relacionados a esse nome. O verbo “abundar” presente no título do folheto está associado à existência de algo em grande quantidade (em abundância), nesse contexto a criatividade do poeta reside na apresentação das diversas facetas relacionadas ao nome em questão no Brasil.

No intuito de subsidiar o procedimento de tematização dessa imagem, a seguir é apontada a articulação semântica constatada entre as figuras identificadas na análise da narrativa visual e textual.

Figura 40- Articulação semântica entre xilogravura e versos do folheto “Os vários tipos de ‘bundas’ que abundam no Brasil”



Fonte: Elaboração própria.

Notou-se, portanto, que os vocábulos “bunda” e “bundinha” estão diretamente associados ao que é retratado na imagem. Constatou-se ainda que os vocábulos em negrito se relacionam com o conteúdo apresentado na xilogravura, corroborando para a identificação dos temas e da classe temática que a mesma está associada.

De maneira sintética, o Quadro 18 apresenta a figurativização e a tematização da xilogravura em questão.

Quadro 18- Figurativização e Tematização da xilogravura do folheto “Os vários tipos de ‘bundas’ que abundam no Brasil”

FIGURAS EXTRAÍDAS DA IMAGEM	VERSOS QUE APRESENTAM FIGURAS RELACIONADAS À IMAGEM	FIGURAS EXTRAÍDAS DOS VERSOS	TEMAS IDENTIFICADOS COM BASE NAS FIGURAS	CLASSE TEMÁTICA
*Nádegas *despido *nudez *bunda *bumbum	“A bunda sempre é usada Pra servir de apelido É chamado de ‘bundão’ Todo viado inrustido E chamam de ‘bunda-mole’ O sujeito que engole Conversa de atrevido”			
	“Agora vou descrever Os vários tipos de bunda Desde a bunda quadrada Até a bunda rotunda Passando pela bundinha Que tem a carne molinha É torneada e profunda”	*desejada *seminua *sensuais *sensualidade *“bunda de fora”	*Exibição *Desejo	*Erotismo
	“A bunda mais desejada , É a bunda seminua Das mulheres sensuais Que desfilam pela rua. Quem tem uma bunda assim Não acha nada ruim Nasceu de bunda pra lua”			
	“A bunda reboiativa É de alta qualidade A mulher, que a possui, Mostra sensualidade Na ilha de bora-bora, Botar a bunda de fora É sinal de virgindade”.			

Fonte: Elaboração própria.

Portanto, verificou-se que o conteúdo da xilogravura pode ser representado através dos temas “**exibição**” e “**desejo**”. Suplementarmente, notou-se que essa imagem pertence à classe temática “**Erotismo**”, uma vez que se trata de uma xilogravura que têm o órgão sexual como temática principal. Esses temas e a

classe temática foram identificados nesta pesquisa mediante a confluência das figuras identificadas.

Para melhor entendimento, a seguir são apresentados os vocábulos que figurativizam esses temas pertencentes à classe temática “Erotismo”.

Figura 41- Figuras, temas e classe da xilogravura do folheto “Os vários tipos de ‘bundas’ que abundam no Brasil”



Fonte: Elaboração própria.

Os vocábulos “*sensuais*”, “*sensualidade*” e “*desejada*” figurativizam o tema “**desejo**”, que corresponde ao impulso sexual para obtenção de satisfação, mediante expectativa de possuir algo ou de atingir determinado objetivo. Os vocábulos “*seminua*”, “*nudez*”, “*despido*” e a expressão “*bunda de fora*” figurativizam o tema “**exibição**”, indicando o comportamento de mostrar publicamente o corpo como forma de atrair pessoas. Suplementarmente, observou-se que no processo de figurativização da xilogravura, o órgão exibido na imagem é identificado por meio das figuras “*bunda*”, “*bumbum*” e “*nádegas*”.

- **Classe “Esporte”**

As temáticas e os elementos entalhados nas xilogravuras são diversificados, dada a heterogeneidade de culturas, narrativas, causos, mitos e fatos. Nessa linha de raciocínio, é possível perceber a existência de xilogravuras que retratam aspectos relativos ao esporte, como observa-se na Figura 42.

Figura 42- Capa do folheto: “A briga do TIMBÚ-NAÚTICO contra o LEÃO-DO-SPORT”



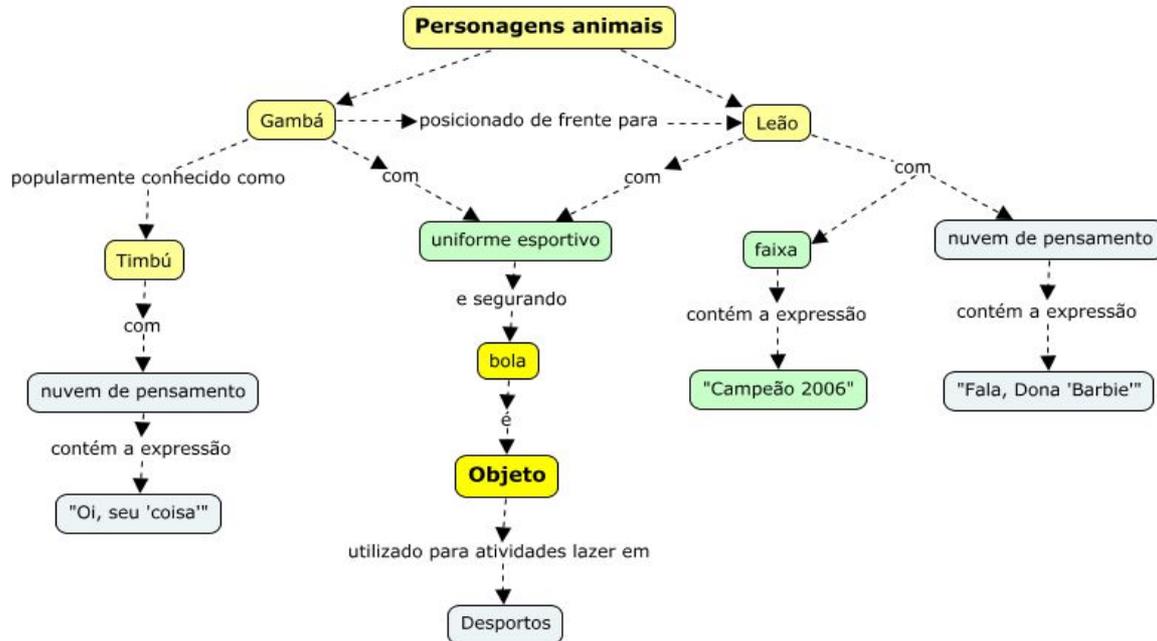
Fonte: Soares (2007a).

Ao analisar essa xilogravura, verificou-se que a mesma representa a imagem de dois personagens animais em suas versões como seres humanos. Inicialmente podem surgir dúvidas, por parte de quem analisa a mesma, em relação aos personagens representados na xilogravura. Do lado esquerdo, a ilustração de um **gambá**, popularmente conhecido como **timbú** e do lado direito se encontra a figura de um **leão** vestido com **faixa** que apresenta a expressão “**Campeão 2006**”. Ambos os personagens estão vestidos com trajes que aparentam ser **uniforme esportivo**. O timbú está posicionado de frente para o leão e ambos estão segurando um objeto de forma circular semelhante a uma **bola**, objeto utilizado para lazer em diversos desportos. Em cima da ilustração dos personagens são apresentadas duas nuvens de pensamentos com as seguintes expressões: “**oi, seu coisa!**” e “**fala, dona Barbie!**”. Essas expressões remetem à rivalidade existente entre os dois times de futebol.

Seguindo essa linha de raciocínio, o mapa conceitual a seguir apresenta as figuras destacadas anteriormente (personagens, elementos e expressões). Essas figuras foram identificadas a partir da análise da narrativa visual presente na xilogravura.

INDEXAÇÃO DE XILOGRAVURAS À LUZ DA SEMÂNTICA DISCURSIVA
E DAS POTENCIALIDADES DA FOLKSONOMIA

Figura 43 - Figurativização da Xilogravura do folheto “A briga do TIMBÚ-NÁUTICO contra o LEÃO-DO-SPORT”



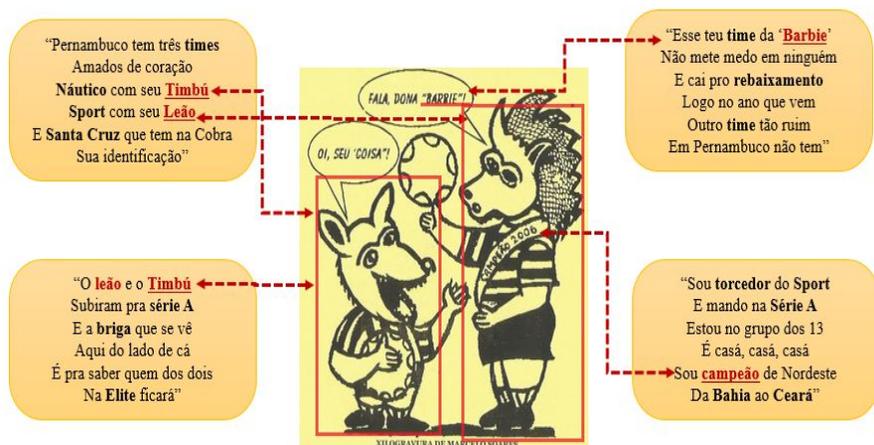
Fonte: Elaboração própria.

Ao ler integralmente o folheto intitulado “A briga do TIMBÚ-NÁUTICO contra o LEÃO-DO-SPORT”, observou-se que o mesmo trata acerca da rivalidade dos clubes de futebol do Estado de Pernambuco, especificamente do Náutico e do Sport. Ambos os times representam visualmente a sua marca com um mascote, animal escolhido como identificador da marca. O timbú é caracterizado como o mascote do Náutico e o leão é o representante do Sport.

Nesse sentido, o folheto descreve em 32 (trinta e duas) sextilhas aspectos concernentes à rivalidade clássica criada entre ambos os times da cidade de Recife, principalmente no que concerne às vitórias e classificações. Constatou-se ainda nos versos a alusão a mascotes de cada clube.

A ilustração a seguir elenca as figuras (personagens, elementos e expressões) reconhecidas na xilogravura por meio da articulação semântica entre a narrativa visual e os versos do folheto, as quais serviram como subsídio informacional para a atividade de indexação desse recurso imagético.

Figura 44- Articulação semântica entre xilogravura e versos do folheto “A briga do TIMBÚ-NÁUTICO contra o LEÃO-DO SPORT”



Fonte: Elaboração própria.

Portanto, constatou-se que os vocábulos “timbú” e “leão” correspondem aos personagens representados na xilogravura. De outro modo disposto, os vocábulos “barbie” e “campeão” dizem respeito, respectivamente, às figuras registradas na nuvem de pensamento e na faixa utilizada pelo Leão. Os vocábulos destacados em negrito, por sua vez, também subsidiaram a identificação dos temas e da classe temática que a imagem está relacionada, conforme é possível visualizar no Quadro a seguir.

Quadro 19- Figurativização e Tematização da xilogravura do folheto
“A briga do TIMBÚ-NÁUTICO contra o LEÃO-DO SPORT”

FIGURAS EXTRAÍDAS DA IMAGEM	VERSOS QUE APRESENTAM FIGURAS RELACIONADAS À IMAGEM	FIGURAS EXTRAÍDAS DOS VERSOS	TEMAS IDENTIFICADOS COM BASE NAS FIGURAS	CLASSE TEMÁTICA
*Gambá *Timbú *Leão *Faixa *"Campeão 2006" *uniforme esportivo *bola *"oi, seu coisa" *"fala, dona Barbie"	“Pernambuco tem três times Amados de coração Náutico com seu Timbú Sport com seu Leão E Santa Cruz que tem na Cobra Sua identificação”	*times *Náutico *Sport *Santa Cruz *Série A *briga *elite *rebaixamento *torcedor *Bahia *Ceará	*competição *desportos *vitória *classificação *torcida	*Esporte
	“O leão e o Timbú Subiram pra série A E a briga que se vê Aqui do lado de cá É pra saber quem dos dois Na Elite ficará”			
	“Esse teu time da ‘Barbie’ Não mete medo em ninguém E cai pro rebaixamento Logo no ano que vem Outro time tão ruim Em Pernambuco não tem”			
	“Sou torcedor do Sport E mando na Série A Estou no grupo dos 13 É casá, casá, casá Sou campeão de Nordeste Da Bahia ao Ceará ”			

Fonte: Elaboração própria.

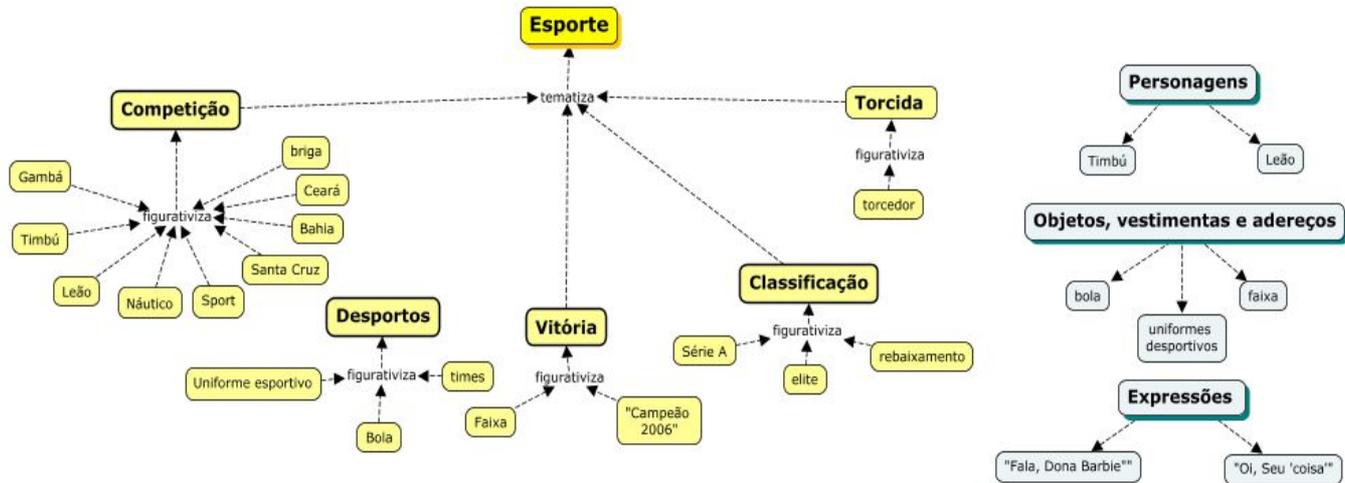
Com base nas figuras identificadas e analisadas, percebeu-se que a xilogravura pode ser indexada com os termos “**competição**”, “**desportos**”, “**vitória**”, “**classificação**” e “**torcida**”. Além disso, notou-se que esses temas pertencem à classe temática “Esporte”, designando as atividades físicas (formais ou informais)

que objetivam melhorar as capacidades físicas e mentais, fomentar as relações sociais ou obter resultados em competição.

A Figura 45 expõe os vocábulos e expressões que figurativizam esses temas e essa classe temática.

INDEXAÇÃO DE XILOGRAVURAS À LUZ DA SEMÂNTICA DISCURSIVA
E DAS POTENCIALIDADES DA FOLKSONOMIA

Figura 45 – Figuras, temas e classes da xilogravura do folheto
“A briga do TIMBÚ-NÁUTICO contra o LEÃO-DO SPORT”



Fonte: Elaboração própria.

Os vocábulos “*gambá*”, “*timbú*”, “*leão*”, “*Náutico*”, “*Sport*”, “*Santa Cruz*”, “*Bahia*”, “*Ceará*” e “*briga*” figurativizam o tema “**Competição**”, concorrência para atingir um mesmo objetivo cuja pretensão parte de dois ou mais grupos ou clubes esportivos adversários. Os vocábulos “*uniforme esportivo*”, “*bola*” e “*times*” figurativizam o tema “**Desportos**”, caracterizando atividade física ou mental que visa à competição entre os praticantes.

De maneira complementar, o vocábulo “*faixa*” e a expressão “*campeão 2006*” figurativizam o tema “**vitória**”, associado ao ato ou efeito de vencer obtendo êxito, sucesso ou vantagem sobre alguém em uma competição esportiva. Os vocábulos “*série A*”, “*elite*” e “*rebaixamento*”, por sua vez, figurativizam o tema “**classificação**”, ação ou efeito de dispor os times em classes conforme as pontuações relacionadas às vitórias e derrotas em competições esportivas, podendo enquadrá-los em determinada série nos campeonatos. Por outro lado, o vocábulo “*torcedor*” figurativiza o tema “**torcida**”, designando um conjunto de expectadores de competições esportivas relacionadas ao seu clube esportivo preferido.

Na análise da narrativa visual também foram identificadas figuras associadas a personagens, objetos, vestimentas, adereços e expressões retratadas na xilogravura. Essas figuras estão elen-

cadados do lado direito da ilustração apresentada anteriormente e, em conjunto, subsidiaram o processo de tematização da imagem analisada.

Diante do exposto, ao analisar a imagem em questão sem a consulta de informações adicionais e ao reconhecer dois animais dialogando, pode induzir o indexador ao tema “personificação” e a associar equivocadamente a xilogravura à classe temática “Contos”.

Outro fator que pode implicar na dispersão interpretativa do indexador que não consulta informações extrínsecas à xilogravura analisada, diz respeito à dificuldade de reconhecimento de quais animais são retratados na imagem e o porquê estão sendo representados daquela forma. Por isso a importância da análise do conjunto de elementos associados à xilogravura, bem como da articulação sintagmática entre a imagem e os versos do folheto para a identificação dos temas e da classe temática que a mesma pertence.

Sendo assim, notou-se que os elementos concretos identificados na xilogravura estão associados aos aspectos provenientes de uma dada realidade, contexto ou acontecimento interpretados pelo artista, haja vista que a xilogravura faz alusão a mascotes de dois clubes esportivos, o Náutico e o Sport, retratando a rivalidade existente entre esses times.

- **Classe “Fenômeno Sobrenatural”**

As xilogravuras também retratam personagens fantásticos, elementos míticos do imaginário popular, coisas malignas ou do mundo espiritual e fenômenos paranormais, como observa-se na imagem a seguir.

Figura 46- Capa do folheto: “A vinda da Besta-fera”

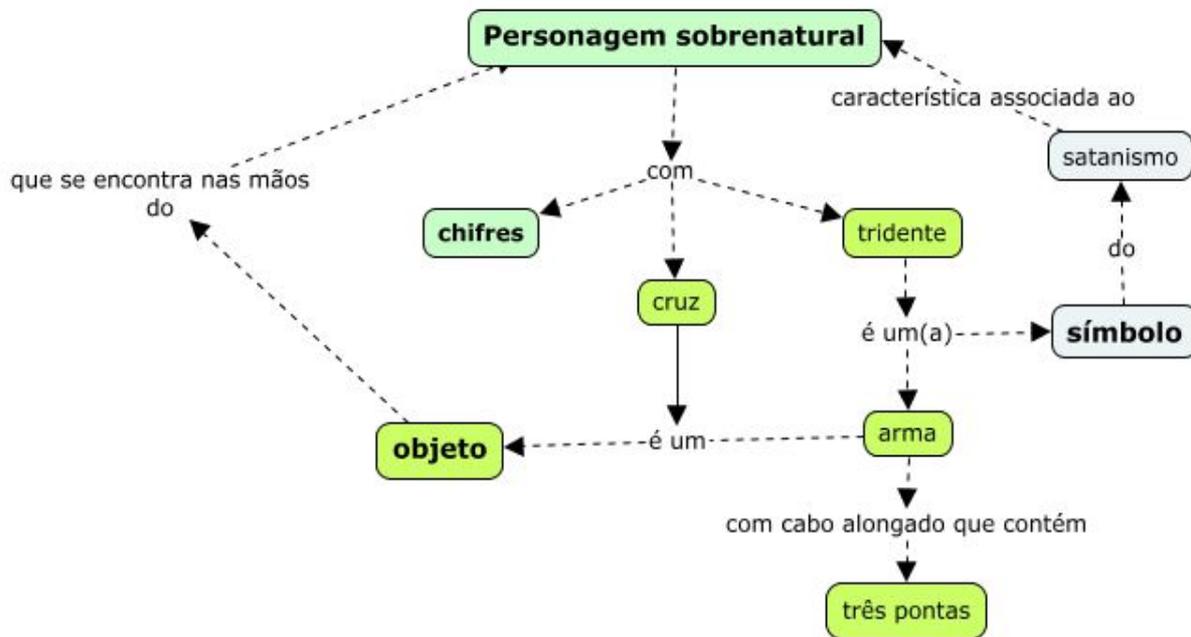


Fonte: Soares (2001b).

Ao analisar essa imagem, notou-se que a mesma representa um personagem **sobrenatural** com **chifres**, carregando em sua mão direita uma **cruz**, símbolo da fé cristã. Em sua mão esquerda tem um **tridente**, arma que contém cabo alongado com três pontas considerada como símbolo do **satanismo**. Objetivando apontar essas figuras, o mapa conceitual a seguir apresenta os elementos concretos vislumbrados na narrativa visual.

Figura 47 - Figurativização da Xilogravura do folheto

“A vinda da Besta-fera”

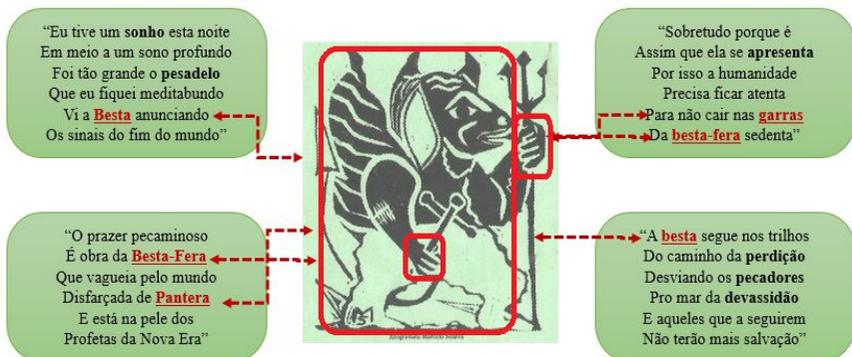


Fonte: Elaboração própria.

Após a realização da leitura integral do folheto intitulado “A vinda da Besta-fera”, observou-se que o mesmo se trata da narrativa um pesadelo que o poeta teve ao sonhar com um personagem sobrenatural, denominado de “Besta-fera”, anunciando os sinais do fim do mundo. As 30 (trinta) sextilhas do cordel descrevem o poder e os castigos dados por esse ser mítico como forma de repreensão de condutas consideradas socialmente incorretas.

A confluência entre as figuras apresentadas na narrativa visual e na narrativa textual relacionadas ao personagem representado na imagem, é apresentada a seguir.

Figura 48- Articulação semântica entre xilogravura e versos do folheto “A vinda da Besta-fera”



Fonte: Elaboração própria.

Ao analisar a ilustração anterior, percebeu-se que os vocábulos “besta”, “besta-fera”, “pantera”¹⁵ correspondem ao personagem sobrenatural representado na xilogravura. O vocábulo “garras” está associado à estrutura presente na ponta dos dedos do personagem presente na narrativa visual. Já os vocábulos em negrito estão relacionados com o conteúdo da xilogravura, subsidiando a identificação dos seus temas para fins de indexação.

Nesse entendimento, o Quadro 20 objetiva apresentar sinteticamente os temas e a classe temática relacionada à xilogravura, considerando as figuras supracitadas.

¹⁵ Termo usado para fazer referência ao gênero de felinos (como tigres, leões, onças, etc.).

INDEXAÇÃO DE XILOGRAVURAS À LUZ DA SEMÂNTICA DISCURSIVA
E DAS POTENCIALIDADES DA FOLKSONOMIA

Quadro 20- Figurativização e Tematização da xilogravura do folheto
“A vinda da Besta-fera”

FIGURAS EXTRAÍDAS DA IMAGEM	VERSOS QUE APRESENTAM FIGURAS RELACIONADAS À IMAGEM	FIGURAS EXTRAÍDAS DOS VERSOS	TEMAS IDENTIFICADOS COM BASE NAS FIGURAS	CLASSE TEMÁTICA
*Sobrenatural *Chifres *Cruz *tridente *satanismo	“Eu tive um sonho esta noite Em meio a um sono profundo Foi tão grande o pesadelo Que eu fiquei meditando Vi a Besta anunciando Os sinais do fim do mundo”	*sonho *pesadelo *apresenta *perdição *pecadores *devassidão	*Fantasia *Sobrenatural *Profanidade *Assombramento	*Fenômeno sobrenatural
	“O prazer pecaminoso É obra da Besta-Fera Que vagueia pelo mundo Disfarçada de Pantera E está na pele dos Profetas da Nova Era”			
	“Sobretudo porque é Assim que ela se apresenta Por isso a humanidade Precisa ficar atenta Para não cair nas garras Da besta-fera sedenta”			
	“A besta segue nos trilhos Do caminho da perdição Desviando os pecadores Pro mar da devassidão E aqueles que a seguirem Não terão mais salvação”			

Fonte: Elaboração própria.

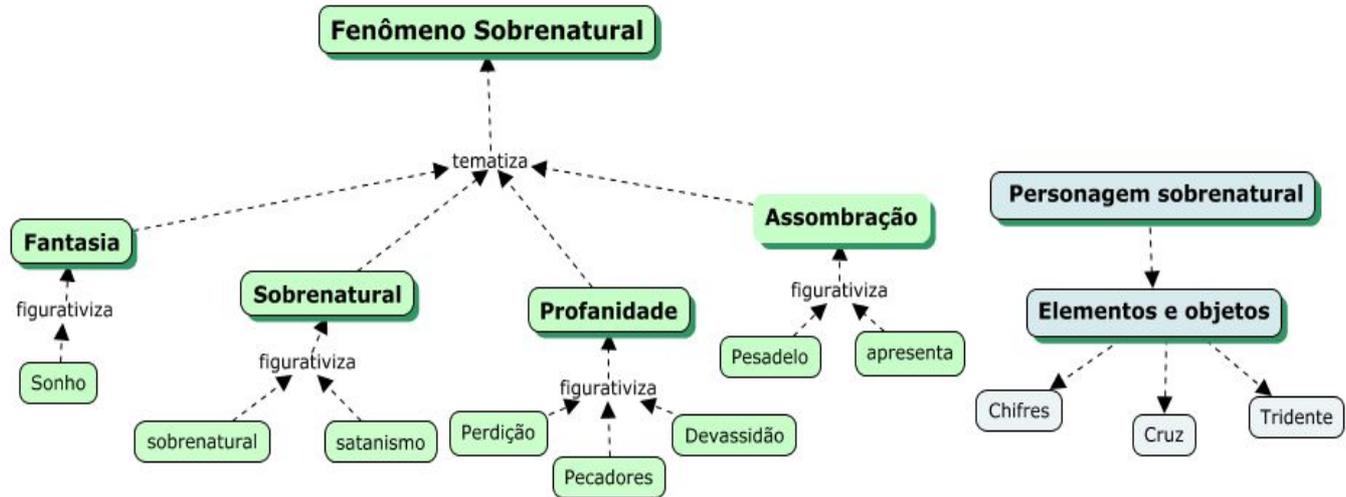
Considerando os elementos apresentado no Quadro anterior, observou-se que a xilogravura pode ser indexada com os termos “**Fantasia**”, “**Sobrenatural**”, “**Profanidade**” e “**Assombramento**”. Esses temas foram identificados mediante a articulação semântica constatada na análise da imagem e da narrativa textual.

Seguindo essa linha de raciocínio, notou-se que essa imagem faz parte da classe temática “Fenômeno sobrenatural”, uma vez que ilustra a Besta-fera - personagem sobrenatural e elemento mítico do imaginário popular.

A figura 49 apresenta, de maneira detalhada, o resultado do processo de figurativização e tematização da xilogravura.

INDEXAÇÃO DE XILOGRAVURAS À LUZ DA SEMÂNTICA DISCURSIVA
E DAS POTENCIALIDADES DA FOLKSONOMIA

Figura 49 – Figuras, temas e classes da xilogravura do folheto “A vinda da Besta-fera”



Fonte: Elaboração própria.

Diante disso, observou-se que o vocábulo “*sonho*” figurativiza o tema “**Fantasia**”, faculdade humana de reprodução de imagens mentais acerca de fatos ou fenômenos sobrenaturais. Os vocábulos “*sobrenatural*” e “*satanismo*”, por sua vez, figurativizam o tema “**Sobrenatural**”, caracterizando personagens ou seres que transcendem as forças da natureza humana, especificamente aqueles que representam um universo, além do planeta terra. Os vocábulos “*perdição*”, “*pecadores*” e “*devassidão*” figurativizam o tema “**profanidade**”, caracterizando ações ou práticas profanas que transgridem as regras sagradas. Por outro lado, os vocábulos “*pesadelo*” e “*assombração*” figurativizam o tema “**Assombração**”, designando os objetos fantásticos ou vultos de seres incorpóreos que habitam ou transitam em determinados ambientes, com o intuito de amedrontar pessoas.

Além disso, no processo de análise da xilogravura, foram identificadas as figuras presentes na narrativa visual, associadas ao personagem representado na xilogravura, são elas: “*personagem sobrenatural*”, “*chifres*”, “*cruz*” e “*tridente*”. Percebeu-se que esses vocábulos dizem respeito às características e símbolos referentes ao personagem representado e também subsidiam o processo de tematização da imagem.

- **Classe “Humor”**

As xilogravuras também representam personagens e elementos com conteúdos cômicos, como é possível visualizar na ilustração a seguir.

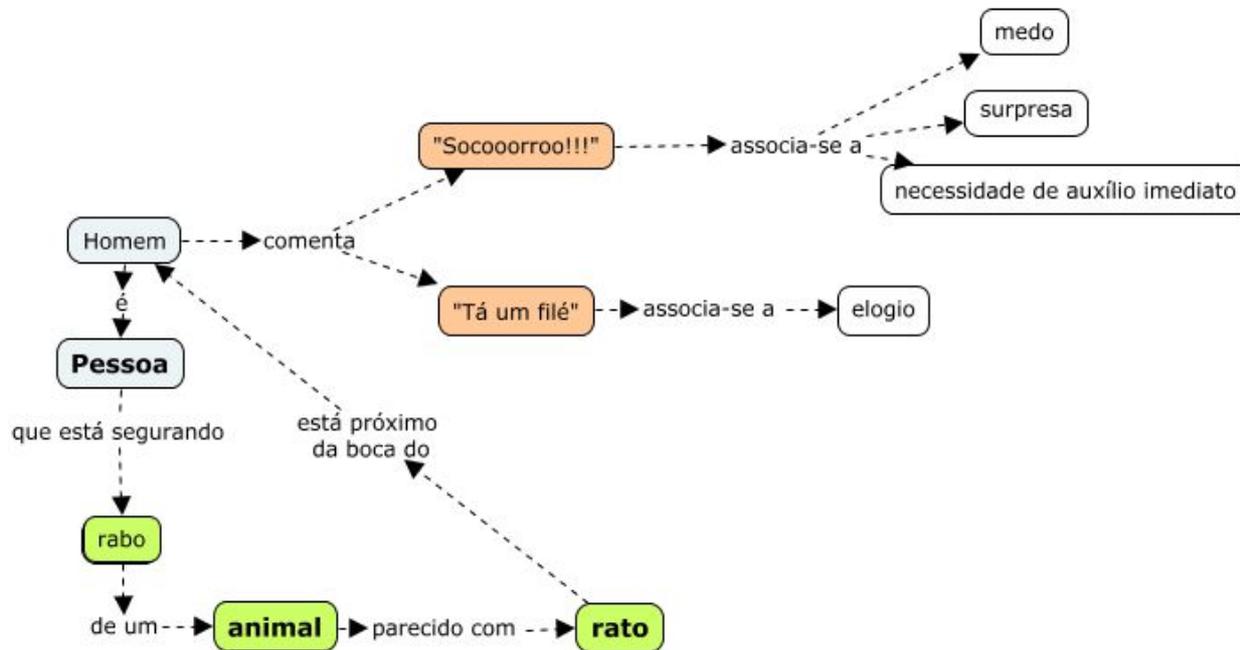
Figura 50- Capa do folheto: “O dia em que Timbaúba trocou um quilo de Rato por um Filé no Prato”



Fonte: Soares (2003).

Ao analisar a xilogravura em questão, identificou-se a figura de um **homem** com a sua mão segurando o **rabo** de um **animal**, aparentemente um **rato**. A cabeça do animal está próxima da boca do personagem que está com a língua exposta. Na xilogravura também foram identificadas duas nuvens de pensamento com as expressões “**Tá um filé!**” e “**Socorro**”, as quais podem ser associadas ao elogio, sensação de medo do animal, surpresa ou necessidade de auxílio imediato, respectivamente. A seguir é apresentada a figurativização dessa xilogravura.

Figura 51 - Figurativização da Xilogravura do folheto “O dia em que Timbaúba trocou um quilo de Rato por um Filé no Prato”

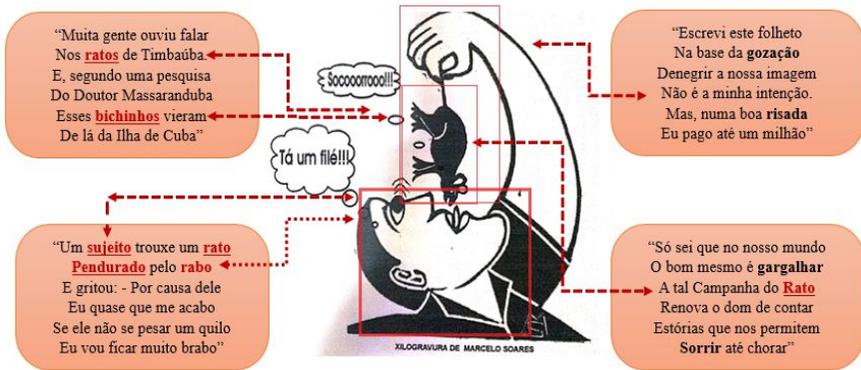


Fonte: Elaboração própria.

Considerando que a xilogravura retrata elementos que podem suscitar diferentes interpretações acerca dos personagens e expressões retratadas na imagem, fez-se necessária a aquisição de informações adicionais acerca desse recurso imagético para fins de realização da atividade de indexação. Ao realizar a leitura integral do folheto em que a xilogravura se encontra ilustrada, percebeu-se que o mesmo descreve em 32 (trinta e duas) sextilhas a estória dos ratos de uma cidade chamada Timbaúba. Esses animais eram bastante procurados devido ao seu valor monetário depois de criada a campanha “entre na fila: troque seu quilo de rato por um de filé no prato”.

Para dar segmento à representação da narrativa textual, a seguir é apresentada a imbricação entre as figuras apresentadas na xilogravura e nos versos do folheto.

Figura 52- Articulação semântica entre xilogravura e versos do folheto “O dia em que Timbaúba trocou um quilo de Rato por um filé no prato”



Fonte: Elaboração própria.

Ao verificar essa ilustração, constatou-se que os vocábulos “ratos”, “ratos”, “bichinhos”, “sujeito”, “pendurado”, “rabo” correspondem aos personagens e ação, ambos representados na imagem. Já os vocábulos realçados em negrito dizem respeito às figuras associadas ao tema da xilogravura.

O Quadro 21 apresenta uma síntese das figuras relacionadas à xilogravura, bem como apresenta os temas e a classe temática em que a mesma faz parte.

Quadro 21- Figuratização e Tematização da xilogravura do folheto

“O dia em que Timbaúba trocou um quilo de Rato por um filé no prato”

FIGURAS EXTRAÍDAS DA IMAGEM	VERSOS QUE APRESENTAM FIGURAS RELACIONADAS À IMAGEM	FIGURAS EXTRAÍDAS DOS VERSOS	TEMAS IDENTIFICADOS COM BASE NAS FIGURAS	CLASSE TEMÁTICA
<p>*Homem *rabo *animal *rato **“tá um filé” **“Socorro!!!”</p>	<p>“Muita gente ouviu falar Nos ratos de Timbaúba. E, segundo uma pesquisa Do Doutor Massaranduba Esses bichinhos vieram De lá da Ilha de Cuba”</p>	<p>*ratos *rato *bichinhos *sujeito *pendurado *rabo *gozação *risada *gargalhar *sorrir</p>	<p>*Gozação *Diversão</p>	<p>*Humor</p>
	<p>Um sujeito trouxe um rato Pendurado pelo rabo E gritou: - Por causa dele Eu quase que me acabo Se ele não se pesar um quilo Eu vou ficar muito brabo”</p>			
	<p>“Escrevi este folheto Na base da gozação Denegrir a nossa imagem Não é a minha intenção. Mas, numa boa risada Eu pago até um milhão”</p>			
	<p>“Só sei que no nosso mundo O bom mesmo é gargalhar A tal Campanha do Rato Renova o dom de contar Estórias que nos permitem Sorrir até chorar”</p>			

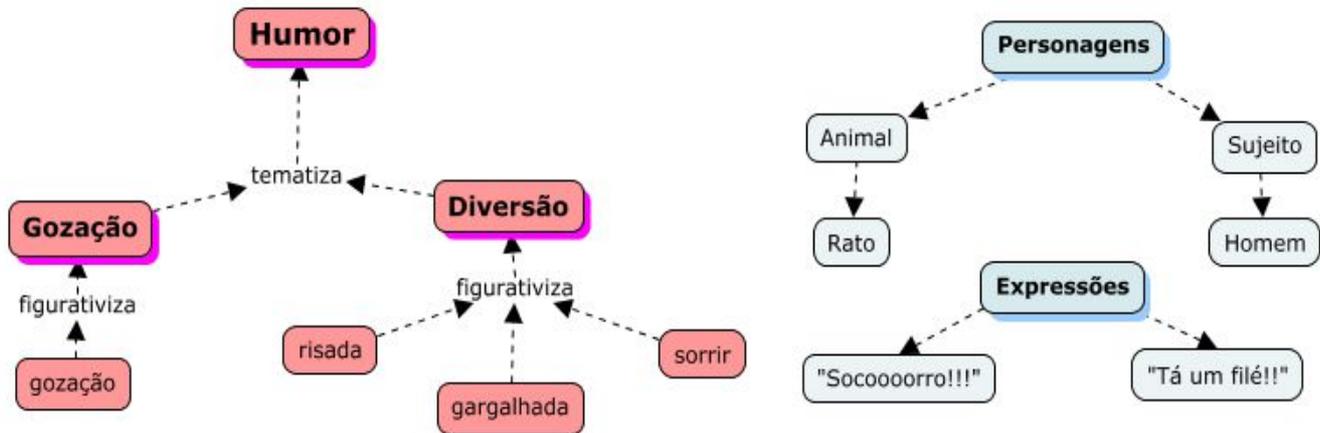
Fonte: Elaboração própria.

Desse modo, observou-se que a xilogravura pode ser indexada com os termos “Gozação” e “Diversão”. Esses temas foram reconhecidos a partir da análise da narrativa visual e da narrativa textual. Nesse limiar, constatou-se também que a xilogravura pertence à classe “Humor”, uma vez que a imagem

retrata conteúdo cômico a partir da ilustração de personagens, ações e expressões referentes a essa perspectiva.

Sinteticamente, a ilustração a seguir elenca as figuras, os temas e a classe em que a xilogravura analisada pertence.

Figura 53- Figuras, temas e classes da xilogravura do folheto “O dia em que Timbaúba trocou um quilo de Rato por um filé no prato”



Fonte: Elaboração própria.

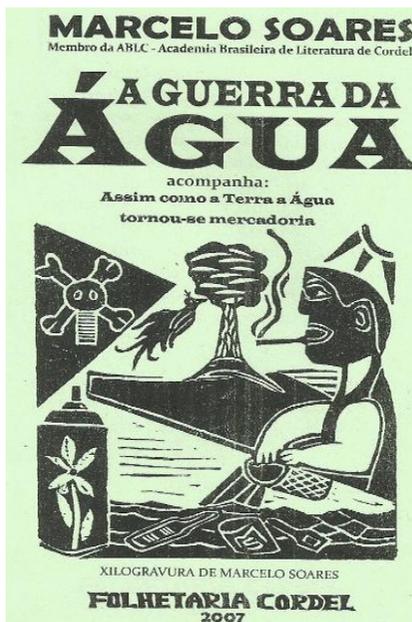
Nesse limiar, notou-se que o vocábulo “*gozação*” figurativiza o tema “**gozação**”, designando divertimento, brincadeira à custa de algo ou alguém. Os vocábulos “*risada*”, “*gargalhada*” e “*sorrir*” figurativizam o tema “**diversão**”, caracterizando as práticas realizadas pelo homem em busca de distração, prazer, entretenimento e passatempo. Do lado direito da ilustração apresentada anteriormente estão apresentados os vocábulos relacionados aos personagens e expressões retratadas na xilogravura. Desse modo, essas figuras também subsidiaram a identificação dos temas supracitados.

Ante o exposto, percebeu-se que o artista usa a xilogravura para retratar o seu mágico universo e essas imagens atingem níveis expressivos de descrições e manifestações, retratando também aspectos relativos à diversão, gozação, humor e sofrimento.

- **Classe “Meio ambiente”**

Como visto, as xilogravuras unem os elementos da técnica com o refinamento de uma adequação de meios e mensagens iconográficas. As interpretações dessas imagens se pluralizam de acordo com os aspectos sociais, históricos, morais, políticos, etc., elas também apresentam narrativas visuais que possibilitam o leitor interpretá-las em relação aos temas que se encontram no centro das discussões, como o meio ambiente. Na Figura 54 observa-se:

Figura 54- Capa do folheto: “A guerra da água”



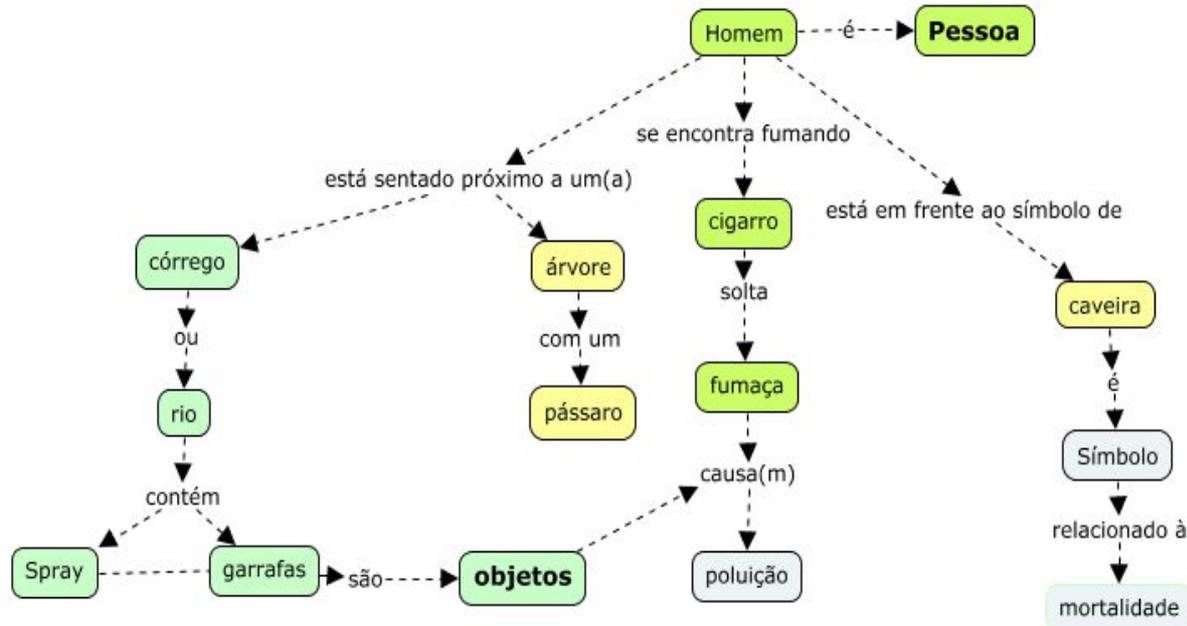
Fonte: Soares (2007c).

Ao analisar essa imagem, observou-se no lado esquerdo o símbolo da **caveira**, frequentemente relacionado à mortalidade. No centro da xilogravura se encontra um **pássaro** e uma **árvore**. De outro modo disposto, do lado direito, notou-se um **homem** fumando e a **fumaça** saindo da ponta do **cigarro**. Esse personagem se encontra sentado próximo a um **córrego** ou **rio** segurando um objeto semelhante a uma **garrafa**. Notou-se ainda objetos semelhantes a **garrafa** e o **spray** (recipiente que contém uma bomba de pressão) jogados na **água**, cuja representação pode estar associada à **poluição**.

A figurativização da xilogravura é apresentada no mapa conceitual a seguir.

INDEXAÇÃO DE XILOGRAVURAS À LUZ DA SEMÂNTICA DISCURSIVA
E DAS POTENCIALIDADES DA FOLKSONOMIA

Figura 55- Figurativização da Xilogravura do folheto “A guerra da água”

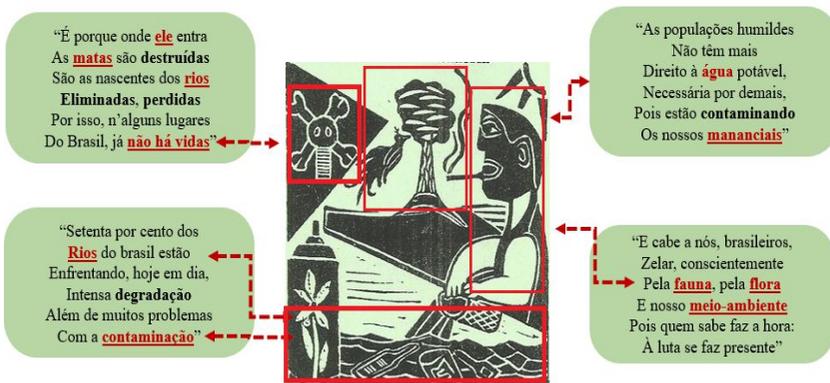


Fonte: Elaboração própria.

Ao ler integralmente o folheto intitulado “A Guerra da água”, foi possível perceber que o poeta reflete sobre um tema ecológico, narrando a história de uma companhia americana instalada na cidade boliviana de Cochabamba. Essa companhia adquiriu os direitos exclusivos sobre distribuição da água e passou a cobrar preços exorbitantes para a sua distribuição. Tal fato provocou uma revolução, que resultou na destruição e a expulsão da companhia supracitada. Também são discutidos aspectos relativos à poluição e à água, refletindo que essa última tem sido tratada como mercadoria para o agronegócio.

Dada a fidelidade da xilogravura ao conteúdo principal do folheto, a Figura 56 aponta a articulação semântica da gravura com o texto escrito.

Figura 56- Articulação semântica entre xilogravura e versos do folheto “A guerra da água”



Fonte: Elaboração própria.

Após leitura detalhada da xilogravura, constatou-se que os vocábulos “ele”, “matas”, “rios”, “contaminação”, “água”, “mananciais”, “fauna”, “flora”, “meio ambiente” e a expressão “não há vidas” correspondem aos discursos concretos (figuras) representados na imagem por meio de elementos, personagens e símbolos. Os vocábulos destacados em negrito, por sua vez, correspondem às figuras que subsidiam a identificação dos temas da xilogravura.

O Quadro 22 expõe a síntese do processo de figurativização e tematização da xilogravura analisada.

INDEXAÇÃO DE XILOGRAVURAS À LUZ DA SEMÂNTICA DISCURSIVA
E DAS POTENCIALIDADES DA FOLKSONOMIA

Quadro 22- Figurativização e Tematização da xilogravura do folheto “A guerra da água”

FIGURAS EXTRAÍDAS DA IMAGEM	VERSOS QUE APRESENTAM FIGURAS RELACIONADAS À IMAGEM	FIGURAS EXTRAÍDAS DOS VERSOS	TEMAS IDENTIFICADOS COM BASE NAS FIGURAS	CLASSE TEMÁTICA
*caveira *pássaro *arvore *homem *fumaça *cigarro *córrego *rio *garrafa *spray *água *poluição	“É porque onde ele entra As matas são destruídas São as nascentes dos rios Eliminadas, perdidas Por isso, n’alguns lugares Do Brasil, já não há vidas”	*destruídas *eliminadas *perdidas *degradação *contaminação *contaminando	*Destruição *poluição	*Meio ambiente
	“Setenta por cento dos Rios do brasil estão Enfrentando, hoje em dia, Intensa degradação Além de muitos problemas Com a contaminação ”			
	“As populações humildes Não têm mais Direito à água potável, Necessária por demais, Pois estão contaminando Os nossos mananciais”			
	“E cabe a nós, brasileiros, Zelar, conscientemente Pela fauna, pela flora E nosso meio-ambiente Pois quem sabe faz a hora: À luta se faz presente”			

Fonte: Elaboração própria.

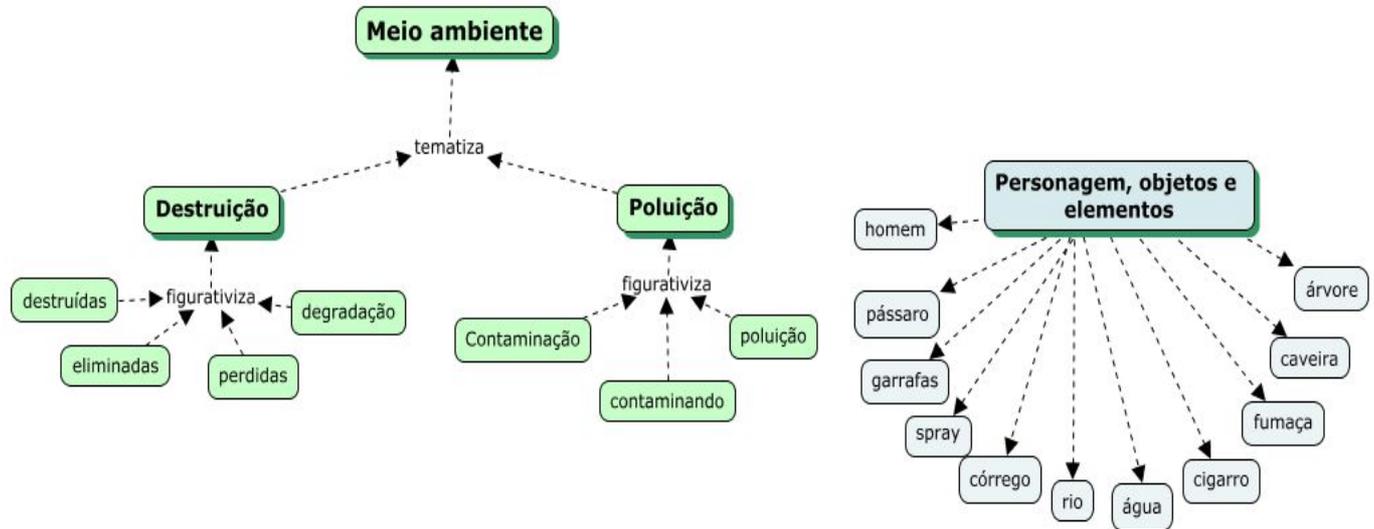
A partir dos aspectos apresentados anteriormente, notou-se que a xilogravura pode ser indexada com os temas “**destruição**” e “**poluição**”, os quais pertencem à classe temática “Meio ambiente”, conjunto de unidades ecológicas que funcionam como um sistema natural, incluindo vegetação, animais,

microorganismos, fenômenos naturais. Nessa classe temática, também são discutidos aspectos relativos à poluição e ecologia.

A Figura 57 apresenta graficamente a classe temática, os temas e as figuras associadas a essa xilogravura.

INDEXAÇÃO DE XILOGRAVURAS À LUZ DA SEMÂNTICA DISCURSIVA
E DAS POTENCIALIDADES DA FOLKSONOMIA

Figura 57- Figuras, temas e classes da xilogravura do folheto “A guerra da água”



Fonte: Elaboração própria.

Nesse prisma, observou-se que os vocábulos “*destruídas*”, “*eliminadas*”, “*perdidas*” e “*degradação*” figurativizam o tema “**Destruição**”, caracterizando crime ambiental de desmatamento das florestas mediante a ação do homem, implicando em variados problemas como mudanças climáticas, aquecimento global, etc.

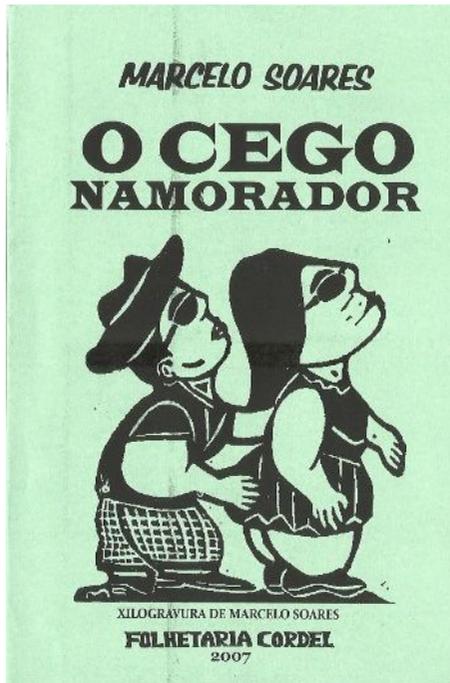
Os vocábulos “*contaminação*”, “*contaminando*” e “*poluição*”, por sua vez, figurativizam o tema “**poluição**”, correspondente às ações praticadas pelo homem no meio ambiente, por meio da remoção ou adição de matérias ou substâncias que alteram as suas propriedades físicas, químicas ou biológicas.

Do lado direito da 57, é possível visualizar os vocábulos “*homem*”, “*pássaro*”, “*garrafas*”, “*spray*”, “*córrego*”, “*rio*”, “*água*”, “*cigarro*”, “*fumaça*”, “*caveira*” e “*árvore*”. Esses vocábulos estão associados ao personagem, objetos e elementos identificados no processo de figurativização da xilogravura e, por sua vez, subsidiaram o processo de tematização e indexação dessa imagem.

- **Classe “Moralidade”**

No campo das xilogravuras notou-se que a criatividade do artista também está pautada na criação de imagens que representem assuntos relacionados à moralidade como traição, abandono, sedução, irracionalidade, hábitos, geração, fidelidade e estilo, por exemplo. Na Figura 58 observa-se:

Figura 58- **Capa do folheto:** “O cego namorador”



Fonte: Soares (2007b).

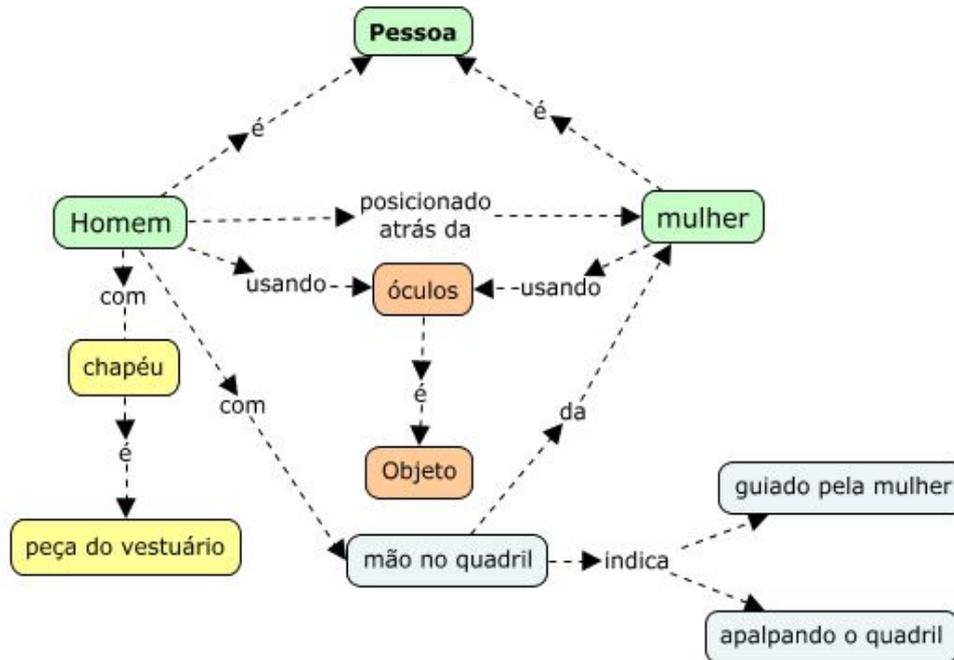
Percebeu-se que a imagem representa **homem** e uma **mulher**, ambos com **óculos** e rostos inclinados. Nessa imagem, o homem de **chapéu** está posicionado atrás da mulher com a **mão no quadril** da personagem – o que pode suscitar variadas percepções, a depender da capacidade imaginativa e da interpretação do indivíduo que a analisa. Nessa ótica, o homem pode estar sendo **guiado pela mulher** e/ou pode estar **apalpando o seu quadril**. Além disso, o fato de as duas pessoas estarem de **óculos** pode indicar que estejam protegendo os seus olhos do sol, ou que ambas são deficientes visuais, ou que esse fato corresponde às duas alternativas.

Isso significa que no processo de análise e interpretação de imagens, cada pessoa pode construir a sua unidade de sentido e cada sentido está associado ao contexto cultural e social de percepção. Por isso a importância de encontrar alternativas que auxiliem o trabalho do profissional da informação na prática de indexação de xilogravuras, fornecendo caminhos para que identifiquem os temas nesses recursos imagéticos.

Considerando o procedimento de figurativização, a ilustração a seguir elenca as figuras (pessoas, objetos e ação) reconhecidas na xilogravura mediante a análise da narrativa visual presente nesse recurso imagético.

INDEXAÇÃO DE XILOGRAVURAS À LUZ DA SEMÂNTICA DISCURSIVA
E DAS POTENCIALIDADES DA FOLKSONOMIA

Figura 59 - Figuratização da xilogravura do folheto “O cego namorado”

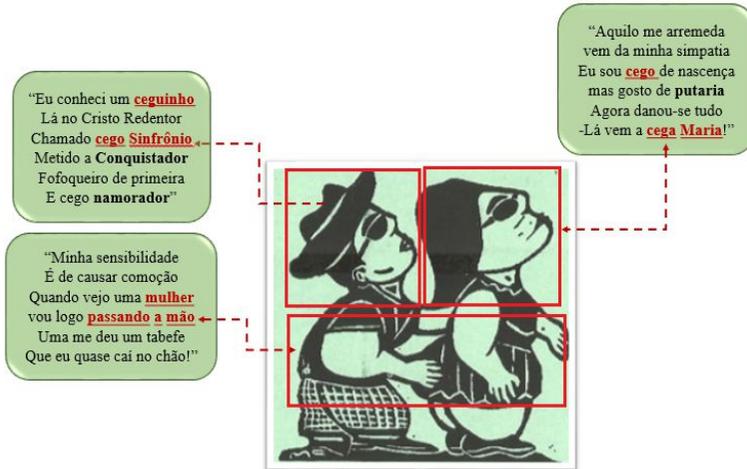


Fonte: Elaboração própria.

Na busca de identificar correlações das figuras apresentadas na narrativa visual (citadas anteriormente), ao ler integralmente o folheto em que a xilogravura se encontra ilustrada, notou-se que o folheto trata de uma narrativa relacionada a um homem com deficiência visual, adjetivado de conquistador e namorador. Ele utiliza os outros órgãos do sentido como a audição e o tato para auxiliarem na sua locomoção, orientação, percepção de ambientes e de pessoas, devido à ausência total da sua visão desde o seu nascimento. As espertezas desse personagem, são descritas no cordel composto por 30 (trinta) sextilhas.

A articulação semântica das figuras identificadas, tanto na xilogravura analisada como nos versos do folheto, é apresentada na Figura 60.

Figura 60 – Articulação semântica entre xilogravura e versos do folheto “O cego namorador”



Fonte: Elaboração própria.

Diante do exposto, os vocábulos “ceguinho”, “cego”, “Sinfrônio”, “mulher”, “cega”, “Maria” e a expressão “passando a mão” correspondem, respectivamente, aos personagens e ação retratada na xilogravura. Os vocábulos destacados em negrito (“conquistador”, “namorador” e “putaria”), por sua vez, dizem respeito às figuras que contribuíram para o processo de tematização da imagem.

A síntese do processo de figurativização e tematização dessa xilogravura é apresentada a seguir.

Quadro 23- Figurativização e Tematização da xilogravura do folheto
“O cego namorador”

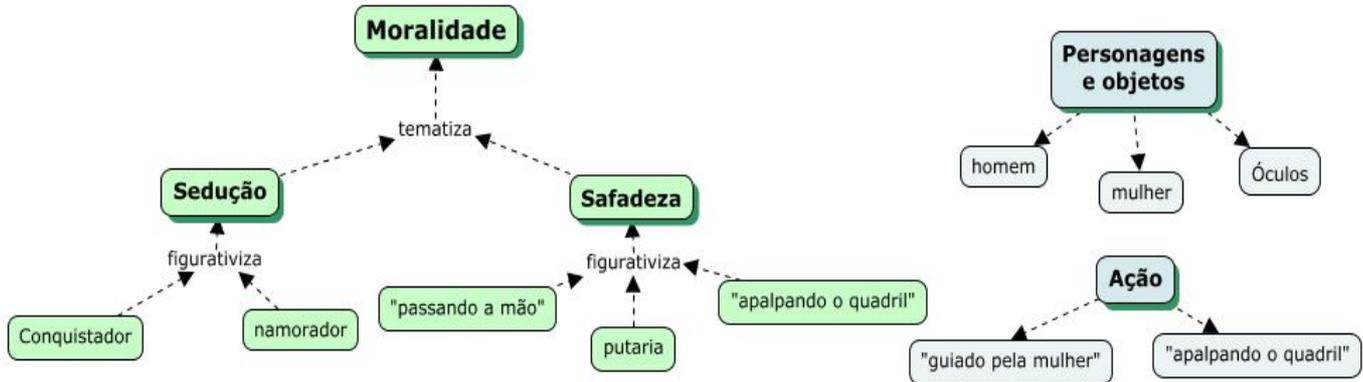
FIGURAS EXTRAÍDAS DA IMAGEM	VERSOS QUE APRESENTAM FIGURAS RELACIONADAS À IMAGEM	FIGURAS EXTRAÍDAS DOS VERSOS	TEMAS IDENTIFICADOS COM BASE NAS FIGURAS	CLASSE TEMÁTICA
*Homem *Mulher *óculos *“mão no quadril” *“guiado pela mulher” *“apalpando o quadril”	“Eu conheci um ceguinho Lá no Cristo Redentor Chamado cego Sinfrônio Metido a Conquistador Fofoqueiro de primeira E cego namorador ”	*conquistador *namorador *passando a mão” *putaria	*Sedução *Safadeza	*Moralidade
	“Minha sensibilidade É de causar comoção Quando vejo uma mulher vou logo passando a mão Uma me deu um tabefe Que eu quase caí no chão!”			
	“Aquilo me arremeda vem da minha simpatia Eu sou cego de nascença mas gosto de putaria Agora danou-se tudo -Lá vem a cega Maria!”			

Fonte: Elaboração própria.

Desse modo, ao descrever genericamente as pessoas, objetos, características e ações presentes na imagem - elementos reconhecidos na narrativa visual- e identificar a articulação semântica entre xilogravura e versos do folheto, observou-se que a essa imagem pode ser indexada com os temas “**sedução**” e “**safadeza**”. Esses temas se encontram categorizados na classe temática “Moralidade”, a qual é correspondente às normas, princípios e valores que regem as relações mútuas entre os indivíduos ou entre esses os mesmos e a comunidade.

A Figura a seguir apresenta o resultado do processo de figurativização e tematização da xilogravura analisada.

Figura 61- Figuras, temas e classes da xilogravura do folheto “O cego namorador”



Fonte: Fonte: Elaboração própria.

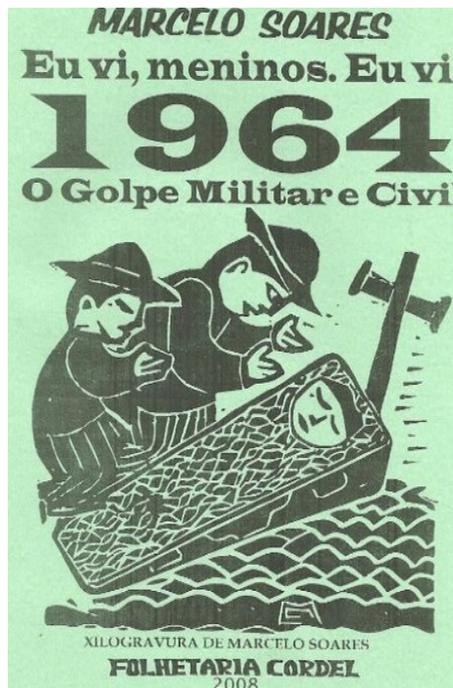
Desse modo, notou-se que os vocábulos “*conquistador*” e “*namorador*” figurativizam o tema “**Sedução**”, caracterizando o conjunto de técnicas e habilidades para encantar o outro no intuito de atingir determinados objetivos por meio do carisma, da paixão ou do desejo. As expressões “*passando a mão*” (identificada na análise da narrativa textual) “*apalpando o quadril*” (da análise da narrativa visual) e o vocábulo “*putaria*” figurativizam o tema “**Safadeza**”, caracterizando a imoralidade, a desonestidade. Esses temas, por sua vez, pertencem à classe “**Moralidade**”.

Os vocábulos apresentados do lado direito da Figura 61 correspondem aos personagens e objetos identificados na análise da narrativa visual, ou seja, da xilogravura. Ademais, também foram identificadas as expressões que correspondem à ação retratada na xilogravura: “*guiado pela mulher*” e “*apalpando o quadril*”. Esses vocábulos e expressões também contribuíram para a identificação dos temas e da classe temática supracitada.

- **Classe “Morte”**

O artista também elabora xilogravuras que tratam sobre acontecimentos causadores de tristeza ou de interrupção da vida de uma pessoa ou organismo, como observa-se na xilogravura a seguir.

Figura 62- Capa do folheto: “Eu vi, meninos. Eu vi. O Golpe militar e civil 1964”

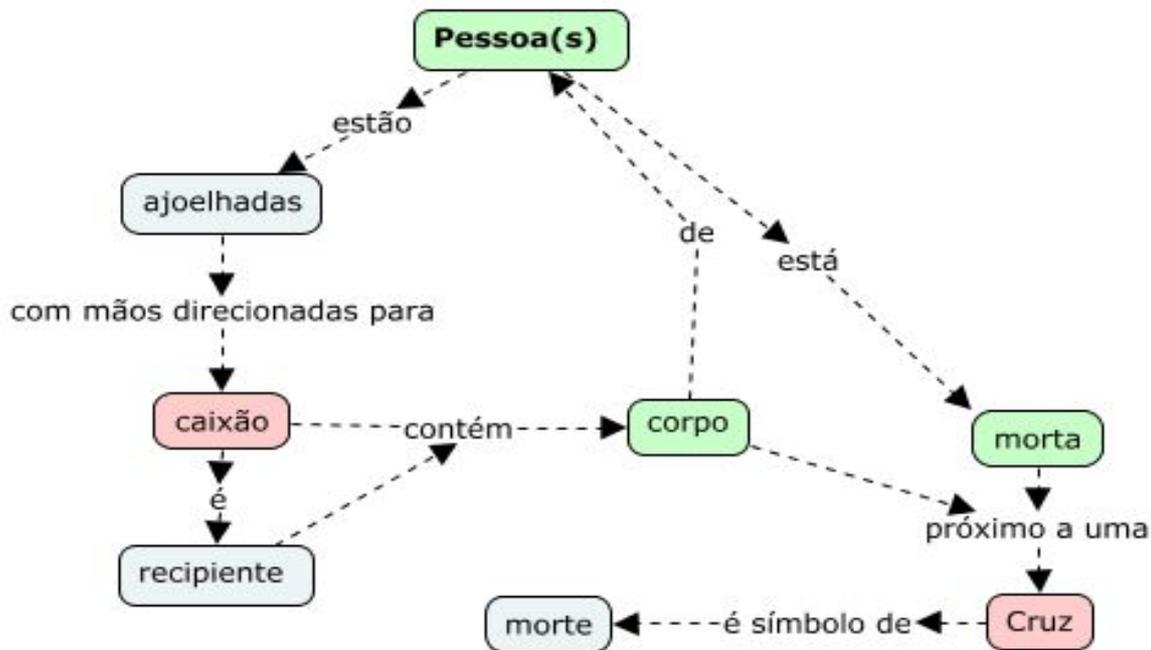


Fonte: Soares (2008).

Nota-se que a imagem retrata três **pessoas**. Dois deles se encontram **ajoelhados** com as mãos direcionadas para o **caixão** com um corpo de uma pessoa dentro, aparentemente os dois personagens estão consternados com a morte do ente querido. No plano direito da imagem, próximo ao caixão, contém uma **cruz** – simbolizando a morte.

O mapa conceitual a seguir apresenta a síntese dos elementos destacados anteriormente, os quais se constituem como as figuras da imagem analisada.

Figura 63- Figuratização da xilogravura do folheto “Eu vi, meninos. Eu vi. O Golpe militar e civil 1964”

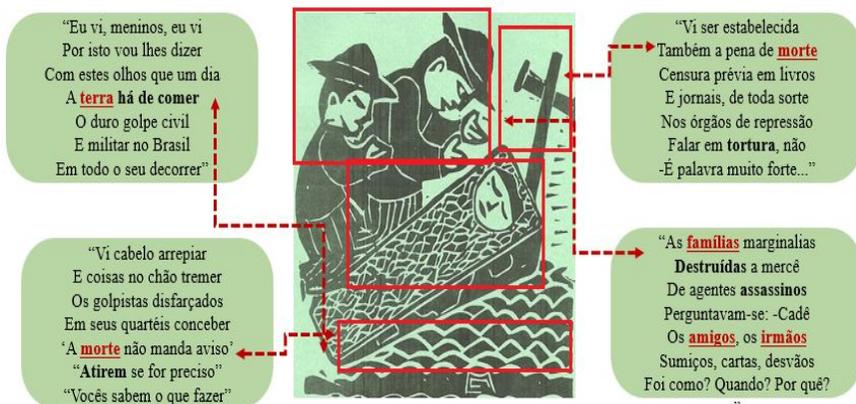


Fonte: Elaboração própria.

Após a leitura integral do folheto percebeu-se que o poeta relata em 24 (vinte e quatro) septilhas, aspectos relativos ao golpe civil e militar no Brasil em 1964, sobretudo sobre as mortes causadas em razão do regime militar, regime opressivo e totalitário mantido através das forças brutas, cometendo maiores atrocidades contra aqueles que se opunham a essa lógica (como estudantes, intelectuais, engajados políticos, etc.).

Nesse limiar, a seguir é constatada a articulação semântica entre a xilogravura e os versos do folheto.

Figura 64 – Articulação semântica entre xilogravura e versos do folheto “Eu vi, meninos. Eu vi. O Golpe militar e civil 1964”



Fonte: Elaboração própria.

Seguindo essa linha de raciocínio, verificou-se que os vocábulos “terra”, “morte”, “famílias”, “amigos” e “irmãos” estão associados aos personagens e elementos retratados na

xilogravura. Notou-se ainda que a expressão “terra há de comer” e os vocábulos “atirem”, “tortura”, “destruídas” e “assassinos” foram extraídos dos versos do folheto e estão relacionados ao conteúdo da imagem em questão, os quais subsidiaram o processo de tematização desse recurso imagético.

O Quadro 24 expõe as figuras apresentadas nas análises da narrativa visual e textual. Além disso, apresenta os temas identificados com base na confluência dessas figuras, bem como elenca a classe temática que a xilogravura está associada.

INDEXAÇÃO DE XILOGRAVURAS À LUZ DA SEMÂNTICA DISCURSIVA
E DAS POTENCIALIDADES DA FOLKSONOMIA

Quadro 24- Figurativização e Tematização da xilogravura do folheto “Eu vi, meninos. Eu vi. O Golpe militar e civil 1964”

FIGURAS EXTRAÍDAS DA IMAGEM	VERSOS QUE APRESENTAM FIGURAS RELACIONADAS À IMAGEM	FIGURAS EXTRAÍDAS DOS VERSOS	TEMAS IDENTIFICADOS COM BASE NAS FIGURAS	CLASSE TEMÁTICA
<p>*Pessoas *ajoelhadas *caixão *cruz</p>	<p>“Eu vi, meninos, eu vi Por isto vou lhes dizer Com estes olhos que um dia A terra há de comer O duro golpe civil E militar no Brasil Em todo o seu decorrer”</p>	<p>*“terra há de comer” *morte *atirem *tortura *destruídas *assassinos</p>	<p>*Morte *Assassinato *Sofrimento</p>	<p>*Morte</p>
	<p>“Vi cabelo arrepiar E coisas no chão tremer Os golpistas disfarçados Em seus quartéis conceber 'A morte não manda aviso' “Atirem se for preciso” “Vocês sabem o que fazer”</p>			
	<p>“Vi ser estabelecida Também a pena de morte Censura prévia em livros E jornais, de toda sorte Nos órgãos de repressão Falar em tortura, não -É palavra muito forte...”</p>			
	<p>“As famílias marginalias Destruídas a mercê De agentes assassinos Perguntavam-se: -Cadê Os amigos, os irmãos Sumiços, cartas, desvãos Foi como? Quando? Por quê?</p>			

Fonte: Elaboração própria.

Com base na confluência das figuras identificadas, notou-se que a xilogravura pode ser indexada pelos temas “**morte**”, “**assassinato**” e “**sofrimento**”. Esses temas pertencem à classe temática “Morte”, designando o término da vida de uma pessoa ou organismo, assim como o seu estado após o evento.

A Figura 65 expõe os vocábulos e expressões que figurativizam esses temas e essa classe temática.

INDEXAÇÃO DE XILOGRAVURAS À LUZ DA SEMÂNTICA DISCURSIVA
E DAS POTENCIALIDADES DA FOLKSONOMIA

Figura 65- Figuras, temas e classes da xilogravura do folheto “Eu vi, meninos. Eu vi. O Golpe militar e civil 1964”



Fonte: Elaboração própria.

Destarte, os vocábulos “*caixão*”, “*morte*”, “*destruídas*” e a expressão “*terra há de comer*” figurativizam o tema “**morte**”, designando a interrupção definitiva da vida do homem enquanto matéria física. Os vocábulos “*atirem*” e “*assassinados*” figurativizam o tema “**assassinato**”, caracterizando um ato intencional de tirar a vida de outra pessoa, de maneira ilegal. O vocábulo “*tortura*”, por sua vez, figurativiza o tema “**sofrimento**”, sensação consciente ou inconsciente de dor, mal-estar ou infelicidade.

Do lado direito da ilustração apresentada anteriormente também são apresentados os personagens e objetos retratados na imagem, os quais contribuem para o processo de sua indexação.

Com base nesse entendimento, embora o folheto de cordel descreva aspectos relativos a um fato histórico, a ditadura militar de 1964, foi possível perceber que o conteúdo da xilogravura não corresponde diretamente à classe temática “História”.

Isso se deve ao fato de que a imagem representa o conteúdo principal do folheto, o qual está associado às mortes, torturas, sofrimentos e assassinatos provocados por esse evento que ocorreu no Brasil. Nessa perspectiva, verificou-se que a análise de imagens como as xilogravuras deve estar pautada, primeiramente, na narrativa visual e na articulação semântica da mesma com as fontes adicionais (nesse caso os títulos e os versos

do folheto), objetivando tornar a indexação mais próxima possível de atender os parâmetros conceituais da xilogravura.

- **Classe “Poder”**

As xilogravuras criadas pelo artista também representam temas questionáveis que envolvem discussões éticas ou morais associadas ao poder político, como observa-se na Figura a seguir.

Figura 66- Capa do folheto: “Brasil – o marco da impunidade”



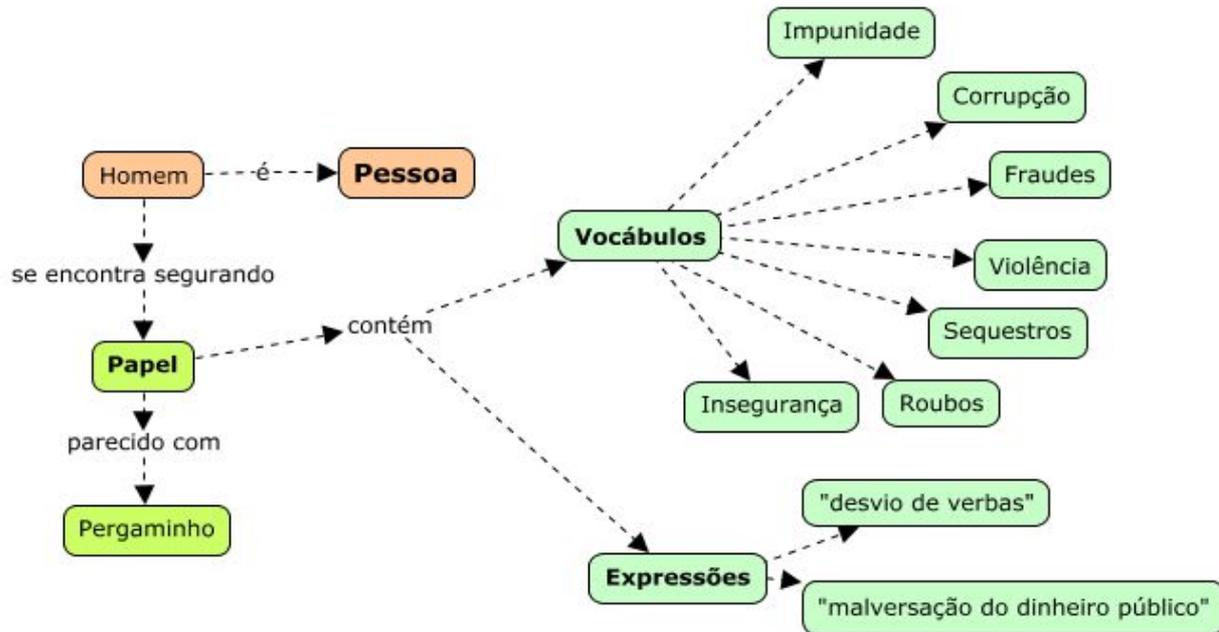
Fonte: Soares (2002a).

Notou-se que essa imagem representa a ilustração de um **homem** segurando um **papel**, parecido com pergaminho, apresentando um conjunto de vocábulos e expressões, são eles:

“impunidade”, “corrupção”, “fraudes”, “desvios de verbas”, “violência”, “sequestros”, “roubos”, “insegurança” e “malversação do dinheiro público”. Ao analisar as figuras (elementos concretos) listadas no papel, foi possível observar que as mesmas correspondem aos problemas decorrentes da falta de qualidade da administração e do poder político.

O mapa conceitual a seguir expõe as figuras destacadas anteriormente, as quais estão diretamente associadas à xilogravura.

Figura 67- Figuratização da Xilogravura do folheto “Brasil – o marco da impunidade”

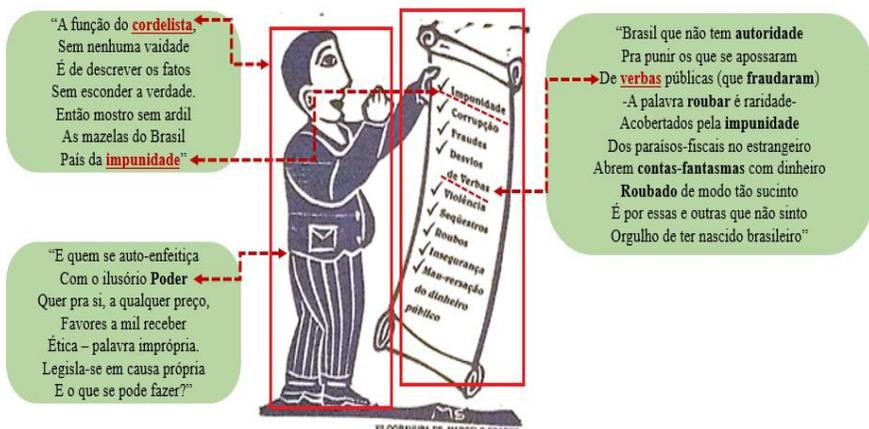


Fonte: Elaboração própria.

Após a leitura integral do folheto intitulado “Brasil: o marco da impunidade”, notou-se que o poeta expõe os fatos e os problemas do Brasil no que concerne à administração do poder político como corrupção, economia, opressão, política e governo.

A seguir é apresentada a confluência entre as figuras identificadas na narrativa visual e textual, considerando que a xilogravura representa o conteúdo apresentado no folheto.

Figura 68- Articulação semântica entre xilogravura e versos do folheto “Brasil: o marco da impunidade”



Fonte: Elaboração própria.

Ao analisar a ilustração apresentada anteriormente, constatou-se que o vocábulo “cordelista” pode estar associado ao personagem representado na xilogravura. De outro modo

disposto, os vocábulos “impunidade” e “verbas” correspondem ao que se encontra escrito no papel retratado na imagem. Os vocábulos com destaques em negrito (“poder”, “autoridade”, “fraudaram”, “roubar”, “impunidade”, “contas-fantasmas”, “roubado”), por sua vez, dizem respeito às figuras associadas aos temas da xilogravura, as quais subsidiaram a atividade de indexação desse recurso imagético.

O Quadro 25 apresenta as figuras (discursos concretos) extraídas da análise da narrativa visual e da narrativa textual, bem como apresenta os temas e a classe temática identificados em consonância com a confluência dessas figuras.

INDEXAÇÃO DE XILOGRAVURAS À LUZ DA SEMÂNTICA DISCURSIVA
E DAS POTENCIALIDADES DA FOLKSONOMIA

Quadro 25- Figurativização e Tematização da xilogravura do folheto “Brasil: o marco da impunidade”

FIGURAS EXTRAÍDAS DA IMAGEM	VERSOS QUE APRESENTAM FIGURAS RELACIONADAS À IMAGEM	FIGURAS EXTRAÍDAS DOS VERSOS	TEMAS IDENTIFICADOS COM BASE NAS FIGURAS	CLASSE TEMÁTICA
<ul style="list-style-type: none"> *Homem *papel *impunidade *corrupção *fraudes *“desvios de verbas” *violência *sequestros *roubos *insegurança *“malversação do dinheiro público” 	<p>“A função do cordelista, Sem nenhuma vaidade É de descrever os fatos Sem esconder a verdade. Então mostro sem arдил As mazelas do Brasil País da impunidade”</p>	<ul style="list-style-type: none"> *impunidade *poder *autoridade *fraudaram *roubar *contas-fantasmas *roubado 	<ul style="list-style-type: none"> *Impunidade *Corrupção *Destruição *Insegurança *Governo 	<ul style="list-style-type: none"> *Poder
	<p>“E quem se auto-enfeitiça Com o ilusório Poder Quer pra si, a qualquer preço, Favores a mil receber Ética – palavra imprópria. Legisla-se em causa própria E o que se pode fazer?”</p>			
	<p>“Brasil que não tem autoridade Pra punir os que se apossaram De verbas públicas (que fraudaram) -A palavra roubar é raridade- Acobertados pela impunidade Dos paraísos-fiscais no estrangeiro Abrem contas-fantasmas com dinheiro Roubado de modo tão sucinto É por essas e outras que não sinto Orgulho de ter nascido brasileiro”</p>			

Fonte: Elaboração própria.

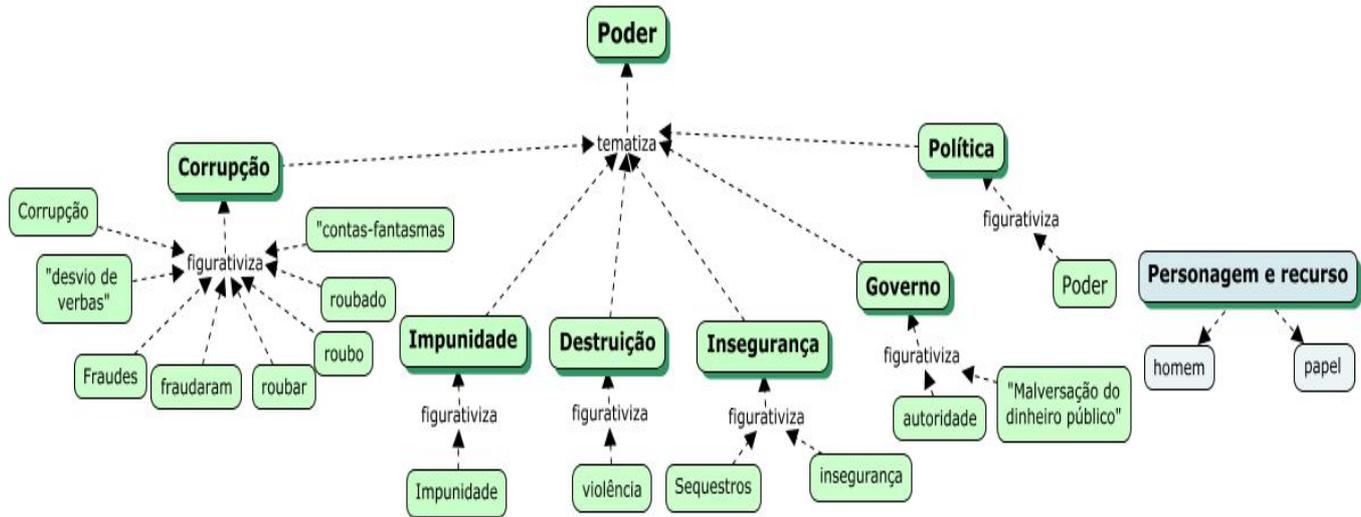
Diante do exposto, notou-se que a xilogravura analisada pode ser indexada por meio dos temas “**Impunidade**”, “**Corrupção**”, “**Destruição**”, “**Insegurança**” e “**Governo**”. Esses

temas pertencem à classe temática “Poder”, em que contempla aspectos relativos aos desvios e abuso de poder político, do poder executivo, do Estado e do governo – órgãos responsáveis por realizar os trabalhos do Estado.

A Figura 69 expõe as figuras que subsidiaram a identificação desses temas e dessa classe temática.

INDEXAÇÃO DE XILOGRAVURAS À LUZ DA SEMÂNTICA DISCURSIVA
E DAS POTENCIALIDADES DA FOLKSONOMIA

Figura 69- Figuras, temas e classes da xilogravura do folheto “Brasil: o marco da impunidade”



Fonte: Elaboração própria.

Seguindo essa linha de raciocínio, verificou-se que os vocábulos “*corrupção*”, “*fraudes*”, “*fraudaram*”, “*roubar*”, “*roubo*”, “*roubado*” e as expressões “*desvio de verbas*” e “*contas-fantasmas*” figurativizam o tema “**Corrupção**”, correspondendo o uso ilegal ou ilícito do poder político e financeiro em benefício próprio. O vocábulo “*impunidade*” figurativiza o tema “**impunidade**”, ausência de punição a quem usa ilegalmente o poder político e financeiro.

O vocábulo “*violência*”, por sua vez, figurativiza o tema “**Destruição**”, designando a ação ou efeito de destruir por motivos éticos, religiosos, ideológicos, econômicos ou territoriais, motivada pela disputa entre dois ou mais grupos distintos ou países.

De outro modo disposto, os vocábulos “*sequestros*” e “*insegurança*” figurativizam o tema “**Insegurança**”, designando a ausência de segurança que implica na vulnerabilidade acrescida aos municípios, Estados e países. Em nítido contraste, o vocábulo “*autoridade*” e a expressão “*malversação do Governo*” figurativizam o tema “**Governo**” – correspondente à liderança política que governa um Estado ou Nação. E por último, o vocábulo “*poder*” figurativiza o tema “**política**”, caracterizando a capacidade de governar, organizar, dirigir e administrar Estados e

Nações. Outrossim, os vocábulos “homem” e “papel” estão relacionados, respectivamente, ao personagem (homem, poeta) e recurso (papel) retratado na xilogravura, os quais foram identificados na análise da narrativa visual.

- **Classe “Político e Social”**

Além de carregar consigo o caráter artístico, poético e literário, as xilogravuras de cordel também representam elementos políticos e sociais, como classes sociais, desigualdades sociais, luta de classes, inclusão social, entre outros. A seguir, observa-se a xilogravura do folheto intitulado “Nosso país precisa fazer reforma agrária”:

Figura 70- Capa do folheto “Nosso país precisa fazer Reforma Agrária”



Fonte: Soares (1999).

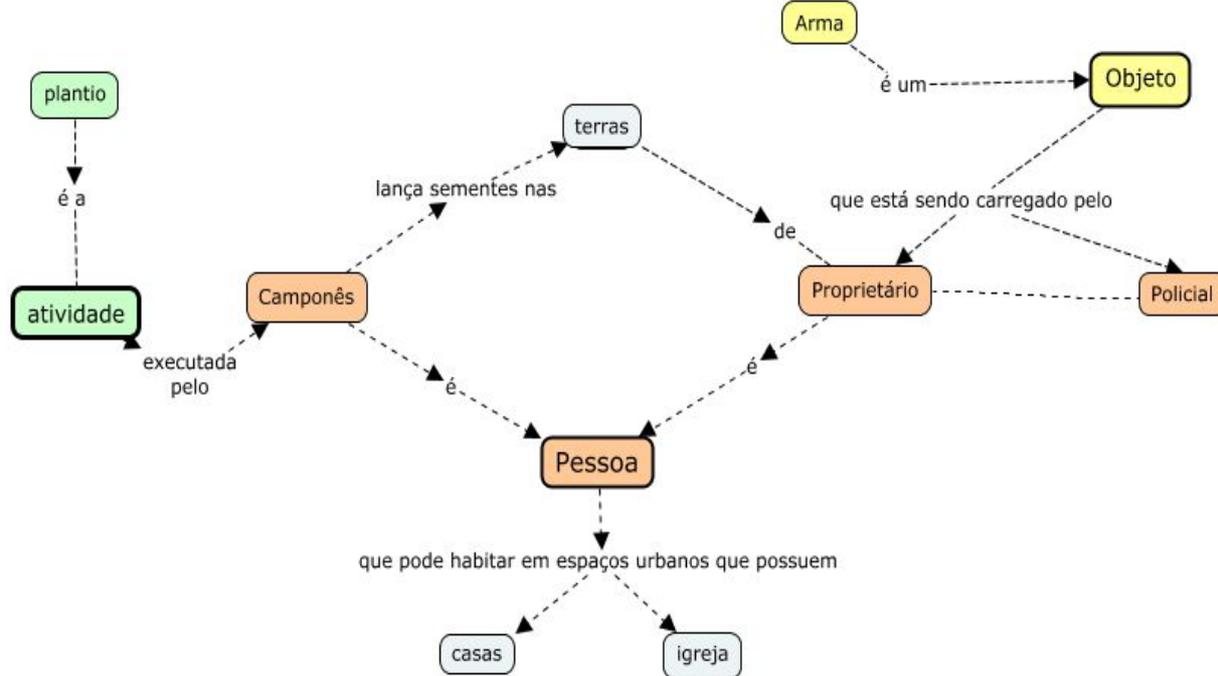
A xilogravura apresentada é composta por diversos elementos. Em primeiro plano a figura de dois homens. Do lado esquerdo, a ilustração de um homem lançando sementes na terra, o que pode ser comparado a imagem do **camponês** realizando o plantio para que a planta germine, cresça e dê frutos. Do lado direito, é possível observar a figura de um homem com **arma** suspensa pela bandoleira ao ombro, posicionado de frente para o camponês. Na narrativa visual, a ilustração do homem armado pode estar associada à imagem de um **policia**l ou de um **proprietário de terras**. Ou seja, na atividade de análise de imagens, inicialmente podem surgir dúvidas por parte de quem analisa a xilogravura, em relação aos personagens e elementos que se encontram representados.

Adicionalmente, no plano posterior da xilogravura, foram verificados traços urbanos por meio da ilustração de **casas** e de uma **igreja** posicionada no centro – os quais podem estar associados ao fato de que, nas cidades brasileiras, as igrejas estão localizadas no centro da comunidade.

O mapa conceitual a seguir elenca as figuras (personagens, objetos, ação e elementos) reconhecidas na xilogravura mediante a análise da narrativa visual presente nesse recurso imagético.

INDEXAÇÃO DE XILOGRAVURAS À LUZ DA SEMÂNTICA DISCURSIVA
E DAS POTENCIALIDADES DA FOLKSONOMIA

Figura 71- Figuratização da xilogravura do folheto “Nosso país precisa fazer Reforma Agrária”

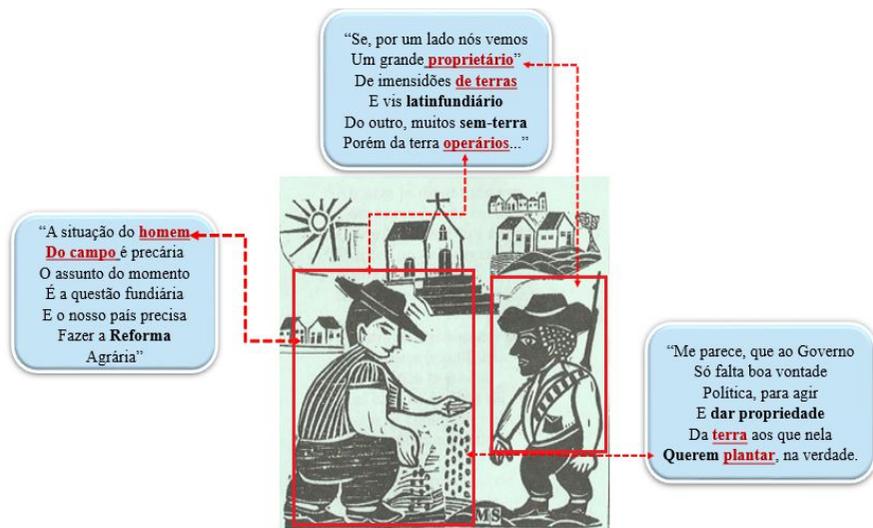


Fonte: Elaboração própria.

Ao ler integralmente o folheto em que a xilogravura se encontra ilustrada, verificou-se que o mesmo discorre sobre a precariedade da situação do homem do campo e a necessidade de realização da reforma agrária no Brasil. O cordel composto por 32 (trinta e duas) sextilhas aponta também questões de violência por parte dos latifundiários e do problema agrário brasileiro, enfatizando que as diferenças estão relacionadas à configuração social e política.

Nesse limiar, a Figura 72 apresenta a imbricação entre as figuras apresentadas na xilogravura e nos versos do folheto, as quais são relativas à atividade, e aos personagens representados na imagem.

Figura 72- Articulação semântica entre xilogravura e versos do folheto
“Nosso país precisa fazer a Reforma Agrária”



Fonte: Elaboração própria.

Com base na análise da ilustração, notou-se que o vocábulo “operário” e as expressões “proprietário de terras” e “homem do campo” remetem aos personagens representados na xilogravura. O vocábulo “plantar” está associado à ação retratada na imagem. O vocábulo “terra”, por sua vez, está associado à superfície representada na imagem. Por outro lado, os vocábulos destacados em negrito subsidiaram a identificação do tema da xilogravura, embora tenham sido também extraídos dos versos do folheto analisado.

O Quadro 26 apresenta, de maneira sintética, os resultados do processo de figurativização e tematização dessa xilogravura.

Quadro 26- Figurativização e Tematização da xilogravura do folheto “Nosso país precisa fazer a Reforma Agrária”

FIGURAS EXTRAÍDAS DA IMAGEM	VERSOS QUE APRESENTAM FIGURAS RELACIONADAS À IMAGEM	FIGURAS EXTRAÍDAS DOS VERSOS	TEMAS IDENTIFICADOS COM BASE NAS FIGURAS	CLASSE TEMÁTICA
*Camponês *arma *Proprietário de terras *Policial *Casas *Igreja	“A situação do homem Do campo é muito precária O assunto do momento É a questão fundiária E o nosso país precisa Fazer a Reforma Agrária ”	*Homem do campo *Reforma	*Classe social *Armamento *Transformação	*Político e Social
	Se, por um lado nós vemos O grande proprietário De imensidões de terras E vis latifundiários Do outro, muitos sem-terra , Porém da terra operários	*Proprietário de terras *latifundiários *Sem-Terra *Operários *dar a propriedade		
	Me parece, que ao Governo Só falta boa vontade Política, para agir E dar a propriedade Da terra aos que nela Querem plantar , na verdade.	*querem plantar		

Fonte: Elaboração própria.

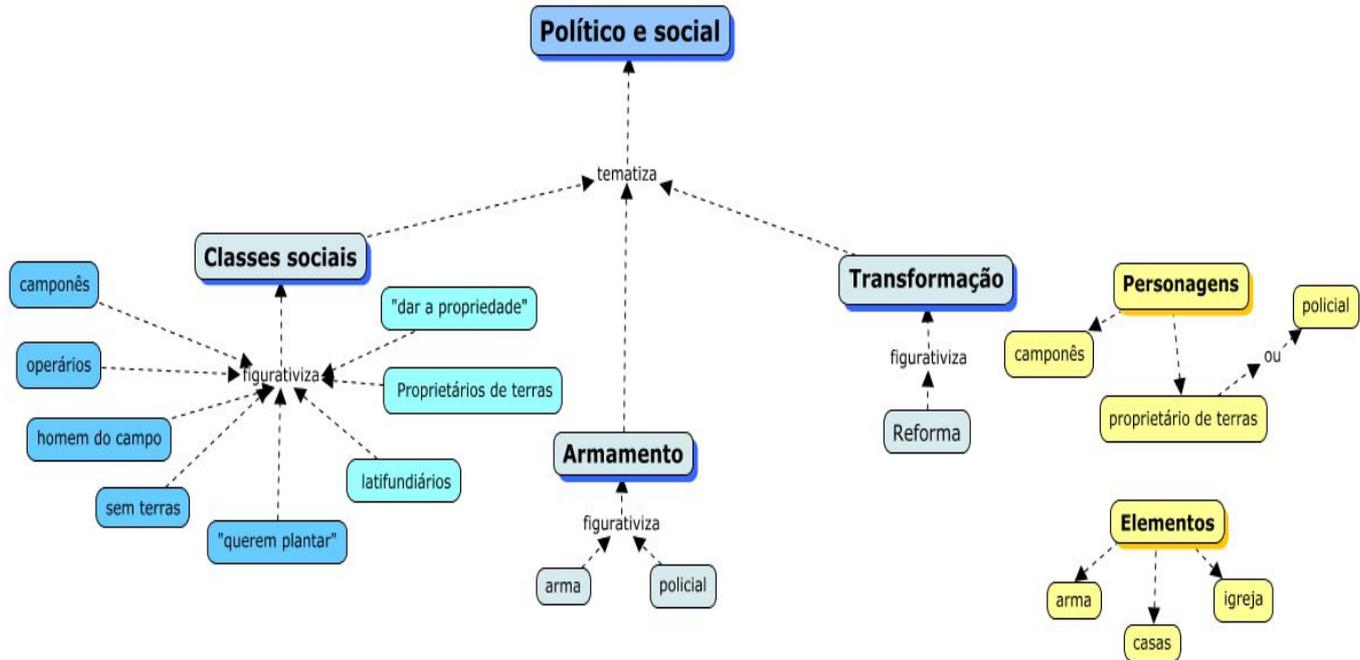
Nessa perspectiva, a partir da análise da narrativa visual e textual notou-se que o conteúdo da xilogravura pode ser representado pelos temas “**classe social**”, “**armamento**” e “**transformação**”. Dessa forma, a xilogravura pertence à classe temática “Político e social”, uma vez que essa imagem contempla elementos associados à Reforma Agrária, reorganização da estrutura fundiária pelo governo no intuito de viabilizar a redistribuição de terras para a realização da sua função social. A Reforma Agrária diz respeito a uma questão política e social que

não está apenas associada aos trabalhadores rurais Sem Terras, sendo também de grande importância para toda a sociedade brasileira.

Os vocábulos que figurativizam os temas supracitados e que, por sua vez, pertencem à classe temática “Político e Social” são apresentados a seguir.

INDEXAÇÃO DE XILOGRAVURAS À LUZ DA SEMÂNTICA DISCURSIVA
E DAS POTENCIALIDADES DA FOLKSONOMIA

Figura 73 - Figuras, temas e classe da xilogravura do folheto “Nosso país precisa fazer a Reforma Agrária”



Fonte: Elaboração própria.

Os vocábulo*s* “*camponês*”, “*operários*”, “*latifundiários*” e as expressões “*homem do campo*”, “*sem terras*”, “*querem plantar*”, “*proprietários de terras*” e “*dar a propriedade*” figurativizam o tema “**classes sociais**”, pois a imagem representa duas pessoas que fazem parte de grupos diferentes - os latifundiários (proprietários de terras) e o proletariado (classe operária) - cujos padrões culturais, políticos e econômicos são divergentes.

Já os vocábulo*s* “*arma*” e “*policial*” figurativizam o tema “**armamento**”, ato ou efeito de armar. O vocábulo “*reforma*” figurativiza o tema “**transformação**”, que diz respeito a qualquer modificação no estado de um sistema como a reforma agrária, por exemplo. Do lado direito da ilustração apresentada anteriormente, estão dispostos os vocábulo*s* e a expressão extraída da análise da narrativa visual, relacionados aos personagens (“*camponês*”, “*proprietário de terras*”, “*policial*”) e elementos retratados na xilogravura (“*arma*”, “*casas*” e “*igreja*”). Esses vocábulo*s* também subsidiaram a identificação dos temas supracitados que pertencem à classe temática “político e social”.

Ao analisar essa xilogravura sem a consulta de informações adicionais e ao ver a imagem de um camponês realizando o plantio, o profissional indexador pode em primeiro momento associar a xilogravura à classe temática “Agricultura”.

Outro fator que pode implicar na dispersão interpretativa nessa situação, diz respeito à dificuldade de estabelecer conexões em relação ao conjunto de elementos retratados na imagem em questão, os quais estão relacionados à reforma agrária. Por isso a importância da análise do conjunto de elementos associados à imagem, bem como da articulação sintagmática entre a imagem e os versos do folheto.

- **Classe “Religião”**

Como visto, a religião contribuiu para a propagação das xilogravuras como meio para a divulgação de sua filosofia. Essas imagens apresentam em sua narrativa visual assuntos como fé, evangelização, santidade, santificação, perdão, divindade, salvação, regeneração, profecia, crucificação, pregação, cristianismo, devoção, ensinamentos bíblicos, etc. Na figura 74 observa-se:

Figura 74- Capa do folheto: “Ave-Maria do Brasil”

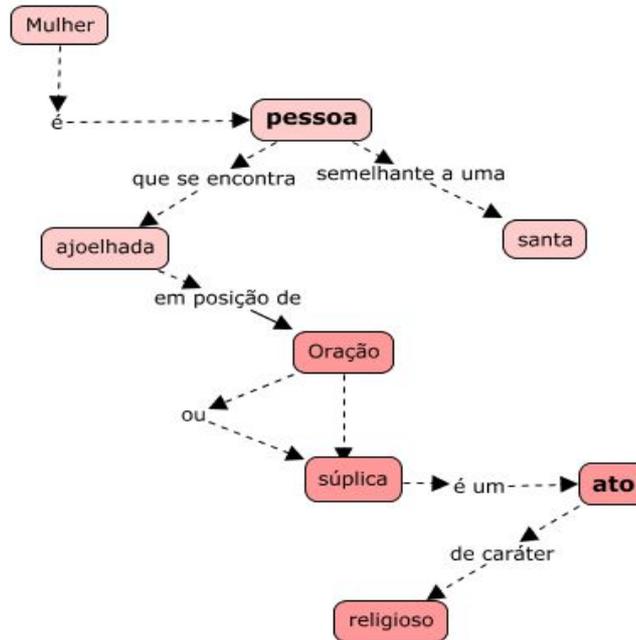


Fonte: Soares (2002b).

A xilogravura em questão representa a imagem de uma **mulher**, aparentemente uma **santa**, com joelhos sobre o chão, em posição de **oração** ou **súplica**, configurando-se como um ato **religioso**. Seguindo essa linha de raciocínio, a seguir é apresentado um mapa conceitual que expõe as figuras identificadas na análise da narrativa visual, cujos vocábulos foram destacados anteriormente.

INDEXAÇÃO DE XILOGRAVURAS À LUZ DA SEMÂNTICA DISCURSIVA
E DAS POTENCIALIDADES DA FOLKSONOMIA

Figura 75- Figuratização da xilogravura do folheto “Ave-Maria do Brasil”

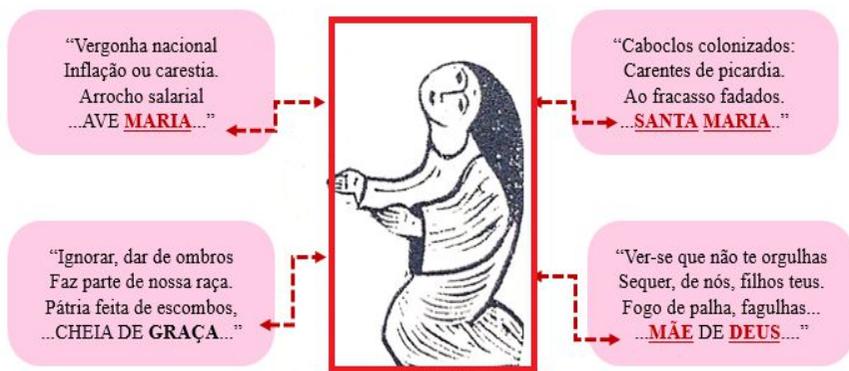


Fonte: Elaboração própria.

Ao ler integralmente o folheto intitulado “Ave-Maria do Brasil”, constatou-se que o mesmo narra sobre os problemas do Brasil e em meio a essa narrativa é apresentada a oração Ave-Maria (oração católica tradicionalmente conhecida no mundo) como forma de súplica.

Nesse prisma, a ilustração a seguir apresenta as figuras extraídas dos versos e expõe a articulação semântica entre a narrativa textual e a narrativa visual.

Figura 76- Articulação semântica entre xilogravura e versos do folheto “Ave-Maria do Brasil”



Fonte: Elaboração própria.

Os vocábulos “Maria”, “Mãe”, “Deus” e a expressão “Santa Maria” correspondem à personagem retratada na xilogravura e auxiliam no processo de tematização da imagem. O vocábulo

“graça”, identificado na narrativa textual e destacado em negrito, também corroboraram para o processo de indexação desse recurso imagético.

Seguindo essa lógica, o Quadro 27 expõe sinteticamente as figuras extraídas da análise da imagem e dos versos do folheto, bem como elenca os temas e a classe temática que a xilogravura faz parte.

Quadro 27- Figurativização e Tematização da xilogravura do folheto “Ave-Maria do Brasil”

FIGURAS EXTRAÍDAS DA IMAGEM	VERSOS QUE APRESENTAM FIGURAS RELACIONADAS À IMAGEM	FIGURAS EXTRAÍDAS DOS VERSOS	TEMAS IDENTIFICADOS COM BASE NAS FIGURAS	CLASSE TEMÁTICA
*mulher *santa *oração *súplica *religioso	“Vergonha nacional Inflação ou carestia. Arrocho salarial ...AVE MARIA...”	*Graça *Santa *Deus	*Santidade *Oração *Religião *Fé *Divindade	*Religião
	“Ignorar, dar de ombros Faz parte de nossa raça. Pátria feita de escombos, ...CHEIA DE GRAÇA ...”			
	“Caboclos colonizados: Carentes de picardia. Ao fracasso fadados. ... SANTA MARIA ...”			
	Ver-se que não te orgulhas Sequer, de nós, filhos teus. Fogo de palha, fagulhas... ... MÃE DE DEUS ...”			

Fonte: Elaboração própria.

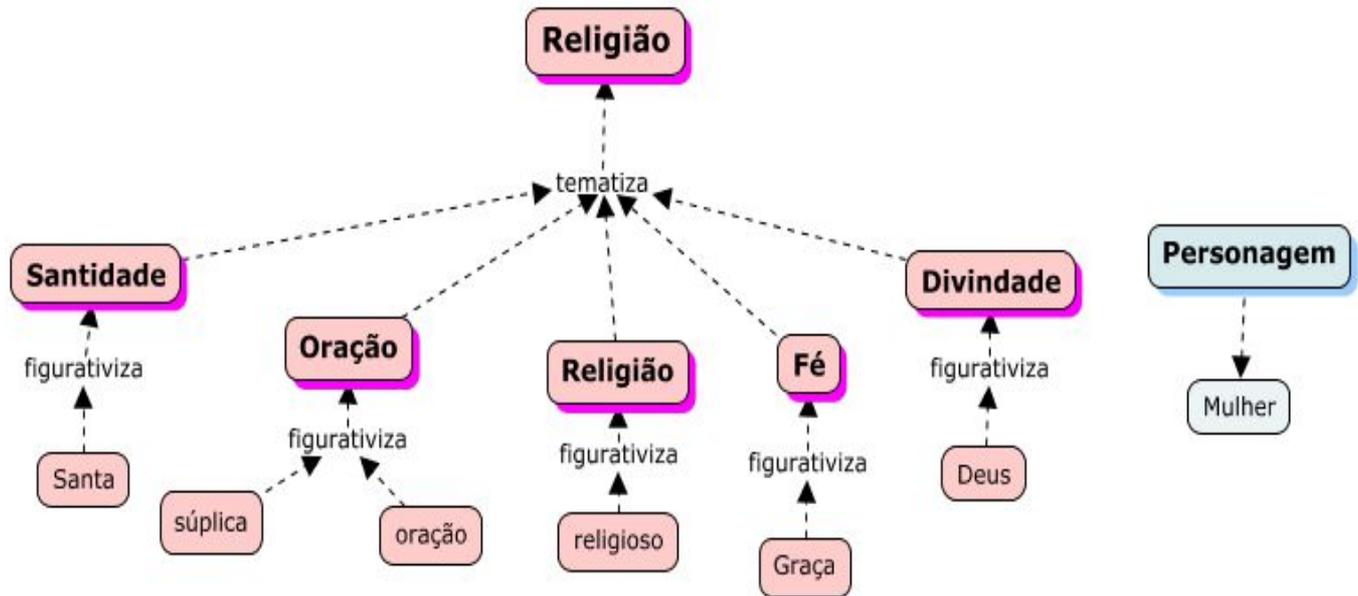
Considerando a confluência entre as figuras identificadas notou-se que a xilogravura pode ser indexada com os temas “Santidade”, “Oração”, “Religião”, “Fé” e “Divindade”. Esses

temas pertencem à classe temática “Religião”, designando a representação e difusão de ideias religiosas baseadas na tradição cristã.

A Figura 77 apresenta graficamente o resultado do processo de figurativização e de tematização da imagem analisada.

INDEXAÇÃO DE XILOGRAVURAS À LUZ DA SEMÂNTICA DISCURSIVA
E DAS POTENCIALIDADES DA FOLKSONOMIA

Figura 77 - Figuras, temas e classe da xilogravura do folheto “Ave-Maria do Brasil”



Fonte: Elaboração própria.

Seguindo essa lógica, percebeu-se que o vocábulo “*Santa*” figurativiza o tema “**Santidade**”, que, para o Cristianismo, consiste em uma característica de pessoas que possuem da caridade e amor extremo. Os vocábulos “*súplica*” e “*oração*” figurativizam o tema “**Oração**”, designando a súplica ou pedido direcionado à Deus, santo ou divindade. Por outro lado, o vocábulo “*religioso*” figurativiza o tema “**Religião**”, conjunto de símbolos e rituais cujos significados são aparados pela crença e visões de mundo.

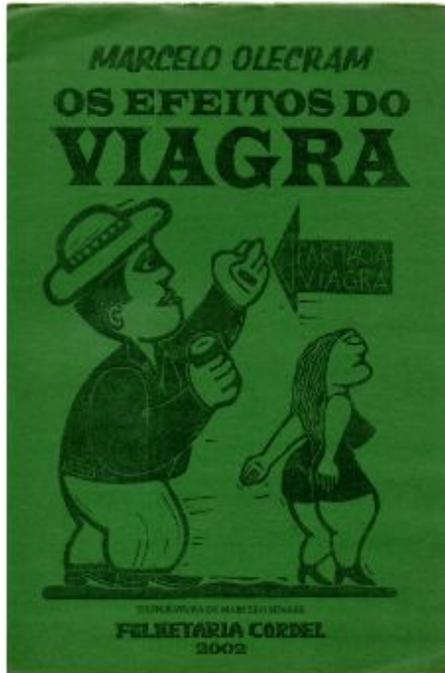
O vocábulo “*graça*”, por sua vez, figurativiza o tema “**Fé**”, caracterizando a confiança e convicção de que algo é considerado como verdadeiro mediante ações pautadas nessa crença. Já o vocábulo “*Deus*” figurativiza o tema “**Divindade**”, designando um ser sobrenatural (astros, deuses, elementos da natureza, etc.) venerado pelo homem como um ser divino ou sagrado.

Do lado direito da ilustração apresentada anteriormente está elencado o vocábulo associado à personagem retratada na xilogravura. Essa figura foi extraída da análise da narrativa visual e também subsidiou o processo de tematização da imagem.

- **Classe “Saúde. Doença”**

No campo das xilogravuras de cordéis também foram identificadas imagens que retratam aspectos relativos à saúde e à doença ou características estruturais e funcionais do organismo dentro dos limites normais e anormais relacionados ao ciclo vital de um ser humano. Na Figura 78, observa-se:

Figura 78- Capa do folheto “Os efeitos do Viagra”



Fonte: Soares (2002).

Ao analisar a xilogravura, notou-se que a mesma representa um **homem** e uma **mulher**. No lado esquerdo, o homem de chapéu se encontra com a mão direita segurando um objeto semelhante a uma **latinha** e a sua mão esquerda apontando para uma **placa** seta que contém os vocábulos “**Farmácia**” e “**Viagra**”¹⁶, indicando um estabelecimento que vende viagra – medicamento recomendado para o tratamento da disfunção erétil, ou seja, da impotência sexual do homem.

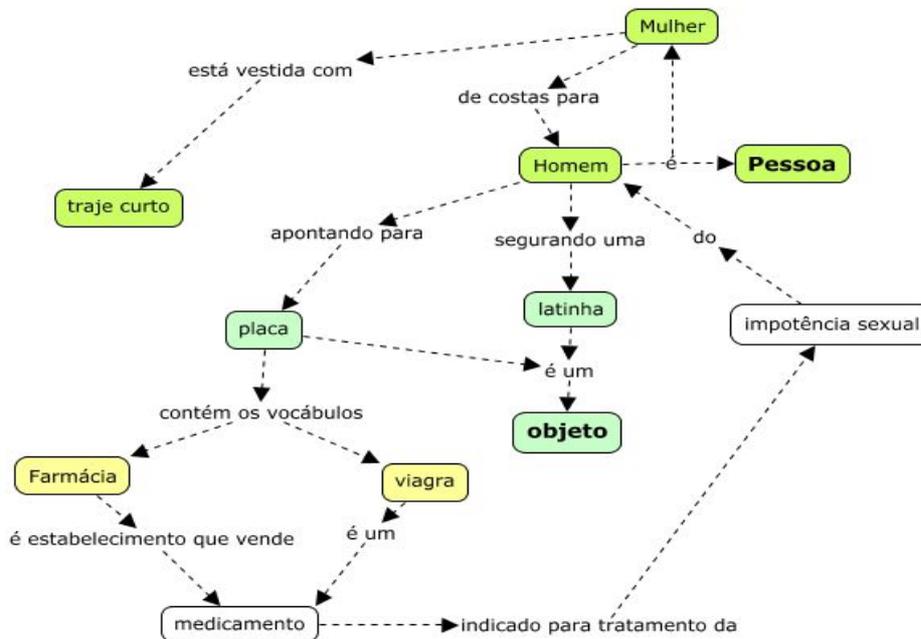
No lado direito da xilogravura, é retratada a figura de uma mulher, posicionada de costas para o homem e com os seus braços inclinados para trás, como se estivesse rejeitando o mesmo.

O mapa conceitual da Figura a seguir expõe a síntese da análise apresentada anteriormente, elencando as figuras retratadas na xilogravura.

¹⁶ Esses vocábulos não estão apresentados de maneira nítida na xilogravura, o que pode ser inerente ao tamanho dos seus traços.

INDEXAÇÃO DE XILOGRAVURAS À LUZ DA SEMÂNTICA DISCURSIVA
E DAS POTENCIALIDADES DA FOLKSONOMIA

Figura 79- Figurativização da xilogravura do folheto “Os efeitos do Viagra”

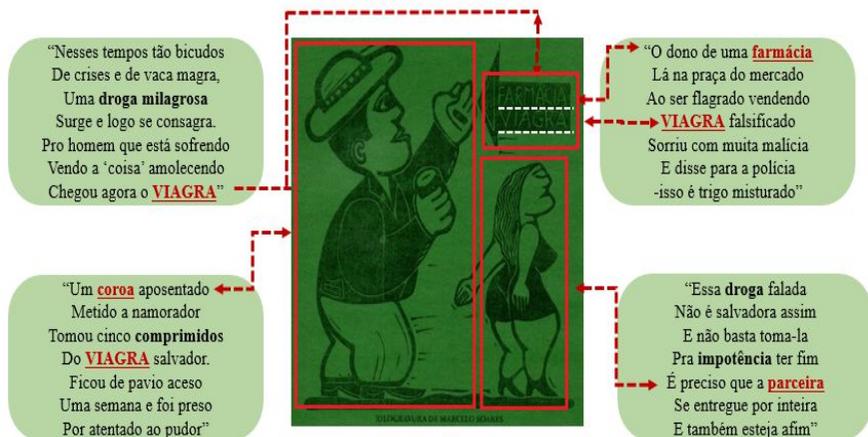


Fonte: Elaboração própria.

No intuito de obter subsídio informacional para a indexação dessa xilogravura, realizou-se a leitura integral no título e dos versos do folheto. Ao analisar tais fontes de informação, percebeu-se que o folheto discorre sobre os efeitos do viagra, medicamento recomendado para o tratamento da disfunção erétil - quando o homem apresenta dificuldade para obter ou manter uma ereção - objetivando contribuir para um desempenho sexual satisfatório. No cordel são apontadas situações em que os homens costumam tomar esse medicamento, considerado pelo poeta como uma droga milagrosa.

A Figura a seguir expõe a articulação semântica entre os elementos presentes na xilogravura e nos versos do folheto.

Figura 80- Articulação semântica entre xilogravura e versos do folheto
“Os efeitos do Viagra”



Fonte: Elaboração própria.

Nesse sentido, observou-se que os vocábulos “coroa”¹⁷ e “parceira” destacados na cor vermelha correspondem aos personagens retratados na xilogravura. Os vocábulos “farmácia” e “VIAGRA”, por sua vez, dizem respeito às figuras presentes na placa seta representada na imagem. Os vocábulos destacados em negrito se configuram como as figuras associadas aos temas da xilogravura.

Considerando as figuras extraídas da análise da narrativa visual e textual, o Quadro 28 expõe a síntese do processo de figurativização e tematização para a indexação da xilogravura.

¹⁷ Gíria utilizada para se referir a uma pessoa idosa.

Quadro 28- Figurativização e Tematização da xilogravura do folheto “Os efeitos do Viagra”

FIGURAS EXTRAÍDAS DA IMAGEM	VERSOS QUE APRESENTAM FIGURAS RELACIONADAS À IMAGEM	FIGURAS EXTRAÍDAS DOS VERSOS	TEMAS IDENTIFICADOS COM BASE NAS FIGURAS	CLASSE TEMÁTICA
*Homem *Mulher *latinha *placa *Farmácia” *Viagra”	“Nesses tempos tão bicudos De crises e de vaca magra, Uma droga milagrosa Surge e logo se consagra. Pro homem que está sofrendo Vendo a ‘coisa’ amolecendo Chegou agora o VIAGRA ”	*droga milagrosa *VIAGRA *comprimidos *farmácia *droga *impotência	*Cura *doença	*Saúde. doença
	“Um coroa aposentado Metido a namorador Tomou cinco comprimidos Do VIAGRA salvador. Ficou de pavio aceso Uma semana e foi preso Por atentado ao pudor”			
	“O dono de uma farmácia Lá na praça do mercado Ao ser flagrado vendendo VIAGRA falsificado Sorriu com muita malícia E disse para a polícia -isso é trigo misturado”			
	“Essa droga falada Não é salvadora assim E não basta toma-la Pra impotência ter fim É preciso que a parceira Se entregue por inteira E também esteja afim”			

Fonte: Elaboração própria.

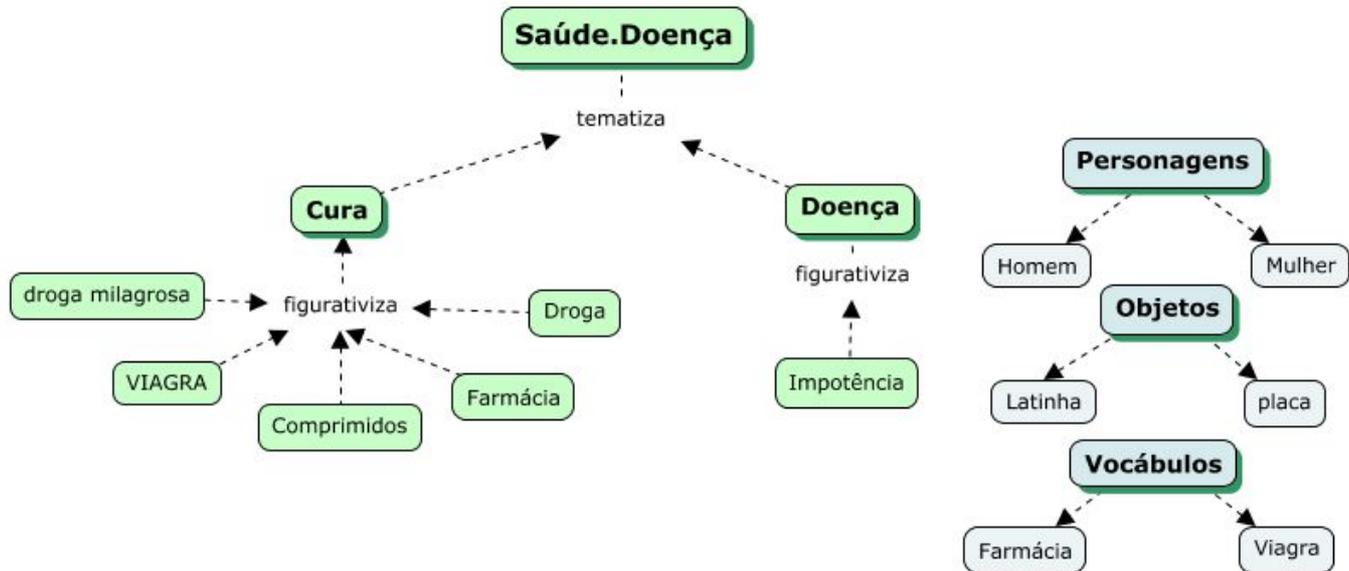
Face do exposto, verificou-se que a xilogravura analisada por ser indexada com os temas “cura” e “doença”, associados à classe temática “Saúde.Doença”, caracterizando o estado de completo bem-estar físico, mental e social de uma pessoa ou de alteração das funções de um órgão da mente ou do corpo humano.

INDEXAÇÃO DE XILOGRAVURAS À LUZ DA SEMÂNTICA DISCURSIVA
E DAS POTENCIALIDADES DA FOLKSONOMIA

A seguir, são apresentadas as figuras extraídas da análise da xilogravura e dos versos do folheto, as quais subsidiaram a identificação dos temas e da classe temática supracitada.

INDEXAÇÃO DE XILOGRAVURAS À LUZ DA SEMÂNTICA DISCURSIVA
E DAS POTENCIALIDADES DA FOLKSONOMIA

Figura 81 - Figuras, temas e classe da xilogravura do folheto “Os efeitos do Viagra”



Fonte: Elaboração própria.

Em consonância com essa linha de raciocínio, notou-se que os vocábulos “VIAGRA”, “*comprimidos*”, “*farmácia*”, “*droga*”¹⁸ e a expressão “*droga milagrosa*” figurativizam o tema “**Cura**”, designando a restauração da saúde mediante o uso de medicamentos naturais ou sintéticos (químicos). O vocábulo “*impotência*”, por sua vez, figurativiza o tema “**doença**”, caracterizando a alteração biológica do estado de saúde de um organismo, mediante disfunções, inflamações, modificações genéticas ou por fatores externos como infecções provocadas por vírus e/ou bactérias, por exemplo.

Do lado direito da ilustração anterior, também são apresentadas as figuras relacionadas aos personagens, objetos e vocábulos retratados na xilogravura e identificadas na análise da narrativa visual. Essas figuras, em conjunto, também subsidiaram a indexação da imagem.

Considerando as análises realizadas e visando atingir o objetivo geral desta pesquisa, a seção a seguir contempla as diretrizes para a indexação de imagens, em especial de

¹⁸ Vocábulo associado à substância natural ou química que tem em farmácia, laboratórios químicos, etc., e objetivam modificar as funções do organismo, causando efeitos positivos como sensação de bem-estar.

INDEXAÇÃO DE XILOGRAVURAS À LUZ DA SEMÂNTICA DISCURSIVA
E DAS POTENCIALIDADES DA FOLKSONOMIA

xilogravuras, com base no arcabouço teórico-metodológico da Semântica Discursiva e nas potencialidades da Folksonomia.

7 DIRETRIZES PARA A INDEXAÇÃO DE XILOGRAVURAS SOB O VIÉS DA SEMÂNTICA DISCURSIVA E DAS POTENCIALIDADES DA FOLKSONOMIA

Conforme elucidado no referencial teórico desta pesquisa, as metodologias empregadas na indexação de recursos textuais não devem ser mecanicamente aplicadas no universo da indexação de imagens. Isso se deve ao fato de que esses últimos recursos são altamente subjetivos, pois emitem informações que geram significados, interpretações, representações, ideias, leituras e sensações plurais. Dessa forma, na análise de imagens, cada indivíduo pode construir a sua unidade de sentido, o qual está associado ao contexto cultural e social de sua percepção.

Nesta pesquisa constatou-se que os métodos e técnicas de indexação de imagens existentes na literatura pautam-se, principalmente, na análise descritiva de fotografias em diferentes níveis de detalhamento, não contemplando elementos intrínsecos de imagens específicas como as xilogravuras, por exemplo.

Diante disso, surge a necessidade de encontrar alternativas que auxiliem o trabalho do profissional da informação na prática de indexação desses recursos imagéticos, fornecendo caminhos para que os temas desses objetos informacionais atendam os parâmetros conceituais das imagens, reduzindo o nível de

dispersão interpretativa do profissional indexador - aspecto inerente à operação.

Com base nessa perspectiva, nesta seção são apresentadas diretrizes que objetivam nortear a atividade de identificação e seleção dos termos para representar o conteúdo de imagens, em especial xilogravuras, contemplando a discursivização semântica e as potencialidades da Folksonomia. Essas diretrizes se configuram como instruções ou indicações que demonstram caminhos para o profissional da informação seguir durante a execução da atividade de indexação de imagens.

Conforme elucidado no capítulo anterior desta obra, a Semântica Discursiva integra os discursos figurativos (concretos) e os discursos abstratos (temáticos). Nesta pesquisa os discursos figurativos são tratados como figuras e correspondem aos elementos que se encontram visíveis na imagem, como por exemplo: personagens, ações, objetos, lugares, números, vocábulos, expressões, etc. Seguindo essa lógica, o procedimento de análise e identificação dessas figuras na imagem é denominado de figurativização.

Em nítido contraste os discursos abstratos correspondem aos temas, os quais são identificados a partir da confluência ou da imbricação das figuras identificadas em um dado recurso

informacional, neste caso a imagem, no intuito de representar o seu conteúdo por meio de conceitos oriundos de classes e categorizações. Tal procedimento é denominado de tematização.

As figuras e os temas também podem ser identificados e extraídos em fontes adicionais relacionadas ao recurso imagético, como por exemplo: títulos, legendas, resumos, etc. Nesse caso, deve-se considerar a relação semântica entre as figuras extraídas dessas fontes e a imagem analisada.

Portanto, a figurativização e a tematização são procedimentos que pertencem à Semântica Discursiva e são componentes essenciais ao processo discursivização, resultado da interpretação de um vocábulo ou expressão com base em tais procedimentos. Por exemplo, o vocábulo “*tortura*” figurativiza o tema “*sofrimento*”, que significa sensação consciente ou inconsciente de dor, mal-estar ou infelicidade. Portanto, “*tortura*” é uma figura associada ao tema “*sofrimento*”, cujo significado apontado anteriormente corresponde à discursivização.

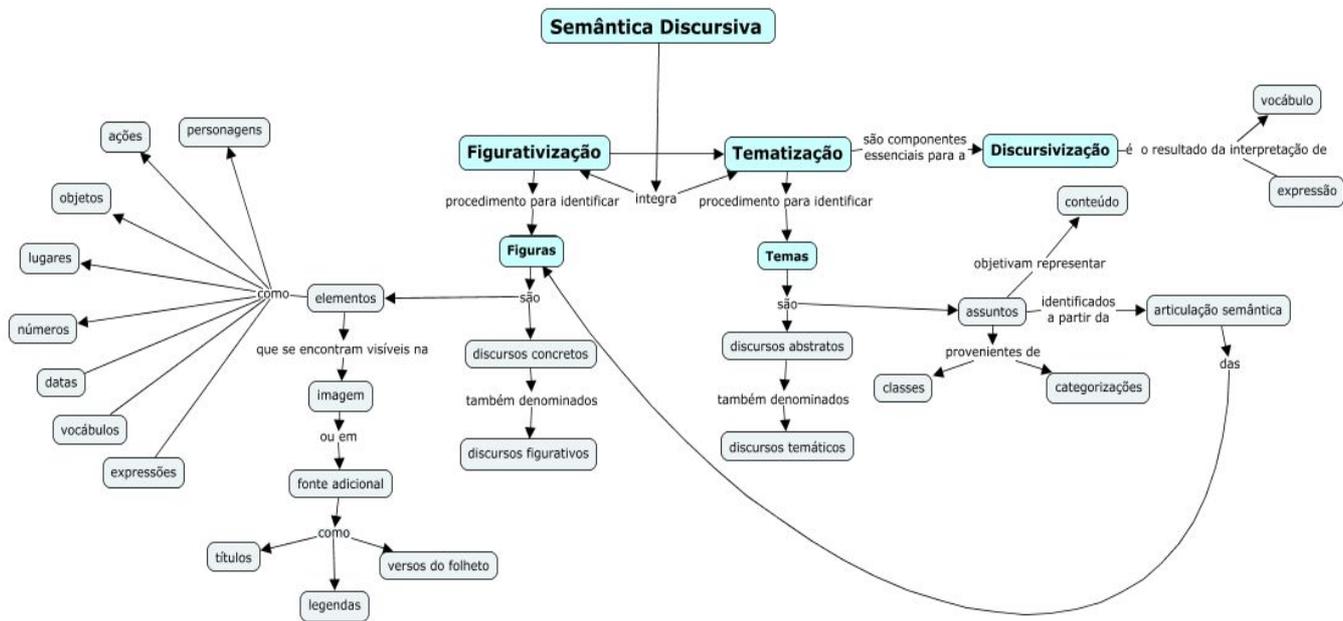
Essa lógica também vale para expressões, como por exemplo “*desvio de verbas*” figurativiza o tema “*Corrupção*”, caracterizando o uso ilegal ou ilícito do poder político e financeiro em benefício próprio. Nessa lógica, a expressão “*desvio de verbas*”

é uma figura associada ao tema “*Corrupção*” e o significado supracitado diz respeito à discursivização.

A Figura a seguir apresenta um mapa conceitual com a síntese dos aspectos discutidos acerca da Semântica Discursiva e das suas contribuições para a indexação de imagens como xilogravuras de cordel.

INDEXAÇÃO DE XILOGRAVURAS À LUZ DA SEMÂNTICA DISCURSIVA E DAS POTENCIALIDADES DA FOLKSONOMIA

Figura 82- Mapa conceitual sobre Semântica Discursiva e indexação de imagens



Fonte: Elaboração própria.

Como visto, no campo das xilogravuras de cordel, o pensamento criador do artista é inspirado na poesia, as narrativas visuais alimentam as narrativas textuais e articulam o seu uso e a sua interpretação por meio da complementaridade entre o texto e a imagem. Nesse prisma, destaca-se a importância de o indexador realizar a leitura integral no título e nos versos do folheto cuja xilogravura está sendo analisada, como subsídio informacional e fonte adicional para a compreensão do seu conteúdo e dos elementos retratados nesse recurso imagético.

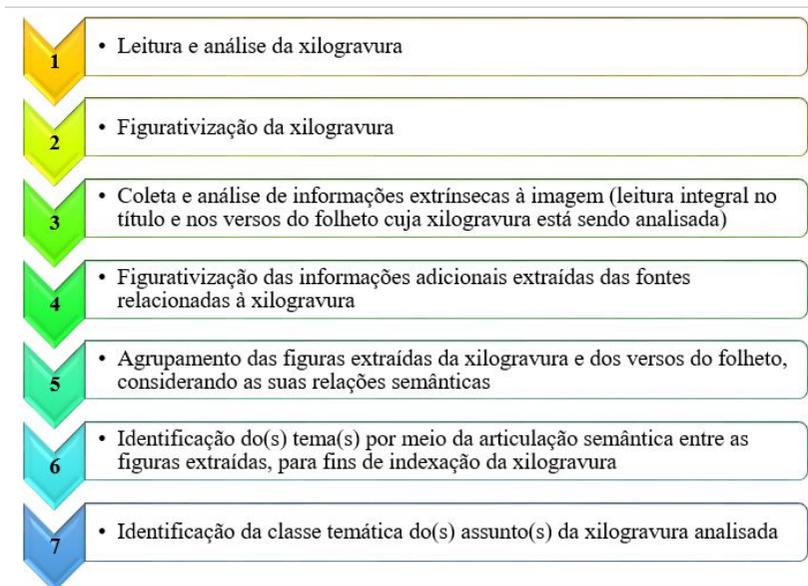
Na estrutura dos folhetos de cordel não há pontos pré-definidos (sextilhas, septilhas, décimas, por exemplo) que indiquem ao leitor onde se encontra o seu conteúdo central, sendo necessária a realização da leitura integral com vistas à identificação da temática abordada.

As xilogravuras de cordel se configuram como recursos imagéticos dotados de peculiaridades que devem ser consideradas na fase da organização e tratamento do seu conteúdo para fins de sua recuperação, acesso e uso por pesquisadores, artistas, colecionadores de arte e demais usuários. Esses recursos possuem funções mnemônicas associadas à condensação dos discursos presentes nos versos dos folhetos e funções metafóricas

que viabilizam a multiplicação de sentidos e significados acerca do real e do imaginário popular.

Considerando as análises realizadas nesta pesquisa e os procedimentos supracitados, para a indexação de xilogravuras de cordel à luz da Semântica Discursiva, recomenda-se que o profissional da informação realize as seguintes etapas:

Figura 83- Etapas para a indexação de xilogravuras de cordel com base na Semântica Discursiva



Fonte: Elaboração própria.

Seguindo essa linha de raciocínio, verifica-se que para a indexação de xilogravuras de cordel, o indexador pode considerar

sete etapas cujos procedimentos também contemplam os elementos da Semântica Discursiva, são elas:

***1ª etapa- *Leitura e análise da xilogravura*:** leitura e análise da xilogravura com vistas à identificação de figuras, ou seja, dos elementos concretos retratados nesse recurso imagético. Ao analisar a xilogravura deve-se compreender que a mesma se configura como manifestação da linguagem e pode representar elementos cujas temáticas são diversificadas. Nessa etapa o foco central são os elementos entalhados (gravados) e enfocados na imagem.

***2ª etapa- *Figurativização da xilogravura*:** reconhecimento e extração dos elementos visíveis na imagem (personagens, símbolos, ações, objetos, lugares, números, datas, vocábulos, expressões, etc.).

Nessa etapa faz-se necessário identificar quem está sendo retratado na imagem (personagens, animais, por exemplo), o que ela mostra (vocábulos, expressões, números, símbolos e objetos representados na xilogravura como cruz, caveira, livro, quadro, instrumentos etc.), como estão representados (ação retratada na imagem, por exemplo: pessoas dançando, bebendo, orando, etc.),

onde (ambiente ou local representado na imagem, por exemplo: sala de aula, bar, restaurante, cidade, região, país) e *quando* (elementos associados ao período, estação do ano ou horário).

***3ª etapa- Coleta e análise de informações extrínsecas à xilogravura:** aquisição e análise de informações adicionais acerca da xilogravura como subsídios para o reconhecimento dos elementos retratados na imagem analisada. No caso de xilogravura de cordel, recomenda-se a leitura integral no título e nos versos do folheto cuja imagem está sendo analisada. Além disso, caso esses recursos estejam organizados em sistema colaborativo, as *tags* atribuídas pelos seus usuários também se configuram como fontes de informação adicional.

***4ª etapa- Figurativização das informações adicionais extraídas das fontes relacionadas à xilogravura:** reconhecimento e extração de figuras na narrativa textual. Recomenda-se a extração das figuras nos versos do folheto cuja xilogravura está sendo analisada e nas *tags* atribuídas pelos usuários no sistema colaborativo. Essas figuras devem estar associadas aos personagens, ações, objetos, lugares, números, datas, vocábulos, expressões, etc. retratados na imagem;

***5ª etapa- Agrupamento das figuras extraídas da xilogravura e dos versos do folheto, considerando as suas relações semânticas:** reunião das figuras coletadas nas etapas anteriores e encadeamento das mesmas com base nas relações semânticas existentes entre si, no intuito de distinguir os elementos constituintes desses recursos e os seus respectivos conteúdos para fins de representação e recuperação;

***6ª etapa- Identificação do(s) tema(s) por meio da articulação semântica entre as figuras extraídas:** reconhecimento do(s) assunto(s) correspondente(s) à xilogravura, com base nos vocábulos e expressões agrupados na etapa anterior, para fins de indexação.

***7ª etapa- Identificação da classe temática do(s) assunto(s) da xilogravura analisada:** o(s) tema(s) identificados na etapa anterior são provenientes de classes e categorizações. Nesta etapa, o profissional indexador deve especificar qual a classe temática dos assuntos retratados na xilogravura.

Considerando o fato de que a xilogravura se configura como registro visual do que é descrito nos folhetos, o Quadro a

INDEXAÇÃO DE XILOGRAVURAS À LUZ DA SEMÂNTICA DISCURSIVA
E DAS POTENCIALIDADES DA FOLKSONOMIA

seguir apresenta uma adaptação da descrição das classes e temas propostos por Albuquerque (2011), tendo em vista as características dos elementos e das temáticas retratadas nas imagens analisadas nesta pesquisa, bem como os temas acrescidos nos resultados deste estudo.

Quadro 29- Temas e classes temáticas associadas às xilogravuras

CLASSES TEMÁTICAS	DESCRIÇÕES	TEMAS
1. Agricultura	Xilogravuras cujas narrativas visuais representam personagens agricultores, lavouras, engenhos, técnicas de cultivo de plantas, política agrícola, práticas de higiene, segurança e qualidade alimentar, métodos usados na agricultura, de culturas agrícolas e problemas ambientais.	Aducação Exploração Produção Plantação
2. Biografias e Personalidades	Xilogravuras cujas narrativas visuais retratam figuras atuais ou atualizadas, tipos étnicos e tipos regionais, etc.; pessoas homenageadas, que se destacaram, no bem ou no mal, e que se popularizaram na memória coletiva; tipos humanos, tipos étnicos ou tipos regionais, que aparecem na paisagem social.	Inconfidência Coragem Homenagem Habilidade Reconhecimento
3. Bravura e Valentia	Xilogravuras cujas narrativas visuais retratam as bravuras dos(as) cangaceiros(as) e dos “amarelinhos que ninguém dá nada por eles”, mas que são capazes de lutar e vencer homens fortes. Valentia, coronelismo, banditismo e jagunçagem, Lampião, Maria Bonita, Lídia, Antônio Silvino, Corisco, entre outros.	Violência Vitória Cangaço Banditismo Hesitação Luta Crueldade Prisão Valentia Salvação Bravura Liderança
4. Cidade e Vida Urbana	Xilogravuras cujas narrativas visuais retratam situações do cotidiano, aspectos da vida urbana, cidades, Estados, bairros, bares, cabarés, etc.	Memória Urbanismo Culinária Desenvolvimento Beleza

INDEXAÇÃO DE XILOGRAVURAS À LUZ DA SEMÂNTICA DISCURSIVA
E DAS POTENCIALIDADES DA FOLKSONOMIA

<p>5. Ciência</p>	<p>Xilogravuras cujas narrativas visuais retratam sobre o saber, conhecimento de certas coisas que servem à condução da vida ou à dos negócios; dos conhecimentos adquiridos pelo estudo ou pela prática; da hierarquização, organização e síntese dos conhecimentos através de fenômenos, princípios gerais (teorias, leis, etc.).</p>	<p>Ciência Tecnologia Astronomia Descobertas Matemática Cosmologia Heliocentrismo Inseminação</p>
<p>6. Contos</p>	<p>Xilogravuras cujas narrativas visuais retratam personagens e elementos míticos descritos em contos populares, estórias ou lendas de uma determinada região (dragões, saci-pererê, mulher-cobra, mulas sem cabeça, bumba-meu-boi, sereias, etc.), contos de “fadas”, “histórias de trancoso” e “fábulas”. Nesse caso, a realidade atribuída à imagem se configura como um produto do imaginário popular, pois são provenientes de invenções fantasiadas na cognição dos sujeitos.</p>	<p>Ganância Fantasia Proteção Ilusão Honestidade Infração Esperteza Aparência Crueldade Invenção Riqueza Encantamento Brincadeiras Sofrimento Mitologia Poder Paralisação Magia Mistério Transformação Imaginação Iluminação Canto Comunicação Personificação Armadilha Sonoridade Punição Eternidade Luta Ofensa Esforço</p>
<p>7. Crime</p>	<p>Xilogravuras cujas narrativas visuais retratam cenas que violam uma norma moral ou lei penal incriminadora. Ação ou omissão que se proíbe e se procura evitar, ameaçando-a com pena, porque constitui ofensa (dano ou perigo) a um bem jurídico individual ou coletivo.</p>	<p>Assassinato Maldade Infração Chacina Cilada Massacre Terrorismo Criminalidade</p>

INDEXAÇÃO DE XILOGRAVURAS À LUZ DA SEMÂNTICA DISCURSIVA
E DAS POTENCIALIDADES DA FOLKSONOMIA

		Agressão Perversão Castração
8. Cultura	Xilogravuras cujas narrativas visuais expressam a cultura popular por meio de representações de manifestações artísticas, valores, tradições, atividades, modos de agir, costumes e instruções de um povo- marcando a identidade de uma região ou de um país (festas e folguedos populares, São João, vaquejada, artesanato etc.).	Cultura Manifestação artística União Valores Imaginação Improviso Sentido Expressão Entretenimento Composição Língua Imortalidade Criatividade Divulgação Ufanismo Tradição Sonoridade
9. Educação	Xilogravuras cujas narrativas visuais retratam elementos e aspectos concernentes ao ensino e à educação como processo contínuo que orienta e conduz o indivíduo a novas descobertas, a fim de tornar suas próprias decisões, dentro de suas capacidades (escolas, universidades, sala de aulas, quadros, livros, etc.).	Adivinhação Cidadania Conhecimento Duelo Aprendizagem Arte Imaginação Significação Educação Ensino
10. Erotismo	Xilogravuras cujas narrativas visuais não têm a intenção de ofender a moralidade pública. Imagens que têm o órgão sexual masculino ou feminino como principal temática, bem como narrativas visuais associadas à nudez, libertinagem, prostituição e sexualismo.	Libertinagem Prostituição Safadeza Exibição Sexualismo Promiscuidade Desejo
11. Esporte	Xilogravuras cujas narrativas visuais retratam elementos e aspectos relativos ao esporte, às atividades físicas, formais ou informais, que visam à melhoria das capacidades físicas e mentais, fomentam as relações sociais ou visam obter resultados na competição a todos os níveis (símbolos e mascotes de clubes esportivos, torcidas, recursos utilizados em práticas esportivas, modalidades esportivas, etc.).	Competição Vitória Conquista Desportos Defesa Torcida

INDEXAÇÃO DE XILOGRAVURAS À LUZ DA SEMÂNTICA DISCURSIVA
E DAS POTENCIALIDADES DA FOLKSONOMIA

12. Feitiçaria	Xilogravuras cujas narrativas visuais retratam feiticeiros, ações de bruxaria, sortilégio, malefício, bem como atividades e elementos associados à temática.	Bruxaria Magia Transformação
13. Fenômeno sobrenatural	Xilogravuras cujas narrativas visuais representam fenômenos que não tenham uma causa natural, coisas malignas, mundo espiritual, fenômenos paranormais, espiritualidade.	Divindade Maldição Sobrenatural Morte Mediunidade Divino Assombração Punição Espiritual Sofrimento Fantasia Profanidade
14. História	Xilogravuras cujas narrativas visuais retratam elementos e fatos históricos (como guerra, escravidão, revolução, descobrimento, massacre, independência, etc.).	Invasão Revolução Colonização Liberdade Liderança Desenvolvimento Escravidão Guerra Doutrinamento Criação Confronto Descobrimto Massacre Independência
15. Homossexualidade	Xilogravuras cujas narrativas visuais retratam experiências sexuais, afetivas e românticas, principalmente, entre personagens do mesmo sexo.	Transformismo Homossexualidade
16. Humor	Xilogravuras cujas narrativas visuais retratam elementos e situações cômicas, piadas.	Odor Gozação Temperamento Diversão Humor Sofrimento
17. Intempéries	Xilogravuras cujas narrativas visuais retratam fenômenos de natureza relacionados a secas, inundações, tempestades, catástrofes, terremotos e outros, os quais podem ser vistos como castigo divino aos aspectos dos homens. Do êxodo rural. O fenômeno	Seca Destruição Inundação Sofrimento Migração Sismologia Temperatura

INDEXAÇÃO DE XILOGRAVURAS À LUZ DA SEMÂNTICA DISCURSIVA
E DAS POTENCIALIDADES DA FOLKSONOMIA

	ocorre quando os habitantes do campo visam obter condições de vida melhor.	
18. Justiça	Xilogravuras cujas narrativas visuais retratam símbolos e elementos relacionados à justiça como princípio moral, prática de atos e/ou decisões que corrijam uma situação ou punam uma falta, de forma a beneficiar aqueles que fizeram por merecer ser beneficiados ou a punir aqueles que ofenderam física e/ou moralmente outra(s) pessoas(s).	Punição Mal Legislação Adoção Liberdade Justiça
19. Meio Ambiente	Xilogravuras cujas narrativas visuais retratam o conjunto de unidades ecológicas que funcionam como um sistema natural sem a intervenção do homem, incluindo vegetação, animais, microorganismos, solo, rochas, atmosfera e fenômenos naturais. Poluição. Ecologia.	Natureza Poluição Temperatura Destruição Infração Vida Plantação Liberdade Extinção
20. Moralidade	Xilogravuras cujas narrativas visuais representam aspectos concernentes às normas, princípios e valores, segundo o qual são regulamentadas as relações mútuas entre os indivíduos ou entre estes e a comunidade, de tal maneira que estas normas, dotadas de um caráter histórico e social, sejam acatadas livre e conscientemente por uma convicção íntima e não de uma maneira mecânica, externa ou impessoal. Ex.: imagens que representam traição, fidelidade, abandono, sedução, irracionalidade, bigamia, hábitos, safadeza e estilo.	Traição Abandono Sedução Irrracionalidade Hábito Degustação Geração Fidelidade Estilo Maldição Comportamento Ostentação Escândalo Bigamia Destino Julgamento Safadeza Violência
21. Morte	Xilogravuras cujas narrativas visuais representam elementos associados ao término da vida de um organismo, como também do estado desse organismo depois do evento.	Morte Assassinato Luto Sofrimento
22. Peleja	Xilogravuras cujas narrativas visuais representam folhetos de "criação", escritos, às vezes, em homenagem a uma amigo poeta. Contam os seus autores que imaginam, de início, um	Peleja Desafio Expressão Discussão Comunicação

INDEXAÇÃO DE XILOGRAVURAS À LUZ DA SEMÂNTICA DISCURSIVA
E DAS POTENCIALIDADES DA FOLKSONOMIA

	<p>encontro em cada de um fazendeiro (o desafio entre dois “bambas”), encomendando de pronto o clássico “clichê” de madeira, representando as figuras de dois cantadores sentados, dedilhando a viola em desafio, gravura comumente encontradas nas capas das publicações do gênero.</p>	
<p>23. Poder</p>	<p>Xilogravuras cujas narrativas visuais representam temas que envolvem discussões éticas ou morais associadas ao poder político, desvio e abuso de poder político, do poder executivo, do estado e governo.</p>	<p>Liberdade Economia Opressão Revolução Política Poder Despotismo Governo Utopia Disputa Promessa Corrupção Ambição Destruição Eleição Privatização Política salarial Impunidade Insegurança</p>
<p>24. Político e social</p>	<p>Xilogravuras cujas narrativas visuais tratam “do que se vê em políticas” e refletem o desencanto do povo com falsas promessas de alguns dos seus representantes. Participação social enquanto possibilidade para o exercício da cidadania. Imagens que representam elementos políticos e sociais, como classes sociais, desigualdades sociais, luta de classes, inclusão social, reformas, etc.</p>	<p>Subserviência Sofrimento Corrupção Sobrevivência Ambição Discriminação Fiscalização Desarmamento Transformação Descobrimiento Classe social Vida Adoção Reciclagem Falsidade Infração Vontade Estímulo Lembrança Fofoca Remuneração Desigualdade Ostentação</p>

INDEXAÇÃO DE XILOGRAVURAS À LUZ DA SEMÂNTICA DISCURSIVA
E DAS POTENCIALIDADES DA FOLKSONOMIA

		<p>Civilização Contribuição Organização Sorte Azar Inclusão social Conscientização Desigualdade social Organização Recordação Transporte Beleza Expulsão Soberania Comunicação Posse Segurança Esperança Abandono Emancipação Separação Concorrência Vaidade Mesquinhez Estilo Dominação Escravidão</p>
<p>25. Religião</p>	<p>Xilogravuras cujas narrativas visuais retratam ideias religiosas baseadas na tradição cristã, com histórias de Jesus ou da vida dos Santos (Padre Cícero, Nossa Senhora das Graças, Nossa Senhora Aparecida, etc.), apresentando elementos relacionados à fé, evangelização, divindade, salvação, profecia, crucificação, pregação, cristianismo, devoção, etc.</p>	<p>Fé Evangelização Santidade Maternidade Santificação Perdão Bondade Transgressão Divindade Salvação Regeneração Libertação Humildade Aconselhamento Profecia Imaginação Criação Crucificação Pregação Cristianismo Transformação Sermão Devoção</p>

INDEXAÇÃO DE XILOGRAVURAS À LUZ DA SEMÂNTICA DISCURSIVA
E DAS POTENCIALIDADES DA FOLKSONOMIA

		Ensinamentos Natividade
26. Romance	Xilografuras cujas narrativas visuais retratam elementos concernentes ao amor, sofrimento e fidelidade.	Sentimento União Sofrimento Rejeição Honra Sobrenatural Escravidão Destino Perdão Morte Amor
27. Saúde. Doença	Xilografuras cujas narrativas visuais retratam o estado de completo bem-estar físico, mental e social. Distúrbios das funções de um órgão, da psique ou do organismo humano.	Amamentação Saúde Higiene Transformação Enfermidade Prevenção Doença Cura Tratamento Nutrição Deformação

Fonte: Adaptado de Albuquerque (2011).

Nesse limiar, considera-se que os temas, as classes temáticas e as suas respectivas descrições, adaptadas e apresentadas anteriormente, objetivam orientar o profissional indexador no que concerne à identificação dos conteúdos representados em imagens como as xilografuras, indicando os personagens, elementos e aspectos entalhados - os quais devem ser analisados no momento da indexação.

Entretanto, é importante ressaltar que outras características, elementos e temas também podem ser acrescidos às descrições e às classes temáticas supracitadas, considerando a

criatividade dos xilógrafos em representar o imaginário e a cultura popular – contemplando assim os preceitos associados ao conceito de hospitalidade cultural.

Nessa perspectiva, o sistema colaborativo deve ter capacidade para acrescentar conceitos desconsiderados, de maneira intencional ou não, acolhendo várias garantias e culturas, objetivando representar, devidamente, as crenças de quaisquer indivíduos, grupos ou comunidades.

As diretrizes apresentadas anteriormente são aplicadas nesta pesquisa considerando o fato de que as práticas de análise de xilogravuras, assim como as demais tipologias de recursos imagéticos, não devem estar pautadas no debate entre o “certo” e o “errado”, mas sim entre as possibilidades plausíveis de representação, mediante observações contextuais. Desse modo, considera-se também a importância de o profissional da informação conhecer as características do banco de imagens, bem com as funções e usos das xilogravuras no contexto da unidade de informação.

Na indexação de xilogravuras também deve ser considerada a diversidade de significados, interpretações e representações existentes no imaginário e na cultura popular. Portanto, acredita-se que a garantia cultural e a garantia ética, elementos

discutidos no referencial teórico desta obra, podem corroborar para a inclusão da noção de diversidade cultural às práticas de representação dessas imagens.

Para tanto, faz-se necessário que o profissional indexador, ao analisar a imagem e os versos dos folhetos, tente compreender as sinonímias e os símbolos contidos nessas fontes de informação. Por exemplo, na literatura de cordel o vocábulo “corno” designa a pessoa que sofreu traição amorosa pelo seu parceiro ou parceira. Tal significado também está associado aos vocábulos “chifrudo”, “cornudo”, “galhudo”, os quais se configuram como sinonímias. Já no âmbito das xilogravuras esses vocábulos estão relacionados à ilustração de uma pessoa com chifres de boi em sua cabeça.

Entendendo isso, nota-se que as práticas de indexação e classificação devem considerar os aspectos éticos e culturais, sobretudo pelo discurso em que uma comunidade ou grupo objetiva solidificar a sua identidade.

Tendo em vista que, em linhas gerais, as xilogravuras em cordéis objetivam (ou se propõem a) representar o conteúdo dos folhetos, nesta pesquisa recomenda-se a leitura integral do título e dos versos do folheto como subsídio informacional para a compreensão do conteúdo dessas imagens. Caso o indexador considere essas diretrizes para a realização da indexação de

outras tipologias de recursos imagéticos (como fotografias, obras de arte, etc.), faz-se necessário que o mesmo identifique quais as fontes de informação devem ser pesquisadas como subsídio informacional, de acordo com as suas respectivas características.

Faz-se necessário também elucidar que a complexidade inerente à atividade de indexação de xilogravuras não está apenas associada ao fato da necessidade e compreensão de um conceito contido em recursos não textuais. É importante também buscar mecanismos para identificar a maneira como ele está sendo apropriado pelos usuários, uma vez que essas imagens retratam o imaginário e a cultura popular.

Com isso, verifica-se a importância da inclusão de uma metodologia colaborativa e integradora que considere os termos que representem efetivamente a literatura e a cultura popular, uma vez que a linguagem é um dos meios pelos quais as ideias são representadas para e por uma cultura.

Com base nos aspectos teóricos e nos resultados das pesquisas nacionais e internacionais sobre indexação colaborativa de imagens apresentados nesta obra, acredita-se que a Folksonomia também se mostra uma alternativa viável para auxiliar o profissional da informação no processo de indexação de

xilogravuras, considerando os procedimentos elencados anteriormente nesta seção.

Seguindo essa linha de raciocínio, os elementos concretos (visíveis na imagem), ou seja, as figuras, também podem ser identificados e sugeridos pelos usuários por meio das *tags* ou etiquetas em um sistema colaborativo que contenha xilogravuras enquanto recursos imagéticos a serem organizados, representados e acessados.

Essa atividade está vinculada ao processo de *figurativização* e objetiva auxiliar o profissional indexador na aquisição de informações extrínsecas ao recurso imagético, subsidiando na identificação de figuras e, conseqüentemente, temas para a indexação dessa imagem.

Diante disso, a capacidade de lidar com percepções plurais é algo que deve constar na lista de aptidões almejadas para profissionais indexadores dispostos a trabalhar com a representação de conteúdos imagéticos em sistemas colaborativos. Essa estratégia possibilita que esse profissional descubra e realize a distinção dos elementos retratados na imagem e o seu respectivo conteúdo para fins de representação e recuperação.

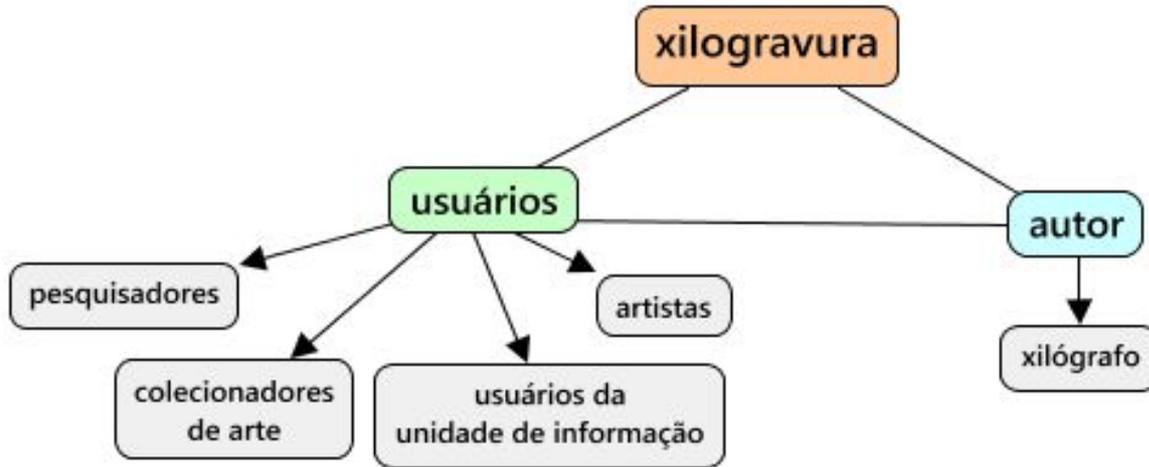
Embora as xilogravuras sejam consideradas como recursos imagéticos ligados aos folhetos de cordel, essas imagens são

valorizadas enquanto manifestações artísticas, sendo produzidas pelos xilógrafos para diferentes finalidades (comerciais, apresentação em galerias, bancos de imagens, etc.) e usuários distintos (artistas, pesquisadores, colecionadores de arte, etc.), sem necessariamente serem apresentadas nas capas de folhetos de cordel.

Esses recursos imagéticos também carregam consigo um conjunto de informações que podem ser analisadas, interpretadas e (re)significadas na perspectiva de três elementos: **xilogravura** (o que a obra diz), **usuários** (o que esses sujeitos privilegiam nas mensagem visual) e o **autor** (o que o xilógrafo quis dizer).

INDEXAÇÃO DE XILOGRAVURAS À LUZ DA SEMÂNTICA DISCURSIVA
E DAS POTENCIALIDADES DA FOLKSONOMIA

Figura 84 – Elementos a serem considerados na análise de xilogravuras



Fonte: Elaboração própria.

As xilogravuras contêm informações úteis para diversos tipos de usuários, o que viabiliza a multiplicidade de perspectivas, interpretações e percepções acerca desses recursos imagéticos, uma vez que elas são frequentemente usadas para um propósito não previsto pelo xilógrafo e pelo profissional indexador e podem apresentar variadas camadas de significados, desde as específicas até as mais abstratas.

Sendo assim, a importância do acesso ao conteúdo dessas imagens em coleções digitais está associada a propósitos pessoais, institucionais, comerciais, acadêmicos e sociais – demandando diálogos plurais entre sujeitos, recurso imagético e ambientes.

No caso da indexação dessas xilogravuras à luz da Semântica Discursiva e da Folksonomia em bancos de imagens e sistemas colaborativos, as regras de permissão para a atribuição das *tags* (figuras) devem ser alteradas em consonância com o modelo colaborativo de indexação criado e implementado no sistema, considerando as características da comunidade de usuários e a importância de auxiliar o trabalho do indexador na representação do conteúdo desses itens informacionais.

Nesse segmento, as regras de permissão para a atribuição de etiquetas que contribuam para a indexação de imagens como

xilogravuras devem ser elaboradas de acordo com os seguintes elementos:

- **Domínio de aplicação:** objetivos pretendidos pelo sistema de recuperação ou unidade de informação;
- **Ferramentas oferecidas pelo sistema ou unidade de informação:** características do modelo adotado pelo sistema e da participação/interação/moderação dos seus usuários nas práticas de representação e recuperação da informação;
- **Tipo de imagem a ser representada:** identificação do(s) tipo(s) de recurso(s) imagético(s) a ser(em) representado(s) no sistema (xilogravuras em geral, xilogravuras de folhetos de cordel, fotografias, obras artístico-pictóricas, por exemplo);
- **Perfil e formação dos usuários do sistema:** identificação do(s) perfil(s) dos usuários do sistema. Usuários especialistas ou interessados pelo recurso imagético (colecionadores de arte, artistas, pesquisadores, usuários de disciplinas específicas, por exemplo) podem auxiliar indexadores na identificação de detalhes para a descrição das imagens, (nomes de lugares, pessoas, manifestações artísticas e culturais, etc.) contribuindo

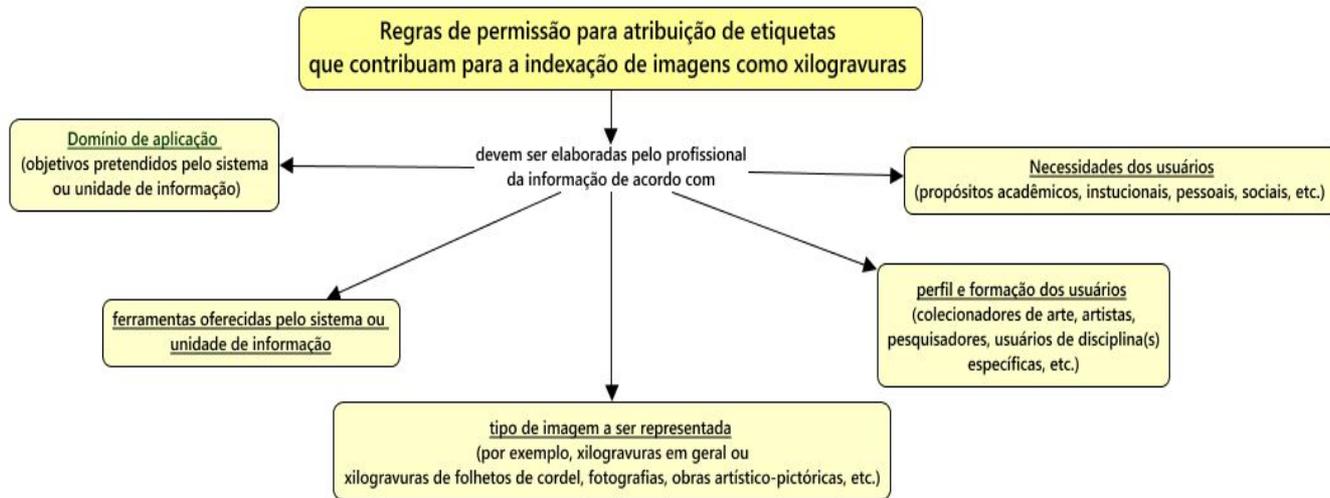
para a produção significativa de metadados semânticos no sistema a partir da Folksonomia Assistida. Esses usuários também podem contribuir para a melhoria da especificidade e exaustividade da indexação, a partir do reconhecimento dos elementos reais e imaginários retratados nas imagens.

- **Necessidade dos usuários:** as práticas de indexação de imagens devem estar pautadas, sobretudo, nas necessidades informacionais dos seus usuários. Dessa forma, o profissional da informação deve identificar as razões pelas quais os usuários buscam e como estão buscando esses recursos imagéticos no sistema (propósitos acadêmicos, institucionais, pessoais, etc.) para delinear a política de indexação híbrida a ser aplicada.

Essas orientações são sintetizadas na Figura a seguir.

INDEXAÇÃO DE XILOGRAVURAS À LUZ DA SEMÂNTICA DISCURSIVA
E DAS POTENCIALIDADES DA FOLKSONOMIA

Figura 85- Regras de permissão para a atribuição de *tags*



Fonte: Elaboração própria.

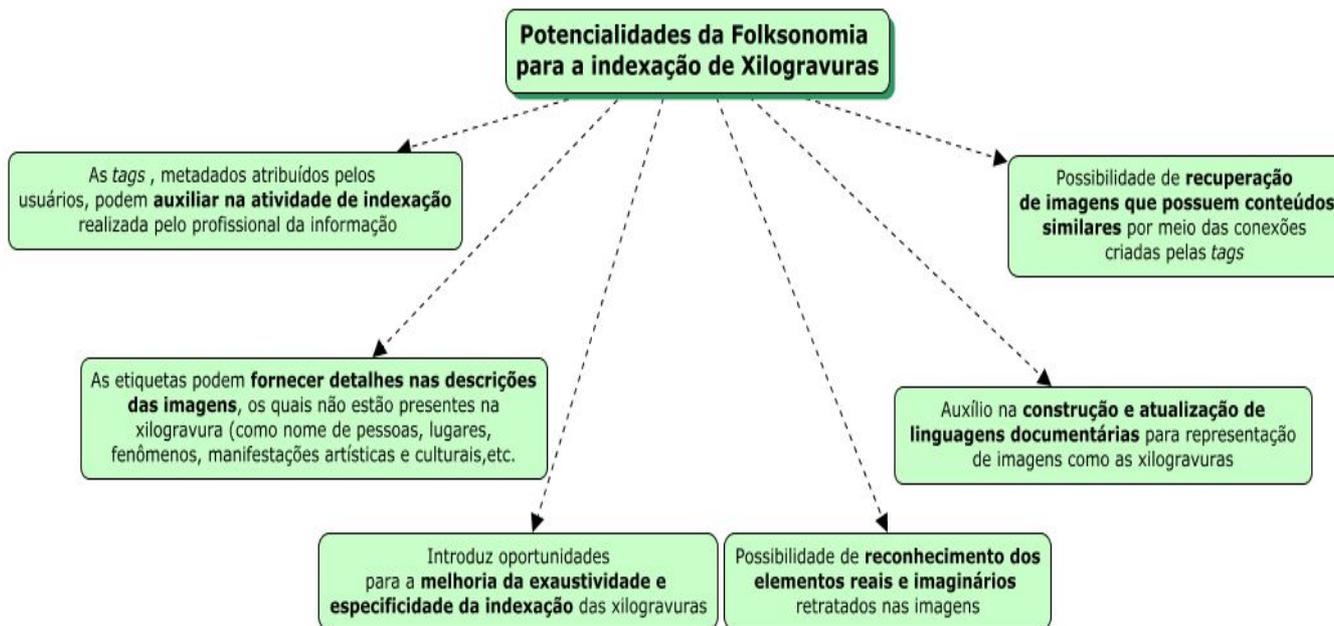
Nesse prisma, as etiquetas atribuídas pelos usuários visam auxiliar o profissional indexador no processo de figurativização e tematização das xilogravuras. Esse profissional também pode fazer o uso das *tags* para fins de construção e atualização de Sistemas de Organização do Conhecimento (SOC's), como as classes temáticas adaptadas nesta pesquisa, as quais contemplam características dos elementos e das temáticas retratadas nas imagens.

As etiquetas também viabilizam que o profissional da informação tenha mais proximidade com os termos e as expressões que uma determinada comunidade adota, uma vez que as garantias ética e cultural (em conjunto com a hospitalidade cultural) podem fornecer base para a análise, seleção e atualização dos descritores em Sistemas de Organização do Conhecimento.

Face ao exposto, a seguir são apresentadas as potencialidades da Folksonomia para a indexação de xilogravuras:

INDEXAÇÃO DE XILOGRAVURAS À LUZ DA SEMÂNTICA DISCURSIVA
E DAS POTENCIALIDADES DA FOLKSONOMIA

Figura 86 – Potencialidades da Folksonomia para a indexação de xilogravuras



Fonte: Elaboração própria.

Por outro lado, tendo em vista que a Folksonomia está atrelada à participação ativa dos usuários na representação de recursos informacionais sem o auxílio de instrumentos de controle terminológico, a mesma pode acarretar implicações negativas no processo de representação e recuperação da informação imagética cujas questões estão pontuadas nos diálogos teóricos desta obra.

Sendo assim, torna-se importante apresentar algumas sugestões de atividades a serem executadas pelos profissionais indexadores em sistemas colaborativos para a representação do conteúdo de imagens como xilogravuras, objetivando a produção significativa de metadados semânticos:

***Identificação do significado dos vocábulos ou expressões regionais apresentadas** pelos usuários para fins de representação dos elementos reais e imaginários retratados nas xilogravuras;

***Estabelecimento de relações paradigmáticas entre as etiquetas** (por exemplo, hiponímia e hiperonímia) para fins de identificação das figuras e dos temas das imagens, evitando a confluência de *ofness* e *aboutness* na representação das imagens. A hiponímia consiste na relação existente entre uma palavra de sentido mais específico e outra de sentido mais genérico, que tem

traços semânticos comuns com a primeira. Ou seja, é a palavra que indica cada parte ou cada item de um todo, por exemplo: “dengue” está numa relação de hiponímia com “doença”. De outro modo disposto, a hiperonímia diz respeito à relação semântica de superordenação hierárquica que uma palavra assume em relação a outra, ou seja, a relação entre uma palavra de sentido mais genérico e outro de sentido mais específico.

***Processamento linguístico, sintático e semântico de tags**, no caso de criação e atualização de Sistemas de Organização do Conhecimento para a representação do conteúdo de imagens;

***Padronização em relação aos substantivos com flexões de números** (singular e plural);

Também considera-se importante que os profissionais da informação auxiliem os desenvolvedores de sistemas com a criação de regras e padrões para a atribuição de etiquetas, no intuito de auxiliar os usuários, de maneira automática, a: verificar a ortografia ou as sugestões de etiquetas através de recurso autocompletar; visualizar os metadados já cadastrados por indexadores ou outros usuários do sistema (através de nuvem de tags, por exemplo); explicar os motivos para empregar as tags cadastradas ou selecionadas por eles.

Com o recurso autocompletar, no momento em que o usuário estiver digitando uma *tag* ou termo, o sistema de apresenta uma lista de potenciais *tags* ou descritores como recomendação automática.

A nuvem de *tags* (ou *tag clouds*) consiste em um conjunto de etiquetas aglomeradas e geradas automaticamente pelo sistema de acordo com o contexto em que foram atribuídas. Essas etiquetas são apresentadas em tamanhos diferentes e os destaques dos seus tamanhos são designados a partir de critérios específicos do sistema que a utiliza. A nuvem de *tags* é dinâmica, uma vez que apresenta um meio de navegação entre um conjunto de documentos existentes em um determinado sistema, possibilitando assim o acesso direto a esses recursos informacionais por meio das etiquetas que estão elencadas nessa nuvem.

Além disso, acredita-se que a exigência de criação de *login* e conta no sistema da unidade de informação de acordo com os perfis dos usuários (administrador, moderador, usuário da unidade de informação, etc.), bem como a possibilidade de identificação de notificações para a equipe de profissionais da informação a respeito do que esses usuários consideram como descritores inadequados e que devem ser removidos, também se

configuram como alternativas que podem ser implementadas em sistemas colaborativos que objetivam organizar e representar recursos imagéticos.

Com base nessa perspectiva, depreende-se que as propostas apresentadas anteriormente centram-se na representação temática e podem ser implementadas ou aperfeiçoadas para a indexação de outros tipos de imagens, sem necessariamente ser as xilogravuras.

Essas ideias podem servir de referência para a construção e desenvolvimento de um módulo de indexação para sistemas ou coleções de recursos imagéticos como fotografias e obras artístico-pictóricas, por exemplo. Para tanto, torna-se necessária a formação de uma equipe composta por profissionais da informação também capacitados para a execução das tarefas sugeridas anteriormente.

No hodierno contexto informacional o profissional indexador é essencial não apenas para educar e treinar futuros indexadores e catalogadores, ele também deve tornar os processos de geração de metadados em sistemas colaborativos mais eficazes, no intuito de incorporar as vantagens da Folksonomia e minimizar as implicações negativas decorrentes do seu uso na indexação de imagens.

Em função disso, esse profissional necessita propor metodologias, recomendações, políticas de indexação, processos, modelos e produtos que corroborem para essa finalidade.

A síntese da proposta metodológica apresentada nesta obra encontra-se exposta no mapa conceitual a seguir.

Diante do exposto, as proposições apresentadas nesta obra objetivam auxiliar os profissionais da informação no processo de indexação de imagens, em especial de xilogravuras, para que tenham certeza de que estão muito mais próximos do(s) tema(s) retratados nesses recursos.

Em uma xilogravura é possível que sejam identificados vários temas, entretanto a sua análise deve estar pautada, primeiramente, na narrativa visual e na sua articulação semântica com o conteúdo das fontes adicionais (nesse caso o título, nos versos do folheto, nas *tags* atribuídas pelos usuários em um dado sistema), considerando os procedimentos de figurativização e tematização, bem como o aspecto representativo e interpretativo que eles incitam.

Objetivando dar continuidade a essas considerações, a seguir são apresentadas as considerações finais desta pesquisa.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Face ao exposto, percebeu-se que a representação no contexto da Ciência da Informação conquista espaço não apenas como uma operação pragmática, mas se amplia como campo que abrange estudos teóricos e aplicados que objetivam tornar o uso e a apropriação do conhecimento produzido, considerando questões éticas e socioculturais no intuito de tornar os registros informacionais disponíveis à sociedade. Para tanto, direciona os seus processos, produtos e instrumentos na informação registrada (no objeto informacional, item informacional, recurso informacional), independentemente de o suporte ser analógico ou digital.

Para que os objetos informacionais (textos, áudios, imagens, vídeos, por exemplo) sejam acessíveis à sociedade faz-se necessária a adoção de um conjunto de procedimentos que visam representá-los na perspectiva de sua descrição física e na descrição do seu conteúdo. Essas operações estão diretamente associadas à Organização e Representação da Informação e do Conhecimento.

A indexação se configura como uma operação intelectual integrante da representação temática da informação objetivando representar o conteúdo dos itens informacionais. Essa operação

tem influência de fatores linguísticos, cognitivos, lógicos, ideológicos, contextuais, culturais, sociais inerentes ao profissional indexador; além do fato de que o olhar leitor desse profissional silencia ou expõe diferentes leituras. Nesse limiar, os aspectos éticos e culturais também assumem relevância nas discussões sobre as práticas de indexação de materiais informacionais.

Esses fatores adquirem um grau de complexidade ainda maior quando se trata da indexação de recursos altamente subjetivos como as imagens, haja vista a dificuldade da transposição da mensagem visual para o código textual com vistas a representação dos seus conteúdos.

Os aspectos associados à cognição humana são complexos e interferem na maneira como o sujeito realiza a análise e indexação de imagens. Para tanto, faz-se necessária a criação de métodos específicos para a indexação desses recursos, levando em conta a sua capacidade de gerar diversas significações.

As xilogravuras são recursos imagéticos que possuem relação intrínseca com a cultura de cada povo. Elas precisam ser analisadas, ressignificadas, representadas e organizadas em função de suas especificidades e necessidades dos usuários, uma vez que as metodologias de análise e indexação de textos ou

fotografias não podem ser mecanicamente aplicadas para o tratamento desses recursos, pois não contemplam as suas especificidades.

Seguindo essa lógica, a indexação de xilogravuras deve prever as suas nuances, estando alicerçada nas premissas da cultura e da ética - tendo em vista que retratam o real e o imaginário coletivo.

Sujeitos que fazem parte de determinadas culturas podem não conseguir (ou apresentar dificuldades para) reconhecer, assimilar e interpretar os personagens, elementos e ações retratados nas xilogravuras pelo fato de não possuírem conhecimentos adequados para entendê-los. Os indivíduos atribuem sentido às coisas pela maneira como as utilizam e associam em suas práticas cotidianas. Por isso a importância de considerar as novas possibilidades de representação colaborativa da informação para a produção significativa de metadados semânticos.

Nesta obra é dada uma atenção especial às xilogravuras cujas ilustrações expressivas trazem consigo a originalidade dos xilógrafos e são inspiradas na poesia suscitando percepções plurais acerca dos seus conteúdos. Desse modo, se constituiu como foco desta pesquisa as xilogravuras apresentadas em capas

de folhetos de cordel. A representação de uma arte em outra arte, neste caso a xilogravura na literatura de cordel (poesia), consiste em uma maneira de analisar as diferentes artes entre si e o aspecto representativo e interpretativo que elas incitam.

Nesta obra foi possível perceber a riqueza e a diversidade temática nas xilogravuras analisadas cujos elementos entalhados representam aspectos históricos, reais, fantásticos, tradicionais ou contemporâneos destacados nos folhetos de cordel – dada a heterogeneidade de culturas, narrativas, causos, situações, mitos e fatos.

Essas imagens expressam o imaginário e a cultura popular por meio de representações do cotidiano das pessoas, de manifestações artísticas, culturais, ideológicas, políticas, éticas, morais, etc. Elas também são provenientes das invenções fantasiadas na cognição do xilógrafo, bem como são utilizadas para provar a *performance* infiltrada no imaginário e na voz do poeta como representação do seu discurso.

Partindo desse pressuposto, as xilogravuras, enquanto textos não verbais, apresentam elementos concretos (figuras) que retratam o imaginário, mundo construído, de seus artistas mediante a representação de pessoas, anjos, fadas, demônios, príncipes, princesas, etc. – os quais constituem como simulação da

realidade construída. Esses recursos imagéticos também apresentam elementos abstratos que condensam as narrativas de cordéis por meio de temas como vida, amor, fidelidade, traição, educação, crimes, julgamentos, etc. – multiplicando os sentidos e os significados associados ao cotidiano e a vida social.

Nas análises realizadas nesta pesquisa foi constatada a articulação semântica das ações, elementos ou objetos representados nas xilogravuras com os discursos apresentados nos versos dos folhetos. Essa constatação está associada ao fato de que as xilogravuras em folhetos de cordel visam a condensação das narrativas textuais mediante as suas funções mnemônicas, bem como multiplicam sentidos e significados a partir de suas funções metafóricas.

Nesta obra observou-se ainda, que a maioria das metodologias e técnicas de análise e indexação de imagens propostas na literatura, embora reconheçam que as imagens viabilizam percepções e interpretações plurais, não contemplam o potencial da Folksonomia. Face ao exposto, foi possível perceber que a complementaridade e a convergência entre a Semântica Discursiva e a Folksonomia se tornam oportunas em atividades de indexação de recursos imagéticos como as xilogravuras para que

os profissionais indexadores tenham certeza de que estão muitos mais próximos do(s) tema(s) retratados nesses recursos.

Sendo assim, a metodologia proposta nesta obra considera que a análise de imagens deve estar pautada, primeiramente, na narrativa visual e na articulação semântica da mesma com o conteúdo das fontes adicionais relacionadas a esses recursos (como o título, legendas, versos do folheto, *tags* atribuídas pelos usuários em um dado sistema, etc.), contemplando os procedimentos de figurativização e tematização da Semântica Discursiva.

Nesse prisma, esta proposta metodológica está diretamente associada à indexação das xilogravuras, não contemplando diretrizes voltadas para a representação descritiva desses recursos imagéticos.

Informações relacionadas aos processos técnicos de impressão (a entalhe, por permeação, em plano ou em relevo), tipos de madeira (casca de cajá, mogno, imburana, pinho, pau-amarelo, etc.) ou instrumentos de incisão utilizados para entalhar essas imagens (buril, goiva, formão, faquinha, etc.) não são consideradas na metodologia apresentada. Isso se deve ao fato de que esses processos e instrumentos qualificam as xilogravuras, mas não alteram a sua forma e não viabilizam o reconhecimento

dos elementos e assuntos retratados nessas imagens a partir das práticas de indexação.

Face ao exposto, acredita-se que os objetivos desta obra foram alcançados, uma vez que nas análises realizadas foram evidenciadas as potencialidades da Semântica Discursiva e da Folksonomia, mediante os processos de figurativização e tematização, para a indexação de recursos imagéticos altamente subjetivos como as xilogravuras. Os seus contributos resultam em uma nova maneira de extrair os conteúdos de imagens, trazendo como diferencial a redução do nível de subjetividade, tornando a indexação mais próxima possível de atender os parâmetros conceituais das xilogravuras enquanto recursos imagéticos que retratam a realidade e o imaginário popular.

Importante ressaltar que as classes temáticas apresentadas na pesquisa de Albuquerque (2011) e adaptadas nesta pesquisa para fins de indexação de xilogravuras, podem servir como referência para auxiliar o profissional indexador na identificação dos temas retratados nesses recursos imagéticos.

Além disso, tais classes adaptadas podem ser consideradas para fins de organização e recuperação de xilogravuras em coleções físicas ou digitais (bancos de imagens, repositórios digitais, etc.). Poderão também ser identificadas e acrescidas

novas classes temáticas associadas a elementos reais ou imaginários presentes nas xilogravuras, uma vez que essas classes não se esgotam em si mesmas.

Diante do exposto, infere-se que a Folksonomia e a indexação se constituem como elementos distintos que possuem os seus próprios papéis, mas se configuram como recursos complementares para a representação, organização, recuperação, acesso e uso de recursos complexos e altamente subjetivos como as xilogravuras, objetivando atenuar o hiato semântico entre os termos atribuídos pelo indexador e o vocabulário dos usuários de um sistema.

A representação colaborativa de imagens não deve ser vista como alternativa ou método de substituição da indexação tradicional realizada em bancos de dados imagéticos. Embora suscitem implicações positivas e negativas, acredita-se que elas são eficazes quando utilizadas em conjunto no processo de indexação de imagens como xilogravuras. Isso se deve ao fato de que a linguagem dos usuários pode sustentar a linguagem documentária e essa última utiliza aquela.

Outrossim, é importante ressaltar que as práticas de análise de xilogravuras não devem estar pautadas no debate entre o “certo” e o “errado”, mas sim entre as possibilidades plausíveis

de representação, mediante observações contextuais. Desse modo, faz-se necessário que o profissional da informação conheça as características do banco de imagens, as funções e usos das xilogravuras no contexto da unidade de informação.

Considerando os enfoques de estudos nacionais e internacionais apresentados nos diálogos teóricos da pesquisa, contata-se que os aspectos sugeridos nesta obra se relacionam com as pesquisas que apresentam proposições e metodologias que visam a hibridização/coexistência de instrumentos de controle terminológico e a Folksonomia para a indexação e recuperação de imagens. Esses aspectos também podem ser aplicados e/ou aperfeiçoados para contribuir no processo de indexação de outras tipologias de recursos imagéticos como xilogravuras em geral, fotografias, obras artístico-pictóricas, por exemplo.

Para tanto, a criação de uma política de indexação híbrida em consonância com as especificidades e singularidades das imagens a serem trabalhadas, consiste em um fator importante para a execução de um trabalho colaborativo eficiente em bancos de imagens e sistemas de recuperação da informação.

Adicionalmente, ferramentas colaborativas também precisam ser criadas e implementadas para fins de indexação e

recuperação desses recursos imagéticos com base nas potencialidades da Semântica Discursiva e da Folksonomia.

Nesse limiar, espera-se que esta pesquisa possa contribuir para a produção significativa de metadados semânticos na indexação de imagens, bem como para a organização de acervos imagéticos que contemplam xilogravuras enquanto recursos a serem recuperados e acessados pelos usuários.

REFERÊNCIAS

ABRIL, G. **Cultura visual, de la semiótica a la política**. Madrid: Plaza y Valdes, 2013.

AGUIAR, I. M. *et al.* Literatura de cordel digitalizada: preservação e disseminação do acervo da Biblioteca Central da Universidade Estadual de Londrina. *In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS (SNBU)*, 15., 2008, São Paulo. Anais [...] São Paulo: UNICAMP, 2008, p.1-8.

ALBUQUERQUE, M. E. B. C. **Literatura popular de Cordel: dos ciclos temáticos à classificação bibliográfica**. 2011. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/6183>. Acesso em: 21 jun. 2020.

ALBUQUERQUE, M. E. B. C. **Representação temática da informação na literatura de cordel**. Curitiba: Appris, 2013.

ALBUQUERQUE, M. E. B. C. *et al.* **Na memória da tradição: fontes de informação em literatura de cordel**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2016.

ALVARENGA, L. Representação do conhecimento na perspectiva da Ciência da Informação em tempo e espaços digitais. **Enc. Bibli: Rev. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf.**, Florianópolis, v.1, n.15, p.18-40, 2003. Disponível em: <https://bit.ly/2PPfUM6>. Acesso em: 21 jun. 2020.

AMSTEL, V. F. **Folksonomia**: vocabulário descontrolado na arquitetura da informação ou samba do crioulo doido. 2007. Disponível em: http://www.usabilidoido.com.br/folcsonomia_vocabulario_descontrolado_anarquitectura_da_informacao_ou_samba_do_crioulo_doido.html . Acesso em: 21 jun. 2020.

ANGUS, E.; THELWALL, M.; STUART, D. General patterns of tag usage among university groups in Flickr. **Online Information Review**, [S.l.], v.32, n.1, p.89-101, feb.2008.

ANTONIO, D. M. **O Percurso Gerativo de Sentido aplicado à análise documental de textos narrativos de ficção**: perspectivas de utilização em bibliotecas universitárias. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, 2008. Disponível em: http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UNSP_af8c4a251e7e06516d941efe1b9e8c22. Acesso em: 21 jun. 2020.

AQUINO, M. A.; SANTANA, V. A. Práticas de organização e representação da informação étnico-racial em bibliotecas universitárias: necessidade de preservação da memória de negros. **RICI: R. Ibero-amer.Ci. Inf.**, Brasília, v.6, n.2, p.17-36, ago./dez. 2013. Disponível em: <https://bit.ly/2OAmvJT>. Acesso em: 21 jun. 2020.

ARANTES, A.; OKABAYASHI, P. Origens da xilogravura no Nordeste Brasileiro. *In*: ARANTES, A.; OKABAYASHI, P. **A Arte de J. Borges**: do cordel a xilogravura. Brasília: Centro Cultural do Banco do Brasil, 2004. p. 39-58.

ARAÚJO, C. A. A. **O que é Ciência da Informação**. Belo Horizonte: KMA, 2018.

BAKHTIN, M. **Questões de literatura e de estética**: a teoria do romance. 4.ed. São Paulo: UNESP, 1998.

BARBALHO, C. R. S. Fazer semiótico: subsídios para exame do espaço concreto. **Enc. Bibli**: R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf., Florianópolis, 2º número esp., p. 79-96, 2006.

BAR-ILAN, J. *et al.* Tag-based retrieval of images through different interface: a user study. **Online Information Review**, [S.l.], v. 36, n. 5, p. 739-757, 2012.

BARITÉ, M. La garantía cultural como justificación em sistemas de organización del conocimiento: aproximación crítica. **Palabra Clave** (La Plata), [S.l.], v.1, n.1, p.2-11, 2011. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3841667>. Acesso em: 21 jan. 2019.

BARITÉ, M. La garantía literária: vigência y proyección teórico-metodológica. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 13., Salvador, 2007. Anais eletrônicos [...]. Salvador: ANCIB, 2007. Disponível em: <http://www.enancib.ppgci.ufba.br/artigos/GT2--068.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2020.

BARTHES, R. **A câmara clara**: nota sobre fotografia. Tradução Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BARTHES, R. “A retórica da imagem”, *In*: BARTHES, R. **O óbvio e o obtuso**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990. p.50-68. (Coleção Obras de Roland Barthes).

BATISTA, M. F. B. de M. O discurso semiótico. *In*: ALVES, E.; CHRISTIANO, M. E. (Orgs.). **Linguagem em foco**. João Pessoa: Editora Universitária; Ideia, 2001.

BEGHTOL, C. A proposed ethical warrant for global knowledge representation systems. **Journal of Documentation**, Bradford, v.58, n.5, p.507-532, 2002. Disponível em: <https://www.emeraldinsight.com/doi/abs/10.1108/00220410210441>. Acesso em: 21 jun. 2020.

BEGHTOL, C. Bibliographic Classification Theory and Text Longuistics: Aboutness Analysis, Intertextuality and the Cognitive Act of Classifying. **Journal of Documentation**, Bradford, v.42, n.2, p.84-113, 1986. Disponível em: <https://www.emeraldinsight.com/doi/abs/10.1108/eb026788> . Acesso em: 21 jun. 2020.

BEGHTOL, C. Ethical decision-making for knowledge representation and organization systems for global use. **Journal of the American Society for Information Science and Technology**, New York, v. 56, n.9, p.903-912, 2005. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/asi.20184>. Acesso em: 21 jun. 2020.

BLAIR, D. C. Information retrieval and the philosophy of language. **Annual Review of Information Science Technology**, [S.l.], v. 37, p. 3-50, 2003.

BORKO, H. Information Science: whats is it? **American documentation**, [S.l.], v.19, n.1, p.3-5, jan. 1968. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/pdf/10.1002/asi.5090190103>. Acesso em: 21 jun. 2020.

BOTEY, F. E. **História del grabado**. Madrid: Colección aprendiz-clan Librería editorial, 1997.

BRANDT, M. B. **Etiquetagem e Folksonomia**: uma análise sob a óptica dos processos de organização e recuperação da informação na web. 2009. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2009.

Disponível em:

<http://repositorio.unb.br/handle/10482/7057?mode=full>.

Acesso em: 21 jun. 2020.

BRASIL. Comunicação Para Efeito de Registro do Bem Cultural de Natureza Imaterial Denominado "Literatura de Cordel" Como Patrimônio Cultural do Brasil. **Diário Oficial da União**. Brasília, DF. 20 ago. 2018. Seção3, p. 12. Disponível em:

<https://www.jusbrasil.com.br/diarios/204544074/dou-secao-3-20-08-2018-pg-12>. Acesso em: 21 jun. 2020.

BUCKLAND, M. Information as thing. **Journal of the American Society of Information Science**, Washington, v.42, n.2, p.84-113, 1991.

CALDAS, W. F.; MOREIRA, M. P. Folksonomia e classificação de etiquetas: estudo de caso Flickr. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 10., João Pessoa, 2012. Anais eletrônicos [...]. João Pessoa: ANCIB, 2012. Disponível em:

<http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/xenancib/paper/viewFile/3164/2290> . Acesso em: 21 jun. 2020.

CAMPBELL, D. G. A phenomenological framework for the relationship between the semantic Web and user-centered

tagging systems. *In: ASIS&T SIG/CR CLASSIFICATION RESEARCH WORKSHOP*, 17., [S.l.], 2006. *Proceedings [...]*. [S.l.: s.n.], 2006.

CAMPOS, A. T. A indexação. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, DF, v.15, n.1, p.69-72, jan./jun. 1987. Disponível em:

<http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000003009&d1=33e85>. Acesso em: 21 jan. 2019.

CARVALHO, G. de. **A xilogravura de Juazeiro do Norte**. Fortaleza: IPHAN, 2014.

CARVALHO, M. F. **A representação da mulher em xilogravuras de autoria nordestina**. 2015. Tese (Doutorado em Letras) –

Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015. Disponível em:

<http://www.cchla.ufpb.br/ppgl/wp-content/uploads/2015/04/TESE-DE-MÁRCIA-EM-20.11.2015.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2020.

CHAVES, L. M. **Gravura, estampa de arte**. 3.ed. João Pessoa: Editora Universitária, 2004.

CHEN, M.; LIU, X.; QIN, J. Semantic relation extraction from socially-generated tags: A methodology for metadata generation. *In: INTERNATIONAL CONFERENCE ON DUBLIN CORE AND METADATA APPLICATIONS*. 2008. *Proceedings [...]*. Singapore: Dublin Core Metadata Initiative, 2008.

CHEN, H. *et al.* Analyzing Users' Retrieval Behaviours and Image Queries of a Photojournalism Image Database / Analyse des comportements d'extraction de données et de requêtes d'images dans une base de données d'images de photojournalisme. **The**

Canadian Journal of Information and Library Science: Revue Canadienne des Sciences de l'Information et de Bibliothéconomie, [S.l.], v.34, n.3, p.249-270, sep. 2010.

CHOI, Y.; RASMUSSEN, E. M. Searching for images: the analysis of users' queries for image retrieval in american history. **Journal of the American Society for Information Science and Technology**, [S.l.], v. 54, n. 6, p. 498-511, 2003.

CHUNG, E.; YOON, J. Image needs in context of image use: an exploratory study. **Journal of Information Science**, [S.l.], v. 37, n. 2, p. 163-177, 2011.

CORDEIRO, R. I. N. O delineamento de uma pesquisa em imagens e audiovisuais na Ciência da Informação: o “tagueamento” como quarta dimensão. **Inf. Inf.**, Londrina, v. 23, n. 01, p. 06 – 30, jan./abr. 2018. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/32581>. Acesso em: 21 jun. 2020.

CORRÊA, R. F.; SANTOS, R. F. Análise das definições de folksonomia: em busca de uma síntese. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 23, n. 2, p. 1-32, jun.2018. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/2571/2077> . Acesso em: 21 jun. 2020.

COSTELLA, A. F. **Breve história ilustrada da xilogravura**. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

COSTELLA, A. F. **Xilogravura**: manual prático. São Paulo: Mantiqueira, 1987.

DALY, E.; BALLANTYNE, N. Ensuring the discoverability of digital images for social work education: an online "tagging" survey to test controlled vocabularies. **Webology**, [S.l.], v.6, n.2, jun. 2009.

DIAS, E. W. Análise de assunto: percepção do usuário quanto ao conteúdo de documentos. **Perspectivas m Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.9, n.2, p.146-157, jul./dez. 2004.

DIAS, E. W.; NAVES, M. M. L. **Análise de assunto**: teoria e prática. Brasília: Thesaurus, 2007.

ENSER, P. "The evolution of visual information retrieval". **Journal of Information Science**, [S.l.], v. 34, n. 4, p. 531-46, 2008.

ENSER, P. *et al.* "Facing the reality of semantic image retrieval". **Journal of Documentation**, [S.l.], v. 63, n. 4, p. 465-81, 2007.

ERCEGOVAC, Z. Digital Image Tagging: A Case Study with. **School Libraries Worldwide**, [S.l.], v.18, n.1, p.97-110, jan. 2012.

EVANS, J.; SHABAJEE, P. Preliminary results from the FILTER image categorisation and description exercise. *In*: INTERNATIONAL CONFERENCE ON DUBLIN CORE AND METADATA FOR ECOMMUNITIES, Florence, Italy, 2002. Proceedings [...]. Florence, Italy: [S.n.], Oct., 2002, p.13-17.

FEBVRE, L.; MARTIN, H. **O aparecimento do livro**. São Paulo: UNESP, 1992.

FIORIN, J. L. **Elementos de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 1999.

FIORIN, J.; SAVIOLI, F. **Para entender o texto**. São Paulo: Ática. 2003.

FOSKETT, A. C. **A Abordagem Temática da Informação**. São Paulo: Ed. Univ. de Brasília; Ed. Polígono, 1973.

FRANCELIN, M. M.; PINHO, F. A. **Conceitos na Organização do Conhecimento**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2011.

FRANKLIN, Jeová. **Xilogravura Popular na Literatura de Cordel**. Brasília: LGE, 2007.

FUJITA, M. S. L. A identificação de conceitos no processo de análise de assunto para indexação. **Revista Digital de Biblioteconomia & Ciência da Informação**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 60-90, jul./dez. 2003.

GARCÍA GUTIÉRREZ, A. Teoría de la indización: nuevos parâmetros de investigación. **Transinformação**, Campinas, v.1, n.2, p.147-159, 1989.

GONÇALVES, J. L.C.S.; ASSIS, J. A indexação social enquanto prática de representação colaborativa da informação imagética: a construção da memória na plataforma Flickr. **Revista Conhecimento em Ação**, [S.l.], v.1, n.2, p.34-51, jul./dez. 2016.

GONÇALVES, E. F.; OLIVEIRA, R. A.; NEVES, D. A. B. Análise da informação imagética: uma abordagem sob a perspectiva cognitiva. **Em Questão**, Porto Alegre, v.22, n.3, p.110-135, set./dez. 2016. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/59905>. Acesso em: 21 jun. 2020.

GRANGEIRO, C. R. P. **O discurso religioso na literatura de cordel de Juazeiro do Norte**. Crato: a Província edições, 2002.

GREIMAS, A. J. Condições de uma semântica científica. *In*: GREIMAS, A. J. **Semântica estrutural**. Tradução Haquira Osakabe. 2.ed. São Paulo: Cultrix; USP, 1966.

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. **Dicionário de semiótica**. São Paulo: Contexto, 2008.

GUEDES, R. D.; MOURA, M. A.; DIAS, E. J. W. Indexação social e pensamento dialógico: reflexões teóricas. **Inf. Inf.**, Londrina, v.6, n.3, p.40-59, jan./jun. 2011. Disponível em: http://www.brapci.inf.br/repositorio/2015/01/pdf/ba46cda4f8_0022051.pdf. Acesso em: 21 jun. 2020.

GUIMARÃES, J. A. C. Abordagens teóricas de Tratamento Temática da Informação (TTI): catalogação de assunto, indexação e análise documental. **Ibersid**: revista de sistemas de información y documentación, Zaragoza, v.3, n.1, p.105-117, 2009. Disponível em: <https://www.ibersid.eu/ojs/index.php/ibersid/article/view/3730>. Acesso em: 21 jun. 2020.

GUIMARÃES, J. A. C. A dimensão teórica do tratamento temático da informação e suas interlocuções com o universo científico da International Society for Knowledge Organization (ISKO). **Revista Ibero-americana de Ciência da Informação (RICI)**, [S.l.], v.1, n.1, p.77-99, jan./jun.2008. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/RICI/article/view/2761>. Acesso em: 21 jun. 2020.

GUY, M.; TONKIN, E. Folksonomies: Tidying-up tags? **D-Lib Magazine**, [S.l.], v.12, n.1, 2006. Disponível em: <http://www.dlib.org/dlib/january06/guy/01guy.html>. Acesso em: 21 jun. 2020.

HALL, S. **Cultura e Representação**. Tradução Daniel Miranda e Wiliam Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

HALL, S. **Representation**: cultural representations and signifying practis. London: Sage, 1997).

HATA, L. **O Cordel das feiras às galerias**. 1999. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 1999. Disponível em: <http://www.unicamp.br/iel/memoria/projetos/tese20.html>. Acesso em: 21 jun. 2020.

HEIDORN, B. P. “Image retrieval as linguistic and nonlinguistic visual model matching”, **Library Trends**, [S.l.], v. 48, n. 2, pp. 303-26, 1999.

HERSKOVITS, A. **Xilogravura**: arte e técnica. Porto Alegre: Tchê Editora, 1986.

HESSEN, J. **Teoria do Conhecimento**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

HJELMSLEV, L. **Prolegômenos a uma teoria da linguagem**. São Paulo: Perspectiva, 1975.

HJØRLAND, B. Domain analysis in information Science: eleven approaches- traditional as well as innovative. **Journal of Documentation**, London, v.58, n.4, p.422-462, 2002.

HJØRLAND, B.; ALBRECHTSEN, H. Toward a new horizon in information Science: domain-analysis. **Journal of The American Society for Information Science**, Washington, v.46, n.6, p.400-425, 1995.

HOLLINK, L. *et al.* Classification of user image descriptions. **International Journal of Human-Computer Studies**, [S.l.], v. 61, n. 5, p. 601-626, 2004.

JOLY, M. **A imagem e a sua interpretação**. Tradução José Francisco Espadeiro Martins. Lisboa: Edições 70, 2002.

JOLY, M. **Introdução à análise de imagem**. 14. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2012. (Série Ofício Arte e Forma).

JORGE, A.; GABRIEL, M. **Técnicas da gravura artística**. Lisboa: Livros Horizonte, 1986.

JORGENSEN, C.; STVILIA, B.; WU, S. Assessing the Relationships Among Tag Syntax, Semantics, and Perceived Usefulness. **Journal of the Association for Information Science and Technology**, [S.l.], v.65, n.4, p.836-849, apr. 2014.

KIPP, M.E.I. Complementary or discrete contexts in online indexing: A comparison of user, creator and intermediary keywords. **Canadian Journal of Information and Library Science**, [S.l.], v.30, n.3, 2006.

KIPP, M. E. I.; BEAK, J.; CHOI, I. Motivations and intentions of Flickr users in enriching flick records for Library of Congress fotos. **Journal of the Association for Information Science and Technology**, Medford, v. 68, n. 10, p. 2364-2379, 2017.

KLAVANS, J. L.; LAPLANTE, R.; GOLBECK, J. Subject Matter Categorization of Tags Applied to Digital Images From Art Museums. **Journal of the American Society for Information Science and Technology**, [S.l.], v.65, n.1, p.3-12, jan. 2014.

KWASNIK, B. H. Semantic Warrant: a pivotal concept for our field. **Knowledge Organization**, [S.l.], v.37, n.2, p.106-110, apr. 2010.

LANCASTER, F. W. **Indexação e resumos: teoria e prática**. 2.ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2004.

LAPLANTINE, F.; TRINDADE, L. **O que é imaginário**. São Paulo: Brasiliense, 1997. (Coleção Primeiros Passos, 309).

LICARIÃO, V. **Xilogravura** [Folheto]/V. Licarião. [S.l.:s.n.], [19--?]. 8p.

LIMA, I. **A Fotografia é sua linguagem**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1998. 120p.

LUCAS, C. R. **Leitura e interpretação em Biblioteconomia**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2000.

MACHADO, R. C. V. **J. Borges**. Recife, 2003. Disponível em: http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=394&Itemid=1. Acesso em: 21 jun. 2020.

MACHADO, V. F.; ALBUQUERQUE, A. C. de. A representação temática de xilogravura: o processo de indexação da coleção Paulo Menten. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis**, v.21, n.3, p.856-873, ago./nov. 2016. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/1253>. Acesso em: 21 jun. 2020.

MAIA, M. E.; AZEVÊDO NETTO, C. X.; OLIVEIRA, B. M. J. F. A experiência nos processos de digitalização do acervo de cordel da Biblioteca Átila de Almeida da Universidade Estadual da Paraíba. **Em Questão**, Porto Alegre, v.18, n.2, p.85-104, jul./dez. 2012. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/30304>. Acesso em: 21 jun. 2020.

MAIMONE, G. D.; GRACIOSO, L. S. Representação Temática de Imagens: perspectivas metodológicas. **Inf. Inf.**, Londrina, v.12, n.1, jan./jun. 2007. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/viewFile/1760/1504>. Acesso em: 14 dez. 2018.

MANINI, M. P. **Análise documentária de fotografias**: um referencial de leitura de imagens fotográficas para fins documentários. Tese. 2002. Universidade de São Paulo. Disponível em: <http://jforni.jor.br/forni/files/An%C3%A1lise%20document%C3%A1ria%20de%20fotografias%20-%20Miriam%20Manini.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2020.

MANINI, M. P. Análise documentária de imagens. **Inf. & Soc.: Est.**, João Pessoa, v.11, n.1, p. 1-5, 2001.

MASSONI, L. F. H.; FLORES, A. B. A cidade representada em tags: explorando a Folksonomia no Flickr. **Ponto de Acesso**, Salvador, v.11, n.3, p.133-147, dez. 2017.

MATHES, A. **Folksonomies**: cooperative classification and communication through shared metadata. 2004. Disponível em: <https://adammathes.com/academic/computer-mediated-communication/folksonomies.html>. Acesso em: 21 jan. 2019.

MATUSIAK, K. K. Towards user-centered indexing in digital image collections. **International Digital Library Perspectives**, [S.l.], v. 22, n.4, p. 283-298, 2006.

MEDEIROS, M. B. B. M. Terminologia Brasileira em Ciência da Informação: uma análise. **Ci. Inf.**, Brasília, DF, v.15, n.2, p.135-142, jul./dez. 1986. Disponível em: <http://ridi.ibict.br/bitstream/123456789/283/1/BRASCHERC11986.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2020.

MELLO, B. A. A. Tradições discursivas do Exempla: da idade média aos folhetos de cordel. **Revista do GELNE**, Natal, RN, v.18, n.2, p.247-275, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/11206>. Acesso em: 21 jun. 2020.

MELO, V. Literatura de Cordel: visão histórica e aspectos principais. In: LOPES, R. (Org.). **Literatura de Cordel**: antologia. Fortaleza: BNB, 1982. p.3-52.

MEMÓRIAS DA POESIA POPULAR. **Poeta Marcelo Alves Soares**: produção literária. 2019. Disponível em: <https://memoriasdapoesiapopular.com.br/2014/10/25/poeta->

[marcelo-alves-soares-producao-literaria/](#). Acesso em: 21 jun. 2020.

MENEZES, F. C. Xilogravura: o sertão do nosso lugar. **Trama interdisciplinar**, [S.l.], v.1, n.1, 2010.

MILANI, S. O. *Biases* na representação de assunto: uma perspectiva a partir da literatura internacional de Biblioteconomia e Ciência da Informação. **Brazilian Journal Information**, [S.l.], v.9, n.1, p.1-18, 2015. Disponível em: <https://bit.ly/2NThxLf>. Acesso em: 21 jun. 2020.

MOREIRA, W. **Sistemas de Organização do Conhecimento: aspectos teóricos, conceituais e metodológicos**. 2018. Tese (Livro-Docência em Sistemas de Organização do Conhecimento). Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. São Paulo, 2018. Disponível em: http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/7465/1/2010_ElianaCarlan.pdf. Acesso em: 21 jun. 2020

MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. 5.ed. Tradução de Eliane Lisboa. Porto Alegre: Editora Sulina, 2015.

MUSSEN, Paul Henry *et al.* **Desenvolvimento e personalidade da criança**. São Paulo: Harbra, 1988.

NEAL, D. News Photographers, Librarians, Tags, and Controlled Vocabularies: Balancing the Forces. **Canadian Journal of Information and Library Science**, [S.l.], v.34, n.3, p.329-353, 2008.

NEVES, D. A. B. Ciência da informação e cognição humana: uma abordagem do processamento da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 35, n. 1, p. 39-44, jan./abr. 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-19652006000100005&script=sci_abstract&lng=pt. Acesso em: 21 jun. 2020.

NEVES, D. A. B. **Metacognição, informação e conhecimento: pensando em como pensar**. Recife: Néctar, 2011.

NEVES, D. A. B.; MOURA, M. A. Ciência da informação, semiótica e cognição: interseções. **Athos & Ethos**, [S.l.], v. 2, p. 175-198, 2002.

NÓBREGA, I. O.; MANINI, M. P. #Impeachment ou #Naovaitergolpe: uma análise sobre a Folksonomia na indexação de imagens fotográficas em redes sociais na Web 2.0. **Biblionline**, João Pessoa, v.12, n.4, p.73-84, 2016. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/biblio/article/view/32296>. Acesso em: 21 jun. 2020.

NORUZI, A. Folksonomies: Why do we need controlled vocabulary? **Webology**, [S.l.], v.4, n.2, 2007. Disponível em: <http://www.webology.org/2007/v4n2/editorial12.html>. Acesso em: 21 jun. 2020.

OLIVEIRA, R. O. **Fundamentos da Gestão da Informação em Imagens para bibliotecários, arquivistas, museólogos e outros profissionais da informação**. São Paulo: Projeto Informação Audiovisual, 2014.

OLIVEIRA, R. A.; VITAL, L. P. Análise e indexação de imagens na rede Flickr. **Em Questão**, Porto Alegre, v.21, n.2, p.7-23, maio/ago. 2015. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/50968>. Acesso em: 21 jun. 2020.

OLSON, H. A. **The power to name**: Locating the limits of Subject Representation in Libraries. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 2002.

OLSON, H. A. The power to name: representation in library catalogs. **Journal of Women in Culture and Society**, [S.l.], v. 26, n.1, p.639-68, 2001. Disponível em: <https://bit.ly/2xuxM7m>. Acesso em: 21 jun. 2020.

PANOFSKY, E. **Meaning in the Visual Arts**. London: Peregrine, 1977.

PANOFSKY, E. **Significado nas Artes Visuais**. Tradução M. C. F. Keese e J. Guinsburg. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

PATO, P. R. G. **Imagens**: polissemia versus indexação e recuperação da informação. 2015. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Faculdade de Ciência da Informação, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2015. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/19050> . Acesso em: 21 jun. 2020.

PATO, P. R. G.; MANINI, M. P. Polissemia da imagem, indexação e recuperação da informação. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 14., Florianópolis, SC, 2013. Anais eletrônicos[...]. Florianópolis: ANCIB, 2013. Disponível em:

<http://enancib.sites.ufsc.br/index.php/enancib2013/XIVenancib/paper/view/43/409>. Acesso em: 21 jun. 2020.

PETEK, M. Comparing user-generated and librarian-generated metadata on digital images. **OCLC Systems & Services: International digital Library perspectives**, [S.l.], v.28, n.2, p.101-111, may 2012.

PETERS, I. **Folksonomies: indexing and retrieval in Web 2.0**. Berlin: De Gruyter, 2009.

PETERS, I.; STOCK, W. G. Folksonomy and Information Retrieval. **Proceedings of the American Society for Information Science and Technology**, [S.l.], v.44, n.1, p.1-28, 2007.

PETERSON, E. Beneath the metadata. Some philosophical problems with folksonomies. **D-Lib Magazine**, [S.l.], v. 12, n.11, 2006.

PIKER, S. **'An evaluation of Flickr's distributed classification system, from the perspective of its members, and as an image retrieval tool in comparison with a controlled vocabulary'**. 2008. Disponível em: <https://arxiv.org/abs/0912.1767>. Acesso em: 21 jun. 2020.

RAFFERTY, P.; HIDDENLEY, R. "Flickr and democratic indexing: dialogic approaches to indexing". **Aslib Proceedings: New Information Perspectives**, [S.l.], v. 59, n.4/5, p. 397-410, 2007.

RAMOS, M. **Um breve ensaio sobre a fotografia e a leitura crítica do discurso fotográfico**. 2007. Disponível em: <http://www.studium.iar.unicamp.br/23/03.html>. Acesso em: 21 jun. 2020.

RANSOM, N.; RAFFERTY, P. Facets of user-assigned tags and their effectiveness in image retrieval. **Journal of Documentation**, [S.l.], v.67, n.6, p.1038-1066, 2011.

RASMUSSEN, E. "Indexing images". **Annual Review of Information Science and Technology**, [S.l.], v. 32, p. 69-196, 1997.

RATTENBURY, T.; GOOD, N.; NAAMAN, M. Towards automatic extraction of event and place semantics from Flickr tags. *In*: ANNUAL INTERNATIONAL ACM SIGIR CONFERENCE ON RESEARCH AND DEVELOPMENT IN INFORMATION RETRIEVAL, 30., New York, 2007. Proceedings [...]. New York: ACM Press, 2007, p. 103–110.

RIBEIRO, D. **O povo brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

RODRIGUES, A. A. A. **Folksonomia**: análise de etiquetagem de imagens no Flickr. 2010. 116f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

RODRIGUES, R. C. Análise e tematização da imagem fotográfica. **Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v.26, n.3, p.67-76, set./dez.2007. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1167>. Acesso em: 21 jun. 2020.

RORISSA, A. A comparative study of Flickr tags and index terms in a general image collection. **Journal of the American Society for Information Science and Technology**, [S.l.], v. 61, n.11, p.2230–2242, 2010.

RORISSA, A.; IYER, H. Theories of cognition and image categorization: what category labels reveal about basic level theory. **Journal of the Association for Information Science and Technology**, [S.l.], v. 59, n. 9, p. 1383-1392, July 2008.

SALES, R.; CAFÉ, L. Tesauros e ontologias sob o olhar da teoria comunicativa da terminologia. In: CONGRESS ISKO-SPAIN, 9., Valência, 2009. Anais [...]. Valência: ISKO, 2009. Disponível em: http://www.iskoiberico.org/wp-content/uploads/2014/09/535-451_De-Sales.pdf. Acesso em: 21 jun. 2020.

SANTAELLA, L. **A percepção**. São Paulo: Experimento, 1993.

SANTARÉM SEGUNDO, J. E. **Representação Iterativa**: um modelo para repositórios digitais. Marília, SP, 2010. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Marília, SP, 2010. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/103346>. Acesso em: 21 jun. 2020.

SANTOS, J. L. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2004. (Coleção Primeiros Passos, 110).

SANTOS, R. F. **Indexação de xilogravuras em versos**: a representação entre o real e o imaginário coletivo. 2019. Tese (Doutorado em Ciência da Informação)- Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, PB, 2019.

SANTOS, R. F. **Modelos colaborativos de indexação social e a sua aplicabilidade na Base de Dados Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI)**. 2016. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação)- Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, 2016. Disponível em:

<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/17218>. Acesso em: 21 jun. 2020.

SANTOS, R. F. *et al.* A representação colaborativa da informação e a construção de linguagens documentárias sobre diversidade de gêneros: análise das contribuições do Dicionário de Gêneros – “só quem sente pode definir”. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 18., 2017. Marília, SP. **Anais eletrônicos** [...]. Marília, SP: ANCIB, 2017. Disponível em: <http://enancib.marilia.unesp.br/index.php/xviiienancib/ENANCIB/paper/viewFile/428/852>. Acesso em: 21 jun. 2020.

SANTOS, R. F.; CORRÊA, R. F. Pesquisas sobre Folksonomia no Brasil: tendências e perspectivas. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 17., Salvador, BA, 2016. **Anais eletrônicos** [...]. Salvador, BA, 2016. Disponível em: <http://www.ufpb.br/evento/index.php/enancib2016/enancib2016/paper/view/3769/2247>. Acesso em: 21 jun. 2020.

SANTOS, R. F.; CORRÊA. Modelos colaborativos de indexação: aspectos conceituais e elementos constituintes. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 20. Florianópolis, SC. **Anais [...]**. Florianópolis, SC, 2019.

SANTOS, T. H. N. **A Taxonomia e a Folksonomia na recuperação da informação**: um estudo do acervo de imagens da Fundação Marques da Silva (FIMS). 2017. Tese (Doutorado em Informação e Comunicação em Plataformas Digitais) – Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Portugal, 2017.

SANTOS, T. H. N. A Taxonomia e a Folksonomia na representação da informação de Fotografias. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.23, n.1, p.89

103, 2018. Disponível em:

<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/2395/2058>. Acesso em: 21 jun. 2020.

SARACEVIC, T. Ciência da informação: origem, evolução e relações. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 41-62, jan./jun. 1996. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/235>. Acesso em: 21 jun. 2020.

SAUSSURE, F. de. **Course in general linguistics**. Paris: Payot, 2004.

SEGURA, C. **La dimensión reflexiva de la verdad: Una interpretación de Tomás de Aquino**. Eunsa: Pamplona, 1992.

SHATFORD, S. Analyzing the subject of a Picture: a theoretical approach. **Cataloging & Classification Quartely**, [S.l.], v.6, n.3, p.39-62, 1986.

SHATFORD LAYNE, S. Some issues in the indexing of images. **Journal of the American Society for Information Science**, [S.l.], v. 45, n.8, p. 583-588, 1994.

SILVA, M. F. **Proposta de modelo de colaboração para catálogo web facetado**. Belo Horizonte, 2013. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/BUO-S-9JLJF>. Acesso em: 21 jun. 2020.

SMIT, J. W. A representação da imagem. **Informare, Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação**. Rio de Janeiro, v.2, n.2, p.28-36, jul./dez. 1996.

SMIT, J. W. A análise da imagem: um primeiro plano. In: GRUPO TEMMA; SMIT, J. W. (Coord.). **Análise documentária: a análise da síntese**. 2. ed. Brasília, DF: IBICT, 1989. p. 102-113.

SOARES, M. Ariano Suassuna nav oz de poetas populares. **Xilogravura** [Folheto]. João Pessoa: Folhetaria Cordel, 2014.

SOARES, M. Ave-Maria do Brasil. **Xilogravura** [Folheto]. João Pessoa: Folhetaria Cordel, 2002a.

SOARES, M. Brasil: o marco da impunidade. **Xilogravura** [Folheto]. João Pessoa: Folhetaria Cordel, 2002b.

SOARES, M. A breve história de Lídia: a cangaceira infiel. **Xilogravura** [Folheto]. João Pessoa: Folhetaria Cordel, 2010.

SOARES, M. A briga do TIMBÚ-NÁUTICO contra o LEÃO-DO-SPORT. **Xilogravura** [Folheto]. João Pessoa: Folhetaria Cordel, 2007a.

SOARES, M. O Cego namorador. **Xilogravura** [Folheto]. João Pessoa: Folhetaria Cordel, 2007b.

SOARES, M. O dia em que Timbaúba trocou um quilo de rato por um file no prato. **Xilogravura** [Folheto]. João Pessoa: Folhetaria Cordel, 2003.

SOARES, M. **Epígrafe sobre a Tese de Doutorado intitulada “Indexação de xilogravuras em versos: a representação entre o real e o imaginário coletivo”**. João Pessoa, 2019.

SOARES, M. Eu vi, meninos. Eu vi. O Golpe Militar e Civil de 1964. **Xilogravura** [Folheto]. João Pessoa: Folhetaria Cordel, 2008.

SOARES, M. A Guerra da água. **Xilogravura** [Folheto]. João Pessoa: Folhetaria Cordel, 2007c.

SOARES, M. Os gravíssimos problemas da educação no Brasil. **Xilogravura** [Folheto]. João Pessoa: Folhetaria Cordel, 2000.

SOARES, M. A história da donzela que enganou o diabo. **Xilogravura** [Folheto]. João Pessoa: Folhetaria Cordel, 2007.

SOARES, M. O nosso país precisa fazer a reforma agrária. **Xilogravura** [Folheto]. João Pessoa: Folhetaria Cordel, 2013.

SOARES, M. O sanfoneiro que tocou pro bando de Lampião. **Xilogravura** [Folheto]. João Pessoa: Folhetaria Cordel, 2007d.

SOARES, M. E sou do “tempo do onça”. **Xilogravura** [Folheto]. João Pessoa: Folhetaria Cordel, 2007e.

SOARES, M. Os vários tipos de “bundas” que abundam no Brasil. **Xilogravura** [Folheto]. João Pessoa: Folhetaria Cordel, 2001a.

SOARES, M. A vinda da Besta-Fera. **Xilogravura** [Folheto]. João Pessoa: Folhetaria Cordel, 2001b.

SOLER MONREAL, C.; GIL LEIVA, I. Posibilidades y límites de los tesauros frente a otros sistemas de organización del conocimiento: folksonomías, taxonomías y ontologías. **Revista Interamericana de Bibliotecología**, [S.l.], v.33, n.2, p.361-377, jul./dic. 2010. Disponível em: <https://bit.ly/2NoVNrd>. Acesso em: 21 jun. 2020.

SOUZA, E. D. **A epistemologia interdisciplinar na Ciência da Informação**: dos indícios aos efeitos de sentido na consolidação do campo disciplinar. 2011. Tese (Doutorado em Ciência da Informação). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011. Disponível em: http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/ECID-8P2JNH/epistemologia_interdisciplinar_edivanio.pdf. Acesso em: 21 jun. 2020.

SOUZA, R. V. **A xilogravura popular nos projetos de design**: um estudo sobre a Compreensão e a utilização das imagens da xilogravura pelos designers. 2007. Dissertação (Mestrado em Design) – Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/3363/1/arquivo4355_1.pdf. Acesso em: 21 jun. 2020.

SROKA, M. Identifying and Interpreting Prewar and Wartime Jewish Photographs in Polish Digital Collections. **Slavic & East European Information Resources**, [S.l.], v.12, n.2-3, p.175-187, 2011.

STVILIA, B.; JÖRGENSEN, C.; WU, S. Establishing the value of socially-created metadata to image indexing. **Library and**

Information Science Research, [S.l.], v.34, n.2, p.99-109, ap. 2012.

TRANT, J. Exploring the potential for social tagging and folksonomy in art museums: Proof of concept. **New Review of Hypermedia and Multimedia**, [S.l.], v.12, n.1, p. 83–105, 2006.

VIGNOLI, R. G.; ALMEIDA, P. O. P.; CATARINO, M. E. Folksonomias como ferramenta da organização e representação da informação. **Rev. digit. Bibliotecon. Cienc. Inf.**, Campinas, SP, v.12, n.2, p.120-135, maio/ago. 2014. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1606/pdf_65 . Acesso em: 21 jun. 2020.

WAL, V. T. **Folksonomy definition and wikipedia**. 2005. Disponível em: <http://www.vanderwal.net/random/entrysel.php?blog=1750>. Acesso em: 21 jun. 2020.

WELLER, K. Folksonomies and ontologies: two new players in indexing and knowledge organization, **Online Information**, [S.l.], v.2, n.2, p. 108-15, 2007.

WETTERSTROM, M. The complementarity of tags and LCSH: A tagging experiment and investigation into added value in a New Zealand library context. **The New Zealand Library & Information Management Journal**, [S.l.], v.50, n.4, p.296–310, 2008.

WILLEY, E. A cautious partnership: Te growing acceptance of folksonomy as a complement to indexing digital images and catalogs. **Faculty and Staff Publications – Milner Library**, [S.l.], v.57, n.1, 2011.

WINGET, M. User-defined classification on the online photo sharing site Flickr . . . Or, how I learned to stop worrying and love the million typing monkeys. **Advances in Classification Research Online**, [S.l.], v.17, n.1, p. 1-16, 2011.

YOO, D. *et al.* Building and evaluating a collaboratively built structured folksonomy. **Journal of Information Science**, [S.l.], v.39, n.5, p.593-607, 2013.

ZAMBONI, R. C. V. **Organização do conhecimento, classificação e diversidade cultural**: uma análise a partir do conceito de “garantias”. 2018. 197f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

ZENG, M. L. Knowledge Organization Systems (KOS). **Knowledge Organization**, [S.l.], v.35, n.2/3, p.160-182, 2008.

ZHITOMIRSKY-GEFFET, M. *et al.* A generic framework for collaborative multi-perspective ontology acquisition. **Online Information Review**, [S.l.], v.34, n.1, p.145-159, feb. 2010.

ZUMTHOR, P. **A Letra e a voz**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.



Este livro foi diagramado pela
Editora UFPB em 2020.

the fact that the *Journal of Applied Behavior Analysis* is the most widely read journal in the field of behavior analysis.

It is my hope that this book will be useful to you in your current or future work.

Thank you for your interest in this book. I am sure you will find it a valuable resource.

Best regards,
John M. Hayes

John M. Hayes, Ph.D., is a professor of psychology at the University of California, Los Angeles.

He has published numerous articles and books on the psychology of language and the psychology of education.

He is also the author of the book *Psychology of Language: An Introduction to Psycholinguistics*.

He is currently working on a book about the psychology of reading.

He is also the author of the book *Psychology of Education: An Introduction to Educational Psychology*.

He is currently working on a book about the psychology of learning.

He is also the author of the book *Psychology of Learning: An Introduction to Educational Psychology*.

He is currently working on a book about the psychology of teaching.

He is also the author of the book *Psychology of Teaching: An Introduction to Educational Psychology*.

He is currently working on a book about the psychology of assessment.

He is also the author of the book *Psychology of Assessment: An Introduction to Educational Psychology*.

He is currently working on a book about the psychology of research.

He is also the author of the book *Psychology of Research: An Introduction to Educational Psychology*.

He is currently working on a book about the psychology of practice.

He is also the author of the book *Psychology of Practice: An Introduction to Educational Psychology*.

He is currently working on a book about the psychology of evaluation.

He is also the author of the book *Psychology of Evaluation: An Introduction to Educational Psychology*.

He is currently working on a book about the psychology of improvement.

He is also the author of the book *Psychology of Improvement: An Introduction to Educational Psychology*.

He is currently working on a book about the psychology of success.

He is also the author of the book *Psychology of Success: An Introduction to Educational Psychology*.